

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO/DOUTORADO
HISTÓRIA E CULTURA

LAMPIÃO DA ESQUINA: HOMOSSEXUALIDADE E VIOLÊNCIA NO BRASIL (1978-1981)

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso

Uberlândia – 2015

LAMPIÃO DA ESQUINA: HOMOSSEXUALIDADE E VIOLÊNCIA NO BRASIL (1978-1981)

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História e Cultura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Puga

Uberlândia – 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M343L Mariusso, Victor Hugo da Silva Gomes, 1990-
2015 Lampion da Esquina : homossexualidade e violência no Brasil
(1978-1981) / Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso. - 2015.
209 f. : il.

Orientadora: Vera Lúcia Puga.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História e cultura - Teses. 3.
Homossexualismo - Brasil - História - Teses. 4. Imprensa alternativa -
Brasil - História - Teses. I. Puga, Vera Lúcia. II. Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Lâmpião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981). Uberlândia - MG, 2015, 209fls. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Puga – PPGHI/UFU
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro – PPGHI/UFU
1^a Examinadora

Prof. Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto – UFMS/CPAQ
2^a Examinador

EM 26 DE FEVEREIRO DE 2015

*A quem me guia –
Miguel Rodrigues de Sousa Netto
A quem me acolhe –
Mãe –Valéria, Vó – Sonia – Irmã – Victória
A quem me ergue–
Amigos de Uberlândia e Aquidauana
A quem não tem o direito de exercer seu prazer... –
As famílias dos homossexuais mortos no Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre algo difícil, pois não possibilita alcançar o tamanho da gratidão. De toda forma, agradeço minha família representada pela minha vó Sonia – batalhadora e incansável, minha mãe Valéria, que sem ela eu não teria concluído essa pesquisa, e minha irmã Victória que me faz, cada vez mais, pensar o que é saudade e como o tempo passa rápido.

Ao meu amigo e mestre Miguel. Talvez ele nem saiba que eu o considero assim. Mas muito do que sou, tanto na vida acadêmica, como no dia a dia, eu devo a ele. Por aceitar me orientar na monografia ainda na graduação, mesmo não sendo aluno do curso de História. Por ter me levado a Uberlândia para fazer os primeiros procedimentos para tentar ingressar no mestrado. Por ter feito de seus amigos meus amigos. Por ter estado do meu lado não só nos momentos tristes, mesmo que talvez eu fugisse nos momentos alegres. Ele sempre esteve ali. Sou eternamente grato.

Ao meu amigo Marcos Antônio de Menezes e a sua mãe dona Jacy, por terem cedido a sua casa para que eu pudesse morar um ano em Uberlândia sem precisar pagar aluguel ou qualquer outro tipo de despesa. Sem vocês eu não estaria aqui agora. Lembro-me quando cheguei a Uberlândia, com 25 dias de cirurgia na coluna e 10 pontos nas costas, sem bolsa, sem conhecer ninguém, e mesmo assim, fui tratado como membro de sua família. Os puxões de orelha, a comida mineira a base de porco, as roupas lavadas, o carinho e o respeito, só me fortalecerem e me ajudaram a prosseguir mesmo distante de todos que um dia eu estive ao lado.

Agradeço a minha querida orientadora professora Vera Lucia Puga, com a qual tive a honra de ser orientado. Mulher forte e gentil teve paciência comigo e como uma mestra me guiou nas horas necessárias, e se calou para que eu pudesse enxergar algumas coisas. Além dos cafés e dos pães de queijo, os dois anos que pude passar ao seu lado (mesmo que distante às vezes) só me fez admirá-la mais. Eu também não estaria aqui agora se não fosse você.

A pesquisa não se deu só com leituras e escritas, mas também com as relações que tive, com o diálogo com outras pessoas, com o aprender a ouvir e a falar. A minha pesquisa só foi concluída graças às amizades que fiz em Uberlândia no período que lá vivi. Waltim, você é meu irmão pernambucano, mesmo que você só tenha três amigos, eu te considero assim. Hospedou-me em sua casa por um ano quase, discutiu sobre minha pesquisa, me ensinou muita coisa, além de ter aprendido a entender algumas frases ditas em 1 segundo

de forma rápida. Sou eternamente grato pela sua amizade. E espero que um dia possamos novamente dar muitas risadas. Nessa levada, UFU (o gato) e Esdras vieram juntos na amizade. Esdras, intelectual, um tanto quanto autoritário, me fez enxergar lados da história que eu não havia percebido, além de me fazer rir muito. Sou grato viu. Mesmo.

Tadeu. Sempre bondoso calmo e sutil. Agradeço por ter sido a primeira pessoa a me hospedar em Uberlândia no período de provas de línguas ainda. E não só, agradeço pelas dicas. O mundo acadêmico às vezes tem sono leve e você me mostrou isso.

Roxérim e Japa, seus micróbios. Não sumam. Não me deixem. Com vocês senti vontade de ficar em Uberlândia e nunca mais voltar. Com vocês só sorri. Ah, e conheci pela primeira vez uma cachoeira na cidade. Professores que vocês são, de sabedoria e humildade. Grato eternamente.

Thalita, acho que só reticências pra falar o quanto te adoro e sou feliz em ser seu amigo. Isso só já é motivo pra não desistir. Te conheci num simpósio de gênero e quando vi fazia sopa paraguaia em sua casa, ou dormia lá para que você não dormisse sozinha. Nossa amizade foi se dando como o vento, leve e sutil, porém forte. Obrigado por existir.

Rhayani Paschoalim, outra flor. Espero que quando estiver na Europa como uma grande artista, não esqueça seu amigo barbudo cabeludo. Parecia que eu já te conhecia, de repente me vi como suas tatuagens, preso a você. Não quero deixar de ser seu amigo com a distância. E espero que possamos nos unir muito ainda.

Pedro Souto. Meu irmão. Primeira pessoa que conheci na UFU, e a última que eu queria deixar de ver um dia. Te adoro meu amigo. Obrigado por ser tão sereno e me mostrar lados da vida que talvez eu nunca teria visto. As seções de terapia foram validas contigo. Espero nos encontrarmos muitas vezes ainda, assim como fazemos a gerações. Estarei contigo. Sempre.

Gabriel Pimentel. Dá até medo por seu nome nos agradecimentos em rsrs. Um grande amigo, de discussões controversias ou não, mas que me ensinou e mostrou muito sobre a História, sobre a UFU, e mais, sobre a vida. Dessa amizade veio o Raoni. Amigo e irmão. Sereno e humilde. Só me ensinou. Fez-me ver que não precisamos de pressa na vida, mas de calma.

Lucas, seu intelectual. Termina logo essa dissertação e vamos para o bar beber. Você me ensinou tanta coisa cara. Mas tanta. Que toda vez que você abre a boca para falar algo, meus ouvidos se coçam com tamanha informação. Sou grato pelo companheirismo e

carinho. De verdade. Quando for um Sergio Buarque de Holanda, não esqueça do irmão não tá?!

Paulinha Fernanda – Sua doidinha. Foi ótimo te conhecer. Some também não viu. O mundo precisa de pessoas como você, talvez fosse menos pesado. Estou aqui pra o que precisar minha amiga.

Aos amigos da pós: Carolina, Daniel, Eberton (Raul Seixas te agradecerá meu amigo), Munís, Saula, Gelda, Pamela, Vera, vocês só me ensinaram. Às vezes pode parecer que não prestamos atenção nas pessoas, porém não há nada mais que me mova nesse mundo do que as relações com elas.

Em Aquidauana. Muh – Ahmed Taha. Luís Eugênio, Paulinho, João e meu compadre Eduardo (meu afilhado lindo Lorenzinho). Sem vocês não teria conseguido. Obrigado por me aturarem e existirem e minha vida. Ao passado. Ao presente. E ao futuro...

A professora Maria Elizabeth por ter aceitado participar de minha banca de defesa, e não só, por ter feito apontamentos tão importantes para a conclusão desse trabalho ainda na qualificação. Encantei-me por você. Obrigado.

Por fim agradeço a CAPES por apoio financeiro a essa pesquisa.

Sinto-me como as folhas das árvores. Me dá um medo cair. Depois, preso ao chão, retorno de onde vim. Não sei se isso é o começo ou fim, mas sei o bem que fez pra mim. Nada na vida acaba. Apenas recomeça. Do fundo do meu silêncio, os meus gritos são de carinho e gratidão. Recomeço novamente com mais força e inspiração. E espero que vossos olhares continuem a gritar o que tens de melhor...

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. Uberlândia - MG, 2015, 209fls. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

A homossexualidade construída nos fins do século XIX como algo a ser combatido, por se tratar de uma doença, de uma perversão, de algo pecaminoso e perigoso à norma vigente (heteronormatividade) ainda permeia na sociedade brasileira machista, patriarcal, nuclear, fálica e homofóbica, e, que é capaz de matar aproximadamente um homossexual a cada 28 horas no país. Dessa forma pretendemos na pesquisa analisar a violência contra os homossexuais no período do declínio da ditadura militar no Brasil, especificamente o período de 1978-1981, ano de publicação do jornal *Lampião da Esquina*. Assim, analisar a imprensa gay utilizando desse jornal, que foi o primeiro periódico homossexual a circular pelo território nacional. Analisar também o período e seus sujeitos nas suas páginas, representadas pela sociedade brasileira da época. Analisar como e o que proporcionou o surgimento de um jornal gay no país, o que torna possível analisar a grande imprensa do período, bem como a imprensa alternativa. Ou seja, um olhar para o período por meio da imprensa gay, o que torna possível uma análise da homossexualidade, da violência e da imprensa da época.

Palavras-Chave: Representações, História Cultural, Sexualidade, Imprensa.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homosexuality and violence in Brazil (1978-1981)**. Uberlândia - MG, 2015 209fls. Dissertation (Masters in History). Graduate Program in History - Federal University of Uberlândia, 2015.

Homosexuality built in the late nineteenth century as something to be fought, because it is a disease, a perversion of something sinful and dangerous to the current regulations (heteronormativity) still pervades in Brazilian society sexist, patriarchal, nuclear, phallic and homophobic, and which is capable of killing a homosexual approximately every 28 hours in the country. In this way we intend through this research to analyze the violence against homosexuals in the decline of the period of military dictatorship in Brazil, specifically the period of 1978-1981, through the *Lampião da Esquina* newspaper. Thus, analyze the gay press through this newspaper, which was the first homosexual periodical to circulate throughout the country. Also consider the period and its subjects through its pages, represented by Brazilian society at the time. Analyze how and which provided the emergence of a gay newspaper in the country, which makes it possible to analyze the mainstream press of the period, as well as the alternative press. In other words, a look at the period through the gay press, which makes it possible an analysis of homosexuality, violence and the press of the period.

Keywords: Representations, Cultural History, Sexuality, Press.

*Ontem os passos da covardia
correram atrás de teu corpo
e um grito sem eco correu pela
noite/ tua voz não foi ouvida
eu dormia/ ontem
os gestos da violência agarraram tua alma
tua sensibilidade/ quiseram tirar da tua pureza um galho
folha talvez para o enxerto de que careciam
quiseram roubar o maior do grande que existe em ti*

*ontem/ debaixo de minha janela
tu gritaste meu nome/ feriram tua beleza
e teu corpo por teus orifícios verteu
água doce água salgada água suada*

*tu gritaste meu nome/ eu dormia
tu gritaste meu nome eu cansado fazia
no leito a pausa forçada*

*meu amigo/ estenda-me tua mão
estou desperto/ vamos juntos e sós
apunhalar a escuridão/ cuspir na violência
perguntar por que a noite é escura e esconde o mal
vamos jogar no rosto dos covardes o excremento
decomposto que um cão esqueceu na rua*

Bilhete ao meu melhor amigo (A Pier Paolo Pasolini, in memoriam)
(Olney Krüse)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1	
“SAINDO DO GUETO”. O BRASIL DO <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> (1978-1981).....	26
1.1 DITADURA E DECLÍNIO MILITAR.....	26
1.2 GRANDE IMPRENSA E IMPRENSA ALTERNATIVA.....	47
1.3 O <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i>	61
CAPÍTULO 2	
SEXUALIDADES FORA DA NORMA E MARGINALIDADE.....	81
2.1 “EM CIMA DO SALTO”: AS TRAVESTIS.....	81
2.2 FALANDO DA BIXÓRDIA: AS HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS.....	87
2.3 “É PRA DESCER O CACETE”: A CULPABILIZAÇÃO DOS HOMOSSEXUAIS.....	98
CAPÍTULO 3	
“O ESQUADRÃO MATA-BICHA”: VIOLÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE NAS LINHAS DO <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i>	112
3.1 CRIMES CONTRA HOMOSSEXUAIS.....	116
3.2 A VIOLÊNCIA <i>INVISÍVEL</i> : REPRESSÃO E EXCLUSÃO DOS HOMOSSEXUAIS.....	139
3.3 POLÍCIA E <i>LIMPEZA SEXUAL</i>	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
FONTES.....	191
BIBLIOGRAFIA.....	202

INTRODUÇÃO

A ideia de homossexualidade concebida como uma perversão sexual foi construída no fim do século XIX por meio do discurso médico legal, e pouco vem sendo tratada nos estudos historiográficos. Ao fazer um levantamento das pesquisas que tratam do tema *homossexualidade* no campo da história, poucas dissertações e teses direcionadas ao assunto foram encontradas. Por isso destacam-se dois pontos que motivaram esta pesquisa: primeiro, o fato de tornar acessível o tema neste trabalho de conclusão de curso¹, bem como a imprensa gay² como fonte e objeto da historiografia, o que abarca o segundo ponto; no período entre o término da graduação e ingresso no mestrado, percebeu-se que há uma violência contra os homossexuais no Brasil, e que ela não estava presente nas páginas dos periódicos atuais voltados para esses sujeitos.

Desta forma, em razão do trabalho de monografia ter possibilitado o acesso ao primeiro jornal voltado para homossexuais a circular nacionalmente no país, pôde-se retornar a ele e tentar perceber essa violência em um período mais recuado, o que possibilita observar e construir uma historicização sobre as ações de violência contra os sujeitos homossexuais no Brasil. Assim sendo, partiu-se de uma questão atual, que é a violência contra aqueles que se comportam fora das normas sobre a sexualidade, tornando-se assim a problematização. O jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) permite perceber as ações de repressão contra os homossexuais daquele período, para que possamos criar perspectivas de futuro no que tange às permanências e rupturas sobre essas ações que excluem sujeitos.

O modo como a noção de homossexualidade e de sujeito homossexual foram criadas, contribuiu e ainda contribui para a violência contra aqueles que ficariam conhecidos e classificados como “anormais”, ou seja, os que não obedecem às normas construídas pela heteronormatividade (regras e exercícios sobre a heterossexualidade). Entender o tratamento dado a esses sujeitos – e aqui destacam-se os homossexuais – num período marcado por um regime militar³ no Brasil, torna-se de grande importância para

¹ MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Da invisibilidade ao Mercado: movimento LGBTTTT e consumo no Brasil Contemporâneo*. 2013. 60 f. Monografia (Curso de Turismo). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauna, 2013.

² É importante frisar que: imprensa gay, jornal homossexual e jornal de cunho homossexual são termos usados pelo próprio periódico *Lampião da Esquina* (fonte de análise desta pesquisa) ao “falarem de si”. Ou seja, os seus editores se identificam como homossexuais escrevendo para homossexuais, bem como sendo o primeiro jornal homossexual a circular em todas as regiões do Brasil.

³ O termo regime militar e ditadura militar merece uma nota explicativa. Destaquemos que escolhemos trabalhar com tais termos – e não com ditadura-civil-militar – pelo fato dos autores utilizados nos diálogos

perceber quanto a sociedade brasileira foi e é violenta com aqueles classificados como “perversos”. Concomitantemente, analisar-se-á como esse pensamento foi construído.

O período que marca o surgimento do jornal *Lampião da Esquina* (fonte privilegiada de análise criada em abril de 1978) ficou conhecido como o declínio da ditadura militar no Brasil. O fim dos anos 1970 foi considerado como o momento em que se respirariam novos ares, menos repressivos e hostis, com a pretensão do governo em instalar a abertura política de forma lenta, gradual e irrestrita⁴ durante o mandato do presidente Ernesto Geisel (1974-1978), o quarto a assumir a presidência após o golpe militar de 1964, e levada adiante com o mandato do presidente João Baptista Figueiredo (1979-1985), último presidente do regime militar no país.

Entre os anos de 1978 e 1979, o processo de abertura política consolidou-se. Revogou-se o AI-5 decretado em dezembro de 1968 pelo presidente Costa e Silva, que dava poder ao presidente da república de fechar desde câmaras de vereadores até o próprio congresso nacional; nomear interventores para qualquer cargo executivo; cassar os direitos políticos de qualquer cidadão; e também suspender o recurso a *habeas-corpus*; além disso, a censura foi suspensa e decretou-se a anistia aos presos políticos.

Entretanto, esse momento não foi menos repressivo quanto se acredita. Desta forma, ao analisar esse período em um jornal feito por e para homossexuais é possível entender que a sociedade da época não estava só preocupada com questões ideológicas, econômicas ou políticas, mas também com aqueles que ameaçavam as normas e valores morais da família tradicional. Neste contexto é importante localizar e dar visibilidade historiográfica ao jornal *Lampião da Esquina*, na tentativa de expor de forma positiva os

para a constituição desta pesquisa, utilizarem-se de tais termos e explicitar essa noção sem excluir os “sujeitos civis”, porém destacando a presença dos militares no poder. Por outro lado, há no Brasil atualmente um revisionismo histórico a respeito de tal período, que possibilitou alguns autores adotar o termo ditadura-civil-militar. Não queremos excluir tal discussão, nem tão menos tais autores, porém na busca de analisar o período por meio de um periódico, preferimos também adotar o termo que a fonte de análise se utiliza. Não se trata de fazer *tábua rasa* do período, mas de tentar analisa-lo próximo a maneira que a fonte o representava. Ver, por exemplo: MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “Civil-Militar”? Controvérsias Historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. *Espaço Plural*, n. 27, v. 2, 2012, p. 39-53.; FICO, Carlos. *Como eles agiam*. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.; FICO, Carlos. *Além do golpe*: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.; FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-50. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>>. GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; REIS FILHO, Daniel. Arão. Ditadura militar e sociedade: as reconstruções da memória. *Comunicação apresentada no Ciclo de Palestras Pensando 1964*. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil. 1 abr. 2004. Banco de dados com dissertações e teses a respeito da ditadura militar no Brasil, ver: < <http://www.documentosrevelados.com.br/depoimentos-torturas-denuncias-ditadura/depoimentos/dissertacoes-e-teses-sobre-a-ditadura-militar/>>.

⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

homossexuais, esperando que eles pudessem vivenciar seus desejos sem a repressão compulsiva vinda das diversas esferas da sociedade.

Compreender isso tudo por meio de um jornal se torna tarefa possível, uma vez que a historiografia recente possibilita maneiras de analisar formas alternativas de fontes, como a imprensa, por exemplo.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.⁵

Avaliamos a imprensa, portanto, não como espelho da realidade, mas como espaço de representação de um real, ou de momentos particulares da realidade. A sua existência é fruto de práticas sociais de uma época. Estes documentos pressupõem, portanto, poderes e representações⁶. Assim, por meio dessa imprensa gay, é possível analisar as várias formas de violência que esses sujeitos sofriam, bem como detalhar as práticas da época no que tange à presença de novas vozes, no caso, as dos homossexuais. Igualmente, pretende-se, nas matérias do *Lampião da Esquina*, analisar a divisão construída pelo próprio periódico, das questões da chamada “Luta Maior” (ligada às discussões do trabalho), em contraposição a uma “Luta Menor” (destinada às discussões sobre o desejo, o prazer, e o corpo).⁷

O fim da década de 1970 deu origem e continuidade a alguns movimentos, como o das feministas, dos negros e dos homossexuais, por exemplo. Mas isto não impediu que os homossexuais e todos aqueles que pretendiam se comportar de forma que não fosse a ditada pela sociedade, deixassem de sofrer repressão diária e de diversas direções da sociedade, seja por meio das ações da polícia, seja pelas expulsões de espaços públicos e privados, até os assassinatos.

Deste modo, pretende-se avaliar a violência contra os homossexuais no período do declínio da ditadura militar no Brasil, especificamente o período de 1978 a 1981 e investigar a imprensa gay. Examinar também as relações existentes entre os homossexuais

⁵ CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Lúcia Maria. *O Bravo Matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa Omega, 1980, p. 19.

⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988, p. 24-25.

⁷ Por exemplo: MINORIAS exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita. [CAPA] *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979; BITTENCOURT, Francisco. Fim de década, gosto de festa na boca. Viva o real maravilhoso! *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 13.

e a sociedade da época. Esquadrinhar, ainda, como e o quê proporcionou o surgimento de um jornal gay no país, o que possibilita analisar a grande imprensa do período, assim como a imprensa alternativa. Ou seja, pretende-se olhar para o período, para imprensa alternativa, e principalmente, para a violência dirigida aos homossexuais.

Essa pesquisa possibilita – além de novas visões sobre as homossexualidades e (para) as formas de violência contra os homossexuais – um novo olhar para um período, uma fonte e determinados sujeitos, que foram colocados em nosso esquecimento, por talvez não parecer significativa uma luta que fosse pela vida, pelo livre desejo de sentir e existir na sociedade.

O diálogo e a construção da pesquisa se deram com aqueles que, de alguma forma, pesquisaram os temas que se acercam do assunto trabalhado, como a História do Brasil, da Imprensa e Imprensa Alternativa, presentes aqui em trabalhos que tiveram o *Lampião da Esquina* como objeto ou como fonte; assim como os conceitos de Violência e o tratamento dado às homossexualidades como construção histórico-cultural. Porém, os *Estudos de Gênero*, como categoria de análise histórica capaz de relacionar as homossexualidades com a diversidade de representações que as rodeiam, e a noção de *representações* como realidade dada, constituída, que criam sentidos de fatos que levam sujeitos a pensarem e agirem de alguma forma será a base teórica que permeia essa pesquisa.

Teresa de Lauretis aponta que as construções de gênero se dão por meio de diversas tecnologias de gênero, isto é, de discursos institucionais que têm o “poder de controlar o campo de significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero”⁸. As práticas e discursos específicos com suas permissões e limitações direcionadas para homens e mulheres constroem, assim, espaços sociais que fabricam e reforçam a diferença sexual⁹. A recusa dos papéis determinados dentro desse sistema de representações do sexo/gênero, esse aparato semiótico e de representação que confere significados a indivíduos no interior de uma sociedade¹⁰, coloca os outros sujeitos - os homossexuais - aqui no caso, em um espaço de exclusão.

O conceito de *representações* é outro apoio na construção dessa pesquisa. Com ele pode-se perceber as práticas sociais do período por meio das páginas do jornal *Lampião da Esquina*. O entendimento foi buscado em Roger Chartier, segundo o qual é possível

⁸ LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque. Tendências e impasses. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 228.

⁹ Idem, ibidem, p. 206.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 212.

percebê-lo de três modos e que contribuirão no que diz respeito às representações que o jornal criou perante outras representações da sociedade. Assim:

As representações coletivas, que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação representante (indivíduos particulares, instituições e instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade assim afirmada¹¹.

Do mesmo modo, o diagnóstico do período que surgiu o jornal *Lampião da Esquina*, bem como a situação da grande imprensa e da imprensa alternativa, representada também por esse periódico, foi realizado não só nas matérias analisadas, mas também pelo diálogo com trabalhos como o de Almerindo Cardoso Simões Junior¹², com uma das poucas dissertações voltadas diretamente ao jornal *Lampião da Esquina* e Claudio Roberto Silva¹³ que traz entrevistas com alguns membros fundadores do periódico no intuito de observar as “falas homossexuais” daquela época¹⁴.

No que diz respeito à análise da imprensa como fonte ou objeto de pesquisa histórica, textos como o de Heloisa de Faria Peixoto Cruz e Maria do Rosário do Peixoto¹⁵; Tania Regina de Luca¹⁶, assim como contribuições de Marko Synésio Alves Monteiro¹⁷;

¹¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

¹² SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. ‘... E havia um lampião na esquina’ – Memórias, identidades e discurso homossexual no Brasil do fim da ditadura. (1978-1980). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

¹³ SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo. 1998. 199 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

¹⁴ Cf. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Rio de Janeiro: Record, 2000. (João Silvério Trevisan é um dos fundadores do *Lampião da Esquina* e do primeiro grupo de afirmação homossexual no Brasil, o Grupo Somos-SP). SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

¹⁵ CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>>. Acesso: 04/04/2013.

¹⁶ DELUCA, Tania Regina. *A grande imprensa na primeira metade do século*. In: MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassaneze (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁷ MONTEIRO, Marko Synésio Alves. 2000. 196 f. *Masculinidade em Revista [manuscrito]*: um estudo da Vip Exame, Sui Generis, Homens. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Maria Helena Capelato¹⁸; Áureo Busetto¹⁹; José Luiz Braga²⁰ e, principalmente, Bruno Souza Leal & Carlos Alberto Carvalho²¹ com um trabalho específico de análise da grande imprensa no que diz respeito às matérias que tratam da violência contra homossexuais no Brasil, auxiliam para refletir sobre as formas de olhar para a imprensa e perceber suas representações. Como se pode perceber, o referencial-teórico se dá por meio do diálogo com aqueles que de alguma forma colaboram para pensar não só períodos ou sujeitos, mas pensá-los por meio de uma ferramenta de comunicação específica e que cooperam com conceitos e formas de análise da imprensa, imprensa gay e período da ditadura militar no Brasil.

O entendimento da construção histórica das homossexualidades e suas interdições por meio de autores que trabalham nessa perspectiva, como Jurandir Freire Costa²², diz respeito a um estudo do conceito de homossexual na literatura destacando o sentido das transformações e dos significados que ele pode ter e as representações que pode gerar. Colin Spencer²³ faz um panorama da história das homossexualidades e ajuda a perceber a construção do seu significado. Já Jonathan Ned Katz²⁴ analisa um período mais recuado e aborda a construção da heterossexualidade, em oposição à construção discursiva das homossexualidades, indagando sobre a construção da heterossexualidade, bem como o amplo trabalho de Michel Foucault sobre quando o homem ocidental resolveu dizer tudo sobre o seu sexo.²⁵

Outros autores também colaboraram para a construção da análise proposta neste trabalho. Para tanto, o conceito de violência e suas diversas formas foram fundamentais para construir o exame que se pretende. Assim sendo, autores como Marilena Chauí²⁶,

¹⁸ CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁹BUSETTO, Áureo. *A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes*. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). Campinas: Pontes Editores, 2008

²⁰ BRAGA, José Luiz. *Questões metodológicas na leitura de um jornal*. In: PORTO, Sérgio Dayrell & MOUILLAUD, Maurice (Org.). *O jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

²¹ LEAL, Bruno Souza e CARVALHO, Carlos Alberto. *Jornalismo e Homofobia no Brasil: Mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012.

²² COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício*. Estudos sobre o homoerotismo I. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994; COSTA, Jurandir Freire. *A face e o Verso*. Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

²³ SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

²⁴ KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

²⁵FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

²⁶ CHAUI, Marilena – *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 28.

Vera Lucia Puga²⁷, Jeremo L. Singer²⁸, entre outros²⁹, foram de grande importância, assim como o conceito trazido pelo *Informe anual del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos A/HRC/19/41* de 17 de novembro de 2011, no qual consta que a violência contra os homossexuais pode:

Ser física (a saber, asesinatos, palizas, secuestros, violaciones y agresiones sexuales) o psicológica (a saber, amenazas, coacciones y privaciones arbitrarias de libertad). Estas agresiones constituyen una forma de violencia de género, impulsada por el deseo de castigar a quien se considera que desafían las normas de género³⁰.

O exame dessa violência pôde ser feito por meio dos estudos de gênero, uma vez que como ferramenta teórica de análise, forneceu um olhar para as relações e construções do que se entende por homem/mulher em uma sociedade. Conforme destacado por Joan Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se refletir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. [...] O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.³¹

²⁷ PUGA, Vera Lucia. PUGA, Vera Lucia. *Útero e Loucura: medicina e moralidade. Anos 1942-1959*, em: *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*/Heloisa Pacheco Cardoso, Maria Clara Tomaz Machado, organizadoras. – Uberlândia, EDUFU, 2005, p. 261.

²⁸ SINGER, Jerome Leonard. *O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos*. São Paulo: USP, 1975.

²⁹ Cf. SOUZA, Cecília de Mello e. & ADESSE, Leila. *Violência Sexual no Brasil: perspectivas e desafios*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, 2005. HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p.37-62. ; ANSART-DOULEN, Michèle. A noção de alteridade: do sujeito segundo a razão iluminista à crise de identidade no mundo contemporâneo. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Org.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 23-35; Koubi, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 529-554. Entre outros.

³⁰ NACIONES UNIDAS A/HRC/19/41. Asamblea General. Consejo de Derechos Humanos – 19º período de sesiones. 17 de novembro de 2011, p. 8.

³¹ SCOTT, Joan. *Gender and the politics of History*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila - New York: Columbia University Press, 1988, p. 3-4.

Ainda sobre o gênero, é importante destacar que ele também pode ser visto não só com uma categoria sobre um corpo sexuado como destacado por Scott, mas esse próprio corpo é também uma construção histórico-cultural segundo Judith Butler. Ou seja, atribui-se sexo ao corpo, desta forma deve-se tomar cuidado em conceber o gênero como um constructo cultural imposto sobre a matéria. Butler destaca que:

Ao invés disso, uma vez que o próprio “sexo” seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.³²

Destarte, esses estudos contribuem para ponderar a violência contra os homossexuais como a exclusão daquilo que ameaça a virilidade e a “norma” heterossexual, excluindo tudo aquilo que se entende por feminilidade. A homofobia, por exemplo, costuma estar associada “ao machismo, à misoginia e ao fundamentalismo religioso, manifestando-se de formas variadas, que vão das músicas e piadas reafirmadoras de estereótipos negativos de *gays*, lésbicas e travestis, até explosões de violência física”³³. Assim, o “gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação”³⁴.

A concretização dos objetivos propostos só foi possível devido à maneira com a qual foram analisadas as fontes. Após fazer o levantamento de todas as matérias do jornal por meio de fichas que possibilitaram verificar também imagens, capas, charges, poemas e anúncios, houve a seleção e classificação daquelas que tratassem de alguma forma o período, a imprensa da época e a violência contra os homossexuais. Desta forma, foi possível avaliar as práticas do período no que tange à repressão sofrida por esses sujeitos.

O fato intrigante sobre essas representações ou categorizações dominantes é que elas têm apenas relações tangenciais com os comportamentos, qualidades, atributos e autoimagens das mulheres e

³² BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 153-172, p. 154.

³³ FERRARI, Anderson & SEFFNER, Fernando. “A Morte e a Morte”... dos homossexuais. *Revista Gênero*, Niterói, v. 10, n. 1, p. 189-217, 2. sem. 2009, p. 38. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/48/31>>. Acesso: 17/04/2012.

³⁴ LAURETIS, Teresa de. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses*. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242, p. 209.

homens individuais. Discursos sobre gênero e categorias de gênero não são poderosos porque oferecem descrições acuradas de práticas e experiências sociais, mas porque, entre outras coisas, produzem homens e mulheres marcados por gênero, como pessoas que são definidas pela diferença. Essas formas de diferença são o resultado da operação da significação e do discurso, e quando postas em jogo fazem surgir os efeitos discursivos que produzem a própria diferença de gênero, assim como categorizações de gênero³⁵.

Em relação a essas categorias de gênero e a mídia como uma propagadora dela, podemos dizer que os leitores de um jornal se apropriam de mensagens e dão sentidos a elas, ou como John Thompson destaca: “Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torná-lo próprio [...] é adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que vivemos”³⁶. A mídia “disponibiliza uma diversidade cada vez maior de comportamentos, atitudes e modos de viver. [...] Por ela temos acesso a uma infinidade de modos de ser e estar no mundo que podem alterar nossas formas de ser e estar no mundo”³⁷. Assim, entendendo a imprensa como força social ativa, é possível a reflexão sobre sua historicidade a cada período estudado. “Sugere um roteiro e procedimentos metodológicos que busquem articular a análise de qualquer jornal ou material da imprensa periódica que se estude ao campo de lutas sociais no interior do quais se constituem e atuam”³⁸.

O *Lampião da Esquina* foi idealizado e posto em prática por artistas e intelectuais: figuras como o advogado João Antônio Mascarenhas, um dos principais responsáveis pela existência do jornal³⁹; o escritor João Silvério Trevisan⁴⁰, e Aguinaldo Silva, escritor de sucesso e, hoje, um dos principais dramaturgos da televisão brasileira. O periódico estava

³⁵ MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 14, p. 13-44. 2000, p. 17. Disponível em <[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000\(14\)/Moore.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2000(14)/Moore.pdf)>. Acesso: 05/06/2012.

³⁶ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 45.

³⁷ Idem.

³⁸ CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador. Op. cit., p. 253.

³⁹ Ele era a única pessoa da América Latina a assinar a revista *Gay Sunshine Press* (Califórnia), cujo dono Winston Leyland estava disposto a montar uma antologia da literatura homossexual na América Latina e por isso teria entrado em contato com ele, o que foi motivação inicial para criar um o *Lampião da Esquina*. Cf. HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 189-311. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>. Acesso: 02/07/2014.

⁴⁰ Que fundaria alguns meses depois o primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, o SOMOS, de São Paulo.

disposto a abordar não só a questão dos homossexuais, mas também a de outras “minorias” no Brasil, haja vista o próprio editorial do número zero do jornal:

[...] Nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias⁴¹.

O jornal surgiu em 1978, no início da abertura política, como foi exposto, publicando reportagens sobre as formas de repressão sofridas por pessoas que fugiam das normas impostas naquela época – sem esquecer que algumas prevalecem ainda nos dias de hoje –, abordando grupos diversos, como homossexuais, travestis, lésbicas, prostitutas, *michês*, mulheres, negros, índios, ecologistas, presidiários, deficientes físicos, etc., na busca de refletir sobre preconceitos e padrões de comportamentos impostos no período, e principalmente sobre as homossexualidades. Circulou por cerca de quatorze capitais do país e com venda de 14 a 25 mil exemplares por mês, chegando ao seu fim em 1981, com atuação em uma sociedade tão presa aos valores morais construídos no transcurso da história – por meio, por exemplo, de discursos religiosos, médicos, da imprensa, entre outros –, sendo relevante sua postura política e expressando parte dos interesses de um grupo social até então tratado com intolerância, difamação, medo, e todas as outras maneiras de opressão, no intuito de eliminá-las de alguma forma. Amylton de Almeida destaca:

Na década de 1980, que epiléticos, *hippies*, mães solteiras, loucos, homossexuais, delinquentes, prostitutas, vagabundos, drogados, alcólatras, surdos-mudos, tísicos, exibicionistas, anões, leprosos, sífilíticos, albinos, anarquistas, mulheres, impotentes, frígidas, os que se creem covardes, inconstantes ou perigosos, os pecadores, os tímidos ou os que têm pênis pequeno (ou seja, ao menos metade da humanidade) sentem-se culpados por haver transgredido a norma ou se sentem enfermos, anormais, tarados, por não terem se ajustado em sua conduta, sentimentos e atitudes aos ditames da classe dominante. Ou, ainda, sentem-se envergonhados ou humilhados por não corresponderem aos valores ou expectativas construídos socialmente enquanto representações sociais sobre o “padrão ideal” do ser humano, seja do ponto de vista estético ou comportamental. [...] Para todos esses se reservou um espaço: cárceres, reformatórios, hospitais, ghettos, comunidades, sanatórios, casas onde são etiquetados, diagnosticados, classificados; onde são habilitados,

⁴¹ CONSELHO EDITORIAL. Edição nº 0, abril de 1978, p. 2.

reestabelecidos ou reformados, para que, uma vez expiados, limpos, ordenados e disciplinados, possam integrar o sistema ou, caso contrário, serem segregados e até eliminados fisicamente⁴².

O *Lampião da Esquina* era mais que um jornal alternativo surgido no período da ditadura militar. Segundo Bernardo Kucinski, “os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico”⁴³. E ainda, que “a imprensa alternativa dos anos de 1970 pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos *pasquins* e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra hegemônico”⁴⁴. Os cerca de 150 periódicos surgidos entre 1964 e 1980 baseavam-se principalmente nesses pensamentos, com ajuda partidária, sobretudo da esquerda, que desejava protagonizar as transformações que propunham, e também a busca de jornalistas, intelectuais e atores por espaços alternativos. *Lampião* buscou uma relação direta com os homossexuais, ou com as chamadas “minorias”, sem uma visão que estivesse ligada a interesses partidários.

O conselho editorial inicial (presente no número 0) do jornal apareceu com onze pessoas, denominando na primeira edição de os “Senhores do Conselho”. São eles os jornalistas: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata e João Antonio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean Claude Bernardet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Fransciso Bittencourt; e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan. Aguinaldo Silva desempenhava a função de coordenador de edição.

Surgiu com sete seções: *Opinião* (o equivalente ao editorial), *Ensaio*, *Esquina* (seção com artigos e notas variadas), *Reportagem*, *Literatura*, *Tendência* (seção cultural que se divide em *Livro*, *Exposição*, *Peça*, etc.), e *Cartas na mesa* (no qual publicava cartas de leitores). A partir do número cinco é publicada uma nova seção, *Bixórdia*, de “fofocas” em geral. O jornal se apresentava “com manchas gráficas pesadas, pouco claro, uma diagramação dura e de pouca inventividade, o jornal tinha como preocupação maior o

⁴² ALMEIDA, Amylton de. *My funny valentine e A noite das longas facas, segunda parte*. Vitória: [s/n], 1985, p. 64-65, *apud* S *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. 2011. 187f. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p. 14.

⁴³ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo. EdUSP, 2003.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

discurso verbal; é como se a severidade da forma respaldasse a seriedade do conteúdo”⁴⁵. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, “vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas”⁴⁶.

Para dar cabo de tal periódico alternativo, o trabalho de pesquisa foi dividido em três capítulos, sendo o primeiro: “*Saindo do gueto*”. *O Brasil do Lampião da Esquina (1978-1981)* responsável em perceber a historicidade do periódico *Lampião da Esquina* e suas tensões específicas, buscando compreender suas principais posturas políticas frente ao debate acerca das lutas por direitos de expressão, de manifestações e participação política. Assim como a situação da grande imprensa e da imprensa alternativa representada também por esse jornal. Assim sendo, analisaremos o período que proporcionou o surgimento no Brasil de um jornal feito por e para homossexuais com circulação em todo o país.

Buscamos assim analisar a imprensa gay no âmbito da imprensa do período de “fins da ditadura militar” e início da “abertura política”, analisando o comportamento da grande imprensa e da imprensa gay. Deste modo, averiguar o período por meio de um veículo de comunicação específico capaz de articular esses três temas (História do Brasil, Imprensa e Homossexualidade) tornando o diálogo possível.

No segundo capítulo: *Sexualidades fora da norma e marginalidade*, analisaremos, com base nos discursos do jornal *Lampião da Esquina*, o tratamento da chamada grande imprensa⁴⁷ (como o *Jornal do Brasil*, *Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *O Repórter*, entre outros) e de alguns jornais alternativos como *O Pasquim*, em relação às homossexualidades e aos crimes cometidos contra homossexuais. Assim, nesse capítulo, buscou-se observar a importância do *Lampião da Esquina* como ferramenta política, como jornal alternativo voltado para um público específico naquele contexto, e as aproximações e/ou afastamentos daquele período com esses outros tipos de imprensa que não voltada a homossexuais.

⁴⁵ RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2010, p. 80.

⁴⁶ CONSELHO EDITORIAL. Edição nº 0, abril de 1978, p. 2.

⁴⁷ Grande imprensa: de forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro. Cf. LUCA, Tania Regina de. *A grande imprensa na primeira metade do século*. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149.

A exclusão desses indivíduos simplesmente por sua orientação afetiva sexual está ligada não só a um discurso opressor, criado para eliminar o outro, para ferir, para impedir o desejo em nome de uma norma, e que se reproduz pelas formas mais diversas do que apenas a repetição, mas também ligada a representações existentes na sociedade construídas no decorrer da história e da cultura do patriarcado e do Brasil.

No último e terceiro capítulo: “*O Esquadrão Mata-bicha*”: *violência e homossexualidade nas linhas do Lampião da Esquina*, analisaremos a violência sofrida por homossexuais no período de 1978-1981, sendo ela dividida por formas de violências que ferem (e eliminam) o físico, ou seja, os assassinatos; que “não” fere, ligada à repressão e exclusão, o que Bourdieu chamou de *violência simbólica*⁴⁸; e por fim a violência representada pelas ações da polícia na tentativa de eliminar os homossexuais e os lugares públicos de convivência desses sujeitos e de outras pessoas, sendo ela tanto física, quanto simbólica.

Trataremos neste capítulo da construção histórica do que entendemos por homossexualidades, para percebermos como houve construções de normas para pessoas que sentissem desejos contrários à heterossexualidade, colocado em categorias ligadas ao que é ou não permitido o sujeito fazer. Para isso, buscamos trabalhar a ligação entre o significado de “homossexualidade” e “violência” contra essas pessoas, em autores que analisaram a construção histórica da formação de normas, ou seja, comportamentos e costumes relacionados à sexualidade, assim como questões ligadas ao conceito de violência, bem como aquela direcionada aos homossexuais no Brasil, e da repressão sexual nas várias esferas da sociedade.

⁴⁸ A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. [...] O fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista de dominantes. Cf. BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 50-54.

CAPÍTULO 1

“SAINDO DO GUETO”: O BRASIL DO *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981)

*Eu sou a areia da ampulheta/
O lado mais leve da balança
Cão vira-lata amordaçado/Fusca entre cadilacs
Morador do lado errado/
Revólver de espoleta
Mais um do bloco dos sabotados/
Da trovoada o pára-raios Dos trovões /
E lá vou eu, examinando espionando/
Vou tachado/ Sou pesado – empacotado/
rotulado/ lacrado e despachado/
numerado e condenado censurado e ultrajado/
Meu povo!
Como nos deixamos cair em tamanha abjeção??*

Areia da ampulheta – Raul Seixas

Nosso objetivo neste capítulo é analisar a historicidade do *Lampião da Esquina* para percebermos o seu surgimento no Brasil nos fins dos anos 1970, momento marcado pelo declínio da ditadura militar e início da chamada “abertura política” no país. Assim, pretendemos compreender o período que diz respeito à ditadura militar e algumas instituições daquela sociedade repressora, a grande imprensa da época e sua situação, para assim analisarmos o surgimento da imprensa alternativa no país e particularmente o surgimento do *Lampião da Esquina*. Por meio das representações das identidades e das sexualidades nas matérias publicadas pelo jornal e o diálogo com autores que estudam esse período específico, é possível averiguar o período nessas três questões que dialogam entre si a fim de buscar compreender a forma e o porquê de um jornal feito por e para homossexuais surgir no país.

1.1 DITADURA E DECLÍNIO MILITAR

O jornal *Lampião da Esquina* apresentaria no seu primeiro número (na seção *ensaio*) a noção de “minorias” que iria trabalhar do decorrer de suas páginas: “um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário”⁴⁹. Com essa noção, o periódico marcava posição em defesa daqueles que não *tinham voz*, os

⁴⁹ LONTRAS, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu). *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 11.

oprimidos, os tachados, que aos olhos da sociedade pareciam, em primeira instância, não ameaçar os valores morais e os bons costumes da família.

Podemos citar um exemplo: quando João Silvério Trevisan destaca que na semana de Convergência Socialista, em São Paulo, a palavra homossexual foi pronunciada uma única vez, mostrando que o assunto até então não parecia interessar os que ali estavam presentes, talvez por resquício burguês para a esquerda.

[...] A repressão sexual da esquerda patriarcal é um fato a ser denunciado. Enquanto estive nessa reunião da Convergência, só ouvi uma vez a palavra “lazer”. Certamente porque não produz lucro, o prazer deixa de ser considerado prioritário para nós os humanos. Sua inutilidade básica sempre foi uma pedra no sapato das esquerdas. Já os próprios trabalhadores reclamam que intelectuais e patrões os tratam da mesma maneira: apenas enquanto máquinas que vendem sua força de trabalho. E o direito ao orgasmo, quando será reivindicado para a classe operária? Não é a energia sexual, conforme canalizada pelos padrões repressores da sociedade um dos pilares do poder constituído?⁵⁰

Observamos aqui a leitura que Trevisan fazia da relação entre sexualidade e as causas trabalhistas da época, que buscavam direitos para os trabalhadores, porém não estavam preocupadas com as causas ligadas ao corpo, ao desejo e ao prazer, e não só por não produzir lucro, mas também pelo fato de reproduzirem o pensamento que ali pairava, e a vontade de viver fora das normas sobre o corpo e a sexualidade não era um deles. No decorrer de sua duração, de abril de 1978 a junho de 1981, os editores do jornal propuseram expor como o Estado e alguns movimentos como, por exemplo, o movimento trabalhista, ou os partidos (ARENA e MDB) presentes no Brasil não estavam preocupados com as reivindicações das chamadas “minorias”, pensando-a como uma “luta menor” em relação a uma “luta maior”, segundo o jornal. Essa questão é clara em várias matérias.

Essa falta de preocupação com os movimentos que não fossem voltados ao trabalho, por exemplo, pode ser observada também na entrevista dada ao jornal *Lampião da Esquina*, pelo presidente, na época do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema no estado de São Paulo, Luís Inácio da Silva, o Lula⁵¹. Mesmo Lula não

⁵⁰ TREVISAN, João Silvério. Estão querendo convergir. Para onde? *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 9.

⁵¹ Em 1978 liderou os trabalhadores da indústria automobilística no ABC, cinturão industrial de São Paulo, entrando em greve, na primeira mobilização operária significativa desde a repressão das greves de Osasco e Contagem, em 1968, e, que anos depois fizeram greve, estabelecendo uma das maiores ondas de greve na história do Brasil, afetando cerca de três milhões de operários. Cf. SKIDMORE, Thomas E. A lenta via

representando o Estado, mas sendo líder de um movimento tão expressivo quanto esse, a sua entrevista tem um caráter interessante na medida em que percebemos nela o discurso produzido. Ao ser perguntando sobre democracia, feminismo, homossexualidade, imprensa alternativa e violência policial, e que o jornal chamou de ABC do Lula – em contraposição ao tratamento dado pela grande imprensa ao falar no Lula do ABC –, Lula responde: *Abertura* – “virá quando o povo quiser.”; *Democracia* – “é o que falta na nossa terra.”; *Feminismo* – “eu acho que é coisa de quem não tem o que fazer.”; *Homossexualismo na classe operária* – “não conheço.”; *jornalismo alternativo* – “é uma coisa necessária.”; *Violência Policial* – “eu acho que é pelos baixos salários dos policiais e por sua má formação”.⁵²

A entrevista nos mostra uma percepção de desconhecimento, desinteresse e até preconceito, do movimento operário, representado aqui por Lula, em relação aos movimentos que não estão diretamente ligados ao trabalho, à luta de classes. Mesmo assim, e não se assumindo dentro de nenhuma ideologia partidária, o jornal *Lampião da Esquina* na voz de seu editor chefe Aguinaldo Silva publicou uma matéria sobre um “candidato das minorias”, apoiando-o enfática e explicitamente.

Existe, sim, um candidato a deputado [...] ele se chama Baiardo de Andrade Lima, é do partido da oposição, e disputa o eleitorado pernambucano com uma plataforma na qual existem itens como “a legalização do aborto e a defesa intransigente dos direitos dos homossexuais”. Não se pode dizer que Baiardo seja um oportunista, pelo tipo de campanha que vem fazendo; afinal, ele mora em Pernambuco, Estado que, desde a Revolução de 1817 – da qual este candidato parece ter herdado as tradições liberatórias - vem sofrendo um castigo cujo auge foi a indicação de Moura Cavalcanti para governá-lo. [...] Sorte do povo guei pernambucano, que tem o seu candidato: no Rio, por exemplo, cidade falsamente liberal [...] Eu, por exemplo, vou votar em Modesto da Silveira, que nos últimos 14 anos vem defendendo a mais perseguida de todas as minorias deste país, a dos dissidentes políticos. Modesto tem tamanha prática no assunto que recentemente, quando LAMPIÃO precisou de um advogado, não hesitou em considerar o nosso um jornal de minorias sério e atuante, e assumiu a nossa causa. Acho que, à falta de outro, deve ser este o nosso critério de escolha⁵³.

Aguinaldo Silva acaba explicitando, de alguma forma, que aqueles que apoiarem o jornal teriam também o seu apoio. O *Lampião da Esquina* poderia não se simpatizar por

brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 25-81, p. 51.

⁵² ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 9.

⁵³ SILVA, Aguinaldo. Um candidato fala mais alto. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 4.

nenhum partido como destacavam seus editores, porém, percebe-se que naquele período parecia haver pessoas dentro da política partidária, preocupadas com as questões voltadas às homossexualidades e dispostas a levar as discussões adiante. O período de surgimento do *Lampião da Esquina*, em 1978, coincide com o período do último ano de mandato do Presidente Ernesto Geisel, que tinha como proposta o início da abertura política no Brasil. Coincidiu também com o declínio do regime militar. Aqui é necessário destacar de maneira breve, como se constituiu o período que antecede o jornal *Lampião*, marcado por um governo representado por militares, para que possamos entender em relação a que o período de seu surgimento é menos repressivo, e o porquê de seu declínio.

Após o golpe militar em 1964 o novo regime começou a mudar as instituições do país por meio de decretos, chamados de Atos Institucionais (AI). Eles eram justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções”⁵⁴. O governo criou também outra ferramenta de controle dos cidadãos, era o Serviço Nacional de Informações (SNI), que tinha seu principal idealizador e primeiro chefe o general Golberi do Couto e Silva. O objetivo principal era “coletar e analisar informações pertinentes à segurança nacional, à contrainformação e à informação sobre questões de subversão interna”.⁵⁵ Na prática, acabou se transformando em um centro de poder quase tão importante quanto o Executivo, segundo Boris Fausto, “agindo por conta própria na ‘luta contra o inimigo interno’. O general Golberi chegou mesmo a tentar justificar-se, anos mais tarde, dizendo que sem querer tinha criado um monstro”.⁵⁶

Um dos Atos Institucionais (AI-2) acabou extinguindo os partidos políticos existentes. O sistema multipartidário era considerado pelos militares como um dos fatores responsáveis pelas crises políticas. Assim, dois partidos se organizaram, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que agrupava os partidários do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reunia a oposição.

Porém, nada superou em termo de repressão o Ato Institucional – 5. Criado em setembro de 1968 no governo de Costa e Silva e dado continuidade com Emílio Garrastazu Médici – um dos períodos mais repressivos da história brasileira - dava poder ao presidente para fechar câmaras de vereadores e até o próprio congresso nacional, podendo também nomear interventores para qualquer cargo executivo, além de cassar os direitos políticos de qualquer cidadão e suspender o recurso a habeas-corpus. O AI-5:

⁵⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. cit., p. 465.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 468.

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

Foi o instrumento de uma revolução dentro da revolução ou, se quiserem, de uma contra-revolução dentro da contra-revolução. Ao contrário dos atos anteriores, não tinha prazo de vigência e não era, pois, uma medida excepcional transitória. Ele durou até o início de 1979. [...] A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naquelas figuras que estavam no comando dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos no funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo.⁵⁷

Já no governo Geisel, em outubro de 1978, o Congresso aprovou a emenda constitucional nº 11, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1979. Seu objetivo principal foi revogar o AI-5, incorporado à Constituição. A partir dessa data, o Executivo já não poderia declarar o Congresso em recesso, cassar mandatos, demitir ou aposentar funcionários a seu critério, nem privar cidadãos de seus direitos políticos. O direito de requerer *habeas corpus* foi também restaurado em sua plenitude. Criou-se a partir de 1979 uma situação em que os “cidadãos podiam voltar a manifestar-se com relativa liberdade e em que os controles à imprensa haviam desaparecido. A oposição tinha também campo de manobra, mas não podia lograr seu objetivo lógico de chegar ao poder”⁵⁸.

Na prática, a liberalização do regime, chamada a princípio de distensão, seguiu um caminho difícil, cheio de pequenos avanços e recuos. Segundo Boris Fausto isso se deve a vários fatores: “De um lado, Geisel sofria pressões da linha-dura, que mantinha muito de sua força. De outro, ele mesmo desejava controlar a abertura, no caminho de uma indefinida democracia conservadora, evitando que a oposição chegasse muito cedo ao poder”⁵⁹.

O governo de Geisel foi um governo, segundo D. Paulo Evaristo Cardeal Arns, de gestos pendulares, precisamente calculados, em que se abre em um momento, para que em seguida retome medidas repressivas, que marcassem, claramente, o limite, restrito, da abertura controlada. Como analisa o Cardeal, procurando direcionar para o “Parlamento e os partidos oficiais todo o descontentamento popular que crescia, os generais Geisel e Golbery do Couto e Silva, principal formulador da política de distensão, definiram também um abrandamento relativo da censura à imprensa”⁶⁰.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 480.

⁵⁸ Idem, ibidem, p. 491.

⁵⁹ Idem, ibidem, p. 489.

⁶⁰ CARDEAL ARNS, D. Paulo Evaristo. *Brasil nunca mais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986, p. 64.

Um ar de otimismo cresceu quando Geisel expressou sua esperança de uma redemocratização “gradual, começando com uma *descompressão*, embora ele tenha também claramente advertido que a ‘segurança’ nacional era indispensável para garantir o desenvolvimento”⁶¹. O movimento em direção a essa redemocratização e a um Estado de direito dependeria da habilidade do presidente de mobilizar apoios dentro das corporações dos oficiais das três armas, essencialmente do Exército⁶².

O final da década de 1970 assistiria ao terrorismo de direita, “uma força que os brasileiros há muito tempo temiam”⁶³, segundo Skidmore. Apesar dos ataques terroristas da direita, das cassações, das leis autoritárias e dos momentos em que o “pêndulo da ‘distensão lenta, gradual e segura’ voltava-se no sentido da repressão, a nova conjuntura nacional começa a caracterizar-se, fundamentalmente, por um crescimento das lutas populares e isolamento político do regime”⁶⁴. Ainda na leitura de Arns:

Nos seus cinco anos de mandato, Geisel aplica uma política que tem como linha básica a revigoração do prestígio do regime, a reativação da vida partidária, a reabertura do diálogo com setores marginalizados das elites e a contenção da dinâmica oposicionista dentro de limites que não ameaçassem a chamada Segurança Nacional. Haverá repressão, sim, e dura, mas temperada com medidas de abertura, mesclada com gestos de

⁶¹ SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 25-81. *Essa segurança nacional estava ligada a construção e manutenção da Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, na qual definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. Após a queda da ditadura do Estado Novo em 1945, a Lei de Segurança Nacional foi mantida nas Constituições brasileiras que se sucederam. No período dos governos militares (1964-1985), o princípio de segurança nacional iria ganhar importância com a formulação, pela Escola Superior de Guerra, da doutrina de segurança nacional. Durante o regime militar, as duas primeiras versões da LSN (a de 1967 e a de 1969) implementavam, segundo os juristas, a doutrina de Segurança Nacional influenciada pela Guerra Fria. Nela há uma preocupação acentuada em proteger o Estado contra um “inimigo interno” — no caso do Brasil, naquela conjuntura, pessoas tidas como comprometidas com ideais políticos diferentes daqueles preconizados pelos militares. No Brasil, a atual Lei de Segurança Nacional (LSN) (promulgada no governo do presidente João Figueiredo) é a de número 7.170, de 14 de dezembro de 1983, que define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, além de estabelecer seu processo e julgamento. Cf. Decreto-Lei Nº 898, de 29 de setembro de 1969 e Lei Nº 7.170, de 1983; FRAGOSO, Heleno Cláudio. *A nova lei de segurança nacional*. In: < <http://www.planalto.gov.br>>; FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política* Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁶² SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização. Op. cit., p. 41.

⁶³ Em setembro de 1976, uma bomba explodiu na sede da Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro, e no começo de outubro houve atentados a bombas e ameaças telefônicas visando aos padres conhecidos pelas suas críticas ao governo. Mas os incidentes não se desenvolveram numa grande campanha nessa época, e os responsáveis (sem dúvida ligados à polícia e ao Exército) ou foram contidos pelos seus superiores ou decidiram parar. Idem, ibidem.

⁶⁴ Idem, ibidem, p.67.

abrandamento, tudo visando em última instância, a manutenção do sistema instaurado em 1964⁶⁵.

No início desse ano de 1978, começavam a surgir pelo Brasil Comitês Brasileiros pela Anistia (CBA) que lançaram uma campanha por Anistia ampla geral e irrestrita, “defendem os presos políticos que reagem às duras condições carcerárias com repetidas greves de fome, e ainda sistematizam denúncias sobre torturas, assassinatos e desaparecimentos políticos”⁶⁶. Essa “abertura” e esses Comitês também foram expostos e criticados pelo jornal *Lampião da Esquina* e por alguns editores especificamente, uma vez que os mesmos entendiam a luta das “minorias”⁶⁷ tão importante como qualquer outra luta social em busca de direitos, seja pelo trabalho ou por prazer. Segundo João Carneiro, colaborador do jornal, os homossexuais eram acusados de alienação política, que não militavam, nem atuavam, muito menos se engajavam ou se filiavam a partidos. Dizia ele que para a esquerda, “de matriz presteaniana, todos nós somos nojentos, fascistas; para a Direita (pedessista) um bando de comunistas canibais a serviço de Moscou”⁶⁸. Criticados por todos os lados, parecia não haver lugar social para esse segmento da população. João Carneiro acrescenta que:

De repente, pinta a questão: então, devamos estar contra isso aí? Estamos melhor nos tempos da fechadura e da abertura? Não, nada disso. Hoje, já não é tão fácil prenderem o povão, torturarem o povão, matarem o povão, “desaparecerem” o povão. Hoje, já é mais difícil calarem nossas bocas, ou nos jogarem do alto dos aviões deles. Então, todos estamos ganhando, vencemos alguma coisa, subimos outro degrau. Todos, mesmo as bichas e os sapatões. É o ser humano que está ganhando; homossexuais, negros, mulheres, ecologistas, isto é aqueles a quem o sistema rotulou de “minoria”, para poder acreditar que é maioria. A gente aplaude (e continua apoiando) o começo do fim do autoritarismo e da ditadura. Porém, a gente quer mais. Não nos basta essa água morna e parada, esse não trepa e nem sai de cima. A gente quer é mais. Muito mais. A gente quer é a Liberdade de viver, comer, trabalhar, descansar, morar, ter saúde, estudar, transar. A gente quer que todos sejam realmente iguais,

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 64.

⁶⁶ Idem, ibidem, p. 67.

⁶⁷ O conceito não trata de um grupo inferior numericamente, mas do sentido de desvantagens sociais se comparados com a grande parte da população majoritária, sendo objeto de preconceito e desigualdade de tal grupo dominante. Ou seja, não é em caráter numérico e sim a posição subordinada do grupo dentro da sociedade. Ou como destaca Edward MacRae: O termo “minoria” é adotado por ser essa a prática costumeira no Brasil e por apontar para o fato de que suas lutas se voltam preferencialmente para a melhoria das condições de existência de segmentos específicos da sociedade, mais do que às da população como um todo. Além disso, a “minoridade” desses grupos seria um reflexo da discriminação sistemática que sofrem, o que lhes veda o acesso a um poder político-econômico mais compatível com seus números. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 25.

⁶⁸ CARNEIRO, João. Esquerda, direita, um dois. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 2.

verdadeiramente livres. A gente quer uma sociedade igualitária, sem injustiças. A gente quer é poder ser humano. Sem qualquer propaganda, cruz-credo, dizemos aqui que só estamos sabendo de um partido onde as bichas assumidas estão sendo relativamente aceitas. É o partido do macho Lula, pasmem (?) [...] Mas, do mal o menor, sempre há ali lugar para os viados, desde que sejam cultos e artistas: que raio de geração, gente. Essa tal de “abertura”, também é nossa, das bichas e dos sapatões.⁶⁹

Percebemos como as sexualidades contra hegemonias eram excluídas do jogo político. Numa espécie de denúncia João Carneiro aponta o dedo na ferida dos partidos ditos de esquerda e que buscavam melhor vida aos sujeitos, ao destacar como determinadas questões não importavam por não “vender em porta de fábrica”, a não ser que elas fossem inteligentes o bastante para não incomodarem os que “aceitavam”.

Em meio à repressão e violência, foi possível gritar em outras direções, porém, essas vozes não ecoavam tão distantes, sendo capazes de ter uma representatividade para os grupos minoritários, e para o Estado soavam como apenas lutas menores ou resquícios da burguesia. Essa é a ideia que os discursos do jornal *Lampião da Esquina* passam. O início de uma abertura política possibilitou o urgir de outras questões, como podemos perceber nas reportagens do número quatro e cinco de 1978, nas quais o *Lampião* publicou sobre o movimento negro e feminista sucessivamente. A morte de um rapaz negro torturado numa dependência policial e a discriminação contra quatro atletas negros no Clube Tietê, em São Paulo, levaram as várias entidades que congregavam negros naquela cidade a um ato inédito no país. Segundo a matéria publicada, cerca de três mil negros em um protesto público “contra a discriminação racial. Isso foi possível porque aquelas entidades finalmente se uniram, criando o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que agora orientará a luta daquela comunidade contra a discriminação”⁷⁰.

No mês seguinte do mesmo ano, também em São Paulo, era lançada a Carta dos Direitos da Mulher, elaborada em conjunto por alguns grupos feministas organizados (Jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*, Centro de Desenvolvimento Mulher Brasileira, Grupo de Mulheres da Zona Norte) e mais de uma dezena de feministas “independentes”. “Pretende-se discutir essa carta com outros grupos, a fim de buscar um programa comum, quase uma frente ampla entre as e (os) feministas brasileiras (os)”. A Carta foi apresentada e discutida inclusive com candidatos e candidatas políticos que quisessem integrar a luta

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ A PRAÇA É DOS NEGROS. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 6.

das mulheres brasileiras em suas plataformas eleitorais. Dizia a Carta que “Pretende-se, assim, que os problemas da mulher comecem a ser veiculados dentro dos (enferrujados) mecanismos eleitorais da vida política brasileira, como uma tentativa de pressão por dentro”⁷¹.

No início de 1979, no mesmo mês da revogação do Ato Inconstitucional número 5, o mais repressivo do período de ditadura militar – embora, parte de seus dispositivos passassem a estar embutidos na Constituição, como “estado de emergência”⁷² – o *Lampião da Esquina* publicou um artigo com uma crítica à exploração do trabalho e da sexualidade por parte da sociedade repressora:

A sociedade na qual vivemos se baseia principalmente na exploração de uma classe por outra, e em uma verdadeira corrente de hierarquias opressoras. Esta estrutura exige, por exemplo, com premente necessidade, que a sexualidade esteja codificada e adaptada em função desta ordem que, nunca é demais dizê-lo, se caracteriza por seus toques de alienação. [...] A monogamia patriarcal reconhece só dois papéis sexuais e definidos muito precisamente. Toda manifestação que saia destes limites se converte automaticamente numa coisa maldita, suspeita, e ingressa no mundo das anormalidades, degenerescências. Com o correr do tempo e a desmoralização dos tabus sexuais, começou-se a utilizar uma terminologia mais suave, mais científica: perversão, inadaptação etc.⁷³

Ou seja, a construção do sistema binário funcionando para determinar o “certo” e “errado” em nossa sociedade heterossexual, branca, preconceituosa. Esse discurso é mantido e reiterado pela cultura que acaba por não só normalizar condutas e identidades de meninas e meninos, atribuindo papéis de gênero, como também lhes ensinam a normalizar seus filhos, sobrinhos e alunos, quando o tiverem⁷⁴. O discurso bíblico foi um dos principais responsáveis por essa divisão dos papéis sexuais “naturais”. Observa-se, por exemplo, o seu teor de condenação quando diz: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”.⁷⁵ Sobre esse tipo de pensamento e construção que vão se depositar a discriminação. “E a intolerância social poderá puni-lo com violência simbólica

⁷¹ TREVISAN, João Silvério. Minorias e política. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 6.

⁷² Em que o Executivo poderia decretar em momentos de crise, atribuindo-se poderes excepcionais e suspendendo as garantias dos cidadãos por um prazo de 60 dias, prorrogáveis por mais 60. Cf. SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: Op. cit., p. 67.

⁷³ HECTOR & RICARDO. Louca e Muito da baratinada. *Lampião da Esquina*, n. 8, janeiro de 1979, p. 4.

⁷⁴ WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos*. São Paulo: Paralela, 2014, p. 23.

⁷⁵ BÍBLIA sagrada. (1993). N.T. Levítico. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Cap. 20, ver. 13, 1993, p. 113.

à drástica, a exemplo de que, nos últimos quinze anos, mataram no Brasil mais de 1500 gays e travestis, vítimas de crimes homofóbicos”⁷⁶.

Por meio desta matéria apresentada anteriormente percebe-se a crítica que o *Lampião* fazia em seu editorial zero, voltada não só à sociedade patriarcal, fállica e machista, mas também a todas as instituições que exerceram determinados poderes sobre essas classificações dos papéis sexuais. As mesmas que rotulam, são as que excluem, e recusam o pensamento de que o direito à sexualidade pode ser uma luta não só da minoria, mas de todos.

Os presídios políticos paulatinamente se esvaziavam, os exilados começam a retornar, amplia-se assim a luta pela Anistia”⁷⁷; e o *Lampião da Esquina* publicava em sua capa: “Minorias exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita”⁷⁸, criticando essa anistia aos chamados presos políticos e cobrando uma que fosse capaz de libertar os sujeitos que estavam presos dentro de normas e valores morais. Assim, com dois artigos, além do de Francisco Bittencourt: “Quem é esse povo que está nas ruas?”⁷⁹, o jornal conseguiu expor algumas outras vozes.

A Universidade de São Paulo organizou em fevereiro de 1979 uma semana de “minorias” e teve em seu auditório uma multidão de negros, mulheres e homossexuais a apregoar que a felicidade também deveria ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina* esteve no encontro e destacou que “as minorias não estão mais a fim de continuar sendo o último desse enorme comboio denominado ‘luta maior’”⁸⁰. Com o título: “Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita”⁸¹, o colaborador do jornal Eduardo Dantas apresentou o início de uma discussão das “minorias” em um período no qual as preocupações por parte do governo em relação a elas pareciam não representarem significância, porém, para quem vivia a repressão diária da sociedade, surgiu ali naquele debate um olhar para suas reivindicações, e vindo da própria minoria.

⁷⁶ SILVA, Valdeci Gonçalves da. A representação social dos papéis sexuais ativo e passivo nas relações homoeróticas. *Revista Sanitas*, n. 14, 2002. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/ativo-e-ou-passivo-eis-aquestao.html>>, sob o título “Ativo e/ou Passivo, eis a Questão?”. Acesso: 22/02/ 2013.

⁷⁷ SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: Op. cit., p. 68.

⁷⁸ MINORIAS exigem em São Paulo: Op. cit.

⁷⁹ BITTENCOURT, Francisco. Quem é esse povo que está nas ruas? *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 7.

⁸⁰ DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 9.

⁸¹ Idem, ibidem.

Os estudantes da USP queriam saber o que os homossexuais, como grupo minoritário e discriminado estavam fazendo para a sua emancipação. E assim, durante três horas, cerca de 300 pessoas debateram o assunto com os seis componentes da mesa: João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, representando *Lampião da Esquina*; três integrantes do grupo SOMOS provavelmente a primeira tentativa de organização dos homossexuais de São Paulo em torno de seus objetivos comuns, e ainda o poeta homossexual-proletário Roberto Piva, autor de diversos livros⁸².

Talvez a data de oito de fevereiro seja histórica em consequência do convite aos homossexuais para essa discussão, “afinal, não se tem lembrança de um debate tão livre e polêmico sobre um assunto que as autoridades policiais e grande parte da sociedade brasileira ainda consideram tabu”⁸³. Integrantes dos outros grupos minoritários convidados (negros, mulheres e índios) perguntavam-se perplexos como podiam estar desinformados a respeito, e os objetivos das lutas e militâncias homossexuais:

O mais surpreendente, porém, foi a intensidade do debate (a maior parte do tempo a mesa expositora foi simplesmente ignorada, sendo discussão direcionada pelo pessoal do plenário, homossexuais ou não) e a confirmação de que os pontos de vista já levantados por Lampião e o grupo Somos sobre o posicionamento político do problema homossexual estão muito mais difundidos do que se pensa. Logo no início da discussão. [...] Quando já se tentava enquadrar o movimento guei na ótica da esquerda, alguém no plenário tomou a palavra e disse: “Eu vou dizer agora o que metade desse auditório esta sequiosa para ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão consciente de que para a direita constituem uma tentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas... somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro que nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda”⁸⁴.

Aqui percebemos claramente as demarcações e as alianças possíveis que o movimento homossexual passaria a construir. É dessa reunião que surgiriam outros grupos além do Somos, e é nela também que o movimento marca a sua presença não como uma mera causa, mas como um direito ao prazer e à liberdade sobre o corpo. Perguntaria João Silvério Trevisan sobre esse encontro em relação ao período vigente, e talvez aos possíveis

⁸² Idem, ibidem.

⁸³ Idem, ibidem.

⁸⁴ Idem, ibidem.

novos ares: “Quem tem medo das ‘minorias’”?⁸⁵. A Universidade de São Paulo entrara finalmente para o século XX, gritava alguém com euforia no final de uma semana onde se debateu o Caráter do Movimento de Emancipação. “Mas foi na noite de oito de fevereiro, sem dúvida, que a afirmação dos discriminados atingiu seu ápice, quando os homossexuais manifestaram publicamente sua identidade de grupo social, rompendo a barreira da invisibilidade a que são obrigados”⁸⁶. Pela primeira vez no Brasil os homossexuais tomaram seu espaço e “vomitaram coisas há muito engasgadas; o prazer, por exemplo, foi reivindicado entre os direitos da pessoa humana, com alusões concretas inclusive ao prazer anal como direito de cada um sobre o próprio corpo”⁸⁷.

Trevisan expressa a divisão nessa discussão entre pessoas que diziam ser necessária uma chamada “luta maior”, com o seu pensamento de pessoas que buscam uma “luta menor”. Assim, de um lado, “grupos de estudantes e profissionais brancos professando sua fidelidade à luta de classes, na linha tradicional da esquerda ortodoxa, que dá prioridade ao fenômeno econômico”. E, de outro, os representantes de grupos discriminados “afirmando a originalidade de sua problemática, de suas críticas e suas análises, absolutamente não abrangidas na luta de classes, mas nem por isso menos transformadoras da sociedade. Dois métodos de análise que se chocaram, com certeza”. Os grupos discriminados “(ou estigmatizados, ou minimizados) conseguiram apresentar seus pontos de vista, recusando-se a aceitar sua luta como ‘secundária’ diluída na falsa imposição de uma ‘luta maior’”⁸⁸. Aqui podemos lembrar também das lutas das mulheres consideradas “minorias” e “menos” importantes que as lutas dos “trabalhadores”.

Acredito que nessa semana, e sobretudo em 8 de fevereiro, setores da esquerda tradicional podem ter sofrido um avanço considerável na compreensão da realidade brasileira. [...] Ao mesmo tempo, os grupos discriminados avançaram politicamente: apossaram-se do seu espaço e provocaram uma rediscussão do fechado conceito de revolução, abrindo dúvidas sobre a condução desse processo. Ficou claro, por exemplo, que as maiorias não existem senão enquanto abstrações manipuladas pelos detentores do poder, sejam eles de direita ou de esquerda. A “maioria” está sempre composta de inumeráveis e contraditórias minorias cujos problemas reportam-se às individualidades que são sempre - e felizmente - particulares e irrepetíveis. Nesse sentido, é falsa a contraposição maioria/ minoria, geral/específico, prioritário/secundário,

⁸⁵ TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 10.

⁸⁶ Idem, *ibidem*.

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁸ Idem, *ibidem*.

econômico/cultural – na medida que as análises e estratégias devem passar sempre por esses conceitos, de forma não excludente.⁸⁹

Ou seja, a dificuldade hoje é de pensar nas pessoas ou grupos, não a partir de uma universalização nas quais homens e mulheres fizessem parte das mesmas “caixas de fósforo”. Como destaca Beatriz Preciado, o que existe não é uma diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, “[...] uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são ‘representáveis’ porque são ‘monstruosas’ e colocam em questão, [...] os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos ‘normais’”.⁹⁰

O desafio hoje é auscultar as zonas obscuras que acompanham os nódulos “naturais” de inteligibilidade do humano, onde aparecem, com força e visibilidade, grupos e indivíduos que reivindicam uma identidade específica fora do esquema binário. Quem são elas/eles, que vem quebrar meu Eu, o Nós, esta identidade tão laboriosamente estabelecida, defendida, cujo custo não ousamos avaliar? Quem são elas/eles, que pronome devo utilizar para nomeá-los, para ancorá-los no meu universo do familiar e do cotidiano? A difusão de imagens andróginas na mídia, publicidade, cinema é extremamente comum. Seres imaginários ou vizinhos do andar de cima, estes seres que vem perturbar os esquemas delimitados e tradicionais das identidades sexuais? Mulheres ou Homens? Boa pergunta. Quantas vezes não a fizemos olhando jovens e menos jovens que andam de mãos dadas ou abraçados? Meu olhar seria condescendente, acusador, cúmplice?⁹¹

É interessante observar que os grupos discriminados contribuem para uma transformação social, justamente por afirmarem as suas especificidades individuais e grupais contra todas as tentativas de mascarar e negar as diferenças. A luta dos grupos discriminados é, sem dúvida, uma luta da maioria, pois “as especificidades concernem à maioria. A sociedade como um todo tem que ser responsável por cada uma de suas partes; entre outras coisas, pelo machismo, racismo e sexismo que oprimem os grupos discriminados”⁹². Ou se aceita o potencial contestador dos grupos discriminados ou “historicamente este país estará vivendo mais um equívoco”.⁹³

⁸⁹ PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan/abr. 2011, p. 18. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Acesso: 19/04/2013.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ SWAIN, Tania Navarro. Para além do Binário: Os Queers e o Heterogênero. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001, p. 88. Disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-024925swain.pdf>>. Acesso em: 02/08/2012.

⁹² TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”. Op. cit.

⁹³ Idem, ibidem.

Os movimentos que estavam surgindo e se organizando, e a presença de um jornal de cunho homossexual, explorando sempre que possível as variadas formas de repressão, contribuiu para percebermos o movimento de afirmação homossexual e o tratamento dado às outras minorias, por meio de pessoas que estavam ligadas diretamente a essas questões. A diversidade do tratamento dado às minorias, e as chamadas “anormalidades” podem ser observadas, por exemplo, quando o jornal apresenta de forma sutil uma matéria que, a princípio, parecia apenas tratar de algo relacionado a canhotos⁹⁴, uma minoria a que talvez não fosse dada determinada importância, assim como anões, deficientes físicos e mentais, etc.

Na matéria assinada por Darcy Penteado, o autor perguntaria de forma indireta ao senhor presidente João Baptista Figueiredo – o mesmo que, perguntado sobre o “povo” e sobre as mulheres respondeu: “Prefiro cheiro de cavalo a cheiro de povo” e “Cavalo e mulher, a gente só sabe se é bom depois que monta”⁹⁵: “Sr. Presidente, por causa da sua predisposição congênita em escrever com a mão que não é a convencional e por ter sido tal fato decorrente de uma circunstância que independente de sua vontade, o senhor permitiria que o classificassem como anormal?”⁹⁶. Talvez não pareça algo tão inovador assim, e nem que tenha que se entender dessa forma, porém parece evidente que mesmo dentro de um cenário conturbado como o fim de um regime repressor, havia quem estivesse falando de sujeitos muitas vezes esquecidos.

Por meio da leitura desse jornal, é perceptível que a imprensa constitui uma representação do social, que possui características próprias, uma historicidade, e que para ser trabalhada e entendida como uma fonte não só para a ciência histórica, deve levar em consideração a relação imprensa e sociedade, assim como o que elas são capazes de gerar como representações de seu tempo. E, embora nem sempre “reconhecida ou percebida, o indivíduo se apodera de mensagens midiáticas e as incorpora à própria vida, implicitamente construindo uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que

⁹⁴ A rede Globo mostrou no Fantástico de 29 de julho uma reportagem sobre canhotos. E esta começava, como é de bem que aconteça, com o presidente Figueiredo assinando documentos com a mão esquerda. Imagens imediatamente posteriores: Chaplin, gênio e canhoto (disse o narrador); Leonardo da Vinci, idem “gênio e canhoto”; e alguns mais, igualmente geniais (ou populares) e canhotos. Embora a palavra também não tenha sido dita, o elogio ficou subentendido e ‘englobado’. Ideia sagaz não há dúvida, de alguém visivelmente deslumbrado com o achado, mas que não conseguiu separar, da promoção que poderia ser simples e simpática, um contexto demagógico elouvaminheiro, embora ao público comum tais sutilezas de observação passem desapercibidas. PENTEADO, Darcy. Canhotos: uma minoria liberada. *Lampião da Esquina*, n.16, setembro de 1979, p. 5.

⁹⁵ COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 256.

⁹⁶ PENTEADO, Darcy. Canhotos. Op. cit.

ele é e de onde ele está situado no tempo e no espaço”⁹⁷, aquilo que Chartier chamaria de representações, ou seja, a construção de sentidos de realidades direcionada ao sujeito e apropriada por ele, que o leva a acreditar em um ou vários modos de pensar sobre determinado assunto. Daí a importância do jornal *Lampião da Esquina* tratando de determinados temas até então não discutidos em outros periódicos em nível nacional, criando representações sobre as homossexualidades e ao direito ao prazer, não voltadas à exclusão ou à anormalidade.

Observamos nas páginas do periódico o surgimento do primeiro grupo de afirmação homossexual (nome usado na época) a surgir no Brasil, o Grupo SOMOS-SP, que *Lampião* nos apresenta na edição de maio de 1979⁹⁸. O SOMOS surgiu em São Paulo em maio de 1978, a partir de uma ideia comum a várias pessoas para possibilitar o encontro de homossexuais fora dos costumeiros ambientes de badalação (boates, bares, saunas, cinemas e calçadas), procurando com isso um conhecimento que fosse menos aleatório e a possibilidade da discussão sobre as sexualidades, de maneira franca e digna entre eles⁹⁹, dizia um dos membros do grupo ao jornal. Antes de maio de 1978, mais precisamente em 1976, um grupo de homossexuais começou a se reunir para discutir seus problemas em São Paulo, entretanto, 70% do grupo se julgavam “anormais”, em função de sua homossexualidade. Como dizia um deles: “‘Eu daria tudo para ser um senhor casado e com filhos’. Evidentemente, o resultado foi desastroso, com tanta culpa, auto-desprezo e ausência de auto-imagem”¹⁰⁰.

Essa culpa e medo que pairava sobre os homossexuais e sobre o movimento, muito eram advindos do discurso da Igreja. Segundo Miguel Rodrigues de Sousa Neto “A homofobia, em suas principais expressões – injúria, segregação, violência e morte –, se apresenta de longuíssima data. Suas justificações, também. A mais antiga delas que chega até nós é a religiosa”.¹⁰¹ Mas o que nos interessa em tal tradição?

⁹⁷ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*: Op. cit., p. 46.

⁹⁸ GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião d Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 2. Cf. MESA REDONDA. Somos: grupo de afirmação homossexual: 24 anos depois. Reflexões sobre os primeiros momentos do movimento homossexual no Brasil. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 47-75. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>. Acesso: 02/07/2014.

⁹⁹ Idem, ibidem.

¹⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰¹ SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. Religião, Ciência e Exclusão: notas sobre a homofobia no Brasil. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.p. 87-104, p. 89.

Sendo Igreja e Estados tão próximos como durante a modernidade, não é de se estranhar que tal instituição tenha tomado para si a tarefa de descobrir fornicadores e puni-los (a exemplo do Tribunal e Visitações do Santo Ofício), ou mesmo influenciar os vários governos para tanto, além, claro, de estar imiscuída da construção de uma cultura moral que perpassava vários territórios. [...] O homem que não exerce seu poder, ou seja, que não submete, que não penetra, deve ser submetido, penetrado, violentado. Ele ocupa um lugar na margem da sociedade que é mais distante do centro do que aquele ocupado por outros seres marginais. Seu crime é maior por ter nascido homem e se “desvirtuado”. Aquele que desperdiça seu poder deve ser execrado. Por vezes, eliminado.¹⁰²

Ou seja, o discurso religioso quando não dá conta de tratar os seres pecaminosos que eles mesmos criaram, busca uma forma de trazê-lo para perto, seja por meio da reiteração do pecado e na busca de perdoo-lo, seja pela exclusão do sujeito, no qual acaba reiterando o seu poder de regular e direcionar alguns pensamentos e ações dos sujeitos. A Igreja e o discurso religioso influenciam na formação do sujeito, seja para “salva-lo”, seja para “amaldiçoa-lo”. Constrói sobre os sujeitos uma espécie de controle sexual, no qual por meio de “proibições e consentimentos sobre quando, como e, sobretudo, *com quem* se pode fazer sexo, determina-se não apenas nossa sexualidade, mas com quem podemos nos conectar no plano mais pessoal”.¹⁰³

O ano de 1979 foi o ano do aparecimento de questões ligadas não só aos homossexuais no jornal, como também aos outros grupos estigmatizados na sociedade, com a presença de matérias sobre a anistia em relação às mulheres, aos negros, além de uma entrevista com Fernando Gabeira após sua volta do exílio. Em outubro desse mesmo ano, *Lampião da Esquina* publicou sobre a anistia para as mulheres¹⁰⁴, bem como as suas reivindicações e indignações como sujeitos reprimidos.

Exigimos o fim da legislação repressiva e de exceção posta em prática pela ditadura e também denunciamos o caráter repressivo da legislação sobre a mulher. Propomos a modificação do Código Civil que determina que é o homem o chefe da “sociedade conjugal” e que nos impede de exercer o “pátrio poder”; mesmo quando temos a guarda de nossos filhos; reivindicamos o fim da punição do adultério (inclusive, na prática só é aplicada contra as mulheres); denunciamos o Código Penal que não configura a existência de estupro dentro do casamento, dando aos

¹⁰² Idem, ibidem, p. 95-96.

¹⁰³ ENDSJØ, Dag Øistein. *Sexo e Religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual*. São Paulo: Geração Editorial, 2014, p. 16.

¹⁰⁴ COLETIVO DE MULHERES DO RIO DE JANEIRO. Anistia para as mulheres. *Lampião da Esquina*, n.17, outubro de 1979, p. 2.

maridos o direito ao "débito conjugal", independentemente da vontade da mulher. Repudiamos os atos de exceção que permitiram que tantas pessoas fossem discriminadas até em seu direito ao trabalho e também a discriminação com relação a esses direitos que atingem permanentemente as mulheres. Exigimos a reintegração imediata em seus empregos de todos os atingidos por esses atos, de exceção e reivindicamos que a CLT seja cumprida no que tange ao princípio de salário igual a trabalho igual, independentemente de sexo ou idade, que a lei de creche (creches no local de trabalho quando a empresa emprega mais de 30 mulheres maiores de 16 anos) seja respeitada, que as tarefas domésticas sejam reconhecidas, como tarefas sociais e assumidas por todos e que os direitos da CLT sejam estendido, às empregadas domésticas¹⁰⁵.

E não só as mulheres faziam as suas reivindicações, cansadas da maneira de serem tratadas. Os negros foram figuras que aparecerem no jornal *Lampião da Esquina*, salientando a forma racista e preconceituosa que, mesmo com a chamada abertura, continuavam (e continuam) a ser tratados de maneira pejorativa e desigual. E perguntava João Silvério Trevisan no final de 1979: “Os negros vão ao paraíso?”, publicando então uma reportagem sobre a passeata do Movimento Negro Unificado contra discriminação racial em outubro do mesmo ano¹⁰⁶. Eram quase 500 homens e mulheres que pela terceira vez em pouco mais de um ano saíam às ruas de São Paulo por entenderem que não viviam exatamente no decantado paraíso racial. Ao ver a passeata de negros que saía da Praça Ramos de Azevedo, com faixas e cartazes, “um homem da calçada resmungou sarcasticamente: ‘Esses estão mais é precisando trabalhar’. Ninguém lhe deu muita atenção; em tom uníssono, todos gritavam: ‘O negro unido jamais será vencido’”.¹⁰⁷ O protesto era dirigido contra a Instituição Judicial que recentemente tinha se recusado a encaminhar um processo por discriminação racial, movido pela advogada negra Nair Silveira, com base na Lei Afonso Arinos.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Idem, ibidem.

¹⁰⁶ TREVISAN, João Silvério. Os negros vão ao paraíso? *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 2.

¹⁰⁷ Idem, ibidem.

¹⁰⁸ * A Lei Afonso Arinos (Lei 1390/51) é uma lei proposta por Afonso Arinos de Melo Franco e promulgada por Getúlio Vargas em 3 de julho de 1951 que proíbe a discriminação racial no Brasil. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele. Cf. <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Em um primeiro momento, a Lei poderia ser considerada uma verdadeira conquista do movimento negro. No entanto, a previsão de suas condutas como meras contravenções penais, a cominação de penas simbólicas e a própria falta de cláusulas impositivas (um artigo seria mera variação de outro), acabaram tornando a lei inócua. A própria forma como a lei foi redigida “ajudou na proclamação oficial da ‘democracia racial’ brasileira. Um aspecto importante de sua natureza domesticadora se constitui no fato de que tem sido caracterizada como benevolente concessão de legisladores brancos, isto é, da estrutura dominante, e não como fruto de uma luta e uma reivindicação do povo negro organizado politicamente”. NASCIMENTO, Abdias & NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo & HUNTLEY, Lynn (Orgs.). *Tirando a Máscara: Ensaio sobre o Racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra/SEF, 2000, p. 212.

A referida edição era encerrada com uma entrevista que, segundo seus editores, tinham “certeza de estar publicando uma das entrevistas mais importantes do ano”, que escandalizaria “os puritanos da esquerda e da direita”. Tratava-se de Fernando Gabeira, “que é agora, como nós um guerrilheiro da sexualidade”, dizia o texto de apresentação do entrevistado¹⁰⁹. Qual o interesse do *Lampião da Esquina* em entrevistar um ex-guerrilheiro? Todo, pois além de ter sido um excluído social, esse ex-guerrilheiro se dispôs a falar sem censuras de homossexualidade, feminismo, negros e índios—temas que, na época em que ele estava na clandestinidade, não figuravam entre os que consideravam prioritários¹¹⁰.

Anunciou a alguns perplexos companheiros de luta que no exílio havia descoberto, entre outras coisas, que gostava do próprio corpo, e que tinha direito ao prazer; coisas que o *Lampião* “vem dizendo há algum tempo, para escândalo da esquerda ortodoxa (aliás, chamada por Gabeira, nesta sua nova fase, de ‘esquerda de Neanderthal’)”¹¹¹. Perguntado sobre as relações entre os movimentos de minorias com a esquerda, Gabeira disse que a esquerda vê todas as questões em torno da tomada do poder: “a partir daí ela desenvolve uma tática, uma estratégia; para ela, todas as lutas, todo o conjunto de lutas que a afastem da concentração de forças nas questões que a conduzem imediatamente à tomada do poder são consideradas inoportunas”¹¹².

Seria a chamada luta maior? Ainda segundo Gabeira, a esquerda:

coloca sempre uma objeção à luta das minorias: “Nós não somos contra”, diz ela: “só achamos que é inoportuna, que, no momento, divide o movimento popular e fortalece o adversário”. Mas eu acho, também, que essa posição no interior da esquerda está sendo modificada. Ontem mesmo eu vi a entrevista de uma companheira que voltou da Suécia; ela reclamava dessa posição da esquerda, em relação ao feminismo, ela dizia assim: “Não há mais possibilidade de você jogar com a fome”. À

Apesar das severas críticas, é inegável que a Lei Afonso Arinos constituiu, não apenas um marco na luta contra a discriminação, mas uma das bases para a promulgação da Constituição de 1988 e a valorização positiva da pluralidade étnico-cultural brasileira. Cf. LYRIO, Caroline. *Racismo Institucional e Poder Judiciário: o impacto da atuação jurisprudencial do TJRJ na manutenção das desigualdades raciais*. Monografia (Curso de Direito), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21183/21183.PDF>>. Acesso: 14/12/2014.

¹⁰⁹ FERNANDO GABEIRA, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 5-8. * Fernando Gabeira foi um dos ativistas políticos responsáveis pelo sequestro do embaixador norte-americano Burke Elbrick, nos idos de 1969. Ferido e preso meses depois, sofreu horrores em diversas prisões, até ser trocado – junto com outros presos – pelo diplomata alemão Ehrenfried von Holleben também sequestrado. Banido, ele viveu durante dez anos fora do país – entre outras profissões, foi porteiro da noite do Hotel Cristina, em Estocolmo –, até ser beneficiado pela anistia.

¹¹⁰ FERNANDO GABEIRA, aqui e agora, diretamente dos anos 80. Op. cit.

¹¹¹ Idem, ibidem.

¹¹² Idem, ibidem.

acusação de que as pessoas que se dedicam a estes movimentos de minorias esquecem a fome de metade da população do Brasil. O que se deve responder é que elas levam em conta não só esta fome, mas também outras categorias de fome que a esquerda - pelos livros que ela leu, pelos clássicos em que ela aprendeu - não leva em conta: a fome de amor, por exemplo: ou a luta pela superação da solidão, pela felicidade das pessoas. Nós achamos que essas lutas são da maior importância¹¹³.

Gabeira termina dizendo que o papel do movimento homossexual, naquele momento: “a discussão já nem deveria ser esta – se a esquerda aceita ou não; o que deveria se colocar para ela é qual a atitude que ela vai tomar no seu apoio aos movimentos, que tipo de apoio ela vai dar”. Quer dizer, “se nós vamos desenvolver estas lutas no Brasil, tanto ao nível da ecologia quanto ao nível das mulheres, dos homossexuais, das minorias étnicas, etc., a gente tem que encontrar exatamente o que é de brasileiro nessa luta, o que é de específico na nossa luta”. No Brasil, no entanto, ela é o “dia-a-dia, é ‘café-com-pão’ da nossa convivência nas cadeias: de um lado, violência interna nas prisões, do outro lado a violência da polícia sobre os homossexuais, e por último, a passividade das pessoas”.¹¹⁴

O fim da década de 1970 possibilitou novas formas de olhar a sociedade brasileira. Após o Golpe Militar, o Brasil e os que ali viviam, sofriam com a censura aos seus modos de agir e pensar. O movimento de 31 de março de 1964 tinha sido lançado aparentemente “para livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia, mas o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos, os chamados de Atos Institucionais (AI)”¹¹⁵. Eles eram justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções”¹¹⁶. Sob o lema “Segurança e Desenvolvimento”, Médici dá início, em 30 de outubro de 1969, ao governo que representará “o período mais absoluto de repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história republicana. Desenvolve-se um aparato de ‘órgãos de segurança’, com características de poder autônomo, que levará aos cárceres políticos milhares de cidadãos”¹¹⁷, transformando a tortura e o assassinato numa rotina.

Em vários países, os jovens se rebelaram, embalados pelo sonho de um mundo novo. Nos Estados Unidos, houve grandes manifestações contra a Guerra do Vietnã; na França, a luta inicial pela transformação do sistema

¹¹³ Idem, *ibidem*.

¹¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹¹⁵ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. cit., p.465.

¹¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹¹⁷ CARDEAL ARNS, D. Paulo Evaristo. *Brasil nunca mais*. Op. Cit. p. 63.

educativo assumiu tal amplitude que chegou a ameaçar o governo De Gaulle. Buscava-se revolucionar todas as áreas do comportamento, em busca da liberação sexual e da afirmação da mulher. As formas políticas tradicionais eram vistas como velharias e esperava-se colocar “a imaginação no poder”. Esse clima, que no Brasil teve efeitos visíveis no plano da cultura em geral e da arte, especialmente da música popular, deu também impulso à mobilização social. Era um árduo caminho colocar “a imaginação no poder”, em um país submetido a uma ditadura militar.¹¹⁸

Embora a guerrilha tivesse sido eliminada, os militares linhas-duras continuavam a enxergar subversivos por toda parte. Permanecia também a prática da tortura, acrescida do recurso ao “desaparecimento” de pessoas mortas pela repressão. “Na realidade, esses métodos, justificados por alguns como um mal inevitável decorrente de uma ‘guerra interna’, sobreviveram e até se intensificaram depois que a ‘guerra’ terminou”¹¹⁹. Em outubro de 1975, no curso de uma onda repressiva, o jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura, foi intimado a comparecer ao Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) de São Paulo. Ele era suspeito de ter ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Herzog apresentou-se ao DOI-CODI e daí não saiu vivo. Sua morte foi apresentada como suicídio¹²⁰ por enforcamento, uma forma grosseira de encobrir a realidade: tortura, seguida de morte.¹²¹

No fim da década, mais especificamente a partir de 1979, criou-se uma situação em que os cidadãos podiam voltar a manifestar-se com relativa liberdade e os controles à imprensa haviam desaparecido. A oposição tinha também campo de manobra, mas não podia lograr seu objetivo lógico de chegar ao poder. Segundo Boris Fausto, o período Figueiredo combinou dois traços que muita gente considerava de convivência impossível: a ampliação da abertura e o aprofundamento da crise econômica¹²².

¹¹⁸ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. cit., p. 477.

¹¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 491.

¹²⁰ No dia 24 de setembro de 2014 o juiz da 2ª Vara de Registros Públicos do TJ/SP determinou a retificação do atestado de óbito do jornalista Vladimir Herzog, para fazer constar que sua “morte decorreu de lesões e maus-tratos sofridos em dependência do II Exército – SP (DOI-CODI)”. A decisão é resultado de um pedido feito pela viúva do jornalista e endereçado à Justiça pelo Min. Gilson Dipp, coordenador da Comissão da Verdade. De acordo com parecer da Comissão da Verdade: “Quando a sentença rejeita a tese do suicídio exclui logicamente a tese do enforcamento e, então, a afirmação de enforcamento – que se transportou para o atestado e para a certidão de óbito – encobre a real causa da morte, a qual, segundo os depoimentos colhidos em juízo indicam que foi decorrente de maus tratos durante o interrogatório no DOI-CODI”. In: <<http://institutoavantebrasil.com.br/caso-vladimir-herzog-retificacao-do-atestado-de-obito-a-verdade-nao-pode-ser-negada/>>.

¹²¹ FAUTO, Boris. *Historia do Brasil*. Op. cit., p. 491.

¹²² Idem, *ibidem*.

“Fim de década, gosto de festa na boca. Viva o real maravilhoso!”¹²³ dizia o artigo de Francisco Bittencourt, que parecia ver muitas coisas novas, porém muitas se repetindo, onde “a marcha da história é sempre uma sucessão de quadros repetidos, melhorados ou piorados, conforme os tempos”, fazendo uma relação aos anos 1960 com os hippies e os 1970 com os marginais. “Olhe em volta, companheiro, e me diga: você não viu esse filme antes? Quer dizer, tudo que aconteceu nesta década não teve, de uma forma ou de outra, sua contrapartida nos anos 60?”. Mas não se pode pensar que, “ao fazer essas constatações estou querendo criar uma visão negativa da nossa ou da outra época”.¹²⁴

Na comparação das duas décadas, por exemplo, o fenômeno hippie, dos anos 1968, “se for confrontada com o dos anti-heróis de hoje, veremos que a farsa eram os hippies, de quem os libertários de hoje aproveitaram apenas o lado positivo, como o da descoberta do próprio corpo e o culto das coisas naturais”, jogando fora como imprestável “as babaquices de uma política impraticável de paz e amor. Hoje, o repúdio aos padrões burgueses e ao consumismo assumem aspectos infinitamente mais ativos do que quando eram praticados pelos hippies. São (sic) uma política. Revolucionária”.¹²⁵

O marginal atual é aquele que tem em sua condição a própria alavanca de atuação e que com ela pretende modificar a sociedade, para ter nela o seu lugar. Não foi só o jargão que mudou - os hippies se caracterizavam pela passividade, os marginais de hoje se caracterizaram pela atividade. Coisas que repugnavam tanto os hippies, como política, são hoje a moeda corrente dos grupos que os substituíram na vanguarda da luta contra o *establishment*. E, veja você, incorporando o que os seus antecessores semearam, os ativistas atuais falam de uma política do corpo, de uma política do prazer, de uma política do indivíduo. Não é um passo à frente apenas, mas muitos passos, não é mesmo? A ideologia do ser humano particular como uma fonte de conhecimento e de apreensão do humano como um todo é de uma importância tão grande que, só agora, quando os anos 70 já acabam, começa a despertar o interesse e o apetite dos donos do poder e dos articuladores de planos institucionais, que veem na adoção por vez dessa filosofia a possibilidade de atrair para seus esquemas as chamadas minorias¹²⁶.

Olhar para um determinado período e suas nuances por meio de um jornal, e aqui especificamente um periódico homossexual, torna possível perceber a existência de diversas questões que ultrapassam dicotomias como operário/patrão, direita/esquerda, comunismo/capitalismo, dentre outras. Para além da análise das práticas sociais de uma

¹²³ BITTENCOURT, Francisco. Fim de década, gosto de festa na boca. Op. cit.

¹²⁴ Idem, ibidem.

¹²⁵ Idem, ibidem.

¹²⁶ Idem, ibidem.

sociedade, a pesquisa sobre um jornal como o *Lampião da Esquina* nos possibilita um olhar para o desejo, para o prazer e para a política nessas dimensões humanas.

O momento que se configurou os anos 1978 e 1981 no Brasil, período de existência do jornal *Lampião da Esquina*, é fruto de outros movimentos sociais, tanto internacionais quanto nacionais, se pensarmos, por exemplos as primeiras ondas do movimento homossexual no mundo¹²⁷. Isso nos faz perceber, através das páginas do *Lampião*, que o Brasil passava por um momento especial no que diz respeito às questões das “minorias” – e aqui especificamente as homossexualidades – com ares menos repressivos, porém não menos violentos.

Parece contraditório, mas a questão é que talvez a sociedade representada em suas mais variáveis faces não estivesse preocupada diretamente com as questões ligadas à sexualidade, ao corpo, ao prazer e ao desejo, o que não a impediu de atuar de diversas vezes por meio de ações que excluíssem sujeitos, como, por exemplo, as operações policiais contra aqueles que fossem considerados “perversos”. Os sujeitos dispostos a romper com a manutenção do pensamento preconceituoso da época que possibilitaram o surgimento de um periódico que vai dar visibilidade a assuntos que talvez não pudessem interessar aos mais conservadores, mas as pessoas que buscavam vivenciar os seus desejos sem repressão sim. “O índio não pode caçar. O negro não pode falhar. O poeta não pode sonhar. O homossexual não pode amar”.¹²⁸

1.2 GRANDE IMPRENSA E IMPRENSA ALTERNATIVA

A mídia, esse “sistema cultural complexo que possui uma dimensão simbólica, que compreende a (re)construção, o armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produz como para os que consomem”¹²⁹, e aqui representada pela mídia impressa, sempre foi objeto de censura por essa capacidade de criar sentidos de realidades, conceitos e pré-conceitos, apresentando, às vezes, questões que poderiam “atrapalhar” os planos de qualquer poder, caso fosse “interpretada de maneira inadequada”; para não dizer ainda que, caso as publicações impressas em um

¹²⁷ MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, n. 2, 2011, Jataí. *Anais II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia*, Jataí Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2058.pdf>>. Acesso em: 27/03/2014.

¹²⁸ TAVARES, Ulisses. Canto das Minorias. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 8.

¹²⁹ MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 243-271.

jornal/revista não agradem, e elas nunca agradam a todos, pode sofrer algum tipo de censura, e estamos falando aqui não só da censura do Estado, mas dos seus próprios leitores, colaboradores, editores, etc. É um jogo de poder e de relações subjetivas tão grande, que não tem como se pensar uma imprensa objetiva e imparcial, isso seria uma falácia.

Dentre os vários temas que apareciam na mídia impressa nos anos da ditadura militar no Brasil, um transitaria pela grande imprensa¹³⁰ do período, bem como pelos periódicos alternativos, tratava-se da “moral e bons costumes”. Um decreto de janeiro de 1970 institucionalizava a censura prévia ao estabelecer que não seriam toleradas publicações contrárias aos bons costumes (Decreto-Lei 1.077, de 26/1/1970). O decreto considerava que ao escrever contra a “moral e bons costumes” a pessoa estaria cometendo uma infração que obedecia a um plano “subversivo” colocando em risco a segurança nacional¹³¹. A lei permitia ao ministro da Justiça, por intermédio da Polícia Federal, verificar, “antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição”¹³², bem como as produções de cinema, teatro, televisão, rádio etc. Neste período tudo é vasculhado, observado para que ninguém possa “sair dos trilhos”.

As revistas consideradas eróticas, por exemplo, foram umas das que mais sofreram com a censura. Em dezembro de 1977, surgia a nova *Portaria 1.563*, expedida pela diretoria-geral do Departamento da Polícia Federal, ratificando as exigências da *Portaria 209*¹³³. Já em abril de 1979 é publicado pelo diretor-geral de Polícia Federal Moacyr Coelho, a *Portaria n.º. 319*. A norma previa que as revistas fossem vendidas em embalagens plásticas fechadas, “sem serem opacas”.

¹³⁰ Grande imprensa: de forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro. DE LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século. Op. cit., p. 149.

¹³¹ A crítica de uma forma humorada sobre a moral e os bons costumes como uma ameaça ao governo e a sociedade, pode ser conferida em: STANISLAW, Ponte Preta. *FEBEAPÁ* – Festival de Besteiras que assolam o país. Rio de Janeiro, editora Sabiá, 1966.

¹³² PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 178.

¹³³ Art. 1º – As revistas devem apresentar, para verificação prévia, a matéria a ser divulgada, só poderão ser distribuídas aos postos de venda ou encaminhadas aos seus assinantes, embaladas em material plástico resistente, hermeticamente fechado, em que conste, em uma das faces, a inscrição: “VENDA PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS”. Parágrafo único: Os exemplares distribuídos ou expostos à venda ou ao público em desacordo com o estabelecido nesta portaria ou apresentados em embalagens com sinais evidentes de violação, ficam sujeitos a apreensão. In: COSTA, Valmir. Sexo lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-82). *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 241-252, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2220/1321>>. Acesso: 08/10/2013.

Mesmo com o “fim” da censura no país, por meio do decreto da *Lei da Anistia* (Lei n. 6683) em 1979, assinada pelo então presidente João Baptista Figueiredo, o Departamento de Censura Federal ainda exercia seu controle sobre os meios de comunicação no que dizia respeito à moral e aos bons costumes. “Vê-se que em toda a vigilância por parte do Estado, num quadriculamento social com homens hedonistas, mulheres promíscuas, homossexuais pervertidos. Daí, toda normatização moral e jurídica. No que incorreu o dispositivo de mais uma portaria e mais outra, mais outra” ¹³⁴.

Ainda que a censura prévia tivesse sido suspensa para os grandes jornais em 1975, esta permanecia para outras publicações, e ainda para outros veículos de comunicações como o próprio rádio e a televisão, que alcançavam uma parcela maior da sociedade. Armando Falcão, ministro da justiça do governo Geisel anunciaria em 1978 que a censura seria estendida às matérias importadas. “Dois mil, setecentos e cinquenta jornalistas publicaram um protesto por toda a nação, o qual havia sido precedido, em janeiro, de um manifesto anti-censura, assinado por mil intelectuais”. ¹³⁵

Essa censura pode ser observada, por exemplo, no caso do processo ao jornalista Celso Cury, que escrevia no jornal *Última Hora* de São Paulo. Cury lançaria no dia 5 de fevereiro de 1976 a *Coluna do Meio* para os homossexuais. Ela apareceria com alguns personagens fictícios como *Dodô Darling*, *Izildinha (a Sabichona)*, *Baby Portland* e *Marocha Martinez*, bem como com mais duas seções: *Correio Elegante*, na qual os leitores procuravam pessoas para “amizades” e *Hoje Tem Colírio* com foto e informações de alguns homens.

Colunista mais lido do *Última Hora* de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Cury, “o rapaz da ‘*Coluna do Meio*’, foi demitido em novembro de 1977 sob o Pretexto de ‘contenção de despesas’. A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal”, um tema até então considerado tabu: a homossexualidade. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa – “ofender a moral e os bons costumes” – e, processado, poderia ser condenado a um ano de prisão¹³⁶, dizia o jornal *Lampião da Esquina*, estampando na página de sua primeira edição o caso de Celso Cury.

¹³⁴ COSTA, Valmir. Sexo lacrado: Op. cit., p. 251.

¹³⁵ SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.25-81.

¹³⁶ TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cury? *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 6.

O Ministério Público de São Paulo apresentou denúncia contra Cury como incurso no artigo 17 (ofender a moral e os bons costumes) da Lei nº. 5.250 (Lei de Imprensa). “O superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusara a coluna de promover a licença de costumes e o ‘homossexualismo’ especificamente”. O nome *Coluna do Meio* “não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo, que é claramente exaltado, defendendo-se abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las”¹³⁷, declarou o superintendente.

Podemos citar outros exemplos de processos ou intervenções na grande imprensa, como o caso dos nove jornalistas responsáveis pela matéria intitulada “O Poder Homossexual”, publicada pela revista *Isto É* em dezembro de 1977. Os jornalistas foram chamados pela polícia no dia 19 de setembro de 1978 para ouvir a ata de um Inquérito no qual estavam sendo acusados de fazer “apologia malsã do homossexualismo”¹³⁸. Este fato indica uma crescente preocupação do sistema com a questão dos bons costumes, no mesmo momento em que é prometida uma liberalização na área política.

Essa censura e processos, que tinham como justificativa o atentado à “moral e aos bons costumes”, possibilitou a criação de comissões com o intuito de discutir essas ações, buscando a tão sonhada liberdade de expressão. Em maio de 1979 a Comissão Permanente de Luta Pela Liberdade de Expressão, entidade que funcionava no Rio de Janeiro, realizou entre os dias 19 e 21, na sede da Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, o I Encontro Nacional pela Liberdade de Expressão. O Encontro – ao qual *Lampião* fez a cobertura – teve por objetivo reunir os diversos setores da vida artística e intelectual “para debater problemas advindos da ação Censura e para encaminhar uma tomada de posição nacional das entidades representadas pela Comissão junto à população brasileira na luta pela liberdade de expressão”¹³⁹.

A imprensa tradicional estava acuada, amordaçada, o que possibilitou também o surgimento entre os anos de 1960 e 1980 da imprensa alternativa, que nem por isso deixaria de sofrer censuras, o que será apresentado adiante. Pelas contas de Bernardo Kucinski, entre 1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de 150 periódicos “que tinham como traço comum a oposição ao regime militar”¹⁴⁰, como sucessores da imprensa panfletária do período da Regência e da imprensa anarquista da virada do século XIX para

¹³⁷ COSTA, Valmir. *Sexo lacrado*: Op. cit., p. 248.

¹³⁸ SINAL DE ALERTA. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 16.

¹³⁹ PELA liberdade de expressão. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 11.

¹⁴⁰ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*: Op. cit., p. 13.

o XX¹⁴¹. Ou seja, uma das transformações perceptíveis que ocorriam naquela época pode ser observada na imprensa, na qual, desde a instalação do regime militar exercia-se um severo controle oficial sobre tudo o que se publicava. Para escapar desse domínio vigente, especialmente na grande imprensa, “alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais, de tiragem irregular, frequentemente usando técnicas quase artesanais de impressão. Nascia assim a ‘imprensa alternativa’ ou ‘imprensa nanica’”.¹⁴²

Essa imprensa já havia aparecido antes, mas com menos expressão em termo de tiragens; basta tomarmos, por exemplo, o semanário *Amanhã* que começou em março de 1967, em São Paulo, com o apoio dos partidos de esquerda que controlavam o grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo¹⁴³. Segundo Edward MacRae, na década de 1970 surgiram vários jornais alternativos, dos quais alguns dos mais importantes, segundo ele, talvez tenham sido *Opinião*, *Movimento*, *Ex*, *Versus* e *Em Tempo*. Seria através destes que alguns segmentos do público (basicamente a classe média intelectualizada) iriam “poder acompanhar em mais detalhe os acontecimentos que marcaram o ‘despertar da sociedade civil’ na segunda metade da década, como, por exemplo, a campanha pela anistia para aqueles acusados de terem cometido crimes políticos”¹⁴⁴. O periódico *Em Tempo*, por exemplo, publicou na edição de 26 de junho de 1978 uma lista com o nome de 233 pessoas acusadas pelos presos político de serem torturadores.

A respeito da imprensa gay no Brasil, que se iniciava a passos lentos – como veremos no subcapítulo seguinte – *Lampião da Esquina* publica em sua primeira edição em abril de 1978 a pergunta: “Qual é da nossa imprensa?”, texto assinado por Frederico Jorge Dantas, fundador do *Boletim Eros* falando da imprensa homossexual e fazendo crítica ao modismo delas. Ele dizia que a tentativa exercida pelo chamado jornalismo “*underground* homossexual, no sentido de informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encararmos o problema até onde e como devemos nos impor, deixa de ser um trabalho de aproximação para acabar” se tornando, na sua maior parte, “num conflito onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas ideias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia de vida”¹⁴⁵. A crítica era direcionada aos pequenos jornais mimeografados ou copiados em máquinas, que

¹⁴¹ Idem, ibidem, p. 21.

¹⁴² MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 70.

¹⁴³ PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*: Op. cit., p. 191.

¹⁴⁴ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 70.

¹⁴⁵ DANTAS, Frederico Jorge. Qual é da nossa imprensa? *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 5.

circulavam em pequenos círculos de pessoas, e que acabava criando como que uma coluna entre determinado número de sujeitos, com dicas de moda, beleza, viagem, etc.

Lampião da Esquina não deixou de apresentar o surgimento desses jornais alternativos, tanto os de cunho homossexual, quanto dos outros grupos estigmatizados do país, como jornais de negros e mulheres. Em maio de 1978, na sua segunda edição, *Lampião* receberia a carta de Agildo Guimarães, fundador do jornal *Snob* em 1963, quicá o primeiro veículo voltado para homossexuais a circular pelo Rio de Janeiro. Mesmo que mimeografado e para um pequeno número de pessoas, o surgimento de um periódico como o *Snob* é de fundamental importância não só para o período e para a região do Rio, mas para os assuntos e olhares voltados para as homossexualidades em um momento como o da ditadura militar no Brasil, além de ter sido de qualquer forma influência para o *Lampião da Esquina*, como se observa nesse trecho da matéria quando o conselho editorial diz: “Sabemos que se você não começasse com o *SNOB*, nunca chegaríamos a *LAMPIÃO*”¹⁴⁶. Essa fala veio após o agradecimento de Agildo por ter conhecido o *Lampião*.¹⁴⁷

Segundo Edward MacRae, entre as décadas de 1960 e começo de 1970 chegaram a circular vinte e sete publicações gays no Brasil, e diz ainda que algumas eram verdadeiras obras de arte artesanais, como os jornaizinhos baianos de um único exemplar, feitos à mão por Waldeiton Di Paula¹⁴⁸. Surgiu também o *Little Darling* que mais tarde mudou de nome para *Ello* (um saldo médio entre “ele” e “ela”). Em 1980 veio *Baby*, também datilografado, e com uma tiragem de 50 fotocópias¹⁴⁹. O *Gente Gay* de 1976 trazia reduções e reproduções de fatos por processo fotocopiador, e uma diagramação moderna¹⁵⁰. Amuar Farah teria deixado o *Snob* fundado por Agildo Guimarães para editar o seu *Le Fleme*. Estes grupos foram responsáveis pela criação da Associação Brasileira de Imprensa Gay, que existiu entre 1962 e 1964¹⁵¹.

¹⁴⁶ GUIMARÃES, Agildo. Um abraço do “Gente Gay”. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 14.

¹⁴⁷ Idem, ibidem.

¹⁴⁸ Di Paula começou a fazer um jornalzinho satírico sobre os membros do seu grupo (1962). Era chamado *Fotos e Fofocas*, feito à mão (as “fotos” eram desenhos, e com a tiragem de um exemplar único). Nestes desenhos os membros do grupo eram transformados em mulheres “finíssimas” que eram vistas descendo de aviões intercontinentais, participando de coquetéis refinadíssimos ou simplesmente posando para a “câmara” de Di Paula. [...] *Fotos e Fofocas* durou até 1967 quando então apareceu o *Zéfiro* que já era datilografado. Em 1970 apareceu o *Little Darling*, assim chamado em homenagem a um colega de Di Paula no curso de inglês. Este jornal era bastante diferente dos seus precursores, pois além das fofocas de turma, incluía crítica de teatro e de cinema, informes sobre os acontecimentos do “mundo gay” fora da Bahia e do Brasil e informes que Di Paula achava importantes, mesmo se não diretamente relacionados à homossexualidade. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 68.

¹⁴⁹ Idem, ibidem.

¹⁵⁰ Idem, ibidem, p. 65.

¹⁵¹ Idem, ibidem, p. 67.

Peter Fry, um dos editores do jornal *Lampião da Esquina* iria, duas edições após a crítica de José Alcides Ferreira sobre a imprensa gay no Brasil na edição de número dois do *Lampião*¹⁵², defender a mídia impressa gay feita de maneira tão artesanal e precária, dizendo que:

Corro a defender Little Darling e Tiraninho, que José Alcides Ferreira rejeitou como produção de “uma camarilha machista” que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do beautiful people indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia. Não duvido, não, que maioria das coisas que se produz numa sociedade basicamente machista carregam a mancha. Não duvido tampouco que a antiga distinção entre bichas e homens diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana. Mas acho cruel e preconceituoso simplesmente descartar o trabalho jornalístico de um verdadeiro pioneiro como Waldeilton di Paula, o responsável pelos jornais Foto e Fofocas, Baby, Zéfiro, Little¹⁵³.

Lampião apresentou o tabloide *Desacato*, alternativo editado em Aracaju, que foi dado pelo jornalista Anselmo Góes, nascido na cidade, para um dos editores do jornal, Antônio Chysóstomos, dizendo: “Você pode pensar que não é nada demais um jornalzinho como esse, [...] falando livremente de homossexualismo: mas só quem é de lá, como eu, sabe a barra que esse pessoal deve ter enfrentado para publicar coisas como essas”¹⁵⁴. Há também o periódico *O Inimigo do Rei*, bimensário lançado em Salvador, sob a proposta de entrar na faixa dos assuntos proibidos ou normalmente não veiculados pela grande imprensa “nem, sequer, pelos nanicos pretensamente libertários”¹⁵⁵. Bem como jornais não homossexuais como *Sinba*, que tinha em seu editorial, coisas estimulantes como “um jornal negro deve se dirigir à massa negra informando, e não estar somente voltado para a sociedade branca, reivindicando”¹⁵⁶. E jornais de outros países voltados para as mulheres, como o *Las Mujeres*, uma publicação colombiana, cuja finalidade era “publicar artigos que se refiram à mulher como sujeito participante da organização social por pessoas ou grupos interessados nesta reflexão”; assim como o periódico *El Outro*, também colombiano¹⁵⁷. No Brasil, a primeira publicação brasileira a se declarar feminista surgiria em junho 1976 em

¹⁵² Cf. FERREIRA, José Alcides. Pauladas na “bichórdia”. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 14.

¹⁵³ FRY, Peter. História da imprensa baiana. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 4.

¹⁵⁴ CRHYSÓSTOMOS, Antônio. De Sergipe para o mundo. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 4.

¹⁵⁵ CRHYSÓSTOMOS, Antônio. O rei que se cuide. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 4.

¹⁵⁶ RODRIGUES, João Carlos. Um jornal: o Sinba. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 17.

¹⁵⁷ MÍCCOLIS, Leila. Da Colômbia para o mundo. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 12.

São Paulo com o jornal *Nós Mulheres*, que já no seu primeiro editorial se afirmava “somos oprimidas porque somos mulheres” e se denunciava a dupla moral e a repressão sexual¹⁵⁸.

Em 1980, as mulheres jornalistas, por exemplo, iriam se reunir para discutir seus problemas no Rio de Janeiro. Apesar de reconhecerem que a opressão e a exploração são vividas por toda a categoria e pela classe trabalhadora em geral e que “a luta não é contra os homens mas contra o sistema”, como disse a companheira do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, as jornalistas viram que tinham problemas específicos em tais sequências de sua condição de mulher.¹⁵⁹

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, as coisas não iam nada bem para o jornal *Lampião*. João Silvério Trevisan dizia que desde agosto de 1978 vinham sofrendo, sob a acusação de atentado à moral e aos bons costumes, um inquérito policial que estava sendo levado a efeito tanto no Rio quanto em São Paulo, solicitado pelo Ministério da Justiça. A carta da Polícia Federal solicitando o inquérito referia-se aos editores como “‘pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais’, de modo que constituíamos casos situados – segundo os promotores – na fronteira da Medicina Patológica”¹⁶⁰; a carta pedia que os editores fossem processados judicialmente e enquadrados na chamada Leia da Imprensa, segundo a qual poderiam pegar até um ano de prisão.

Os editores e outras personalidades criticavam o processo de repressão sofrido pelo *Lampião da Esquina*, parecendo indignados por estarem sendo tratados de tal maneira em um período no qual se dizia que “a censura tinha acabado”, próximo de uma abertura política, criando uma contradição e ao mesmo tempo uma contestação de que a sociedade brasileira do período, assim como o Estado e as suas representações por meio de suas ações e instituições, era a favor da “moral e bons costumes”. Dizia Aguinaldo Silva na edição de fevereiro de 1979: “Para o Brasil do ano 2000, os ‘bons costumes’ do século XIX”¹⁶¹, referindo-se ao processo contra o *Lampião da Esquina*. Silva apresentava o caso, mas sem antes deixar de criticar o órgão responsável pelo processo:

Nos últimos dias de dezembro o diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, Rogério Nunes,

¹⁵⁸ Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 28.

¹⁵⁹ Para a realização do I Encontro da Jornalista Carioca as mulheres do Rio passaram antes nas redações e assessorias de imprensa um questionário para levantar o perfil da mulher jornalista. Das 180 pesquisadas, 51,7% afirmaram que têm colegas homens com a mesma função e carga horária ganhando mais. In: BAPTISTA, Marta. A barra das jornalistas. *Lampião da Esquina*, n. 20, Janeiro de 1980, p. 2.

¹⁶⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p. 346.

¹⁶¹ SILVA, Aguinaldo. Para o Brasil do ano 2.000, os “bons costumes” do século XIX. *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 5.

concedeu uma entrevista ao *Globo*, na qual disse que a legislação a ser cumprida pela censura “impõe restrições, de tal forma incoerente com a moral vigente na moderna sociedade, que o trabalho dos censores acaba se transformando numa constante batalha contra a realidade”. Para as pessoas que fazem *Lampião da Esquina*, essa declaração do Sr. Rogério Nunes foi da maior importância, pois é exatamente baseado nestas restrições “incoerentes com a moral vigente na moderna sociedade” que o DPF está realizando um inquérito contra esse jornal, tentando enquadrá-lo na Lei de Imprensa sob a acusação de “ofensa à moral e aos bons costumes”, por falar sobre homossexualismo.¹⁶²

Na mesma edição dois textos se apresentam sobre o assunto, sendo um deles a própria opinião do jornal *O Globo* sobre a entrevista do diretor da Divisão de Censura e Divisão Públicas do DPF, Sr. Rogério Nunes, que *Lampião* republicou em suas páginas, dizendo que a entrevista tinha provocado uma reação do *O Globo*. Dizia *O Globo* em 23 de dezembro de 1979 em sua página três: “Poderia o Sr. Rogério Nunes citar numerosos exemplos de proibições estapafúrdias, no campo do teatro, do cinema, da música, às vezes, com o requinte de surgir o veto quando as peças teatrais e os filmes já se achavam liberados e a música já exaustivamente [conhecida do público]”. “Não devem ignorar os responsáveis por tais cincadas, que só conseguiram aumentar a curiosidade e o interesse, de grande parte do público em torno das obras postas no index, além de exercer-se por aí uma forma de protesto”¹⁶³.

Darcy Penteado expressava sua opinião dizendo não perceber crime algum vindo do jornal, muito menos um processo formado contra eles (os editores). Era um inquérito policial baseado numa denúncia feita por alguém “muito complicado para querer encontrar em *Lampião* algo que seja ou pareça imoral, a menos que se considere imoralidade defender a ecologia, tentar conscientizar homossexuais do seu papel atuante na sociedade ou reconhecer os direitos de mulheres e de índios”, por exemplo.¹⁶⁴

O código da censura Federal, nascido em 1946, completará brevemente 33 aninhos. Quase tão velho, portanto, como muitos senhores circunspectos e de calvície proeminente que andam por aí. Trinta e três anos foi também tempo bastante para Cristo pregar a doutrina que mudou o mundo. É bem verdade que não o perdoaram por isso e, como vocês sabem, ele foi crucificado, tendo passado antes por um inquérito dos mais linha-dura que a História tem notícia. [...] *Atentados à moral? Claro que existem! Porém quem é mais atentatório e pernicioso perante a moral e a consciência de um povo: o travesti prostituto que, para subsistir, mesmo*

¹⁶² Idem, *ibidem*.

¹⁶³ “O GLOBO”: uma opinião insuspeita. *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 5.

¹⁶⁴ PENTEADO, Darcy. “Ma che cosa é questa?” *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 6.

levando muita porrada, explora na rua a fantasia sexual dos seus clientes? Ou o político comprovadamente corrupto que, apesar disso, recebe “de mão beijada”, com cumprimentos, solenidades e palminhas, um Estado inteirinho para governar? [...] Já que é para moralizar (a ideia veio de vocês), vamos então tentar fazê-lo todos juntos, cabeças, corações e braços, criando a nova e verdadeira moral, aquela que respeite tanto os direitos da coletividade quanto os do indivíduo, não importando a sua cor, raça, religião ou preferência sexual. Se é para moralizar, partamos de uma premissa honesta: em vez de sair à caça de bruxas hipotéticas eu procurar com lupas de aumento pelos em ovos, anulemos a ação perniciosa dos fomentadores de preconceitos, dos intolerantes, dos interesseiros, dos corruptos. Se os “donos da verdade” se fazem de cegos e não topam a proposta, não tem importância; o povo enxergará por eles (Grifos nossos)¹⁶⁵.

O diretor do Departamento de Polícia Federal, coronel Moacir Coelho, explicava em Brasília, em agosto de 1979, a intimação direcionada a *Esquina*, editora responsável pela publicação do jornal *Lampião*, solicitando que apresentasse seus livros de contabilidade. Segundo ele, o objetivo da medida era provar que a empresa não tinha condições financeiras de se manter ¹⁶⁶. “Pra que tanto medo? De bicha, negro e louco, todos nos temos um pouco”,¹⁶⁷ dizia Aguinaldo Silva ainda sobre o processo contra o jornal, só que desta vez mais indignados por causa de um envelope com o timbre do Serviço Público Federal deixado na porta do jornal, encontrado por um editor ao chegar no dia 10 de julho de 1979 à sede. Dentro dele estava a solicitação do delegado responsável pelo IPL 25/78-DOPS, enviada pelo Departamento de Polícia Federal, endereçado ao “Ilmo. Sr. Diretor do Jornal Lampião da Esquina”¹⁶⁸. Dizia o papel:

Senhor Diretor, a fluía [sic.] de Instruir inquérito Policial que ora tramita nesta Regional, solicitamos a V. Sa. se digne determinar providencias no sentido de fazer apresentar nesta DOPS, sita a Avenida Rodrigues Alves 01, 2º andar, centro, no dia 13 de julho próximo, as 15 horas, o Tesoureiro eu pessoa encarregada da contabilidade relativa à movimentação do jornal LAMPIÃO DA ESQUINA, munido das respectivas escriturações na balancetes relativos aos meses de janeiro a maio de 1979. ¹⁶⁹

Lampião publicaria um artigo dois números antes, apresentando a “Moral e os Bons Costumes” ligados à questão econômica, mostrando um lado que está para além de pontos meramente morais e conservadores. Em uma pequena comparação, liga algumas épocas

¹⁶⁵ Idem, ibidem.

¹⁶⁶ NOSSA pobreza é nosso maior charme. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

¹⁶⁷ SILVA, Aguinaldo. Pra que tanto medo? De bicha, negro e louco, todos nos temos um pouco *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹⁶⁹ Idem, ibidem.

mais antigas à situação atual do Brasil. Assim, a história revela que tanto em 1946, “quando o Brasil teve sua última legislação sobre o assunto, quanto na época bíblica, na Grécia antiga, no Egito de Cleópatra ou na Roma dos Césares, as pessoas sempre fizeram as mesmas coisas, independentemente de padrões morais de comportamento”¹⁷⁰. No Brasil dos fins de 1970 e início dos 1980 teria, segundo o autor, uma clara posição: “Uma censura moribunda, baseada num código de moral e bons costumes arcaico, agride aparentemente a ‘liberdade de expressão’ de uma minoria. O que o *Lampião* faz é simplesmente não esperar sentado”¹⁷¹.

Mesmo sofrendo esse processo o jornal *Lampião da Esquina* foi convidado para uma conferência internacional com o patrocínio da Liga Internacional pelos Direitos e Libertação dos Povos, em colaboração com a região do Lácio e a província de Roma. Com o tema “anistia ampla, geral e irrestrita, e as liberdades democráticas no Brasil”, três entidades foram convidadas a mandar representantes: a Comissão Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, e o jornal *Lampião*¹⁷². Porém o jornal não mandou um delegado ao congresso, enviando um documento, por meio do representante da Comissão Justiça e Paz, o advogado Luís Eduardo Greenhalgh. Aqui perceberemos a importância do *Lampião da Esquina* como órgão da imprensa alternativa e homossexual no país, ao mesmo tempo que se torna possível observar as contradições existentes entre imprensa alternativa e Estado.

Assim, enquanto o processo contra o jornal corria, os editores buscavam expor algumas matérias com pessoas que apoiavam o jornal. A ponto de ser criado por um grupo o Comitê de Defesa do Jornal *Lampião*, “côncio de tudo aquilo que este jornal significa em termos de luta legitimamente democrática da pequena imprensa, dos homossexuais e de outros grupos discriminados para os quais pretendemos dar voz neste país”¹⁷³. O Comitê colheu assinaturas de apoio ao jornal, e mobilizou entidades nacionais e internacionais para protestarem contra as arbitrariedades que o jornal vinha sofrendo: “*Lampião* provou o gosto e mostrou como é gostoso exercitar-se na democratização da vida brasileira. Lutará até o fim para que esta abertura não feche nossos canais”¹⁷⁴. Fernando Moraes, deputado estadual eleito pelo MDB paulista e vice-presidente do Sindicato dos jornalistas

¹⁷⁰ CUÑA, Newton Martinez. Moral e bons costumes: uma questão de economia. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 16.

¹⁷¹ Idem, ibidem.

¹⁷² SILVA, Aguinaldo. Anistia, confetes e serpentinas. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 7.

¹⁷³ TREVISAN, João Silvério. Pintou a solidariedade. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

¹⁷⁴ Idem, ibidem.

Profissionais no Estado de São Paulo também mandou seu depoimento sobre os percalços que Lampião vinha enfrentando. Para Fernando Moraes:

O inquérito aberto pelo Ministério da Justiça contra o jornal LAMPIÃO e seu corpo editorial só vem revelar, uma vez mais, o caráter autoritário e antidemocrático do governo brasileiro. Só nos surpreende que esse tipo de repressão à liberdade de expressão ocorra no momento em que o atual e o futuro governo acenem com as mesmas promessas de sempre “abertura”, “redemocratização” e “institucionalização”. O pretexto utilizado para abertura do inquérito – segundo o qual o jornal atentaria contra a moral e aos bons costumes –, além de batido e cansativo, não resiste à mais superficial análise. O que de fato o governo pretende é calar mais uma voz da imprensa independente, cujo único crime é procurar refletir sobre a dramática realidade em que vivem hoje os brasileiros ¹⁷⁵.

Razões indiretas são criadas como “atentado ao pudor”, “vadiagem” ou “consumo de drogas” para deflagrar uma repressão “que se deve ao autoritarismo básico da organização social brasileira e a um dos seus mais genuínos reflexos: o machismo, muitas vezes de mãos dadas com a hipocrisia. Mas não se pode levar a sério nem sequer os truculentos machos nacionais” ¹⁷⁶. “Somos todos inocentes”, dizia Aguinaldo Silva após o arquivamento do processo contra o *Lampião* por atentado a moral e aos bons costumes. A Justiça decidiu pelo arquivamento do processo, levando em conta o parecer do Procurador da República, Sérgio Ribeiro da Costa, a respeito do *Lampião da Esquina*: “No caso em exame, a publicação inquinada de ofensiva a moral pública pode ofender a moral de alguém, mas não de todos. Portanto é relativo e não absoluto o conceito de moral daquele que condena essas publicações” ¹⁷⁷.

Durante os doze meses de duração do inquérito contra este jornal, sinais de solidariedade foram captados, emitidos de todas as direções. O mais evidente de todos veio de São Paulo, onde o pessoal do Grupo Somos criou um Comitê de Defesa do Jornal Lampião, cuja primeira tarefa foi elaborar um manifesto de apoio ao jornal, para o qual seriam angariadas assinaturas de pessoas ilustres. O inquérito foi arquivado quando a coleta de assinaturas ia a meio; e pessoas ilustres dispostas a fechar com Lampião é que não faltaram para assinar o manifesto. Para que nossos leitores saibam quem está conosco, publicamos aqui o manifesto e a lista de assinaturas, lembrando que esta seria bem mais longa se o inquérito não tivesse terminado. [...] “Entendemos estes atos oficiais como uma tentativa de castrar o diálogo sobre os setores oprimidos – minoritários -

¹⁷⁵ FERNANDO Moraes apoia o Lampião. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 2.

¹⁷⁶ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p. 56.

¹⁷⁷ SILVA, Aguinaldo. Somos todos inocentes. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 2.

que se faz necessário e urgente dentro de nosso país, bem como repudiamos todas as atividades de coerção e repressão ao direito de existência e manifestação da imprensa alternativa”¹⁷⁸.

Mas nem todos estavam a favor da liberalização dessa imprensa. Durante o ano de 1980 e começo de 1981, o Brasil foi sacudido por uma série de incidentes violentos. “As bancas de jornal, por exemplo, receberam notas ameaçadoras ordenando que parassem de vender publicações esquerdistas. Alguns que se recusaram a obedecer tiveram suas bancas explodidas por bombas no meio da noite” ¹⁷⁹. Nem toda violência era sem sangue. Uma carta-bomba mandada para a Ordem dos Advogados do Brasil matou a secretária que a abriu. Poucos duvidavam de que o ataque viera da direita¹⁸⁰.

Setores ligados à linha dura, inconformados com a perda de espaço político, apelaram para a violência como último recurso para tentar calar a imprensa de oposição. “Desde meados de 1977, grupos de extrema direita lançavam bombas incendiárias em bancas que vendiam jornais alternativos. A iniciativa, a princípio isolada, se intensificou em junho de 1980, atingindo várias cidades do país” ¹⁸¹. Só em São Paulo, “sessenta jornalistas recorreram ao sindicato da categoria em busca de proteção. A grande imprensa, também prejudicada pelos atentados, uniu-se aos pequenos na tentativa de articular uma resposta à campanha da direita” ¹⁸². A Editora Abril, por exemplo, distribuiu uma carta aos jornalistas, assinada por várias entidades civis, em que lhes pedia: “Não se curve diante dos terroristas” ¹⁸³.

O próprio Armando Falcão, dez anos depois falava sobre a moral e os bons costumes, expondo seu pensamento sobre algo tão caro à época e aos meios de comunicação, dizendo: “impõe-se à autoridade pública o dever de preservar a pureza dos princípios em que assenta a formação da família. O recesso do lar não pode ficar aberto à invasão de peças teatrais nocivas à educação da criança e do jovem”. E continua, “fui inflexível na exigência do respeito aos textos legais vigentes no meu tempo de ministro e lamento, como pai de família e como brasileiro, que, hoje, a licença seja a regra na torrente de imoralidade que, de modo geral, rebaixa e desmerece a televisão brasileira” ¹⁸⁴.

¹⁷⁸ OS QUE estão conosco. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 2.

¹⁷⁹ SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: Op. cit., p. 58.

¹⁸⁰ Idem, ibidem.

¹⁸¹ PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*: Op. cit., p. 223.

¹⁸² Idem, ibidem.

¹⁸³ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2003, p. 175-176.

¹⁸⁴ FALCÃO, Armando. *Tudo a declarar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 375.

Mesmo que os prejuízos desses ataques à imprensa alternativa da época não fossem os principais motivos para que ela acabasse, no final dos anos 1970, e início dos anos 1980, uma conjunção de fatores determinaram o encerramento do ciclo. Segundo Oscar Pilagallo:

Em primeiro lugar, o triunfo da estratégia da abertura política restringiu a relevância de um jornalismo de resistência, sobretudo depois da anistia de 1979. Em segundo, vários dos jornais que haviam experimentado o auge em meados da década enfraqueceram-se com sucessivos “rachas”. Em terceiro, as publicações, que haviam nascido como frentes jornalísticas de esquerda, mudaram de natureza, passando a ser porta-vozes de partidos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), legalizados a partir de dezembro de 1979, com a lei que extinguiu o bipartidarismo. Finalmente, a grande imprensa incorporou o que havia de melhor nos nanicos, diluindo a experiência radical em termos editoriais, mas dando-lhe uma inédita sustentação empresarial¹⁸⁵.

Ou, como disse Nelson Werneck Sodré, um dos primeiros pesquisadores a estudar a história da imprensa no Brasil, muito antes dessa imprensa alternativa aparecer e acabar, por conta da grande imprensa capitalista que “compreendeu, também que é possível orientar a opinião através do fluxo de notícias. [...] A luta entre a informação e a opinião não foi a única que marcou o desenvolvimento da imprensa; logo apareceu a luta entre a opinião e a publicidade”¹⁸⁶. Só existe imprensa livre “quando o povo é livre; imprensa independente, em nação independente – e não há nação verdadeiramente independente em que o seu povo não seja livre”¹⁸⁷.

Observamos que os primórdios da luta homossexual no Brasil coincidem com a tentativa de organização de uma imprensa Gay no país. Já na década de 1960, por exemplo, foi criada a ABIG – Associação Brasileira de Imprensa Gay, presidida por Anuar Farah e o travesti Thula Morgani, com reuniões na redação de *O Estábulo* (Niterói) e com representantes da imprensa gay¹⁸⁸. Vários pequenos jornais gays apareceram como foi exposto no decorrer deste texto, entre eles o *Snob* (de Agildo Guimarães, Rio), *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Le Vic*, *Le Sophistique* (de Campos), *O Felino*, *Mito*, *Darling* e os jornais de Salvador: *La Saison Gay Society*, *Fotos e Fofocas* (1º primeiro jornal a cores segundo seu editor Waldeiton Di Paula), *Baby*, *Zéfiro*, *Little Darling* (posteriormente *Tiraninho*) e *Ello*, todos mimeografados e distribuídos de mão em mão nos pontos de

¹⁸⁵ PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*: Op. cit., p. 223.

¹⁸⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 4.

¹⁸⁷ Idem, ibidem, p.9.

¹⁸⁸ MICCOLIS, Leila. 28 de junho, um dia de Luta. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 4.

encontros homossexuais¹⁸⁹. Havia também colunas gays: *Tudo Entendido* (de Fernando Moreno, na *Gazeta de Notícias*, Rio), *Guei* (de Glorinha Pereira, no *Correio de Copacabana*, Rio) além da *Coluna do Meio* no *Última Hora* já apresentada aqui ¹⁹⁰.

Só em 1978, no entanto, se consolidaria em definitivo e de modo irreversível, a tentativa de organização Guei, com a fundação do jornal *Lampião* por homossexuais cariocas e paulistas. O saldo qualitativo era evidente: superava-se as meras amenidades para uma discussão séria da repressão ao homossexualismo, que passava a ser visto como uma das muitas “minorias” oprimidas. Essa mudança de enfoque trouxe uma consequência imediata: a formação dos primeiros movimentos organizados homossexuais no Brasil¹⁹¹.

Assim, pedia Leila Mícolis aos grupos por meio do *Lampião* que levassem em conta, sempre que pensassem na posição do jornal em relação à (todos) eles, o fato de que “foi *Lampião* quem teve a ideia de reuni-los num encontro nacional. Um encontro que, se a curto prazo rendeu o choro e o ranger de dentes das deserções e das rachas, a longo prazo funcionará como uma espécie de divisor de águas”¹⁹².

1.3 O LÂMPIÃO DA ESQUINA

A anistia instaurada em 1979 possibilitou a volta de alguns sujeitos, e com eles a vivência que haviam absorvido fora do Brasil. Assim chegaram, por exemplo, “as inquietações ecológicas, feministas e anti-racistas tal como vicejavam, àquele período, em países capitalistas ‘avançados’ – Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia” ¹⁹³. Antes, em 1978, grupos de mulheres começavam mesmo que de forma tímida a discutir temas como sexualidade e aborto. Bem como os negros que também iniciavam suas primeiras investidas para discutir racismo, cultura e organização da população negra: “Ao mesmo tempo, alguns sérios desastres ecológicos começaram a impulsionar diversos núcleos de ativismo ecológico. Um pouco às tontas, a esquerda ortodoxa enfiava tudo isso dentro do rótulo vago e finalmente depreciativo de ‘lutas das minorias’” ¹⁹⁴.

¹⁸⁹ Idem, ibidem.

¹⁹⁰ Entre os super-nanicos destacam-se: Gente Gay e Gay Press (Rio ambos fotocopiados, 100 exemplares), Aliança dos Ativistas Homossexuais (RJ), e, por fim, Entender, o primeiro jornal impresso Guei, com tiragem inicial de 10 mil exemplares (distribuição mão-a-mão) e Jornal do Gay (depois Gay News), estes últimos vendidos em bancas de jornais (SP). Idem.

¹⁹¹ Dois anos depois, o avanço já era tão grande que em abril de 1980, foi possível a realização do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (em SP). Idem.

¹⁹² Idem, ibidem.

¹⁹³ TREVISAN, João Silvério, 1944- *Devassos no paraíso*. Op. cit., p. 337.

¹⁹⁴ Idem, ibidem, p. 337-338.

Em abril de 1978, apareceria então o número zero do jornal *Lampião*, nome usado nessa edição, passando depois a ser *Lampião da Esquina*. O nome estaria ligado, segundo seus criadores, LAMPIÃO: à luz que “ilumina” os becos escuros onde se encontram a “minorias”; e ESQUINA, o nome da editora que publicava o periódico; e numa forma irônica de interrogar a figura do “machão”, representada no caso pelo Lampião, cangaceiro do sertão brasileiro do início do século XX. O jornal significaria uma ruptura segundo João Silvério Trevisan, um de seus fundadores.

Onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais de pegação guei nas principais cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como *viado* e *bicha*), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil equidistância inclusive frente aos diversos grupos da esquerda institucionalizada. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções.¹⁹⁵

O jornal *Lampião da Esquina* surgiu da ideia de onze intelectuais brasileiros (exceto Peter Fry que era da Inglaterra, mas vivia no Brasil), após uma reunião na tentativa de organizar uma antologia de literatura homossexual latino-americana. Essa proposta partiu do dono da Revista *Gay Sunshine*, Winston Leyland, de São Francisco, Califórnia. Leyland entra em contato com o advogado João Antônio Mascarenhas, o único a assinar sua revista em toda a América Latina, com o intuito de criar uma antologia, pedindo-lhe para convidar pessoas interessadas na proposta. Na sua vinda em 1977 para o Brasil, Leyland, que ficaria hospedado na casa de Mascarenhas, aproveitou para dar algumas entrevistas, entre elas ao jornal *Pasquim*, e participar dessa reunião da qual não surgiu antologia alguma, mas nasceu a ideia de um jornal feito por e para homossexuais a circular em território nacional. O encontro aconteceu no apartamento do artista plástico Darcy Penteado em novembro de 1977, onde decidiram montar o periódico.

Quem eram essas pessoas? Elas seriam apresentadas no editorial do número zero sobre o título de *Senhores do Conselho*, eram eles: Adão Acosta, Aguinaldo Silva que ocupava o cargo de chefe de edição, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco

¹⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 339.

Bittencourt, Antônio Chrysóstomo, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. O jornal os apresentava dessa forma:

Adão Acosta, era jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, e ainda exercia esporadicamente as funções de tradutor de (inglês-português); **Aguinaldo Silva**, jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tinha dez livros publicados na época), tendo uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com *Opinião* desde os primeiros números, e é um dos fundadores de *Movimento*; **Antônio Chrysóstomo**, jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows. E um dos mais polêmicos críticos musicais do país; **Clóvis Marques**, jornalista e tradutor, crítico de cinema. Sub-editor do Guia de filmes publicado pela Embrafilme, é correspondente, no Brasil, de Film Dope, de Londres. **Darcy Penteado**, artista plástico e escritor. Foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, *A Meta*, com histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano de 1977; **Francisco Bittencourt**, poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas e era membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colaborava como crítico em vários jornais; **Gasparino Damata**, jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias – *Histórias do Amor Maldito* e *Poemas do Amor Maldito*– que tinham a homossexualidade como tema; **Jean-Claude Bernardet**, Crítico de cinema, considerado um dos teóricos do Cinema Novo da época, possuía também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do *Opinião*, é um dos fundadores de *Movimento*; **João Antônio Mascarenhas**, advogado, jornalista e tradutor, abandonou o Ministério da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de pessoas que resultou na ideia de se publicar o *Lampião*; **João Silvério Trevisan**, cineasta e escritor, é autor do livro de conto - *Testamento de Jônatas deixado a Davi*; e **Peter Fry**, que nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas.¹⁹⁶

Colaboraram com o jornal pessoas como: José Fernando Bastos, Roberto Piva, Glauco Mattoso, Luiz Carlos Lacerda, João Carlos Rodrigues, Edward MacRae, James Naylor Green, Antônio Carlos Moreira, Dolores Rodrigues, Alexandre Ribondi, Luiz Mott, entre outros.

É por meio do processo de produção da publicação que percebermos o grupo que mantém o periódico se constituindo enquanto agente “ativo” e ao mesmo tempo os aliados e os adversários. Com essa compreensão torna pertinente perguntar “*quem fala e com que*

¹⁹⁶ SENHORES DO CONSELHO. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 2.

credenciais, em defesa de que projetos e com quais alianças”?¹⁹⁷. Permite também refletir sobre a configuração interna de poder do periódico assim como as relações de hierarquia.¹⁹⁸

O jornal apareceu com sete seções com já foi apresentado: *Opinião*, que era o equivalente ao editorial, *Ensaio*, *Esquina*, seção com artigos e notas variadas, *Reportagem*, *Literatura*, *Tendência*, seção cultural que se divide em *Livro*, *Exposição Peça*, etc., e *Cartas na mesa*, que publicavam as cartas enviadas pelos leitores do jornal¹⁹⁹. A partir do número cinco surge uma seção chamada *Bixórdia*, e posteriormente a *Troca-troca*, que se tratava da troca de cartas entre os leitores a fim de se conhecerem. Outras seções apareciam esporadicamente como: *Ativismo*, *Festim*, *Violência* e *Verão*. O periódico não abordava apenas temas relacionados às homossexualidades, como foi dito anteriormente, mas propunha-se também à abordagem sobre temas, como a discriminação racial, artes, ecologia, machismo, entre outros. João Antônio Mascarenhas, um dos principais responsáveis pela criação do jornal, saíria do mesmo após dois anos, por discordar da linha editorial do jornal que outros conselheiros, contra seu único voto, escolheram para o *Lampião*.²⁰⁰

O que se vivia em tempos de *Lampião* não surgiu por acaso. Destaquemos aqui o jornal *Snob* que foi fundado em 1963 (alguns trabalhos apontam o ano de 1964) por Agildo Guimarães e Anuar Farah, no Rio de Janeiro, e que incentivou o surgimento de outros pequenos jornais gays, numa grande e pioneira cadeia de informações e intercâmbio²⁰¹. A

¹⁹⁷ CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Op. cit., p. 263.

¹⁹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹⁹ A respeito da análise da formação de uma memória homossexual por meio do *Lampião da Esquina* e da seção cartas na mesa ver: SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. ‘... E havia um lampião na esquina’. Op. cit.

²⁰⁰ “O Lampião, embora convidado, não mandou representante ao congresso da IGA - International Gay Association, realizado em abril na Itália. Assim, o Sr. João Antônio Mascarenhas, ao se apresentar aos congressistas como “editor e representante do jornal Lampião”, de acordo com suas declarações ao correspondente da revista “Isto É” na Itália, o fez indevidamente. O Sr. João Antônio Mascarenhas pertenceu ao conselho editorial deste jornal, mas dele se afastou, de livre e espontânea vontade, por discordar da linha editorial que os outros conselheiros, contra o seu único voto, escolheram para o Lampião. Desde então, ele tem dedicado a maior parte de sua vida a se autoproclamar uma espécie de eminência parda do jornal, sem que ninguém lhe tenha dado poderes ou procuração para isso. O episódio do IGA é tanto mais lamentável, quando se sabe que lá ele se apresentou também – sempre segundo o correspondente de “Isto É” – como representante de alguns grupos homossexuais organizados, os quais, por uma estranha coincidência que torna ainda mais obscura essa história toda, também discordam veementemente da linha editorial do Lampião. O que nos parece é que foi dito, em nome deste jornal, o que estes grupos pensam, e não o que nós pensamos. E talvez, o nome mais apropriado para coisas como esta seja, pura e simplesmente, ‘má fé’”. *ESQUINA. Lampião da Esquina*, n.36, maio de 1981, p. 3.

²⁰¹ Vinte e sete publicações circularam na época. Destaques no Rio para: *Snob*, *Le Femme*, *Subúrbio à noite* e o *Boletim da Aliança de Ativistas Homossexuais*, com trabalhos de pesquisa e análises sobre comportamentos

maioria de seus textos versava sobre amenidades e badalações sociais; também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charges, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos de jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar, e outros.²⁰²

Do seu tempo de duração (1963 a 1969), segundo Rogério Costa, *O Snob* totalizou 100 edições, em que se incluem duas extras e uma especial. A distribuição, de início entre amigos, com o passar dos anos ganhou repercussão. “A única informação sobre sua circulação é encontrada no nº 8 de 1964, que registra a distribuição de 30 exemplares”.²⁰³ “De produção doméstica, mimeografado em papel ofício, veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia [...] bem como o que lhe deu origem: relatos de festas e concursos”²⁰⁴.

Diferentemente do que pensava o próprio Agildo Guimarães ao dizer que *O Snob* foi um “trabalho ingênuo”, não se pode deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive os seus recursos de impressão. Lógico que essas publicações diferem muito dos jornais da época do *Lampião*, porém existem alguns pontos em comum, por exemplo, que essas pessoas fizeram o máximo dentro de suas possibilidades para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a dos fins de 1970.²⁰⁵

A imprensa gay sofria da mesma exclusão que os homossexuais, no sentido da intolerância e do tratamento diferenciado, como se não fosse capaz de produzir algo “contundente” por se tratar de questões ligadas à sexualidade e ao prazer.

Atualmente, a tolerância liberal perante os outros, o respeito pela alteridade e a abertura a ela, é contrabalançada por um medo obsessivo de assédios. Em resumo, o Outro está muito bem, mas só na medida em que a sua presença não seja intrusiva, na medida em que esse Outro não seja realmente outro... [...] Meu dever de ser tolerante para com o Outro

sexuais. MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 6.

²⁰²Idem, ibidem.

²⁰³ COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil –, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p.41.

²⁰⁴Idem, ibidem.

²⁰⁵Idem, ibidem.

significa efetivamente que eu não deveria me aproximar demais dele, invadir seu espaço.²⁰⁶

O surgimento do *Lampião da Esquina* era visto por alguns de seus leitores como um acontecimento que vinha na hora certa. Em seu segundo número o periódico apresentou a carta de um leitor agradecendo o seu aparecimento e criticando os outros jornais de cunho homossexual que ali estavam presentes.²⁰⁷ O próprio *Lampião da Esquina* falaria de si mesmo após um ano de existência, se firmando e mostrando sua abrangência e importância. Por meio de Nando Ramos, dizia o periódico: “Enfim, um jornal-maravilha”.

Em apenas doze meses de atividades *Lampião da Esquina* tornou-se, disparado, o mais comentado de todos os jornais nanicos surgidos no Brasil nos últimos anos. A cobertura foi total: abrangeu a própria imprensa nanica, passando pelos jornais diários – do *GLOBO* ao vestuto *Estado de São Paulo* – e chegando a revistas como *Manchete*, *Fatos e Fotos*, etc., sem esquecer *Isto É*, nossa fada-madrinha. Mas isso em termos de Brasil. Pois *Lampião*, após o empurrão que nos deu o Sr. Falcão tornou-se notícia, igualmente, na imprensa internacional; não só a guei, como a “straight”: do *Newsweek* ao *Le Monde*, chegando até a ser citado – pasmem: é glória! – no sisudo *L’Humanité*, órgão oficial do PC francês. [...] O simples fato de *Lampião* colocar na ordem do dia a questão do prazer, do direito ao prazer, não só pelo homossexual, como pelo heterossexual, pela mulher, pelo operário, pela criança, enfim, pela sociedade como um todo, já lhe dá um caráter no mínimo contestatório e o coloca à frente de uma luta que não é novidade ao Brasil, mas que nem por isso deixa de sofrer constantemente nos mãos dos nossos revolucionários, de cima eterna carência de importância. [...] Como intelectuais, seus editores e colaboradores procuram como que abrir o gueto à ventilação de ideias, tornando mais arejada a convivência, ou o confinamento na maior parte das vezes, dos homossexuais. No entanto, um sensível preconceito por esse lumpen homossexual, uma vontade de reformá-lo e não percebê-lo como consequência de causas anteriores é flagrante e muitos leitores têm apontado isso em cartas.²⁰⁸

Não é possível ignorar que a mídia exerce um forte poder na formação dos indivíduos. Entretanto, “estes não são passivos; interagem com ela a partir de seus saberes, sua cultura e valores, negociando e produzindo novos sentidos. Essa visão nos afasta da visão estruturalista da mídia, que coloca o indivíduo como passivo diante das mensagens todo poderosas”²⁰⁹. *Lampião da Esquina* realizou e publicou várias entrevistas com

²⁰⁶ ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 46.

²⁰⁷ FERREIRA, José Alcides. Pauladas na “bichórdia”. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 2.

²⁰⁸ RAMOS, Nando. Enfim, um jornal-maravilha. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 4.

²⁰⁹ RIBEIRO, Cláudia Regina & SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 217-241, jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/revf/v15n1a13v15n1.pdf>>. Acesso em 04/07/13.

personalidades da época, tanto do meio artístico, quanto figuras dos movimentos das “minorias”, assim como com pessoas não famosas. Destacamos aqui as entrevistas com o cantor Ney Matogrosso²¹⁰, o estilista Clodovil Hernandez²¹¹, a atriz Norma Bengell²¹², a escritora Cassandra Rios²¹³, a cantora Lecy Brandão²¹⁴, a deputada federal Marta Suplicy²¹⁵, Abdias Nascimento²¹⁶ (do Movimento Negro Unificado), Fernando Gabeira²¹⁷, Luís Inácio Lula da Silva²¹⁸, a travesti Verushka²¹⁹, a lésbica Ninuccia Bianchi²²⁰ acusada de matar a companheira, bem como alguns membros do grupo *SOMOS-SP*, prostitutas, *michês*, travestis, juízes, advogados, diretores e escritores de peças de teatro e filmes, atores, atrizes, etc.

Essas entrevistas acabavam criando um significado de realidade daquele momento tanto nos entrevistados, quanto nos editores e leitores do jornal. Vejamos a entrevista de Ney Matogrosso na edição de número onze, de abril de 1979 que abrangeu temas como a anistia ampla, geral e irrestrita, segundo o próprio jornal: “bem ao gosto e espírito anárquico de Lampião”²²¹. No fim, uma conclusão geral: “o importante em nossa luta comum – do jornal e de pessoas como o entrevistado – é que se deixe bem claro que cada pessoa deve fazer sua própria cabeça, de acordo com o caminho que ela mesma escolheu; qualquer outra coisa seria pura violência”²²². Perguntado sobre o seu apoio para a luta pela

²¹⁰ NEY Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 5-7.

²¹¹ CLODOVIL Hernandez faz a si mesmo esta pergunta. Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho? *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 10-11.

²¹² NORMA Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): “Eu não quero morrer muda”. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 8-9.

²¹³ CASSANDRA Rios ainda resiste. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 8-10.

²¹⁴ A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 10-11.

²¹⁵ UMA entrevista com Marta Suplicy sobre educação sexual. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 10-11.

²¹⁶ NESSA Democracia quem governa é a minoria branca. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 10-12.

²¹⁷ FERNANDO GABEIRA, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 5-8.

²¹⁸ ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 9.

²¹⁹ SÍNDICO quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3.

²²⁰ NINUCCIA Bianchi, depois da absolvição. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 6.

²²¹ Aqui cabe destacar que é complicado perceber o jornal *Lampião da Esquina* se auto nominando como anárquico, por que a matéria se tratava de uma entrevista, e não vinha assinada, assim não podemos afirmar que o periódico era anarquista ou propunha algo do tipo. Porém em diversas oportunidades por meio das falas dos editores é possível observar classificações como: “Lampião está à esquerda da esquerda”, “Lampião não se encaixa em partido algum”, “Lampião é um jornal homossexual”, etc. Ou seja, até pode-se observar pensamentos e posturas que se direcionem para algum segmento político, porém a diversidade deles no jornal que o constitui como tal.

²²² NEY Matogrosso sem bandeira: Op. cit., p. 5.

liberação das pessoas e sua atitude de artista como contribuição a isso, Ney Matogrosso responde:

Não posso assegurar, em que sentido isso atinge as pessoas. Porque, note bem: não estou querendo transformar ninguém. Não estou dizendo, “olha, gente, eu sou assim, e isso é que é o certo, o correto”. Eu não tenho a menor intenção de fazer isso porque acho que o correto pra cada um, cada um vai ter que descobrir qual é. Agora eu me dou o direito de me mostrar pras pessoas, sabe? Eu sou assim, dessa forma tenho o direito de existir dessa forma. [...] Eu não acredito em política. Acho que política é luta pelo poder, e eu não tenho o menor interesse pelo poder. Você vê, eu tenho 31 anos, e desde Getúlio Vargas me lembro de política, mas nada mudou. Então, se eu não acredito em política, não vou me envolver numa modificação individual: a partir do momento em que o indivíduo se modifique tudo se modificará. A partir do momento em que o ser humano respeite o próximo, em que deixe de explorá-lo, as coisas começarão a mudar ²²³.

O que Ney Matogrosso representava naquele período era exatamente isso, a modificação individual do sujeito, de um poder sobre ele que não parte de determinados interesses exteriores ao indivíduo, mas sim da própria pessoa. Ele poderia não acreditar em política, e pensá-la como uma luta pelo poder, mas, ao assumir posturas alternativas e opostas às normas vigentes, acaba realizando um ato político sobre seu próprio corpo, o poder de realizar-se independente do que se diga.

O jornal buscava também informar sobre questões ligadas à história das (homo)sexualidades, apresentando livros, teses, artigos que tratavam da construção do conceito de homossexual, bem como as representações negativas que acompanhavam, por meio do discurso médico ou religioso, por exemplo. Podemos citar aqui duas teses acadêmicas que servem tanto para percebermos as produções de pesquisas voltadas para homossexualidade naquele período, como referências bibliográficas. Eram elas: “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”, de José Fábio Barbosa da Silva, publicada em outubro de 1959 pela revista *Sociologia* da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (volume XXI, n. 4). Em 1964 foi programada a publicação de uma dissertação de mestrado do mesmo autor, sobre o mesmo tema, no Boletim nº 13 da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Ela não chegou a ser publicada, tendo sido retirada da gráfica “para revisão”, conforme consta do protocolo. Não existe documentação de que a dissertação tenha sido

²²³ Idem, *ibidem*.

defendida na Faculdade de Filosofia, onde, por norma, todas as teses são registradas, guardando-se um exemplar nos arquivos do Expediente Acadêmico. “No entanto, a partir do artigo de 1959, pode-se ter uma ideia aproximada da perspectiva analítica do autor, ao tratar pela primeira vez no Brasil do homossexualismo como objeto de pesquisa da ciência social” ²²⁴. O outro trabalho é “O homossexual visto por entendidos”, dissertação apresentada por Carmen Dora Guimarães em 1977 ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ²²⁵

A exposição de assuntos que tratavam da construção das homossexualidades atreladas à patologização, demonização e perversidade, foi evidente no jornal por meio de artigos, como também de matérias que abarcavam o movimento homossexual que surgia naquele período. Dizia Aristóteles Rodrigues sobre essa moralidade em agosto de 1979:

Durante uns 35 séculos os homossexuais foram classe oprimida (na maior parte do Ocidente), e se marginalizaram. Passaram a viver a moral da classe dominante, o que foi cômodo para ambos. Agora, no renascimento do século 20 (quase 21, já), o homossexual começa a se colocar, a exigir, um lugar na sociedade onde vive, a assumir uma postura digna, e pretender ser tratado com dignidade – o que é justo, penso. Afinal, enquanto eu crescia, muito da ideia errada que eu fiz sobre a bicha, o viado, o mariquinhas, o puto, foi fruto da atitude dos homossexuais que tangeram minha existência naquele tempo. [...] Porém, nessas diferenças, já fica claro que moral hetero é feita para hetero, e que, se — “cabe ao jovem destruir e reconstruir tudo que o velho construiu” (Mao TséTung), neste caso o velho é o hetero, e é papel do homossexual destruir e reconstruir, dentro de si, o sistema de valores que rege sua vida. Como é seu papel não mais adotar uma prática que lhe vem sendo destruidora, e criar/usar uma prática que lhe seja construtiva – na relação consigo, com seus iguais e com seus diferentes²²⁶.

A fala de Rodrigues é pertinente, uma vez que começa por uma das ideias que se apresentariam constantes no jornal. A saída, por exemplo, de João Antônio Mascarenhas foi justamente por uma questão ligada ao assumir-se. Enquanto Mascarenhas pensava que os homossexuais deveriam assumir, tanto seus guetos quanto suas formas de vida, os outros pensavam que esse ato implicava na manutenção da desigualdade ou na universalização dos sujeitos homossexuais, dizendo que o ato de se assumir, envolvia uma

²²⁴ PRANDI, Reginaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 17.

²²⁵ Idem, ibidem.

²²⁶ RODRIGUES, Aristóteles. Em busca de uma nova moral. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p.2.

pergunta, que era: “Se assumir para quem?”.²²⁷ Ou seja, ao construir formas diversas de comportamento que não seguiam a norma heterossexual, o “homossexual” não precisava assumir nada pra ninguém, pois os valores morais que existiam sobre sua identidade eram fruto da manutenção e da relação dos sujeitos homossexuais constituído historicamente como o “sujeito a ser combatido”.

Os seus editores acabavam por concordar com uma ideia de identidade não hegemônica, distante da manutenção sobre a sexualidade, fruto de uma heteronormatividade que só afirma a desigualdade entre as pessoas. O jornal afirmava a diferença entre as pessoas, entre os desejos, e talvez seja o que mais fez em suas páginas, porém sempre trazendo que essa diferença não fosse motivo de desigualdade no tratamento com os homossexuais e todos os outros que não se enquadravam na chamada *norma*.

A entrevista com alguns membros do *SOMOS* expressa isso também, além de mostrar qual era o pensamento do primeiro grupo de afirmação homossexual a aparecer no Brasil propulsionado pelo surgimento do *Lampião da Esquina*.²²⁸ Vejamos a fala de Eduardo e Hamilton (do *Somos*) quando indagados sobre a participação do grupo no contexto político brasileiro, e se já existiam alguma proposta.

Eduardo – Bom, fundamentalmente o grupo propõe uma saída política para os homossexuais neste momento político concreto do Brasil. E isso é efetivamente um trabalho político, porque significa a conquista de um espaço político. **Hamilton** – O Somos está fazendo um trabalho político muito importante, ao constatar que os homossexuais não podem se filiar à luta maior que a esquerda em geral está promovendo no Brasil; porque como em todas as lutas das esquerdas no âmbito mundial, nós homossexuais participamos e normalmente carregamos as bandeiras, mas depois somos levados aos paredões por “representarmos a decadência da classe burguesa”. **Hamilton** – A única posição política definida no grupo é que nós realmente propomos uma sociedade onde as pessoas sejam igualitárias, principalmente quanto à sua sexualidade, isto é, onde todas as pessoas tenham o direito ao prazer. Lógico que por uma temática e uma questão de lógica o socialismo seja, assim, o futuro da humanidade. Mas não esse socialismo que está aí, agora...²²⁹

Percebemos novamente a questão ligada às críticas à esquerda e sua chamada “luta maior”. Dizia Daniel sobre a luta do SOMOS: “Além disso, lutar pela liberdade de ser como somos já é uma subversão, simplesmente porque isso é lutar pela liberdade, é uma

²²⁷ Idem, ibidem.

²²⁸ *Devemos destacar que mesmo o grupo Somos tendo feito reuniões desde 1976 na busca de se constituir como um grupo de afirmação homossexual, o mesmo só surgiria alguns meses após o primeiro número do jornal *Lampião da Esquina* em abril de 1978.

²²⁹ O PESSOAL do Somos (um debate). *Lampião da Esquina*, n. 16, setembro de 1979, p. 7-9.

puta posição política”. E concluía Paulo: “O Somos é como *Lampião*. Não tem uma posição política definida. Antes de esquerda, direita, para cima ou para baixo, somos homossexuais”²³⁰. Teria o grupo uma definição política? Ela ainda estava em processo, mas uma coisa é certa, havia uma busca, e ela era o prazer: “o nosso direito ao prazer”²³¹.

Não faltaram reportagens expressando e divulgando o surgimento de encontros entre homossexuais em busca do direito à sexualidade livre sem que isso fosse fator de violência, o direito de ir e vir, de não serem tachados, humilhados, etc. Surgindo, por exemplo, em dezembro de 1979, um fato inédito e certamente de fundamental importância para os homossexuais de todo o país. Realizou-se na sede da Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro, o primeiro encontro de homossexuais militantes, com a presença de 60 pessoas procedentes de São Paulo, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Caxias e Rio²³².

A ideia desse evento surgiria pela primeira vez numa das reuniões de pauta do jornal *Lampião da Esquina*. Os editores e os membros do Grupo SOMOS-RJ presentes nessa reunião decidiram que tinha chegado a hora de se fazer uma tentativa de organização e exposição do conjunto de pontos de vista e de ideias que começavam a tomar corpo como resultado do nascimento de grupos ativistas homossexuais por todo o Brasil. E queriam fazer isso antes que encerrasse a década de 1970, por que segundo eles tratava-se de uma homenagem aos anos que marcaram o início da “luta das minorias” oprimidas e, especificamente, da política do corpo²³³. Conseguiram seus objetivos?

A resposta é positiva, pois só a presença daquelas pessoas ali, todas com a mesma disposição de encontrar os meios para o estabelecimento de uma convivência produtiva, de uma compreensão e unidades maiores, já foi mais do que compensador. Valeu à pena sim, porque além disso, materializou-se a ideia de um segundo encontro, ou “congresso”, como decidiu a maioria, a se realizar no mês de abril em São Paulo, para debate e tomada de posição sobre várias propostas apresentadas agora e que uma comissão especialmente indicada vai transformar em temário²³⁴.

Na mesma edição um balanço do que foi esse primeiro congresso era apresentado por Aguinaldo Silva com o título “Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa

²³⁰ Idem, *ibidem*.

²³¹ Idem, *ibidem*.

²³² BITTENCOURT, Francisco. No Rio, o encontro nacional do povo guei. *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 7.

²³³ Idem, *ibidem*.

²³⁴ Idem, *ibidem*.

política”²³⁵. E aqui a pergunta que se faz é: então o jornal *Lampião da Esquina* que se dizia nem de direita, nem de esquerda, muito menos associado a partidos políticos, tinha uma política e uma luta? Sim, e isso é nítido em suas páginas, principalmente quando se percebe na fala o “nossa”, “nosso”, como apropriação e criação de ideias para o movimento homossexual no Brasil, no qual depois de um tempo o *Lampião* passaria a criticar.

Todos os grupos tinham propostas a apresentar. Mas como o Libertos/Guarulhos foi o único a fazê-las por escrito, distribuindo inclusive cópias mimeografadas a todos os presentes, ele foi o premiado. *Lampião* reproduziria as propostas desse grupo para que os leitores, segundo ele, tivessem uma ideia do nível de organização e discussão atingido no encontro da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Eram elas: um Congresso Estadual, Criação de um grupo de mobilização, e Trabalhos práticos imediatos.²³⁶

Outros congressos também foram apresentados e as críticas também não deixaram de aparecer. Um exemplo é o II Congresso da Mulher Paulista, realizado nos dias 8 e 9 de março de 1980, com a presença de mais de três mil mulheres de todas as faixas sociais, vindas dos bairros, do centro, de cidades do interior de São Paulo e de outros Estados²³⁷. Para ter uma ideia da dimensão do evento havia 600 crianças abrigadas em 12 creches e um berçário, com uma equipe para cuidar especialmente desse setor. Os subgrupos formados para discutir o temário em pauta ultrapassavam o número de 80 – só para o tema “Sexualidade” havia mais de 23 subgrupos – com uma média de 15 a 25 mulheres em cada um²³⁸. Assim, também as discussões em torno do aborto “foram ingratas e desgastantes, num embate entre católicos (apoiados pela esquerda patriarcal) e feministas: assassinato de inocentes X direito da mulher ao seu corpo”²³⁹. Aqui temos a crítica de Trevisan ao congresso, o que mostra a postura do jornal perante as “outras lutas”:

Mas não era de estranhar o espetáculo deprimente das agressões físicas. Isso mostrava como a práxis política instaurada no Congresso girava mais em torno das disputas pelo poder do que em cima de discussões realmente feministas sobre as mazelas do poder patriarcal/machista de todas as cores políticas. Era visível ali no II Congresso da Mulher o impressionante grau de machismo que grassava deslavadamente na

²³⁵ SILVA, Aguinaldo. Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 8-9.

²³⁶ Idem, ibidem.

²³⁷ TREVISAN, João Silvério. Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 6-7.

²³⁸ Idem, ibidem.

²³⁹ Idem, ibidem.

disputa de lideranças, nos conchavos, na postura demagógica e nas agressões físicas. Os personagens tinham mudado de sexo, mas a maneira de atuar politicamente era a mesma de todos os machões esquerdistas. E isso é mais uma evidência de que a discussão feminista ainda está muito atrasada neste país. Se no II Congresso não se viu uma real ruptura de padrões de fazer política, é de se desejar que isso ocorra daqui por diante.²⁴⁰

Não podia se esperar outra coisa de tal congresso, uma vez que o sexismo e as divisões binárias não só de gênero, mas das questões políticas, não interessa por não oferecer propostas ligadas ao trabalho, à economia, à educação, etc. A normalização sobre as funções sexuais é tamanha, que a mesma circula entre mulheres e homens. A apropriação de comportamentos que excluem o feminino, reiterando a masculinidade e a heterossexualidade, foi e ainda é uma das dificuldades de se romper com a manutenção da exclusão por meio dos gêneros.

Após o periódico completar dois anos de circulação, Francisco Bittencourt publicava um artigo intitulado: “Deus nos livre do ‘boom gay’”, no intuito de expor os objetivos do jornal por meio de sua fala, dizia que o *Lampião* queria reunir na medida do possível, sob uma mesma bandeira, todos aqueles que não tiveram voz até aquele momento e que sempre foram oprimidos pela sociedade ocidental. “Foi para esses párias que *Lampião* surgiu e seus editores, como homossexuais, não podiam deixar de esclarecer sua posição dentro da luta geral e do quadro reivindicatório das várias ‘minorias’”²⁴¹. A fala é um pouco contraditória, pois, em seguida Bittencourt diria que “nem em *Lampião* nem em qualquer outro lugar pretendemos impor o nosso ponto de vista. Ao contrário, o jornal não só veiculou como defendeu todas as causas minoritárias; cujos representantes, às vezes depois de muita indecisão, nos procuraram para expor”²⁴². E o que é isso se não a exposição de seus pontos de vista?!

Os editores do jornal ainda conseguiram realizar junto com outros grupos o I Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Estavam presentes os grupos SOMOS (SP), Ação Lésbico-Feminista (SP), EROS (SP), LIBERTOS (Guarulhos). AUÊ (RIO), SOMOS (RJ), SOMOS (Sorocaba) e BEIJO LIVRE (Brasília). Havia também representantes das cidades de Belo Horizonte, Vitória, Goiânia e Curitiba.

²⁴⁰ Idem, ibidem.

²⁴¹ BITTENCOURT, Francisco. Deus nos livre do “boom gay”. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 4.

²⁴² Idem, ibidem.

Havia cerca de 200 pessoas²⁴³. E mais uma vez não faltaram críticas à forma como se dava esses encontros.

Aliás, uma das características mais marcantes desse evento, segundo João Silvério Trevisan, foi a capacidade de seus participantes disputarem a “manipulação de conceitos, para com isso ganhar posições. Coisa típica da esquerda, da qual somos filhos bastardos, mas filhos. Certas palavras eram disputadas por todos, como um cetro; e ‘Democracia’ era a de maior ibope, inclusive por estar mais na moda”²⁴⁴. Dizia Trevisan, mais uma vez expondo seu ponto de vista como editor e militante: “ou mudamos a forma de atuação política baseada na petição partidário/doutrinária ou, no mínimo, teremos vários rachas no II Encontro, em 1981, e talvez até pancadaria. [...] Depois de inaugurar o novo, é preciso dar continuidade ao novo”²⁴⁵.

João Silvério Trevisan foi uma figura interessante no período. Além de editor do jornal, foi um dos fundadores do grupo *SOMOS-SP*. A sua experiência de autoexílio pela América do Norte e Latina contribuiu para sua formação, o que se tornaria já nos fins do *Lampião* um dos motivos de sua desavença com Aguinaldo Silva. Trevisan teria um sentido de atuação próximo ao anarquismo, defendendo sempre uma autonomia do desejo, o que diferenciava de Aguinaldo Silva, por exemplo, que teria sua formação fruto de outras experiências no que tange ao movimento homossexual. Podemos perceber isso no trecho no qual Trevisan aborda política e homossexualidade:

Ora, se consideramos que somos os hereges da ordem consagrada, conclui-se que dessa maneira estamos apenas transformando nossas heresias em novos dogmas, em nova ortodoxia, e utilizando os modelos de opressão sofrida por nós, para continuar oprimindo. [...] Preferimos o menor, o individual, o infinitamente específico: só atingiremos o todo se partimos da partícula menor, a mais individualizada, onde a espécie está se refletindo, criando raízes (não é mesmo, Emanuel?). Isso eu chamo de POLÍTICA MENOR, E dirão: que programa pretensioso. UTÓPICO. Sim, se quiserem saber, somos filhos de ninguém, enxotados de Cuba e

²⁴³ BITTENCOURT, Francisco. Homossexuais, a nova força. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 4. No sábado [...] foi feita a colocação dos resumos de debates do dia anterior. Foi aí que o pau quebrou feio mesmo, com muito grito e, pode-se dizer, falta de compostura, da mesa que num gesto dos mais repressores e subconscientemente fetichista e sadomasoquista colocou um sapato (na verdade uma bota de cano curto) em cima da mesa e com ele batia desesperadamente na madeira cada vez que o plenário “comportasse mal”. No meu entender essa foi uma atitude totalmente indigna (ainda que suas conotações sejam subconscientes) de um congresso que se pretendeu libertário. Idem, ibidem.

²⁴⁴ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 5-6.

²⁴⁵ Idem, ibidem.

dos Estados Unidos. E, como órfãos, habitamos a UTOPIA, terra dos sonhos possíveis²⁴⁶.

Parecia que começavam a entender os homossexuais. Porém, só parecia, pois não era o entendimento que interessava, mas sim o rompimento do interesse, de pensar o sujeito que se relaciona com pessoas do mesmo sexo como ratos de laboratórios, com nomes, prefixos, definições, classificações. Ou seja, o que adianta começarem a olhar as questões das homossexualidades, se elas vierem sempre acompanhadas dos valores morais dos discursos que a rodeiam? Ou como bem indaga ironicamente Darcy Penteado: “O que influi no voo de uma borboleta azul se em vez, de borboleta, os estudiosos a chamarem de ‘Lepidóptero Morpho Anaxabia’”?²⁴⁷

Em julho de 1980, Aguinaldo Silva apresentou sua opinião sobre o movimento homossexual, discordando do pensamento de James Green, um dos colaboradores do jornal. A fala de Silva faz com que percebamos a contraposição do seu pensamento com o de Trevisan, além de transparecer o início de uma “censura” dentro do próprio jornal, que se dizia libertário, no qual ele era editor chefe. Para onde ia o movimento homossexual? O movimento homossexual deveria ser autônomo? Era possível uma aliança entre ele e outros movimentos, organizações ou partidos políticos? Ou – indo ainda mais longe – era possível a sua filiação àquelas organizações, movimentos ou partidos políticos? Perguntava-se Aguinaldo Silva. Percebemos aqui o lugar de onde fala o editor chefe do jornal *Lampião da Esquina*:

Ora bolas, todo o mundo falou, deitou verbo e teoria. Então, deixa sair da minha cômoda posição de continuo de luxo do LAMPIÃO (é esta a função do coordenador editorial, bonecas), pra dar uma palinha sobre o assunto. Como me tornei um dos escribas, menos atuantes deste jornal - por uma questão de espaço, meus artigos são sempre os primeiros a dançar (ou a ser censurados, como preterem as colaboradoras mais mal humoradas), deixem que me apresente: não sou uma bicha histórica (não me atrevera a formar na honrosa galeria em que, para mim, têm lugar de honra as históricas Madame Satã, Marocas, Gasparino Damata, Trágica, Jeanne Eggs e nenhuma – nenhuma!, ouviram bem? – bicha de menos de 40 anos); também não sou um ativista, no sentido mais tedioso do termo, porque acho que ativismo não tem nada a ver com punheta; eu me classificaria na categoria das pessoas abespinhadas.²⁴⁸

²⁴⁶ TREVISAN, João Silvério. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 9-10.

²⁴⁷ PENTEADO, Darcy. Começam a nos entender. Mas é isso o que nos interessa? *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 12.

²⁴⁸ SILVA, Aguinaldo. Compromissos, queridinhas? Nem morta! *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 10.

Do segundo semestre de 1980 para frente, os editores do *Lampião da Esquina* passaram a criticar cada vez mais o movimento homossexual, mesmo se considerando integrante dele. Em função do documento *Teses para libertação homossexual II* assinada pela *Fração Homossexual da Convergência Socialista*, com data de setembro de 1980, perguntava Francisco Bittencourt: “O que é bom pras bichas gringas é bom pras bichas do Brasil?”. Em nada servia ao movimento esse documento Segundo Bittencourt:

Muito pelo contrário, só atuando como arma para traumatizá-lo e enfraquece-lo ainda mais. Essas teses foram escritas seguramente tendo em vista o movimento homossexual norte-americano, sua força, riqueza e independência, mas quem as escreveu viu-nos, mesmo que não tenha querido, com o seu olho de colonizador: “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”.²⁴⁹

Em seguida Darcy Penteado também apresentava sua opinião sobre o movimento homossexual ali presente no país. E mais, dava uma “direção” que as pessoas e o movimento deveriam seguir, criando sentidos de realidades que nos fazem pensar o movimento homossexual como um movimento não autônomo, sem rumo, e que estava próximo do seu fim, mesmo acabando de surgir. Ao aceitar o artigo, o jornal acaba por expor sua ideia também, por meio da fala de Penteado:

Não quero parecer fútil nem gratuitamente surrealista. Também não sou derrotista e muito menos entreguista. É evidente que a nossa situação, que é e deverá ser sempre política, só poderá resultar num movimento de esquerda, levada pela própria condição de marginalidade que a nossa preferência sexual se afigura perante qualquer poder constituído, seja ele de que facção for. Mas se é para determinar colocações, direi que estaremos sempre à esquerda da esquerda. Só não me perguntem onde é isso e como é isso, porque sinceramente não saberei responder. Não sigo cartilhas, não traço planos de ataque, não ponho cabeças a prêmio e tenho a honestidade de me reconhecer falível, portanto não procuro ser dogmático, nem dono da verdade. Defendo, isto sim, e com muita consciência, o direito ao uso do meu corpo e da minha mente. E se for para deixar aqui qualquer coisa que possa se assemelhar a uma esperança mas que é, na verdade, um alerta, repetirei o verso do poeta português José Régio: “Não sei para onde vou mas sei que não vou por aí”²⁵⁰.

²⁴⁹ BITTENCOURT, Francisco. O que é bom pras bichas gringas é bom pras bichas do Brasil? *Lampião da Esquina*, n 31, dezembro de 1980, p. 13.

²⁵⁰ PENTEADO, Darcy. Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti. *Lampião da Esquina*, n 31, dezembro de 1980, p. 14.

Após quase três anos de vida, e seis meses antes de chegar ao fim, o caminho começa a ser traçado, e as falas se tornavam cada vez mais pessoais e voltadas indiretamente para pessoas que compunham o jornal. Observemos João Silvério Trevisan reclamando também de seus artigos barrados e os motivos. Sua fala é justificada por sua trajetória:

Acho que, bem ou mal, andei tendo um caso com aquilo que se poderia chamar (sob pena de exagero) de Movimento Homossexual, no Brasil. Desde que voltei para cá, em 1976, eu andava tentando criar um grupo de discussão e confraternização por me achar extremamente isolado. Como vinha tecendo severas críticas ao autoritarismo machismo das esquerdas, sofria represálias do tipo ter meus artigos censurados em órgãos da imprensa alternativa, e era colocado no ostracismo sob acusação (velada ou não) de “desvios pequeno-burgueses”. Em consequência, eu me identificava cada vez menos com esses pretensos aliados e buscava saídas novas. Minha longa história de escaldamentos me levava fundamentalmente a acreditar que a transformação e uma instância mais necessitada de humildade do que se diz. Por exemplo, descobri que ela começava na minha cozinha e no meu rabo - periferias do poder. Mas do dizer que, antes de qualquer intenção revolucionária, era a insuportável solidão que me movia – essa mesma que nenhuma resolução resolverá. Aliás, na minha peregrinação pelo continente americano, eu aprendera que “o primeiro ato revolucionário é sobreviver”. A sobrevivência do indivíduo contra as máquinas que o enquadram, por todos os lados ²⁵¹.

A repressão e as críticas ao jornal apareceriam após o seu posicionamento sobre a sociedade do período, principalmente no que tange à sexualidade e ao movimento homossexual. *Lampião da Esquina* se propôs assumir a organização do II Encontro de Grupos Homossexuais Organizados. No dia 3 de janeiro de 1980, cinco grupos de São Paulo (*SOMOS*, *Ação Lésbica Feminista*, *Fração Homossexual da CS*, *Terra Maria* e *Alegria Alegria*) divulgam, conjuntamente, uma carta enviada a todos os congêneres do país, na qual se põem a discordar que a organização do encontro seja assumida pelo jornal *Lampião*, alegando entre outras coisas que a desistência da comissão carioca se originara num “conflito” com o próprio periódico, que a organização não tinha sido transferida para o jornal e que este, como órgão de imprensa, “não poderia, ao mesmo tempo, caracterizar-

²⁵¹ TREVISAN, João Silvério. O ativismo e o abismo dos nossos desejos. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 16. Ver também: SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. 2011. 187f. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011...; _____. *Poéticas do desejo: a ruptura do interdito lida em três contos de João Silvério Trevisan, de 1976*. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

se como grupo e promover o evento, sob risco de monopolizar não só os fatos como as informações”.²⁵²

Como foi esse evento? Aristides Nunes relata:

No dia 6 de dezembro dezessete grupos organizados, entre eles o *Lampião*, realizaram no Teatro da Casa do Estudante Universitário, no Rio, a reunião prévia para o IIº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados. Apesar do esforço da Comissão Organizadora do Encontro feito no sentido de impedir que os grupos de São Paulo trouxessem para dentro da prévia as suas divergências políticas, foram os próprios grupos do Rio que tumultuaram as primeiras horas de reunião. [...] Em seguida falaram representantes dos grupos GATHO-Recife (atualmente com 15 pessoas em média), Auê/Rio (com 17 membros), Eros/SP (com 15 pessoas fixas), Bando de Cá/Niterói (15 pessoas, mas apenas cinco trabalhando), GOLS/ABC (8 membros), Libertos/SP 915 membros), Somos/Rio (20 membros fixos e 15 flutuantes), Fração Gay da Convergência Socialista (13 pessoas, sendo que 5 mulheres e 8 homens); Grupo Gay da Bahia (17 pessoas fixas), Somos/SP (35 elementos), Terra Maria (10 pessoas), Alegria Alegria (10 membros), Grupo Ação Lésbica-Feminista (8 mulheres fixas e 15 flutuantes) [...] Depois da apresentação dos grupos a situação mudou. A mesa permitiu que um membro do Somos/RJ lesse uma “Carta Aberta ao Movimento Homossexual”, com críticas ao jornal *Lampião*. Perplexos, os membros dos outros grupos não entendiam nada e mais perplexos ficaram quando outro membro do Somos/RJ se levantou e pediu a expulsão dos dois representantes do jornal na reunião prévia (Alceste Pinheiro e Aristides Nunes). Durante quase três horas ficou-se discutindo se os representantes do jornal ficariam ou não, em detrimento da pauta proposta pela Comissão Organizadora que era de tirar uma pauta para o Encontro. Perdeu-se muito tempo nas discussões e por fim ficou decidido por 23 votos contra 11 que o *Lampião* permaneceria na reunião²⁵³.

O jornal *Lampião da Esquina* caminhava para o fim. Após três anos e três meses de circulação chegaria às bancas em junho de 1981 a última edição do periódico. Com uma postura à margem em todos os sentidos, tanto no que tange à sexualidade quanto aos movimentos sociais, vários fatores contribuiriam para que chegasse ao seu final. Além do início da abertura que possibilitou que a grande imprensa passasse a publicar o que antes só a imprensa alternativa publicava, bem como a apropriação das homossexualidades como um produto a vender nas bancas, outros problemas internos também contribuíram. João Silvério Trevisan em seu livro *Devassos no Paraíso* dizia que o poder editorial do jornal

²⁵² MATTOSO, Glauco. Acuda, Janete! *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 4.

²⁵³ NUNES, Aristides. Na reunião dos grupos, os reflexos da crise. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 15. Ver também: RIBONDI, Alexandre. Notas sobre um coquetel de ódio. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 15; NUNES, Aristides. Jogaram bosta no II EGHO. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 18.

estava na mão de uma ou de duas pessoas, no caso Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt, no Rio de Janeiro, e que ambos decidiam o que seria ou não publicado, havendo total divergência de ideias entre os editores. E completa dizendo que o jornal começava a se assemelhar com o sensacionalismo ao tratar das travestis em suas páginas, e ainda, que houve um rompimento com as políticas no que diz respeito aos movimentos homossexuais e às homossexualidades²⁵⁴.

Trevisan esboça bem as suas causas e o que pretendia abordar, sendo autoritário algumas vezes por não concordar com ideias que não se assemelhassem às dele. Um pouco da sua escrita “pesada” – termo usado por alguns leitores – acabava por criar críticas contra o jornal, tornando-se ele vítima de sua própria crítica. Cobrava um leitor do jornal:

[Queremos] Uma imprensa mais atualizada e não este jornal para ler na cama... de quem tem tempo e não nós: domésticas, serventes, garçons, cozinheiras de madame e mais e mais. Tá certo que cuidem do lado de vocês bem nascidas, instruídas, porém sem esquecer de nós que também compramos o jornal para pagar os gastos com estas reportagens quilométricas. Parem e pensem. ²⁵⁵

Percebe-se a crítica ao periódico pelo seu formato elitista, julgamento que sofreu por algumas outras vezes. Devido o fato de ter sido fundado por intelectuais de classe média, para alguns, *Lampião da Esquina* tinha o ar de *coluna burguesa*, direcionada apenas para as pessoas capazes de absorver suas informações. Se a escrita era demasiada complicada, ou os artigos e as discussões pudessem não trazer clareza para alguns, isso não apaga a função que o periódico assumiu e apresentou enquanto imprensa alternativa. Creio que o jornal não tinha a intenção de publicar e atingir apenas outros intelectuais, mesmo porque podemos observar nas suas matérias e na coluna *Cartas na mesa*, a presença de trabalhadores, prostitutas, *michês*, travestis, etc.

Além disso, observa-se que o jornal *Lampião da Esquina*, ao tratar as homossexualidades de forma não universalizante, e não só relacionando-a com a heterossexualidade, mas com várias estruturas da sociedade, contribui para romper com o binarismo de gênero, pautado na relação homem/mulher, heterossexual/homossexual. Constrói por meio de suas páginas a multiplicidade que as homossexualidades podem atingir, e não só, apresenta a diversidade da violência sobre essas variedades de desejos.

²⁵⁴ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p.362-363.

²⁵⁵ FERREIRINHA de Aracajú. De assunto só. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 2.

Exatamente como nós, aqui de casa: o *Lampião* - não esqueçam jamais, queridinhas – foi o primeiro grupo de ativistas homossexuais surgido no Brasil; foi o primeiro a se propor uma tarefa concreta - a publicação de um jornal específico - e a cumpri-la integralmente. Assim, nós não vamos, em nenhum momento, renunciar à nossa condição de ativistas; quanto mais não fosse, porque não ficamos apenas na teoria, mas nos entregamos fisicamente às nossas tarefas; quem duvidar que leia com atenção as matérias do número anterior sobre prostituição masculina, ou deste número, em que falamos de masturbação.²⁵⁶

Não podemos deixar de considerar o papel social político do *Lampião da Esquina* no momento em que se encontrava o Brasil em fins de ditadura militar, tanto nas questões que abrangiam a política partidária, quanto às questões voltadas para (homo)sexualidades e a imprensa alternativa. Um jornal que se posiciona fora de qualquer partido, em busca de uma causa que não é nem maior nem menor, e que talvez nem seja uma causa, mas sim um direito que era para ser simples se não fosse o poder vigente, que mantém e reconstrói diariamente a imagem da antinorma e da norma, por consequência. A norma precisa do *outro*. “O gesto que instaura a norma produz também um domínio de corpos excluídos e abjetos, os quais servem de fronteira ou de limite de inteligibilidade. Assim diversas manifestações das sexualidades são, desta forma, consideradas ininteligíveis, irreconhecíveis e inviáveis.”²⁵⁷ O *Lampião* surgiu para, além de dar visibilidade aos homossexuais e oprimidos, também mostrar que eles tinham voz e existência política e social.

²⁵⁶ SILVA, Aguinaldo. Lampiônicos: ativistas, astronautas? *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 12.

²⁵⁷ ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun. 2006, p. 52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a04v9n1.pdf>>. Acesso: 17/04/2013.

CAPÍTULO 2

SEXUALIDADES FORA DA NORMA E MARGINALIDADE

*Por que caminhos você vai e volta?
Aonde você nunca vai
e que esquinas você nunca para?
À que horas você nunca sai?
Há quanto tempo você sente medo?
Quantos amigos você já perdeu?
Entrincheirado vivendo em segredo
e ainda diz que não é problema seu/
perdido em números de guerra
rezando por dias de paz
não vê que a sua vida aqui se encerra
com uma nota curta nos jornais/
Eu vivo sem saber até
quando ainda estou vivo
Sem saber o calibre do perigo
Eu não sei, da onde vem o tiro.*

O Calibre – Herbert Vianna

2.1 “EM CIMA DO SALTO”: AS TRAVESTIS

Pretendemos nesse segundo capítulo analisar por meio do *Lampião da Esquina* o tratamento da chamada grande imprensa e da imprensa alternativa dada às homossexualidades e aos crimes/repressões cometidos contra os homossexuais. Desta forma, torna-se possível observar a importância do *Lampião da Esquina* como ferramenta política, como jornal alternativo voltado para um público específico naquele período, e sua relação com outros periódicos ao tratarem as homossexualidades.

Percebe-se em certos periódicos algo aparentemente inofensivo – como a zombaria, o que também se configura como forma de violência, “inoculando representações com vistas à conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade”.²⁵⁸ E a maneira como *Lampião da Esquina* se apresenta em relação a esse tratamento dado aos *excluídos* por outros veículos da imprensa é o que nos interessa. Pensando que:

O excluído é produzido no discurso: seu lugar é o silêncio que, em termos sociais muito concretos, realiza-se na injustiça de não poder existir. Essa diferenciação precisa ser analisada e desmontada. Somente aí é que algo como a liberdade de

²⁵⁸ SOIHET, Rachel. Forma de violência, relações de gênero e feminismo. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 7-26. 2002. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/452/327>>. Acesso: 27/05/2013.

existir como se é entrará em cena. Não apenas porque existe muitas pessoas fora das classificações, mas porque é preciso desmontar as classificações para dar lugar à expressão singular contra todo um campo da experiência silenciada, e, assim, proibida de existir ou condenada à morte.²⁵⁹

É perceptível que certas coisas mudaram no país naquele período. No tocante à questão homossexual, algumas novidades poderiam ser apreciadas, apesar dos aparelhos repressores, inclusive oficiais (um exemplo seria o inquérito contra *Lampião*, da Polícia Federal), estarem ali para garantir a hipocrisia vigente. Por muito tempo vigorou a atitude do pode ser e fazer, mas não pode falar.²⁶⁰

Isso fica claro, por exemplo, quando na série *Os Comunicadores*, da TV Tupi, a apresentadora Marisa Urban entrevista algumas travestis, e seu programa é proibido de ir ao ar, enquanto aos sábados à tarde a *TV Bolinha*, da Rede Bandeirantes “(uma das maiores curtições da TV, quem tem senso de humor não deve perder) apresenta travestis de todos os tipos, formatos e cores, com o atenuante de que os meninos cantam, dançam, pintam e bordam como se de fato fossem elas”²⁶¹. Porém, mesmo neste veículo muito vigiado pela censura, há algumas exceções. Flávio Cavalcanti, em julho de 1979, mostrava a capa do *Lampião da Esquina* num programa que debatia os rumos da tomada de consciência dos homossexuais brasileiros. No mesmo período, em agosto *O Globo* publicava a entrevista do diretor Daniel Filho em que se anunciava que um dos capítulos da série *Malu Mulher* trataria da homossexualidade feminina.

O Repórter publicaria, em maio de 1979, uma matéria assinada por José Antônio Nonato, no qual pela primeira vez as travestis não foram apresentadas apenas como motivo de “curiosidade” machista. Em quatro páginas abertas inclusive para grandes fotos, *O Repórter* usou, segundo *Lampião da Esquina*, uma linguagem “escancarada que nenhum jornalista brasileiro sequer sonharia em usar há um ano atrás. Ainda que a abordagem e tratamento tenham sido superficiais [...] trazem a marca das tarefas cumpridas até o fundo, sem as cicatrizes tão nossas conhecidas da auto-censura”.²⁶²

Mas nem toda a grande imprensa utilizou-se da visibilidade das novas discussões para algo não pejorativo. O jornal *Estado de São Paulo* publicava nos dias 28 e 29 de março duas reportagens em que, com a escusa de prestar serviços públicos, e tendo como

²⁵⁹ Entrevista de Judith Butler. In: TIBURI, Marcia. Dossiê: Judith Butler. Feminismo como provocação. *Revista Cult*, n. 185, p. 20-43, 2013, p. 23.

²⁶⁰ Cf. CHRYSÓSTOMO, Antônio. O céu está caindo? *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 4.

²⁶¹ Idem, *ibidem*.

²⁶² Idem, *ibidem*.

ponto de partida um crime cometido por travestis numa zona residencial de São Paulo, comentava a invasão destes nas ruas da Capital e alertava a população para “o perigo das travestis”. As reportagens revoltaram muitas pessoas, porque um jornal que sempre evitou referências às homossexualidades em suas páginas fazia-o então, mas de forma incitadora à violência, sensacionalista, como qualquer dos seus colegas da imprensa marrom²⁶³.

A matéria do *Estado de São Paulo* não propunha qualquer solução além da repressão policial às travestis. Um discurso e uma ação desse tipo é algo que se torna perigoso, uma vez que é preciso ter em mente que numa civilização como a nossa em que “os justiceiros voluntários estão sempre prontos a entrar em ação, à espera de um sinal apenas, em nome de um ideal qualquer, ou simplesmente à procura do prazer de uma aventura sádica, principalmente quando acobertadas e garantidas pelo sistema”²⁶⁴. Quantos homossexuais já não foram assassinados assim?

A maneira como as travestis eram tratadas naquele período pode ser observado também por meio do filme *Meu amigo Cláudia*, no qual é apresentada a história de vida da travesti Cláudia Wonder. Destaquemos aqui um trecho para que possamos complementar a análise sobre a violência contra as travestis e perceber também as suas direções:

Eu tinha 15 anos exatamente. E fui onde diziam boate de puta, que era os cabarés que tinha na boca do luxo. Aí, cheguei lá entrei na boate e tal, aparentava mais velho, mesmo que eu rasurei a carteira de trabalho pra 18 anos. Na saída da boate. E o prazer não era nada, não era caçar, o prazer era... O meu prazer era de tá de mulher. Um cara falou assim: ‘ei você aí e tal’, comecei a conversar... sou travesti. Ata me acompanha. Era um polícia. Tiraram minha roupa de mulher e me deram uma roupa de mendigo pra vestir, era uma roupa de mendigo. Me colocaram no xadrez junto com os outros presos lá, um chiqueiro lá. Eu fiquei 15 dias dentro desta prisão. Depois de 15 dias me soltaram e depois eu fiquei sabendo que foi meu pai que me mandou me deixar presa. Não questionava muito a educação que eles me davam, eu é que estava errada. Eu achava que eu que estava errada que eu merecia. Consciência política, consciência de direito, só veio depois.²⁶⁵

Em relação às homossexualidades masculinas, outras falas podem ser destacadas em produções cinematográficas brasileiras atuais, como, por exemplo, o depoimento de Luiz Carlos Muños para o documentário *Bailão*, dirigido por Marcelo Caetano, 2009, quando diz que:

²⁶³ PENTEADO, Darcy. Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matam e comam os travestis. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 2.

²⁶⁴ Idem, ibidem.

²⁶⁵ Fala de Cláudia Wonder no filme *Meu amigo Cláudia*. Direção de Dácio Pinheiro, 2013.

Eu fui criado numa sociedade onde ser homossexual era ser criminoso, era ser pecaminoso, uma coisa feia, uma coisa que não se conta uma coisa vergonhosa. Então, o meu desejo foi levado... meu desejo ele foi ensinado a se manifestar somente em situações ligadas à marginalidade: Noite! A palavra noite é feminina já notaram? Dia é masculino: claro, luz, razão, precisão! Noite é feminina: escura, obscura, indefinida, marginal!... Então, meu desejo foi educado para ser avivado em locais tipo barzinhos à noite, becos escuros, saunas... Os tipos de caras que me atraem são caras assim, mais ou menos, que lembram esse ambiente, submundo de coisa assim²⁶⁶.

Essa imagem dos homossexuais, mostrada o tempo todo neste trabalho, também foi mantida e incentivada pela imprensa do período, que estava repleta de preconceito e machismo. As travestis, sujeitos que foram construídos e relacionados a algo nocivo para os padrões estabelecidos de homem e mulher, não deixaram de fazer parte desse ódio. Isso era perceptível ao olharmos para o *Lampião da Esquina*. “Limpador de esgoto, travesti de *baby-doll*, mendigo incômodo, bêbado chato, quem usar cadeira de rodas, tiver aspecto repugnante ou doença infecto-contagiosa, aconselha-se a ficar fora do metrô”. A recomendação era feita pelo *Jornal do Brasil* em sua edição de 8 de abril de 1979, que se baseava no Regulamento de Transporte, Tráfego e Segurança destinado ao usuário do metrô carioca e aprovado pelo Governador Chagas Freitas. A crítica do *Lampião da Esquina* àquela matéria era simples: tentava discutir os artigos mais rigorosos, para concluir, ao final que as “minorias” não cabiam no metrô.²⁶⁷

Outra imagem atrelada às travestis e aos homossexuais foi a figura do bandido, do assassino e também da vítima. A chamada imprensa marrom, sensacionalista, que trazia matérias sempre com pouca discussão e apoiada em um discurso do senso comum, hostil, conservador e apelativo foi responsável por ajudar a construir o pensamento de combate ao *outro* que se difere *de mim*. Em agosto de 1978, Glauco Mattoso apresentaria uma crítica feroz ao jornal paulista *Notícias Populares*, dizendo para tomar cuidado com ele, porque caso espremesse era perigoso sair sangue, uma referência às matérias de assassinatos no jornal. Em oito dias, só no mês de julho de 1978, o *Notícias Populares* estampou manchetes de primeira página envolvendo homossexuais, das quais seis eram destaque principal da edição. Eram as seguintes: “Homossexuais sequestram 2 irmãos em

²⁶⁶ In: MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013, p. 299-334.

²⁶⁷ SILVA, Aguinaldo. Todo mundo pro banheiro! *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 4. Queremos destacar que ao buscar essa edição no acervo digital do *JB*, a mesma é uma das poucas não disponível.

SP” (dia 11); “Mãe acha que travestis mataram um dos filhos” (dia 12); “Homossexual é suspeito de ocultar um crime” (dia 13); “Escapei do inferno dos homossexuais” (dia 18); “Polícia caça homossexual sequestrador” (dia 20); “Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo” (dia 21); “Mistério; homens que se casaram sumiram” (dia 21); “Lésbica matou Dulcinéia que lhe negou amor” (dia 31). O teor dos subtítulos e entretítulos são o mesmo também: “Máfia do Sexo age na Boca do Luxo da cidade”; “Corrupção e tóxicos na rota dos sequestradores”; “Drogado no cárcere privado”; “Ia ser vendido no Rio ou Bahia”; “200 quilos de maconha na rota dos mafiosos”; “Carlinhos teria sido vítima dos travestis” etc.²⁶⁸

A tudo isso, alguém pode retrucar: – Ah, mas essa é a imprensa marrom! Tá. Uma imprensa que, por definição, explora o sensacionalismo e, portanto, é distorção do começo ao fim. Uma imprensa que lesa o trágico aos limites do grotesco e, portanto, não pode ser levada a sério. Mas é como quem diz: pra que procurar uma ou outra distorção, onde tudo é distorcido? Pra que se preocupar com uma fonte sabidamente desacreditada? Pois aí que está o perigo: subestimar a importância de um veículo desse tipo²⁶⁹.

Com esse título “Sapatão vira homem e bicha vai ser mulher”, o diário carioca *A Luta Democrática* estampava a edição de 11 de março. À primeira vista, tratava-se de mais uma brincadeira da “Turma da Xavasca”, como se autointitulava os integrantes desse jornal, mas na realidade a manchete referia-se à estranha aprovação, pela Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei legalizando a ablação de órgãos genitais masculinos, em indivíduos comprovadamente transexuais, de autoria do deputado José de Castro Coimbra (PDS-SP)²⁷⁰. Assim, a construção histórica que cria criou o gênero atrelado ao “corpo biológico” como que se tatuado desde o nascimento do sujeito, transforma o transexual em aqueles que buscam tecnologia para modificar esse gênero tatuado.

Os corpos não contêm nenhum sexo e nenhuma performance definida, mas se constituem no modo como são vividos em uma potencialização política heterocentrada: medicalização, cirurgias, ornamentação, indústria pornográfica, tecnologias jurídicas e midiáticas, congressos científicos etc. Essas políticas mais que regular os corpos, os maquinizam. Corpo é gerenciamento biopolítico, gestão (calculada) sobre os fluxos da vida.

²⁶⁸ MATTOSO, Glauco. Não me espreme que eu sangro. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 5.

²⁶⁹ Idem, *ibidem*.

²⁷⁰ MOREIRA, Antônio Carlos. Como num conto de fada. *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

Definiu-se que o corpo tem sexo e os usos diferenciados que se devem fazer dele.²⁷¹

Segundo o jurista Laércio Pelegrino, essa alteração da lei que iria permitir as operações de mudança de sexo era extremamente oportuna, pois atendia a uma realidade social vigente no Brasil. Lançaria então a defesa de cada indivíduo dispor de seu próprio corpo, da maneira que melhor lhe conviesse. Desde que fossem do sexo masculino, como explicita a lei. Algumas contradições apareciam aí em relação às travestis. Se por um lado pretendiam permitir a mudança de sexo a quem interessasse, por outro se mantinha a repressão àqueles que preferissem apenas caracterizar-se como os do sexo oposto, tal qual vieram ao mundo. Nesse suposto avanço jurídico, a tal realidade social era vista parcialmente, com as travestis ficando de fora. Aliás, quantas travestis não foram presas pelo Dr. Richetti (SP) ou pela 3ª DP/RJ, na noite após a aprovação, pela Câmara, do projeto?²⁷².

Estas atribuições ou interpelações alimentam aquele campo de discurso e poder que orchestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito como “humano”. Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados. É sua própria humanidade que se torna questionada. Na verdade, a construção do gênero atua através de meios *excludentes*, de forma que o humano é não apenas produção sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural.²⁷³

Pensar o corpo sem necessariamente um “sexo fixo” é algo perceptível também por aqueles que preferiram não unificar seus corpos. Ao mesmo tempo em que não se adaptar à norma heterossexual pode gerar preconceito entre esses mesmos sujeitos. A travesti Claudia Wonder expressa muito essa “binaridade” de gênero e a exclusão sobre tudo aquilo fora desses binômios.

Essa coisa GLBT aí existe um grande preconceito entre as pessoas ditas assim discriminadas entendeu?! É o gay que não gosta de travesti. É travesti que não gosta de sapatão. É transexual que não gosta de ser

²⁷¹ MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 197-207. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/22.pdf>>. Acesso: 30/03/2013.

²⁷² MOREIRA, Antônio Carlos. Como num conto de fada. *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

²⁷³ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 161.

confundida com travesti. Quer dizer, tudo isso é gerado pela homofobia internalizada de cada um entendeu?! Por que no fundo ninguém que ser viado, ninguém que ser sapatão sabe?! Todo mundo quer parecer bonitinho, limpinho, sabe como é que é?! Quanto mais parecido com hetero, mais você fica assim como eu disse, limpinho. Porque que eu tenho que parecer hetero? Porque que eu tenho que parecer mulher? E não posso parecer uma caminhoneira ou um caminhoneiro? Porque que eu não posso ser travesti? Porque que eu não posso ser os dois em um? Radio e gravador, entendeu? Pra mim não existe essa coisa ‘ah travesti não é homem nem mulher’. Não. Ao contrário meu amor, eu sou homem e sou mulher, sabe?! Eu sou os dois, um casal que vive em paz, que não brigam nunca.²⁷⁴

2.2 FALANDO DA BIXÓRDIA: AS HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS

Além do *Estado de São Paulo*, o *Jornal do Brasil* também foi um periódico frequente no *Lampião da Esquina*; críticas não faltaram por parte dos editores, que diziam que havia nos corredores do *JB* uma proibição expressa a qualquer referência às homossexualidades em suas páginas. Na seção *Bixórdia* de outubro de 1979, *Lampião* publicaria ironicamente um anúncio de um homem a procura de outro homem, e que fosse de boa aparência, bastante forte, para tomar conta de um pequeno apartamento de solteiro e fazer serviços de limpeza etc., de preferência que tivesse trabalhado em serviços de segurança e que pudesse servir de companhia e morar com o proprietário. O anúncio tinha saído nos classificados do *JB*. Mesmo com a proibição, segundo *Lampião da Esquina*: “quando se trata de anúncio, não tem princípios tão ríspidos assim. Pagou, levou...”²⁷⁵.

A maneira como a grande imprensa tratava o assunto das homossexualidades não foi percebida apenas pelo jornal *Lampião da Esquina*. Em uma carta enviada ao jornal *Lampião*, um leitor expressaria sua indignação e tentava por meio dela protestar contra a intolerável discriminação do *Jornal do Brasil* em relação aos homossexuais. No dia em que o leitor escrevia (05/10/1979), o matutino em questão estampava na primeira página uma notícia na qual o Papa condenava a permissividade e pontos tais como o controle artificial na natalidade, o aborto, a atividade sexual fora do casamento, a eutanásia e a prática da homossexualidade.²⁷⁶

Até mesmo no caderno de esporte do *Jornal do Brasil* o machismo e o preconceito estavam expostos, além, é claro, dos pensamentos que conservam essas noções. Para o cronista esportivo do *JB*, José Ignácio Werneck, futebol não era coisa para homossexuais,

²⁷⁴ Fala de Claudia Wonder no filme *Meu amigo Cláudia*. Direção de Dácio Pinheiro, 2013.

²⁷⁵ BOM mesmo é carne de homem. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 17.

²⁷⁶ PRAZERES, O. dos. Papa and Papas. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 18.

para ele, os homossexuais deveriam dedicar-se somente a atividades mais adaptáveis ao seu comportamento, tipo cabelereiro, manicure, pedicure, calista, costureiro. E ainda dizia que era preciso aos clubes reformularem as escolinhas de futebol, entregue em grande parte, segundo ele, a incompetentes homossexuais²⁷⁷. Assim, aquilo que se entende por masculinidade, construída por processos de incorporação e negação de padrões vigentes na sociedade, que elimina aquilo que se entende por feminilidade, exclui os homossexuais por eles serem sujeitos que a ameaçam, devido ao fato de sua imagem ser atribuída a características dadas historicamente como femininas. De tal modo que a masculinidade ou a virilidade:

Encontram seu princípio, paradoxalmente, no *medo* de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de se ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados”. [...] A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.²⁷⁸

A imprensa alternativa também foi criticada, e não só pela imprensa gay, mas por alguns movimentos, como o feminista²⁷⁹ e negro no país, além do homossexual. Um dos pioneiros desse tipo de imprensa no Brasil, o jornal *O Pasquim*²⁸⁰ também foi figura marcante nas páginas do *Lampião da Esquina*. O periódico teve suas edições iniciadas por volta de 1969, no Rio de Janeiro, e se interessou em “direcionar suas críticas não só aos aspectos econômicos do regime, mas também em fazer uma contestação cultural mais ampla, ousando empregar expressões da gíria carioca, e misturando discussões políticas”²⁸¹.

A maneira como *O Pasquim* tratava não só os homossexuais, como as mulheres, apresentando-se de forma machista e preconceituosa faz com que pensemos que, mesmo a

²⁷⁷ PINHEIRO, Alceste. Noticiários esportivo. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 5.

²⁷⁸ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 66-67.

²⁷⁹ *O Pasquim*, o qual, ao mesmo tempo que se opunha ao regime por meio da ridicularização, voltava sua mordacidade igualmente para as mulheres que haviam se decidido pela luta por seus direitos, ou àquelas que assumiam atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Ridicularizava as militantes utilizando-se dos rótulos de “masculinizadas, feias, despeitadas”, quando não de “depravadas, promíscuas”, rótulos através dos quais tais articulistas conseguiam grande repercussão. Cf: SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Revista Art Cultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, 2007.

²⁸⁰ **O Pasquim* segundo o jornal *Lampião da Esquina*, também tinha proibido falar de homossexualidade e do próprio em suas páginas. Cf. BITTENCOURT, Francisco. Um bonde chamado prazer. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 4.

²⁸¹ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 70.

imprensa que se dizia alternativa, era apenas em algumas formas de atuações, que não estavam ligadas ao prazer, ao corpo, ao desejo, pois pensava tratar de questões insignificantes, resquícios da burguesia, assim como para a grande imprensa do período²⁸².

Dois meses após seu lançamento, por exemplo, *Lampião da Esquina* publicou uma nota que tinha sido noticiada no *O Pasquim*, na qual o jornalista Roberto Moura chamava o periódico de *A luz tosca do Lampião* e ainda, chamaria o de *jornal das tias*, após Antônio Chrysóstomo tê-lo criticado no número um do *Lampião*.²⁸³ A resposta viria em seguida assinada pelo coordenador chefe do jornal, Aguinaldo Silva; essa relação de “ataques” se deu por quase todo o tempo em que o *Lampião da Esquina* era publicado:

Assim acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel neste jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. É parte do nosso papel, igualmente, responder à altura às provocações do tipo Roberto Moura (LAMPIÃO n.º 2). Fazer ironia velada ou não em torno da homossexualidade velada das pessoas sempre foi uma prática de alguns representantes da imprensa machista que, para isso, contam sempre com a cumplicidade do silêncio: os atingidos, com medo que a repercussão fosse ainda maior, preferiram, à resposta, ficar recolhidos à sua suposta insignificância. Nossa posição é oposta: se nos chamarem de bichas respondemos que somos mais que isso — somos trichas. Mas... (E há sempre um mas... na vida de qualquer machão), aproveitaremos a ocasião para recolher do nosso vastíssimo arquivo, ciosamente organizado pela fera Rafada Mambaba, duas ou três coisas que sabemos — e sempre saberemos — sobre o autor da ironia. Assim, por todas essas coisas. Ficam os possíveis desafiados avisados: em matéria de imprensa, os jornalistas que fazem *Lampião da Esquina* sempre adotaram a posição ativa, ativíssima. Alguma dúvida?²⁸⁴

Por um momento, *Lampião da Esquina* se dirigiu de forma positiva ao *Pasquim* mostrando seu apoio quando o assunto tratou de apreender jornais e processar jornalistas. *O Pasquim* teria seu número de 559 aprendido, “sob alegações nebulosas, como a exibição de partes pudendas de homens e mulheres, além de uma charge muito do sem-graça sobre

²⁸² O texto abaixo saiu na seção cartas do *O Pasquim*, em resposta à mensagem de um de seus leitores. “Sabe donde estou lidando com tua carta, Osva? Do mictório público de Piccadilly, onde acontecem coisas que até o Norival-Cheio-de-Varizes, aquele que politizou todo o corpo editorial das revistas *Mundo Gay* e *Lampião* repudiaria como nefandas abominações! Isto foi a coisa mais importante que aconteceu em tua vida. Vadinho não é triste, não é chato? Sabe como é o corpo editorial das revistas *Mundo Gay* e *Lampião*? Igual a qualquer Outro, só que com uma bunda DESTE TAMANHO! Cf. OS Múltiplos talentos de Ivan Lessa. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 4.

²⁸³ Cf. CHRYSÓSTOMO, Antônio. As meninas frenéticas. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 11; MOURA, Roberto. Dica. O “Pasquim nuslê”. In: *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 4.

²⁸⁴ SILVA, Aguinaldo. As palavras: para que temê-las? *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 5.

o primeiro aniversário da Abertura do governo Figueiredo. As bichas do Lampião se solidarizam com a macharia do *Pasquim*”.²⁸⁵

Ziraldo, chargista do jornal *O Pasquim*, foi um dos sujeitos com uma das seções que mais receberam críticas não só da imprensa gay, mas também do movimento feminista. Mesmo que aqui não pretendamos analisar a questão feminina, observar sua exclusão e a manutenção do machismo por meio do discurso de um jornal de grande representatividade é também observar o machismo como violência. A crítica do uso do corpo da mulher como produto de venda nas capas desenhadas por Ziraldo foi motivo para que uma representante da Comissão de Contra-informação do Coletivo de Mulher escrevesse uma carta repudiando *O Pasquim*.²⁸⁶

Naquela conjuntura, além das demandas pelos direitos sociais, novas questões foram colocadas pelas mulheres em suas pautas de reivindicações, distintas daquelas de feminismos anteriores, expressando o momento histórico em que estavam inseridas. As “políticas do corpo” assumiram naquele instante um caráter significativo. As reivindicações manifestavam-se em favor dos direitos de reprodução, as mulheres buscavam a plena assunção do seu corpo e de sua sexualidade (aborto, prazer, contracepção) e insurgiam-se contra a violência sexual, não mais admitindo que esta fosse uma questão restrita ao privado, cabendo a sua extensão ao público. E esta não foi uma empresa fácil, já que as mulheres eram formadas em uma cultura na qual não poderiam dispor livremente de sua sexualidade.²⁸⁷

Não se pode negar o papel social que *O Pasquim* desempenhou no campo da produção jornalística, como um veículo de visibilidade e de voz de certos grupos, e isso pode ser visto e reconhecido quando o próprio *Lampião da Esquina* parabeniza o jornal pelos seus dez anos, em 1979. Sendo contra qualquer tipo de institucionalização, e nem querendo ser os guardiões e defensores de nenhum sistema, utópico ou não, não podiam por isso deixar de festejar a resistência do *Pasquim*. Que “estes dez anos, sempre se jogou de corpo inteiro na luta. Se pisou em falso algumas vezes e se a seguir teve algumas

²⁸⁵ CHRYSÓSTOMO, Antônio. Bichas de QI alto querem doar sêmen. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 10.

²⁸⁶ Cf. CAIAFA, Janice. A ironia de um certo humor. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 7; RECADOS para Lampião. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 14. Nesta edição a crítica viria a charge feita por Ziraldo de uma matéria do jornalista Sérgio Augusto sobre a manifestação feita por mulheres no Rio de Janeiro contra um jornalista do *Jornal do Brasil* que tinha molestado uma funcionária, e que apresentaremos mais adiante. “Para um jornal que tanto sofreu por causa da Censura, como o *Pasquim*, foi uma coisa imperdoável. Ziraldo tentou se explicar, mas não deu – não dava mesmo. Qual é a tua, Zizeitê? De tanto ver os homens em ação aí no Rio o *Pasquim* acabou aprendendo?”

²⁸⁷ SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*. Op. cit., p. 42.

recaídas, sua atuação nos momentos de combate foi muito mais importante. Afinal, ninguém é perfeito. Nem nós”.²⁸⁸

É importante perceber nessa análise das representações por meio de um veículo como o jornal impresso – gay ou não –, as ponderações existentes dos editores falando do próprio periódico. Francisco Bittencourt não poupou críticas a João Silvério Trevisan, ao mesmo tempo em que construiu por meio de sua fala como enxergava o caminho que o jornal tinha tomado após quase dois anos. As práticas que motivaram as escritas, e as próprias experiências e diversidade de ideias dos editores contribuíram para que elas se modificassem com o tempo.

Dizia ele que a seção *Troca-Troca*, ao descrever as características dos leitores que trocavam suas cartas: *adulto, jovem, bonito, 23 anos, universitário*, só faltava mesmo dizer *branco*. Tratava-se na verdade, segundo ele, “de formar um conceito eugênico de gueto que é muito pior do que o de elitismo cultural. Da mesma forma, na seção *Cartas na Mesa*, foi-se formando aos poucos um clima paternal, de passar a mão na cabeça, que nada tem a ver com os editores do jornal e que surgiu, pode-se dizer, apesar deles”²⁸⁹. Para ele, o discurso do jornal se assemelhava com o da imprensa machista do *Pasquim*, e dando a entender indiretamente uma *falsa militância* por meio do *Lampião*.

Por outro lado, alguns colaboradores, trouxeram para as páginas de *Lampião* um discurso ou uma terminologia que está dentro da filosofia do Jornal, mas que vem sendo usado de maneira tão adolescente e antiga que parece mais apenas para *épater les bourgeois*. Palavras como sapaton e viado estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativas, mas de duas faces, e de um acento machista, que lembra muito o *Pasquim*. Seremos incorrigíveis? Não acredito prefiro antes pensar que o movimento homossexual brasileiro está cheio de elemento, que ainda estão maduros para uma verdadeira militância (que deve ser feita muito mais a nível de experiência de campo e não com a formação de grupelhos, isto é, que precisam seguir o lema “mais tesão e menos politicagem” de um dos editores de *Lampião*. E tudo isso, na verdade, me reflete de maneira negativa no Jornal.²⁹⁰

É preciso ressaltar que João Silvério Trevisan, além de ter tido a frase que serviu de título para o artigo de Bittencourt, militou na Juventude Operária Católica e na Juventude Universitária Católica que depois virou Ação Popular, onde rachou com a linha do PC

²⁸⁸ BITTENCOURT, Francisco. Ao Pasquim, com carinho. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 5.

²⁸⁹ BITTENCOURT, Francisco. Mais tesão, menos politicagem. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 8.

²⁹⁰ Idem, ibidem.

soviético. Em suas viagens conheceu a Alemanha Oriental e a Tchecoslováquia. Durante sua estada nos EUA conheceu também vários estudantes radicais. Sem falar no próprio Aguinaldo Silva, que desde o golpe militar de 1964 teve problemas com a repressão política, tendo sido forçado a abandonar Recife naquele ano por trabalhar no jornal *Última Hora* do Nordeste, cuja linha era considerada demasiadamente radical. Ficou preso numa cela no presídio das Flores, passando 45 dias incomunicável, onde fora mandado pela CENIMAR por ter escrito um prefácio para o *Diário de Che Guevara*. Chegou a trabalhar no *Opinião* e no *Movimento* após ser libertado.²⁹¹

Os leitores, também por meio de cartas enviadas ao jornal, apresentavam suas críticas, comparando o jornal ao discurso que o mesmo criticava. Na edição de agosto de 1978, na sua quinta edição, já receberia e publicaria a crítica de um leitor ao formato do jornal e ele como veículo da imprensa. Gide Guimarães perguntava qual era a sua ideologia, e respondendo por ele mesmo, dizendo que parecia mais com a do Social-Democrata-Cristão *Jornal do Brasil*. O leitor ainda direcionaria a crítica a todas as outras imprensas, lamentando o machismo do jornal, terminando novamente com uma pergunta: “O *Lampião* oferece o bumbum a todo vampiro que aparece?”²⁹². Além da crítica e da dificuldade de se constituir um discurso que agradasse a todos e perceber que tipo de pessoa que lia o jornal *Lampião da Esquina* e mandava uma carta como essa, também nos serve para observar quem esse jornal estava atingindo.

Esses leitores também denunciavam o discurso, fosse ele de exclusão ou de aproveitamento por parte da imprensa, como fez um ao criticar a imprensa que se considerava gay, e chamava a atenção para o “*Jornal do Gay*”, de São Paulo, à venda nas bancas do Rio. Segundo ele, era uma forma de desmoralizar qualquer coisa séria, pois a homossexualidade era tratada na base de total irresponsabilidade, “visando apenas à exploração do mercado consumidor. Isto se agrava com o desconhecimento e falta de crítica dos próprios homossexuais, que compra tais publicações por achar que estão divulgando o tema”.²⁹³

E a televisão? Veículo de comunicação com um grande número de acesso, passou também a apresentar o tema das homossexualidades, porém quase sempre em níveis esperados de machismo, chacota, conservadorismo, e todas as formas de manutenção de um discurso hostil. Mas as rupturas também se deram com a própria *TV GLOBO* que

²⁹¹ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 90.

²⁹² GUIMARÃES, Gide. Qual é a tua, oh *Lampião*. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 17.

²⁹³ CARLOS S. S. Sobre jornais caça-niqueis. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 19.

apresentou no programa *Fantástico* uma pesquisa sobre o que os brasileiros pensavam sobre as homossexualidades. Levando-se em conta a democracia relativa em que viviam, João Antônio Mascarenhas acreditava que a *TV GLOBO* mereceria sem cumprimentada, pois teve “o mérito de salientar, em suas muito medírias, a importância do combate aos preconceitos, à tônica do programa”.²⁹⁴

Ao que tudo indicava, a década de 1980 daria lugar às discussões sobre as “minorias”. Porém, antes mesmo dos anos 80 se iniciarem, alguns movimentos começaram a tomar conta do Brasil. Os negros saíam às ruas; os homossexuais estavam abandonando os becos escuros; as mulheres já possuíam experiências anteriores à década de 60. Mas como levar uma reivindicação minoritária ao complexo sistema de TV, perguntava-se Adão Acosta. Segundo ele, os problemas das “minorias” eram vistos pelos telespectadores, mas com teor superficial. Ora, era um relato sobre os índios, com fortes doses históricas e poucas bases profundas, ora sobre as mulheres que lutavam pelos seus direitos de integração na preconceituosa sociedade machista.²⁹⁵

E os homossexuais, como ficavam? O apresentador de televisão Flávio Cavalcanti dava um passo nesta abordagem levando ao ar um programa que mostrou que os homossexuais estavam lutando pelo direito de serem aceitos. Mencionou o *Lampião* em um de seus programas como sendo um órgão sério e digno de lutar pelo seu espaço. No meio desta luta constante de “abertura”, todos se preocupavam com a *Rede Globo de Televisão*, que se limitava a mostrar a problemática homossexual apenas nos seus enlatados de exportação. Eis que uma de suas séries brasileiras, o *Plantão de Polícia*, abordou o assunto. O autor foi Aguinaldo Silva, com *O Crime do Castiçal*²⁹⁶, com direção do excelente José Carlos Pieri; foi um marco na história da televisão brasileira. E era impressionante, segundo Adão Acosta, o silêncio da grande imprensa em relação ao resultado daquele programa. A sensação que ficava é que as críticas de TV não conseguiram achar defeitos, razão pela qual não mencionaram nada sobre *O Crime do*

²⁹⁴ MASCARENHAS, João Antônio. Opinião pública na tv. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 9.

²⁹⁵ ACOSTA, Adão. “O crime do castiçal”. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 16.

²⁹⁶ Foi exibida de 25 de maio de 1979 a 22 de outubro de 1981 às sextas-feiras às 22h, a partir de 1980, às quintas-feiras. Faziam parte da produção: Redação: Aguinaldo Silva, Doc Comparato, Antonio Carlos da Fontoura, Leopoldo Serran
Direção: Antonio Carlos da Fontoura, José Carlos Pieri, Marcos Paulo; Jardel Mello, Luís Antônio Piá
Número de episódios: 80. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/entretenimento/seriados/plantao-de-policia/plantao-de-policia-lista-de-episodios.htm>>.

Castiçal. “Ou então se negaram a comentar o assunto por uma série de medos inexplicáveis. Será que ainda resta a paranoia da repressão dos últimos 15 anos?”²⁹⁷.

Porém, era essa mesma televisão que atingia na época, telespectadores diariamente com informações, conceitos e apelos publicitários que contribuíam profundamente para a formação e mudança de seus padrões de comportamento. Não podemos esquecer que a televisão, assim como qualquer outro grande veículo de comunicação de massa, “está intimamente ligada ao Estado e que, como parte deste, assume a função de aparelho ideológico, conduzindo de maneira devastadora o pensamento do poder dominante e desta forma forja opiniões, conceitos e atitudes que auxiliem sua dominação”²⁹⁸.

Levando em conta ainda que, o “Patriarcal Estado Brasileiro é pautado sobre valores e padrões machistas, discriminatórios, racistas e repressivos, constataremos que parte considerável do que é veiculado pela máquina de fazer heterossexuais tem estreita ligação com tais valores”²⁹⁹. Não era raro ver em novelas ou comerciais, a discriminação contra os negros, por exemplo, que eram (e são) sempre colocados em papéis que inferiorizavam sua condição de sujeito. Isto ocorria num país onde a grande maioria em fim dos anos de 1970 – cerca de 74,8 milhões – era negra ou possuía raízes negras, onde quem governava e decidia era a minoria branca. Dizia o *Lampião* sobre o papel da televisão e sua relação com aqueles com a qual ela costumava tratar com desigualdade.

É lamentável que um grande veículo de comunicação de massas, como a televisão, seja portador de tão profunda repressão. Lamentável, também, que autores e atores, na maioria das vezes portadores de uma grande abertura, sirvam de porta-voz de discriminação e ridicularizações. Diante deste quadro, quem sai cada vez mais vencido somos nós, que ao invés de unirmos nossas forças e lutarmos contra a opressão machista, nos encastelamos em nossos guetos esperando que uma fada madrinha venha resolver nossos problemas.³⁰⁰

Era essa mesma televisão que tratava as homossexualidades de tal forma, assim como a masculinidade, que iria gerar ações tais como a de Jorge Farias Reichard, que enviou uma carta ao *Jornal do Brasil* (e publicada no *Lampião*) na qual acusava o programa *Os Trapalhões* de promover abertamente a homossexualidade. Dizia ele que, além de haver um personagem que fazia o “tipo invertido sexual”, o programa ainda teve a

²⁹⁷ ACOSTA, Adão. “O crime do castiçal”. Op. cit., p. 16.

²⁹⁸ MOREIRA, Antônio Carlos. Bichices na têve (plim, plim!). *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 11.

²⁹⁹ Idem, ibidem.

³⁰⁰ Idem, ibidem.

coragem de levar um conhecido homossexual para trabalhar no programa. Ele acreditava que certamente era para reforçar o aliciamento das crianças à prática daquele “desvio do comportamento”. E terminava perguntando se eles queriam acabar com os “valores morais da nossa sociedade?”. Mesmo que tenha sido enviado ao *JB*, o *Lampião da Esquina* responderia em suas páginas lembrando a este telespectador preocupado com a formação das crianças que *Os Trapalhões* “em hipótese alguma tenta promover a imagem do homossexual. Pelo contrário, é justamente em nome de tais valores morais, tão apregoados em sua carta, que este programa é moldado”.³⁰¹

As críticas chegaram ao programa do apresentador Jacinto Figueira Junior. Trava-se da participação de dois rapazes em seu programa para discutir sobre homossexualidades. O que aconteceu foi que os dois rapazes do programa “*Homem do Sapato Branco*” foram exatamente sem nenhum preparo para a discussão e se perderam em meio ao calor da hora, xingando a torto e a direito, fazendo exatamente o papel que a sociedade machista lhes havia destinado na TV. Às vezes, mesmo com todas as vantagens e perigos de uma ida à televisão, “é até melhor que a gente recuse um convite cujas intenções não estejam perfeitamente definidas. Pois uma afirmação, uma vez dita, não pode mais ser desmentida. E essa tem sido a tática utilizada pela grande Imprensa”³⁰².

A imprensa machista começa a se interessar pelo exotismo homossexual que, afinal, serve para “vender jornalecos e revistecas sensacionalistas, além de dar audiência a um programa como o do Sr. Jacinto, todos ali temos a obrigação de nos organizarmos”.³⁰³ Sempre que alguém for procurado para dar entrevistas, participar de debates etc., deve antes pensar muito se está preparado para a missão, dizia ele. “Assim, talvez, a gente evite ver o que vi na emissora do Sr. Silvio Santos, dois bravos e bem-intencionados colegas nossos servirem ao jogo do machismo dominante”.³⁰⁴

A crítica por parte do *Lampião da Esquina* à televisão e seu discurso machista e preconceituoso, não foi só dirigida ao tratamento dado às homossexualidades, mas também às mulheres³⁰⁵, fossem lésbicas ou não. *Lampião* iria, por meio de um artigo assinado por

³⁰¹ MOREIRA, Antônio Carlos. Que trapalhada. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 11.

³⁰² CHRYSÓSTOMO, Antônio. Nossos comerciais, por favor. *Lampião da Esquina*, n.23, abril de 1980, p.10.

³⁰³ Idem, ibidem.

³⁰⁴ Idem, ibidem.

³⁰⁵ Na edição de número 15, de agosto de 1979, p. 20, *Lampião* iria publicar em nota de página uma conquista feminina contra um policial em tempos tão severos quanto aqueles. Foi uma data histórica para as mulheres. No dia 20 de julho, no Rio, Lúcia Helena da Silva, prostituta, foi absolvida pelo juiz José Carlos Waltz da tentativa de homicídio contra o Policial Carlos Fernando Pinto Almeida, a quem ela esfaqueara, um

Susan Besse, fazer uma crítica à manutenção do papel dado à mulher na sociedade brasileira, mesmo onde se prometia algo novo. A mudança prometida tratava-se do novo programa diário vespertino da *Rede Tupi, Mulheres*.

Segundo a autora do artigo, o programa divulgava informações sobre os direitos femininos relativos à família e trabalho, discutia acontecimentos que podiam interessar à mulher, valorizava sua participação na História e apoiava movimentos reivindicatórios nos quais elas estavam envolvidas. Era promissor ver as mulheres como eram na vida diária, ao invés de versões criadas pela imaginação masculina. Positivo também que o programa fosse totalmente realizado por mulheres, envolvendo um grande número de várias classes e profissões. Apresentava-se uma imagem de mulheres ativas, capazes, autoconfiantes, em posições de liderança, opinando sobre assuntos do momento, participando das mudanças sociais. Mas, além de culinária, prendas domésticas, educação de filhos, moda e beleza, podemos incluir entre os assuntos aceitáveis masturbação, orgasmo, fantasias sexuais, perda de virgindade e métodos anticoncepcionais³⁰⁶.

Logo a crítica veria essa imagem tão bela e positiva. Susan Besse apontava que ao julgar pelo programa, a sobrevivência das mulheres dependeria da capacidade delas de ajustamento e conformismo. Com conselhos como: “Não pense tão profundamente. Não critique tão violentamente. Pode ser fatal perguntar por quê. Nem sequer fique com raiva: a cólera não é elegante. Amargura não é uma emoção legítima. Em caso de erro, a culpa é sua”³⁰⁷. A televisão iria dizer que o lugar da mulher é também (e não apenas, é claro) na cozinha. Desviava-se, portanto, o enfoque, para ensinar às mulheres o preparo de refeições. Eram encorajadas a conversar com o marido sobre eventuais problemas nas relações sexuais com ele. Melhor do que inventar uma mentira recomendava-se que contassem a verdade quando simplesmente não estavam a fim de ir para a cama. “Mas, o que não somos encorajadas a fazer é explicar porque fazer sexo, com ele, não é lá uma maravilha”³⁰⁸.

A grande resistência política na modernidade talvez: (...) não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos (...) o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar libertar o

ano antes, na Praça Mauá. O juiz aceitou, assim a tese de “legítima defesa da honra” apresentada pelo advogado Clóvis Sahione. Lúcia Helena, que na noite do crime jantava sozinha num bar, esfaqueou o policial depois que este deixou o grupo de amigos com os quais bebia e foi sentar ao seu lado para importuná-la. No júri do dia 20 havia cinco mulheres no Conselho de Jurados. A decisão foi unânime. .

³⁰⁶BESSE, Susan. Nova mensagem para a mulher: “conforma-se”. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 5.

³⁰⁷ Idem, *ibidem*.

³⁰⁸ Idem, *ibidem*.

indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado como do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há séculos.³⁰⁹

E as lésbicas? Vendem mais jornal? Com essa pergunta que Leila Miccolis iria indagar a imagem atribuída à lésbica na imprensa brasileira, citando como exemplo o jornal *O Repórter* que teria publicado sob um escandaloso título – “Lésbicas metem o pau (sic) na repressão” uma matéria de quatro páginas. O que não se calcula é que uma reportagem séria consiga ser, ao contrário, tão superficial e preconceituosa. Desde o início, a linha editorial se delineava; na página imediatamente anterior à matéria das lésbicas, havia a manchete: “Amor entre homens acaba tragicamente”. Ilustrando a cabeça esmigalhada da vítima; era a história de um presidiário que, fora da prisão, mata outro companheiro que com ele quis ter à força relações sexuais. As manchetes eram sempre sensacionalistas, resumindo o que havia de mais erótico em cada texto. Numa das entrevistas, por exemplo, uma mulher dizia que após a morte do marido soltou os bichos, mas que levou muita porrada. Manchete: “Fiscal de ônibus só soltou o bicho quando ficou viúva”. Havia muitas outras deturpações: “Favelada tá doida pra experimentar”. Ou: “É boa de cama ataca de tudo”³¹⁰.

Sobre a matéria das lésbicas que “metiam o pau na repressão” a conclusão a que se chegava através da maior parte dos depoimentos recolhidos pela matéria era de que as lésbicas seriam vazias, fúteis e, sobretudo, alienadas. Pena que, ainda que se propusesse a ser sério e coerente, um jornal embarcasse nesse mesmo jogo repressor que habitualmente condenava, enfocando as homossexualidades com sensacionalismo barato, alienando mais o público em vez de conscientizá-lo; tratando do assunto não como um fato real, e sim como uma caricatura deprimente³¹¹. “Entender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social, permite compreender não somente a posição das mulheres, em particular, como subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder”³¹².

³⁰⁹ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

³¹⁰ MICCOLIS, Leila. Lésbicas vendem mais jornal? *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 2.

³¹¹ Idem, ibidem.

³¹² DOS ANJOS, Gabriele. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 274-305, jul/dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11.pdf>>. Acesso: 02/04/2013.

Importante compreender que o início da abertura política fez com que novos assuntos fossem tratados na grande imprensa, que tentava se caracterizar como liberal, compreensiva e humanitária para vender mais naqueles tempos de redemocratização. Falava-se de greve operária, de torturadores, e chegou a falar também dos menores abandonados da FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor) de São Paulo; e é aí que o *Lampião da Esquina* entra na história.

João Silvério Trevisan escreveria uma crítica à notícia dada pela FEBEM de que estaria sendo provocado um aumento de homossexuais na instituição. O caso mais gritante era o do menor R.H.L.S. que, ao ser internado na Unidade de Moji Mirim, em 1978, era tido como “um dos mais ousados menores delinquentes de São Paulo, namorador, conquistador, ciumento e brigador por causa de mulheres”. No começo de 1979, esse rapaz de 18 anos afirma ter começado a receber tratamento à base de umas “pílulas de cor amarelo-abóbora” que, em questão de meses, o teriam transformado em homossexual. O menino conta numa carta que passou a ter vontade de virar mulher e começou a gostar de homem – o que o deixava revoltado, conforme diz. Trevisan dizia sobre o caso que, o fato de que esta sociedade “industrial-burocrática sempre foi uma fábrica de heterossexuais não escandaliza as mentes bem-pensantes. Acho que é mais ou menos assim: debaixo da pele desses pretensos defensores da infância abandonada – encontram-se virtuais estupradores de menores”.³¹³

Lampião da Esquina, por conta do tratamento desse tipo de imprensa, deixava seu recado sempre que podia por meio de suas matérias ou diretamente como na seção *Bixórdia*, onde falava sobre os atentados às bancas de revistas e reiterava sua ideia de que ele estaria firme e continuaria brigando contra os autoritarismos, machismos e fascismos de direita e de esquerda, “afinal, imprensa marrom tem à direita e à esquerda”.³¹⁴

2.3 “É PRA DESCER O CACETE”: A CULPABILIZAÇÃO DOS HOMOSSEXUAIS

Essa sociedade sexista, preconceituosa e – usando um termo atual – homofóbica, que construiu no decorrer da história a imagem do homossexual doentio e pecaminoso, iria ainda construir outra, a do *perverso*. A figura dos homossexuais atrelado ao assassino, ao mau caráter, ao ser perigoso, foi nos fins da ditadura militar e início da abertura política – como se pode observar por meio do *Lampião da Esquina* – reiterada pela imprensa no

³¹³ TREVISAN, João Silvério. A fábrica de heterossexuais. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 9.

³¹⁴ FELIZES para sempre. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1979, p. 17.

Brasil. A despenalização das homossexualidades (com a saída das práticas sexuais homoeróticas dos códigos penais em diversos países) e sua desmedicalização³¹⁵ foram conquistas importantes e significaram, sobretudo, uma tolerância, por parte da sociedade, em relação à liberdade dos homossexuais, desde que vivido e exercido exclusivamente no âmbito privado. “É como se a sociedade tolerasse essa prática afetivo-sexual, contanto que esta não colocasse em questão os pilares da ordem social vigente, e permanecesse à sombra do que se pretende a norma: a família nuclear e a heterossexualidade”³¹⁶. Mas não podemos esquecer que, mesmo apresentado como uma resposta “às demandas que emanam dos grupos minoritários, o reconhecimento jurídico das “minorias” não oferece compensação à estigmatização da diferença, à humilhação que constituem os obstáculos colocados à sua integração *indiferenciada* no estado”³¹⁷.

Discutir as homossexualidades partindo do pensamento de que todos somos por natureza heterossexuais e homossexuais, significa tornar-se cúmplice “de um jogo de linguagem que mostrou-se violento, discriminador, preconceituoso e intolerante, pois levou-nos a crer que pessoas humanas como nós são ‘moralmente inferiores’ só pelo fato de sentirem atração por outras do mesmo sexo biológico”³¹⁸.

Era contra esse pensamento de achar que a orientação afetivo-sexual fosse fator para determinar comportamentos e funções sociais que o *Lampião da Esquina* se apresentava e reiterava o seu discurso contra essas formas, sem deixar de apresentar como a imprensa, fosse ela alternativa ou não, tratava as homossexualidades, conservando a

³¹⁵ No dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o *homossexualismo* da lista internacional de doenças. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou, em seu primeiro *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais*, que a homossexualidade era uma desordem, o que fez com que fosse estudada por cientista, que acabaram falhando por diversas vezes ao tentarem comprovar que a homossexualidade era, cientificamente, um distúrbio mental. Com a falta desta comprovação, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade da lista de transtornos mentais em 1973. Em 1975, a Associação Americana de Psicologia adotou a mesma posição e orientou os profissionais a não lidarem mais com este tipo de pensamento, evitando preconceito e estigmas falsos. Porém, a Organização Mundial de Saúde incluiu o *homossexualismo* na classificação internacional de doenças de 1977 (CID) como uma doença mental, mas, na revisão da lista de doenças, em 1990, a opção sexual foi retirada. O Brasil, por exemplo, por meio do Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade como doença ainda em 1985, antes mesmo da resolução da OMS.

ARÁN, Márcia & CORRÊA, Marilena V. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento do Social e Jurídico do Casal Homossexual. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-341, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n2/v14n2a08.pdf>>. Acesso: 03/03/2013>. Acesso: 04/03/2013.

³¹⁶ ARÁN, Márcia & CORRÊA, Marilena V. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento do Social e Jurídico do Casal Homossexual. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, p.329-341, 2004.

³¹⁷ KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 529-554.

³¹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 121.

imagem preconceituosa em relação aos homossexuais. O jornal acreditava que era um ponto de luz em meio “à imbecilidade das posições fechadas em relação à sexualidade em geral, e à homossexualidade em particular. Somos um grupo de homossexuais [...] que está se reunindo para conversar e discutir sobre a nossa sexualidade, a partir das nossas próprias vivências”.³¹⁹

“Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual” - era assim que a imprensa tratava as homossexualidades, quando não com pejo e chacota. Glauco Mattoso sobre esse título iria apresentar e criticar uma série de reportagens em torno de crimes praticados por homossexuais, apresentados no jornal paulista *Notícias Populares*. As matérias davam a entender que a polícia estaria sendo negligente quanto à perseguição dos criminosos. Isto é, ao denunciar o que seria uma omissão das autoridades, o jornal pretendia cobrar uma atitude (ou, no mínimo, uma posição), senão das próprias autoridades, do povo em geral. Como quem diz: já que a polícia não toma providências!³²⁰

Havia ali dois tipos de acusação por parte do *Notícias Populares*: uma generalizada, que reveste o próprio termo homossexual em toda notícia veiculada por essa imprensa, como se estivesse implícita a acepção de “culpado” ou, pelo menos, “suspeito”. E outra, específica, reclamando a ação das autoridades, que não estaria sendo suficientemente repressiva. Perguntava-se Glauco Mattoso:

Se a imprensa marrom veicula uma mentalidade discriminatória, será que as autoridades não participam dessa ideologia? Por outras palavras, seria a polícia mais “severa” quando o homossexual é o acusado e mais “tolerante” quando se trata da vítima? Ou, ao contrario, ela faz vista grossa as queixas contra homossexuais, como insinua a reportagem.³²¹

As críticas à forma desse tratamento às homossexualidades não ficavam apenas no *Notícias Populares*. A *Folha de São Paulo* publicou uma matéria assinada por Ari Moraes, da reportagem policial, a propósito de homicídios em que a vítima era homossexual, e essa também foi criticada por parte do jornal. No artigo, segundo Mattoso, Ari expunha as alegações dos policiais dizendo que os assassinatos de homossexuais eram geralmente insolúveis, porque “tudo concorre para dificultar as investigações. Não só a vida das vítimas é irregular, contando em suas relações com dezenas de amigos preferem ficar no

³¹⁹ LAMPIÃO é desnudado. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p.14.

³²⁰ MATTOSO, Glauco. Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 7.

³²¹ Idem, ibidem.

anonimato, como elas próprias, comumente sempre mantiveram segredo a respeito de seus hábitos”. *Marginalizado*, explicava o policial, “o homossexual esconde-se da opinião pública e vive uma vida onde tenta imitar o dia-a-dia do homem comum”³²².

Percebe-se por meio do *Lampião* como a polícia e a imprensa enxergavam os homossexuais, bem como a sociedade o imaginava. A construção da norma é tão forte que não é capaz de criar possibilidades de pensamentos/ações que não sejam aqueles postos, eliminando aquele que não se comporta dentro dessas normas.

Se olharmos para vinte anos depois do fim do *Lampião da Esquina*, por exemplo, perceberemos que o discurso é o mesmo. Pegamos um caso específico – apenas pra citar – no Amazonas, onde segundo AAGLT (Associação Amazonense de Gays, Lésbicas e Travestis) 35% dos policiais estão envolvidos em casos de espancamento de homossexuais no estado. O presidente de associação, Adamor Guedes, fez uma palestra para 70 policiais no Comando-Geral da Polícia Militar do Amazonas, onde ouviu: “Para mim, Deus criou o homem e a mulher, não o homossexual”, disse um dos PMs.³²³

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo que “a natureza sexuada” ou ainda “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura [...] Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas³²⁴.

Assim como apresentou a violência na América Latina em relação aos homossexuais, *Lampião da Esquina* apresentava sempre que dava o tratamento dado pela imprensa fora do Brasil a esse assunto. A Argentina mais uma vez foi notícia em seu jornal *El Caudillo*. O período repressivo do governo de Isabelita Perón e seu tenebroso Ministério do Bem-Estar Social, Lopez Rega, organizou um grupo paramilitar chamado *Triple A*, com fins políticos e moralizadores. Em 1975, o *El Caudillo*, jornal oficial desse Ministério e

³²² Idem, ibidem.

³²³ Cf. MOTT, Luiz. & CERQUEIRA, Marcelo. *Causa Mortis: homofobia. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 2000*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2001.

³²⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25.

porta voz da direita peronista, publicou violenta matéria contra os homossexuais argentinos:

Temos que acabar de vez com os homossexuais. Precisamos formar Esquadrões de Vigilância que façam uma limpeza nas ruas e agarrem esses indivíduos vestidos de mulher. Devemos cortar-lhes os cabelos e deixá-los amarrados em árvores, com cartazes dependurados, explicando os motivos. Não queremos mais homossexuais. Que eles partam para as nações amigas.³²⁵

As ações do Estado que excluía e tentava a todo custo varrer os *perversos* das ruas e da sociedade, pode ser vista por meio do *Lampião*, que não se tratava de um hábito apenas brasileiro. Entretanto, no Brasil da abertura, um curador de menores conhecido como Sr. Carlos Melo, em 1980, dizia sobre os atentados terroristas às bancas de jornal no país, que eles ajudavam a manter os menores longe das revistas eróticas, pois elas levavam a criança à masturbação, aos tóxicos e que conduziam estes ao comunismo. “Num país onde as crianças merecessem realmente alguma proteção, uma autoridade encarregada do setor que fizesse uma declaração desse tipo deveria ser sumariamente afastada; por incompetência”³²⁶, dizia Aguinaldo Silva sobre o caso.

Lampião da Esquina, o mesmo que criticava a chamada imprensa marrom, também foi assim “acusado” por uma leitora: O. Josiais criticava uma matéria feita sobre a artista Emilinha Borba e dizia: “Admito que vocês não gostem dela como artista, mas pelo menos deveriam respeitá-la como figura humana, e das melhores, inclusive porque sempre tratou os homossexuais sem preconceitos”. E terminava: “o que vocês publicaram (brincaram) foi um exemplo vivo de imprensa marrom. Por que o nivelamento por baixo?”³²⁷.

A imprensa que manteria os homossexuais como o perversos, também foi exemplo de repressão contra as mulheres. Novamente, mesmo a pesquisa estando voltada à violência contra o homossexual, perceber o discurso repressivo da imprensa e da sociedade nos seus mais diversos aspectos se torna necessário para observarmos o quanto e como eram tratadas a “minorias”. A cidade do Rio de Janeiro, no dia 18 de maio de 1979, uma sexta-feira às 17h00min, numa das esquinas mais movimentadas do centro da cidade e onde ficava uma agência de classificados do *Jornal do Brasil*, seria palco de protesto das

³²⁵ BUENO Aires: dois policiais por quarteirão. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 7.

³²⁶ SILVA, Aguinaldo. Quem salvará nossas crianças? *Lampião da Esquina*, n.29, outubro de 1980, p. 3.

³²⁷ O. JOSIAS. Em defesa de Emilinha. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 14.

mulheres contra o editor do *Caderno Internacional*, Isaac Piltcher que, ao passar pela recepcionista, no corredor do sexto andar, resolveu boliná-la.

Assim, sem maiores escrúpulos, enfiou a mão no decote da moça, apertando-lhe o seio. Chocada, a jovem Elaine Ferreira, 19 anos, reagiu: começou a chorar. E tudo teria ficado por ali se Elaine não tivesse resolvido expor o caso. De sua mesa e aconselhada de um repórter que, providencialmente, chegou a tempo de ver o final da cena, foi ao seu chefe diretor reclamar. Este, por sua vez, falou com o chefe do Departamento, que aconselhou Elaine a ir para casa, garantindo que tomaria as providências cabíveis. Ao chegar ao seu departamento no outro dia, comunicaram-lhe que tinha sido demitida³²⁸. Esse caso mostrava que os tempos eram outros. E claro que mulheres/trabalhadoras continuavam sendo humilhadas através do sexo. Haja vista a reportagem publicada na revista *PlayBoy* um mês antes do caso: “Como conquistar uma colega de trabalho”. E a matéria foi escrita por uma mulher. “Mas, felizmente, um outro tipo de mulher, como Elaine, pensa diferente. E isso pode pôr um fim à carreira dos bolinadores. Como dizia o cartaz, mulher não é maçaneta. Nem buzina”.³²⁹

Esses casos expostos no jornal *Lampião da Esquina* ajudam-nos a perceber que as suas preocupações não estavam voltadas apenas para a violência contra os homossexuais, mas a violência na sociedade brasileira contra aqueles que foram construídos históricos e culturalmente como inferiores. A maneira como as identidades são tratadas, de formas binárias, produzidas, reproduzidas e reiteradas por meio de diversos discursos – como já apresentados aqui em diversas oportunidades – visam normatizar o sujeito e seus desejos; acabam por criar “assimetrias, hierarquias e desigualdades pautadas na diferença entre os sexos, essas também construídas histórica e socialmente”, o que faz esconder “por meio de sua naturalização as diferenças políticas que essas relações de poder implicam”³³⁰.

Assumindo uma postura de denúncia contra essas formas de violência apontadas para e por todas as direções, o *Lampião da Esquina* construiu de forma tímida um histórico das homossexualidades e das violências sofrida pelos sujeitos que assumiam essa identidade de gênero. Expôs lançamentos de livros como *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, assim como artigos que traziam o surgimento do termo e das discussões

³²⁸ CAMBARA, Isa. Um protesto contra a rotina da bolinação. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 13.

³²⁹ Idem, *ibidem*.

³³⁰ VASCONCELOS, Talita Rafaela Araújo. “Da mulher para a mulher”: representações do feminino, a reiteração da norma e a denúncia dos “desvios” na revista *O Cruzeiro* (1940-1963). 2014. 209 f. Monografia (Curso de História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014, p. 18.

sobre a homossexualidade no mundo. Mesmo não se tratando de um discurso da imprensa, mas do qual ela se apropria, na edição de 13 de junho de 1979 o jornal publicaria um artigo que teria sido exposto pela primeira vez em 1972, no *Boletim do Cidams*, no qual mostrava como os homossexuais foram tratados na Alemanha nazista. É importante a sua apresentação aqui, haja vista as permanências que ainda prevalecem.

Em 1871, na Alemanha, foi introduzido o artigo 17 para punir o “comportamento homossexual entre homens”. O estudioso e humanista Magnus Hirschfeld lutou contra ele por muito tempo, defendendo os direitos dos homossexuais através do Comitê Científico Humanitário, ao lado de Adolf Brandt, Fritz Radzuweit e alguns mais. Quando os nazistas conquistaram o poder, decidiram usá-lo como arma política. Em 1933, houve 835 pessoas condenadas a partir de sua aplicação. Em 1934, o número subiu para 948; e de repente as cifras em 1936 foram 5.321 os condenados; em 1939 eram enviadas para os campos de concentração 24.450 pessoas acusadas de atos homossexuais.³³¹

Nesses campos de concentração, os homossexuais eram marcados com um triângulo rosa sobre a manga ou sobre o peito³³². Conforme relato de uma testemunha no livro de Wolfgang Harthausen, *O grande tabu*, somente no período de sua permanência em Sachsenhausen foi eliminado a sangue frio de 300 a 400 homossexuais, mortos em consequência dos trabalhos forçados ou porque chegavam com os ossos dos braços e pernas quebrados. Apenas no campo número cinco de Neusturm, um terço dos prisioneiros era composto de homossexuais³³³. Não muito diferente do que fazia indiretamente a polícia e a imprensa no Brasil dos fins dos anos 1970 e começo dos 1980.

Observamos resquícios desse discurso que exclui no que João Silvério Trevisan iria chamar de *preconceitos das elites*³³⁴. Durante as tensas mobilizações pró-Anistia no Brasil, em 1979, o jornal de linha trotskista *Em tempo* publicou com destaque os nomes de mais de 400 torturadores da ditadura militar. Alguns nomes de supostos torturadores denunciados ostentavam, ao lado de adjetivos como “toxicômano”, “traidor” e “maníaco

³³¹ DE SODOMA a Auchwitz, a matança dos homossexuais. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 17.

³³² O que servia para distingui-los dos presos políticos (triângulo vermelho), dos ladrões (verde), das testemunhas de Jeová (violeta), dos ciganos (marrom), dos judeus (amarelo) e dos criminosos (negro).

³³³ DE SODOMA a Auchwitz, a matança dos homossexuais. Op. cit.

³³⁴ “No conceito de *elite* estou aqui incluindo, para além dos óbvios donos do poder (político, econômico ou religioso), tanto a emergente nova burguesia, ansiosa por ascensão social, quanto o setor intelectual do país que, além de usufruir privilegiadamente do aparelho cultural, em geral é o que prepara os caminhos ideológicos de dominação da população – mesmo quando invocam ideais e intenções progressistas”. TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p. 157.

sexual”, também o qualificativo “homossexual”, “certamente para acrescentar mais um atributo “burguês-decadente” – criando uma ilação perfeitamente tendenciosa”.³³⁵

Algumas pessoas fora do corpo editorial do jornal também davam suas opiniões sobre a maneira como os homossexuais eram tratados na sociedade brasileira. Foi o caso de Lecy Brandão, que teve publicada no jornal *Lampião da Esquina* a história de um de seus *shows*, onde alertava os homossexuais da exploração que estava acontecendo por parte do ambiente artístico no qual ela militava. O *Lampião* aproveitava para mandar o seu recado também, dizendo que o que havia de jornal machista usando palavras como *gay* e *bicha* na capa só pra vender não estava no gibi. “O pessoal compra o jornal e lá dentro encontra o machismo de sempre. Cuidado, povo guei, que tem muito jornal fingindo que é porta voz de vocês só pra faturar”³³⁶.

Por meio dessa fala, percebemos o lugar no qual o periódico *Lampião da Esquina* se sentia pertencente. Ou seja, ele não era um jornal que explorava os homossexuais, e nem que usava tais termos para faturar em cima deles, mesmo porque o jornal era bancado na sua grande parte pelos editores. *Lampião da Esquina* em meio a um discurso que a imprensa começava a se apropriar, carregado da manutenção e reiteração do machismo e da exclusão, se destacava por que ia ser aquele que tratava as homossexualidades de forma não pejorativa, mas com o intuito de visibilizar a discussão em torno do que era tratado (e ainda é) como anormal.

A grande imprensa tinha sua versão sobre o que era violência, e insistia naquele tempo em divulgá-la. E o jornal *Lampião da Esquina* tinha a sua própria em um artigo assinado por quatro dos editores. Usavam a entrevista que fizeram com o Juiz Álvaro Mayrink, da 7ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, no qual concordava com a visão do *Lampião* sobre o tratamento dado às homossexualidades. Dizia o Juiz que o equívoco era: confundir aparato policial com segurança pública. E era pelo menos isso que os jornais da grande imprensa andavam pedindo para acabar com a “onda de assalto e violência que tomava conta do Rio”. Mas será que era só isso?³³⁷

Eu, ao que me consta, jamais vi o *JB* ou o *Globo* denunciando as violências cometidas durante o período mais duro da ditadura. E diante das torturas perpetradas nos porões da repressão, a violência que os

³³⁵ Cf. “Torturadores, mandantes de tortura, informantes”, jornal *Em tempo*, 8 a 14 de março de 1979, p. 4 e 5.

³³⁶ MEU nome é Gal. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 16.

³³⁷ SILVA, Aguinaldo; PINHEIRO, Alceste; BITTENCOURT, Francisco & MOREIRA, Antônio Carlos. Mas a violência do sistema pode? *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 7.

oprimidos se veem na contingência de usar para salvar o pão de cada dia para consumir o que os meios de comunicação nos incentivam, é pinto. Sim, porque a violência é algo presente em nossa história, na vida brasileira. Ou não será violência a inflação de 113 por cento ou mais? Ou será violência os meios de transportes que obrigam os cidadãos a viajarem como gado? Ou não será violência a especulação com gêneros alimentícios, como ocorreu recentemente com o feijão preto? Ou não será violência jogar cadáveres coléricos no rio Paraguai para infeccionar a população de Assunção, como se fez durante a Guerra do Paraguai? Ou não será violência reprimir com sangue as revoltas populares do século XVIII e XIX?³³⁸

Em meio a essa conservação, um jornal era apresentado pelo *Lampião* como a margem da margem. Tratava-se do *Jornal Dobrabil (JD)* de Glauco Mattoso, que não tinha nada de “‘amassável rasgável cortável sujável’ e outros ‘ável’ por ele proclamados no cabeçalho do jornal”. Era entregue nas casas com em um envelope, lacrado com uma etiqueta vermelha escrita: “passe a mão”. O *JD* abusava dos poemas concretos, e no Rio as experiências de Mattoso com *Navilouca*, *Anuma*, *Código*, *Artéria*, e *O corpo Estranho* nunca ultrapassou o segundo ou terceiro números. “Seu caráter efêmero é típico da produção literária considerada marginal. Dentro deste contexto, e pela sua longevidade, o *Jornal Dobrabil* é um marginal a margem”.³³⁹

São perceptíveis as mudanças também em relação ao tratamento dado às homossexualidades, mesmo que em lugares mais isolados e às vezes de forma lenta. Vejamos, por exemplo, o que iria publicar o *Jornal da Bahia* sobre a “Operação Pelourinho”, realizado pelo Grupo Gay da Bahia. A campanha era de assistência médico-social gratuita aos homossexuais. O Pelourinho era um lugar no qual prostitutas e outros *perversos* viviam completamente alheios ao folclore estilo Jorge Amado/Caribé. Vejam só o que escreveu o *Jornal da Bahia*:

“Durante o primeiro dia (da operação) aproximadamente 30 homossexuais foram examinados pelo médico, sendo que nenhum se queixou de doença venérea. Entretanto, para tirar dúvidas, lhes foram solicitados exames para constatar a presença ou não de sífilis. Encontramos muita gente maltratada, com cortes profundos nos braços. Eles cortam os braços para que a polícia não os renda, e vocês podem não acreditar, mas muitos não quiseram tratar dos cortes. Somente por serem homossexuais, estão sendo presos de roldão nessas batidas da polícia”, afirma o médico³⁴⁰.

³³⁸ Idem, *ibidem*.

³³⁹ SCHWARTZ, Jorge. Glauco Mattoso: marginal à margem. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 17.

³⁴⁰ SILVA, Aguinaldo. Bahia: os ativistas vão à luta. *Lampião da Esquina*, n. 34, março de 1981, p. 3.

Acabou que a operação resultou numa mudança total de tratamento do jornal em relação aos homossexuais marginalizados, geralmente apresentados em suas páginas como delinquentes. Procedeu, também, a uma sutil mudança na cabeça dos homossexuais menos privilegiados e daqueles que tiveram acesso à informação não pejorativa por meio do jornal. Mas nem toda imprensa mudou.

No dia 7 de novembro de 1978, dia em que os californianos, além de reelegerem seu governador e renovarem sua representação em Washington opinaram também sobre uma série de questões em plebiscito, decidindo que os cigarros (em locais públicos) e os homossexuais (ensinando nas escolas) não incomodavam tanto afinal de contas.³⁴¹ Dentre algumas discussões, a chamada proposição número 6 sobre a qual votaram, e que foi apresentada pelo senador John Briggs, se preocupava, segundo os que o apoiaram, com a “tendência dos homossexuais a influenciar e promiscuir os jovens”. Se aprovada, ela daria aos diretores de escolas públicas pré-universitárias o direito de despedir professores que defendessem, encorajassem ou promovessem em classe a homossexualidade.³⁴²

O *Globo* falou alguma coisa sobre o baile após o evento (9/11/1978); o *Jornal do Brasil* e a *Folha de São Paulo* cobriram o assunto, mas o *Estado de São Paulo* não deu mais que quatro linhas para esse assunto. O intrigante (ou não) é que *O Globo* encerrava sua nota de quatro parágrafos, desta forma: “Martha Haye (a atriz) tomou o microfone e gritou: ‘Queremos nosso País assim: contra gente analfabeta como esse tal de Briggs, que não entende nada dos seres humanos. Cada qual deve cuidar de sua vida’”.³⁴³

Afirmar a identidade de uma mídia jornal, em perspectiva comunicacional, implica reconhecer não apenas a existência de uma identidade para ela, como também a transforma em agente discursivo, certamente capaz de reproduzir enunciados, mais dotada de autonomia para estabelecer condições particulares de enunciação, que organizam e dispõem de modo coerente outros discursos ao longo da variedade de suas edições e subdivisões.³⁴⁴

Assim, por exemplo, a grande imprensa começava a veicular conceitos antes considerados tabus. A *Folha de São Paulo*, até 1978, substituíra a palavra lésbica por feminista. Em 1979, noticiou até mesmo o encontro de homossexuais na USP. “Vários temas deixaram de ser inofensivos entrando no processo de recuperação que o sistema

³⁴¹ MARQUES, Clovis. Uma vitória na Califórnia. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 4.

³⁴² Idem, ibidem.

³⁴³ Idem, ibidem.

³⁴⁴ LEAL, Bruno Souza & CARVALHO, Carlos Alberto. *Jornalismo e Homofobia no Brasil*: Op. cit., p. 85.

utiliza para neutralizar potencialidades daninhas”. Era o caso, segundo João Silvério Trevisan, do conceito de machismo: “a imprensa já emprega até no noticiário mais comum. Quer dizer, ‘machismo’ no caso acabou se tornando um conceito vago diluído e incorporado ao dia-a-dia, significando um monte de coisas insignificantes e perdendo seu sentido visceral.”³⁴⁵

Aos efeitos não aparentes da ditadura brasileira no meio homossexual, para a qual a homossexualidade não teria o mesmo peso que foi dado às ideologias políticas de esquerda. Essa tolerância aos homossexuais, contudo, era seletiva e tinha limites demarcados através das investidas policiais ou de leis que faziam cumprir os preceitos da moral e dos bons costumes. [...] A “abertura política”, ao permitir a volta dos exilados políticos, fez afluir a visão libertária como reflexo de um movimento mundial que acontece mais tarde no Brasil. Este clima propiciaria a eclosão pública de temas ainda não explorados no campo político, entre os quais o debate sobre a homossexualidade³⁴⁶.

O *Lampião da Esquina*, após alguns anos, começou a delinear o seu fim. Perceptivelmente, ou não, o jornal começava a viver momentos que iriam construir o caminho para aquilo que seria o término de suas publicações, mas, por outro lado, o início de uma história. Segundo o próprio periódico, ele passou a ser acusado por um período pela Convergência Socialista de anarquista, quando colocaram alguns homossexuais contra o jornal. O editorial se apresentava dizendo que o problema não era chamar o *Lampião* de anarquista, mas era não saber o que significava a palavra anarquismo. Era segundo seus editores desconhecer que a origem da esquerda, no Brasil, foi dentro do anarco-sindicalismo, de nascimento europeu. “Esse tipo de pressão fascista sobre comunidades e grupos que lutam pela sua libertação fora do contexto marxista, por táticas estalinistas ou decorrentes delas, justifica a repressão neonazista sobre todos. Quem sofre mais, são as comunidades e os grupos autônomos”.³⁴⁷

A carta de um leitor apareceria quatro números antes do fim do *Lampião* que, como num formato de despedida, o jornal publicaria. Nunca dava para saber quem realmente escrevia as cartas para o periódico, mesmo assim o leitor dizia ter observado três fases distintas no jornal. A primeira ele chamava de *heroica* pela entrevista com Fernando

³⁴⁵ TREVISAN, João Silvério. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p.11.

³⁴⁶ Cf. James Naylor Green. In: SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: Op. cit., p. 92.

³⁴⁷ CELESTINO. Querem capar as lampiônicas. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 8.

Gabeira e o fim do processo contra o jornal, o que coincidia com início do período de abertura. A segunda teria sido a época do “ativismo”, que o jornal ficou tão chato que até ele quase desistiu de ler. Ao sair desta fase, a terceira e última ele iria chamar de “definitivamente jornalística e inovadora”.³⁴⁸

Dizer que o jornal passou por três fases distintas é apagar as entrelinhas que o mesmo dialogou, o que proporcionou não só uma voz ativa e visível em um jornalismo pautado pelo sexismo e pelo preconceito. O que se percebe é que o *Lampião da Esquina* acabou por participar do período e das discussões sobre as homossexualidades, não como um mero telespectador, mas como uma ferramenta de imprensa ativa nas representações e práticas do período. Perguntaria Darcy Penteado se o que estava acontecendo ali não se tratava da construção de uma cultura homossexual (?), e se ela existia (?).

Um marco no panorama cultural da segunda metade do século XX estava posto no Brasil naquele período, haja vista a conscientização das “minorias”. Começavam a participar socialmente no sentido dos movimentos criados em torno de temas e causas de suas vivências. Todos os elementos minoritários que incomodavam a sociedade bem constituída, como os negros, mulheres, homossexuais, prostitutas, índios, presidiários, menores marginalizados etc., e a própria natureza, através da ecologia, estavam levantando bandeiras, conclamando seus direitos. A marginalização imposta (e ainda existente) começava, porém, a preocupar os próprios opressores, cujas estruturas não eram tão invulneráveis quanto eles imaginavam. E a “minoridade dominante” sabia disto, e reconhecia a sua importância e o seu perigo (para ele) e, neste sentido, estava bem mais conscientizada que as próprias e verdadeiras “minorias” discriminadas³⁴⁹.

Para isso utilizam-se da repressão como uma das maneiras de conter essas “minorias” enquanto possível. É preciso que se entendam como elementos culturais todas as manifestações “vivenciais dentro do grupo, não apenas as ‘obras culturais’, científicas, literárias, artísticas, etc., que usam esses elementos vivenciais ou fazem a análise deles. Assim, também é elemento cultural a maneira de usar uma roupa, de cozinhar um legume”³⁵⁰. Era preciso, finalizava Darcy Penteado, considerar que alguns aspectos das homossexualidades são estereótipos determinados pela própria opressão, e que tendem a

³⁴⁸ OSÓRIO, Jane. Parabéns pra você! *Lampião da Esquina*, n. 36, maio de 1981, p. 2.

³⁴⁹ PENTEADO, Darcy. Cultura Homossexual: já existe? *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 3.

³⁵⁰ Idem, *ibidem*.

desaparecer ou abrandar-se com o afrouxamento dos preceitos morais e com a conscientização.³⁵¹

Mas afinal, o que nos define? Por que e como nos limitamos e somos limitados nas nossas possibilidades de ser, ou estar? Que construções imagéticas, que discursos, modelos, que normas são essas que nos interpelam na produção da nossa identidade? Como e por que somos assujeitados, gendrados, enquadrados em padrões que tentam decretar aquilo que somos e o que não somos? E por que quando não nos conformamos ou nos encaixamos nesses padrões, quando não aceitamos essas definições impostas a nós, somos excluídos, espezinados, apontados, vilipendiados?³⁵²

Lampião da Esquina enquanto esteve ativo tentou expor onde, como e por que o outro foi (e ainda é) tratado como o diferente. Para além de uma subcultura³⁵³, o jornal é a representação de uma contra cultura, machista, patriarcal, fálica, binária, etc. Depois de um começo auspicioso, com muitas vendas, o *Lampião* começou a sofrer um desgaste. Surgiram outras publicações voltadas para o público homossexual, como a revista *Rose*, por exemplo. Aproveitando a maior tolerância das autoridades, começaram a surgir publicações dispostas a preencher suas páginas com fotos de nus masculinos. O nu no *Lampião da Esquina*, por exemplo, foi motivo para a dissensão de alguns editores.

Existiam, além disso, outros fatores de desagregação interna. Desde o início surgira uma rivalidade entre os conselheiros residentes em São Paulo e os do Rio de Janeiro. Originalmente planejava-se alternar as reuniões de pauta entre as duas cidades, mas isso logo se mostrou impossível e aos poucos o jornal ficou cada vez mais sob a responsabilidade e direção de Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt no Rio, fazendo com que o periódico ficasse quase exclusivamente voltado para os acontecimentos do gueto homossexual carioca. Não eram somente os paulistas que reclamavam. Como o jornal tinha uma distribuição nacional, leitores de outros estados frequentemente escreviam cartas criticando o espaço excessivo dado às matérias sobre o Rio.³⁵⁴

Para aumentar as dificuldades, o preço do papel começou a disparar e os custos de produção ameaçavam tornar o jornal inviável. As vendas caíram. Outras formas de manter

³⁵¹ Idem, ibidem.

³⁵² VASCONCELOS, Talita Rafaela Araújo. “Da mulher para a mulher”: Op. cit., p. 9.

³⁵³ Cf. NUNAN, Adriana, 1975 – *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. – Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003. Define subcultura como uma ideologia articulada coerentemente num conjunto de significados, crenças e comportamentos; além de ser uma forma complexa de interação e organização social partilhada.

³⁵⁴ Cf. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 91.

o *Lampião*, por meio de venda de espaço para anúncios ou pela edição de livros também se frustraram. A orientação explicitamente homossexual afugentava anunciantes e criava resistências entre as grandes distribuidoras. Os últimos números do jornal começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva de que não se “estava oferecendo o produto que o mercado queria e que o ativismo só apelava à minoria de uma minoria”³⁵⁵. Mesmo com o início de matérias em formato de *dossiês* com reportagens sobre temas como masturbação, prostituição, travestis, etc., o jornal não conseguiu aumentar suas vendas. Em junho de 1981 saiu seu último número.

Algumas outras publicações menores ainda sobreviveram. Aguinaldo Silva lançou a *Homo-Pleiguei*, de duração efêmera. Aos poucos foram desaparecendo do mercado todas as revistas dirigidas ao público homossexual que publicavam notícias e artigos além de fotos de homens nus. Teria o *Lampião da Esquina* envelhecido enquanto durou? “Estaríamos nós acomodados, a repetir infindavelmente os mesmos chavões, sem acompanhar o trem da história, atualmente correndo – ainda que em trilhos tortuosos – mais depressa que nós?”³⁵⁶. Acreditamos que não.

A história do *Lampião da Esquina*, com seu início, cria e possibilita um olhar para a violência contra os homossexuais em um país como o Brasil, em um período marcado por um regime militar, e por meio de representações da imprensa, da sociedade e do Estado, que contribuem não apenas para essa análise, mas para outras tantas. Mas pensar o seu fim, e o que deixou marcado ali naquelas páginas, não pode ser esquecido, pois passados trinta e três anos parece que ainda olhamos para aquela mesma sociedade opressora que vimos no *Lampião da Esquina*. Ou como disse Carmem Miranda, “cada gota de meu sangue será uma chama imortal à vossa consciência que manterá a vibração sagrada para a resistência”.³⁵⁷

³⁵⁵Idem, *ibidem*.

³⁵⁶SILVA, Aguinaldo. Nós ainda estamos aqui. *Lampião da Esquina*, n.28, setembro de 1980, p. 2.

³⁵⁷*Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 16.

CAPÍTULO 3

“O ESQUADRÃO MATA-BICHA”: VIOLÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE NAS LINHAS DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

*E quando você aperta o gatilho?
Você lava as mãos, antes ou depois?
Antes e depois?
Ou nem antes nem depois?*

Lavar as mãos – Rogério Skylab

Neste terceiro e último capítulo analisaremos a violência contra os homossexuais a partir dos discursos veiculados no *Lampião da Esquina*. São elas: os assassinatos contra os homossexuais e a violência que os excluem de forma *invisível* nas instituições públicas/privadas vinda da própria sociedade, o que Bourdieu chamaria de *violência simbólica*³⁵⁸; e por fim, as ações policiais que violentavam os homossexuais nas ruas do Brasil.

O termo que hoje entendemos por *homossexualidade*³⁵⁹, foi usado pela primeira vez em dois textos anônimos em defesa dos direitos homossexuais, publicados em Leipzig no ano de 1869, dirigidos ao Ministro de Justiça Leonhardt e atribuídos a Karl-Maria Benkerte (um jornalista austro-húngaro, escritor, poeta e ativista dos direitos humanos)³⁶⁰. Entre 1864 e 1875, o médico alemão Karl Henrich escreve diversos folhetos em que reivindicava um tratamento mais humanitário para com os

³⁵⁸ Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. [...] Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação.

Cf. BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 46.

³⁵⁹ Nenhum termo preciso no mundo antigo, em qualquer das línguas – grego, siríaco, aramaico ou hebreu –, que significasse homossexual, dado que constitui uma prova robusta de que o conceito de homossexual ou de comportamento homossexual não existia, embora a ideia de amor ou relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo fosse ocasionalmente mencionada. SPENCER, Colin. *Homossexualidade*. Op. cit., p.368.

³⁶⁰ Cf. SPENCER, Colin. *Homossexualidade*: Op. cit.; KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Op. cit.; TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. cit.; SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo*. Op. cit.; NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003; FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005;³⁶⁰ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanência*. Revista História, v. 31, n. 1, São Paulo, 2012, p.365-391, p.381; FÉRAY, Jean Claude. *Une histoire critique du mot homosexualité*. Revue Arcadie, 1981. Entre outros.

homossexuais, que ele considerava como “invertidos” e “uranistas”. *Uranistas* era em alusão a Urano, que teria as características físicas de um dos sexos, mas os instintos eróticos de outro. Assim, em 1862, Henrich havia publicado uma descrição científica dando conta de que, “na fase de desenvolvimento, os embriões eram idênticos; somente num outro estágio adotariam uma das três formas – masculina, feminina ou *urning*”.³⁶¹

Esse período do surgimento do termo homossexual – fins do século XIX – foi um momento no qual houve uma tentativa de compreender a homossexualidade por meio do discurso médico legal, veiculando-a a um desvio ou doença; no entanto, algumas pesquisas como a de Henrich não tiveram o intuito de julgá-la como uma antinorma, como algo a ser combatido. Porém, ao longo da maior parte do século XX, o que se consolidou foi as homossexualidades como fundamento da estigmatização, demandando-se as ações de “tratamento” e “cura”. O que ocorreu nesse período foi uma “Psiquiatrização do prazer perverso”, o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias.³⁶²

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico.³⁶³

A medicina à sombra da ciência acabou produzindo um discurso que disciplina a diferença. Assim, “representada como manifestação ‘imoral’, ‘pecadora’ e ‘antinatural’ da eroticidade, a homossexualidade foi sendo compreendida como expressão de um caráter intrinsecamente desprezível, porque desconforme com o padrão dominante da sexualidade”.³⁶⁴

³⁶¹ Cf. SPENCER, Colin. *Homossexualidade*: Op. cit., p. 274-275.

³⁶² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. Op. cit., p. 116.

³⁶³ Idem, ibidem, p. 112.

³⁶⁴ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Homofilia e homossexualidades*: Op. cit., p. 381.

De fato, isso deu início a uma importante mudança de postura da ciência, que passou da condenação à curiosidade *científica* perante uma anomalia, digamos, moralmente neutra. As descobertas da psicanálise impulsionaram e sedimentaram tal processo. Mas, como se trata de uma faca de dois gumes, a contrapartida deve ser lembrada para evidenciar a ingenuidade da proposta inicial, pois a situação se tornou *rósea* apenas negativamente. Partindo do pressuposto eugênico de que os homossexuais eram anormais incuráveis, como os loucos e aleijados, o nazismo estigmatizou-os com o triângulo *rosa* e determinou sua eliminação como corolário obrigatório para a boa saúde da sociedade³⁶⁵.

A partir do final da primeira metade do século XX, surgiram grupos organizados contra essa rede de opressão médica, legal e cultural, assim, a partir de 1924, grupos de homossexuais nos Estados Unidos fundaram as *organizações homófilas*, as primeiras voltadas política e socialmente para a melhoria das condições de vida de gays e lésbicas, perdurando até as décadas de 1950 e 1960. Tais organizações também foram fundadas na Europa, notadamente na França.

Porém, um dos casos mais conhecidos e apresentados em relação ao que viria a ser um marco na história do movimento gay no mundo foi a *Batalha de Stonewall Inn* ³⁶⁶, bar frequentado por homossexuais no bairro Greenwich Village, em Nova York. Na noite de 28 de junho de 1969, policiais tentaram como ocorria intermitentemente, fechar o bar alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas. Com a desculpa de que o local era propriedade da máfia italiana instalada na cidade, o bar vinha sofrendo várias invasões da polícia que, aleatoriamente, prendia e agredia seus frequentadores. Desta vez os homossexuais que ali estavam não se intimidaram, e atacaram os policiais com garrafas e pedras, forçando-os a chamar reforços. O confronto se prolongou por cinco dias, sendo resolvido apenas com a intervenção do prefeito John V. Lindsay (Republicano), que ordenou o fim da violência policial. A partir de então, o dia 28 de junho é comemorado por mais de 140 países como “Dia (Internacional) do Orgulho Gay”.

Começava assim, por meio destas *ondas* do movimento homossexual, a surgir perspectivas que iriam ver a homossexualidade no campo da cultura, em vez da visão que dominava na psicologia ou na psiquiatria. Se hoje, talvez pareça impensável

³⁶⁵ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. cit., p. 33.

³⁶⁶ Cf. MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, n. 2, 2011, Jataí. *Anais II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia*, Jataí Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2058.pdf>>.

exterminar de forma maciça os homossexuais como ocorreu no passado no Holocausto, em nome de certa pureza, o que se tem no lugar dele é o sujeito desqualificado moralmente, de modo que “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob rígido controle da moral dominante”.³⁶⁷

Já no Brasil, o movimento homossexual se oficializaria quase dez anos depois do ataque ao bar *Stonewall Inn*, com a criação do primeiro grupo de afirmação homossexual, o grupo *Somos*, de São Paulo. A imprensa gay circulou por todo o país alguns meses antes do grupo, com o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981).

No Brasil, as homossexualidades torna-se caso de polícia, mesmo que não seja proibida por lei. “Como a permissividade social é basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais”³⁶⁸. Assim, no país, a conservação da noção de homossexual como o *outro*, o *anormal* se mantém naquilo que Trevisan chamou de “patrulhas da velha ordem”, que estariam camufladas sob a pele de médicos, psicólogos, juízes, bispos, pastores, políticos, radialistas, professores universitários, etc. E que seriam a ciência, a religião e a mídia três medusas do nosso tempo que, como oráculos, passam a ditar regras morais.³⁶⁹

Os homossexuais mesmo sofrendo essas formas de violência, tachados como “perversos”, “doentes”, “pecaminosos”, etc., ainda resistem historicamente ao sistema de poder que os controlam, agindo com descaso com as normas de gênero sexual³⁷⁰. Ou seja, os objetos sexuais são construídos histórica e culturalmente e não determinados pela natureza de modo absoluto, nem os mecanismos culturais “que compartimentalizam de modo *insuperável* o desejo: estes se inclinam num movimento de polivalência pendular e mutabilidade básica dos indivíduos, para além das ideologias que procuram estabelecer padrões e normas sobre a natureza”³⁷¹.

Ronaldo Pamplona, em seu *Os onze sexos*, diria que a nossa cultura lida mal com o desejo, criando modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de

³⁶⁷ Cf. *Il Sogno Del Centauro*, de Pier Paolo Pasolini, Riuniti, Roma, 1983, p. 160. Publicado no Brasil como *As últimas palavras de herege*, Brasiliense, São Paulo, 1983.

³⁶⁸ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. cit., p.22.

³⁶⁹ Idem, ibidem, p. 24.

³⁷⁰ Cf. SULLIVAN, Andrew. *Uma discussão sobre o homossexualismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁷¹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. cit., p. 35.

informação, não permitem que os sujeitos sejam exatamente aquilo que são ou que poderiam ser³⁷². E os homossexuais, segundo Trevisan é isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: “algo que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade”.³⁷³

Contudo, a ciência se esqueceu de perguntar quais são os mecanismos que levam uma pessoa a ser heterossexual, levando as pesquisas a se dirigirem para a busca dos porquês da orientação afetivo-sexual homossexual. A sexualidade humana “para ser saudável, não deve estar sujeita a juízos de valor dos educadores e profissionais de saúde. A compreensão ou o preconceito dependem da forma e do estágio em que se encontra a sociedade”³⁷⁴. E em nossa sociedade a sexualidade não está livre. Trancafiemos a sexualidade. “Somos, enfim, uma sociedade hipócrita. [...] Somos ao mesmo tempo semelhantes e diferentes de todos os demais, em nossa indivisibilidade. Somos, em cada momento, únicos e universais. Tudo é muito pouco para explicar o ser humano”³⁷⁵.

3.1 CRIMES CONTRA HOMOSSEXUAIS

No cenário mundial, o Brasil ocupa um lugar de destaque quando se trata de crimes contra homossexuais, ou homofobia letal, que “nada mais é que a consequência lógica de uma violência moral e física a qual são submetidas diuturnamente pessoas que se declaram homossexuais”³⁷⁶. Essa violência parece não comover tanto as instâncias nacionais hoje³⁷⁷, como se os homossexuais, à luz da cultura machista prevalecente, não

³⁷² COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os onze sexos*. Op. cit., p. 2.

³⁷³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. cit., p. 43.

³⁷⁴ COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os onze sexos*. Op. cit., p. 205.

³⁷⁵ Idem, *ibidem*.

³⁷⁶ ROSE, Danielle; BARCELOS, Helena et al. *Homofobia Letal: A Violência Velada Contra a Liberdade de Orientação Sexual no Brasil*. In: COSTA, Horácio [et al] (org.). *Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2010, p. 87.

³⁷⁷ É necessário destacar que o Grupo Gay da Bahia (GGB), faz coleta de dados de assassinatos contra homossexuais através de um levantamento limitado em jornais e internet desde 1980, publicando anualmente um relatório. Para o grupo, a falta de estatísticas oficiais sobre crimes de ódio, tais como nos Estados Unidos, que possuem coleta rigorosa de estatísticas sobre “hate crimes”, colabora para menosprezar os dados. O GGB é uma entidade de utilidade pública municipal e estadual, a mais antiga ONG de defesa de direitos humanos dos homossexuais na América Latina. Porém, por exemplo, o Governo Federal só a partir do ano de 2011 começou a realizar o levantamento dos dados de mortes dos homossexuais, porém da mesma forma que o GGB, por meio de notícias, boletins de ocorrência etc. Além disso, o crime de assassinato contra homossexuais não é tido como um crime de ódio no Brasil, mas sim como crime hediondo (delito cuja lesividade é acentuadamente expressiva, ou seja, crime de extremo potencial ofensivo, ao qual denominamos crime de “gravidade acentuada”). O Projeto de Lei da Câmara no 122 - que alteraria a lei de crimes raciais entre outras coisas, ampliando seu alcance também para crimes resultantes de discriminação ou preconceito de sexo, orientação sexual e identidade de gênero

fizesse jus aos direitos históricos proclamados, há longas datas, na história da humanidade, quais sejam: a vida e a igualdade.³⁷⁸

Pensar essa violência no período que marca o fim da década de 1970, e início da de 1980, por meio de um jornal feito por e para homossexuais, é perceber que antes de se criarem formas de análise dessa violência e a noção de homofobia no Brasil, um periódico da imprensa alternativa já o fazia. A invisibilidade dos homossexuais naquela época era muito maior, e o papel que o *Lampião da Esquina* cumpre ao tratar essa violência é de extrema importância para analisarmos algumas mudanças e rupturas nas formas de agressão contra o sujeito que se relaciona com outro do mesmo sexo, fugindo assim das normas vigentes sobre a sexualidade, pautadas na heterossexualidade. Percebemos por meio das análises das matérias que tratam do assunto, que não só o Estado era violento, mas também a sociedade que o constituía. Essa violência praticada no Brasil:

É legitimada por uma sociedade excludente que marginaliza as suas minorias, entre elas os homossexuais. A matriz cultural que aqui se estabeleceu construiu uma série de padrões de comportamento, sendo que, todo aquele que não se adequar ao mesmo, pagará o preço da exclusão e da “inferiorização”. É essa cultura que leva tantos brasileiros a atentar, brutalmente, contra pessoas que, aos olhos do agressor, não podem manifestar publicamente uma orientação sexual homoerótica. É necessário que os espaços destinados à formação de opinião sejam chamados a discutir o preconceito contra a liberdade de orientação sexual. Um povo que vive sob o amparo de uma lei que prega a igualdade de todos, não pode legitimar, nenhuma prática voltada para a discriminação, principalmente daquela que leva à perda dos maiores bens que o indivíduo possui: a vida e a liberdade.³⁷⁹

Ou seja, é a sociedade que cria os sentidos que formam verdades, normas, valores, regras de comportamento, que instaura paradigmas e modelos que vão decidir o que é a realidade, definindo a ordem e a desordem, o natural (hétero) e a aberração

definindo-os de modo expressos pelo que são: CRIMES DE ÓDIO - tramita desde 2006 sem previsão alguma de ser aprovado. Cf. LEI de Crimes Hediondos, *Instituto Jurídico Roberto Parentoni – IDECRIM*, 2011. Disponível em: < <http://www.idecrim.com.br/index.php/direito/29-lei-de-crimes-hediondos>>. Cf. RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Além do programa Brasil Sem Homofobia criado em 2004; BRASIL. Ministério da saúde. *Brasil Sem Homofobia*: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da saúde, 2004a.

³⁷⁸ ROSE, Danielle; BARCELOS, Helena et al. *Homofobia Letal: A Violência Velada Contra a Liberdade de Orientação Sexual no Brasil*. In: COSTA, Horácio [et al] (org.). *Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2010, p. 87.

³⁷⁹ Idem, ibidem, p. 96.

(homo), o normal e o patológico. Assim, “é a instituição da sociedade, de suas relações, de suas significações em limites precisos de interpretação que determina o que é real e ilusório, o que é natural ou contra a natureza, o que é dotado de sentido ou se encontra em um lugar de não-significação”³⁸⁰, e aqui no caso, os homossexuais são associados ao lado negativo.

Na sua primeira edição de abril de 1978, o jornal *Lampião da Esquina* traria duas reportagens sobre os novos olhares sobre as punições às pessoas que cometiam algum crime contra os homossexuais. Clovis Marques apresentaria o que começava a se passar entre a homossexualidade e a anistia internacional, ou como ele intitulou: “Com o tímido apoio da Anistia”. O Conselho Internacional da Anistia, considerando que certos governos prendiam pela sua orientação afetivo-sexual pessoas maiores de idade, afirmavam que a Anistia Internacional considerava prisioneiros de consciência as pessoas detidas ou encarceradas por causa dessa orientação, desde que não tivessem infringido os direitos humanos de outras pessoas e solicitava que o Comitê Executivo Internacional informasse ao Conselho Internacional de 1978 sobre as possíveis maneiras de ajudar esta categoria de prisioneiros de consciência. No caso dos homossexuais (detidos, por exemplo, por atentado aos bons costumes), não se podia esperar para aquele momento um socorro mais concreto da organização³⁸¹.

Viria em seguida na mesma página, as lembranças do triângulo rosa usado pelos homossexuais para identificá-los nos campos de concentração na Alemanha nazista. *Lampião da Esquina* mostrou do seu início até os fins dos seus dias a preocupação com a violência que rondava os sujeitos que se comportavam fora das normas e regras impostas para a sexualidade (heteronormatividade). Dizia Francisco Bittencourt que, só aos poucos começava a vir à tona a verdade sobre o sofrimento dos homossexuais na Alemanha nazista e sob o fascismo em geral. Dizendo que só depois do advento dos movimentos gays daquela década que o mundo pôde começar a tomar conhecimento desse crime contra humanidade, mais um, cometido pelo regime de Hitler e Mussolini, porque antes disso trataram de ocultar tais fatos “vergonhosos” para dar destaque apenas ao genocídio dos judeus. Porém, desde o fim da II Guerra Mundial, e até mesmo antes, as potências vencedoras já sabiam que pelo menos 125 mil homossexuais tinham morrido nos campos de concentração nazistas. “A quem poderia interessar a

³⁸⁰ SWAIN, Tania Navarro. Para além do Binário: Os Queers e o Heterogênero. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001, p. 88. Disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-024925swain.pdf>>. Acesso em: 02/08/2012.

³⁸¹ MARQUES, Clovis. Com o tímido apoio da Anistia. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p.5.

escamoteação de um dado tão horripilante? Só Freud explica. Aliás, a pergunta a ser colocada é: viveremos ainda num mundo vitoriano? A nossa esperança até agora era que Hitler e Mussolini tivessem sido os últimos”³⁸².

A crítica aos períodos, instituições e sociedades, que no decorrer da história não deixaram de tratar os homossexuais hostilmente a ponto de construir discursos que tratam de excluí-los, seja no campo religioso, médico ou na atuação do Estado, foi algo constante nas páginas do periódico. A visibilidade dada aos homossexuais mortos e aos vivos por meio dessas matérias contribuiu para pensarmos que, para além das questões de um movimento de afirmação homossexual, ou de uma luta entre direita e esquerda, o *Lampião da Esquina* construiu e manteve a história daqueles que foram excluídos da sociedade por meio dela própria.

A agressão de seres humanos não é limitada por nossa constituição física. A vítima nem precisa estar presente, e o castigo pode ser aplicado indiretamente. Se miro com uma arma, disparo o gatilho e erro o alvo, na realidade não há estímulos desagradáveis, mas esse é certamente um caso de agressão. Apenas a má pontaria ou fatores acidentais impedem que o mal seja feito, mas a intenção é dar castigo. Portanto, a agressão pode ser definida através da intenção de dar estímulos desagradáveis, independente do fato de chegar ou não a conseguir fazê-lo. [...] A inferência da intenção de ferir é simples e direta. Em muitos casos de comportamento agressivo, pode não ser tão fácil inferir a intenção, mas as bases de inferência continuam as mesmas: exame de indicações que iniciam a agressão. Vista a partir desta perspectiva, a agressão tem duas intenções básicas: fazer com que a vítima sofra, ou aquisição de algum reforçador pelo agressor³⁸³.

A violência em locais frequentados por homossexuais, com destaques para São Paulo e Rio de Janeiro – onde eram produzidos os artigos de *Lampião* – esteve comumente nas páginas do jornal. Em formato de notícia comentada, as matérias que tratavam da violência tinham um cunho crítico, com comentários pessoais sobre o acontecido. Um exemplo é o caso do *michê* “Gaúcho” que matou a golpes de karatê um militar no chamado triângulo da badalação (Cinelândia ou Galeria Alaska, no Rio, e a Avenida São João, em São Paulo). O caso citado aconteceu no Rio de Janeiro. “Gaúcho”, junto com um companheiro de crime, saiu pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana em busca de alguém para assaltar. Na esquina de Copacabana com Miguel

³⁸² BITTENCOURT, Francisco. Lembrando o Triângulo Rosa. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 5.

³⁸³ BUSS. ARNOLD H. A agressão Compensa. In: SINGER, Jerome Leonard. *O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos*. São Paulo: USP, 1975, p. 10-13.

Lemos, encontra o capitão-de-corveta Thales de Aquino Coelho, a quem chama de viado. O militar reage. É agredido a golpes de karatê e vem a morrer, ali mesmo, sob forte pancadaria. “Gaúcho” foge, mas é preso no Hotel Miramar onde, calmamente, se misturara aos hóspedes, assistindo televisão, para fugir da polícia³⁸⁴. É interessante pensar que “Gaúcho”, por ser *michê*, se relacionava com homens também, porém não se considerava homossexual por ser o ativo da relação, ou por dizer que fazia aquilo por dinheiro, e que gostava mesmo era de mulher.

Na edição de número seis de novembro de 1978, o *Lampião da Esquina* trouxe o primeiro número voltado diretamente para os crimes contra os homossexuais. Com a capa “Crimes Sexuais” apresentou alguns casos de assassinatos após alguns acontecimentos em série. Aguinaldo Silva assinou a primeira matéria na quinta página do jornal com o caso de Décio Escobar, Juarez Bezerra Viana, Padre Antônio Carneiro e Fred Feldman. Décio Escobar foi estrangulado com um fio de náilon, com o qual seu pescoço foi amarrado ao gradil da cama colonial. Sua mãe disse que tinham sumido apenas duas coisas do apartamento: Cr\$ 660 (cruzeiros) e uma vitrola. Os criminosos repetiram a mesma história: mataram Décio para roubar, sem que o crime fosse premeditado.³⁸⁵

Não foi diferente com Juarez Bezerra Viana que ficou conhecido nos concursos de fantasia do Teatro Municipal como *O Cupido de Ouro*. O crime, supostamente praticado pelos mesmos motivos – para roubar –, teve características de violência diferentes do caso Décio Escobar. Juarez resistiu desesperadamente aos assassinos e, segundo um dos culpados, havia mantido relações com um deles antes, levando 22 facadas³⁸⁶. No caso do Padre Antônio Carneiro, o *Lampião da Esquina* mostrou o episódio mesmo tratando de algo acontecido nove anos antes, no dia 21 de setembro de 1969, no Rio de Janeiro. O padre foi morto com um soquete de carne por Nikon Sino Martins, então com 23 anos, com quem vivia a alguns meses³⁸⁷.

Já no caso do pianista Fred Feldman, *Lampião* trouxe a fala do assassino Aníbal Fonseca, de 23 anos, que contou no dia 12 de novembro de 1970 como matou o pianista no apartamento 324 da Avenida Copacabana 1241, na Galeria Aláska. Fred pegou um pedaço de pau que tinha no apartamento, perto da cama e deu uma pancada em seu

³⁸⁴ CHRYSÓSTOMO, Antônio. Cinelândia-Alaska-São João. Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 4.

³⁸⁵ SILVA, Aguinaldo. “Anormal assassinado em Copacabana” (Cada um tem a morte que fez por merecer?). *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 5.

³⁸⁶ Idem, ibidem.

³⁸⁷ Idem, ibidem.

ombro, ferindo também o seu nariz. Ele tomou-lhe o pau e deu a primeira pancada no frontal. Ele caiu na cama. Deu mais dois golpes. Ele agonizava. “Fui à janela para ver se alguém havia percebido algo. Nesta hora meu nariz pingava sangue no parapeito”³⁸⁸.

Percebemos nestes quatro casos que o jornal traz períodos anteriores ao ano da publicação, o que contribui para observarmos que essa violência estava presente antes do periódico surgir. As matérias expressas nas páginas do jornal que tratavam das formas de agressão contra os homossexuais não eram tratadas com preconceito, mas como combate. Além disso, observamos que em quase todos os casos os assassinos são homens jovens que já se relacionavam sexualmente com as vítimas, essas (nesses casos apresentados anteriormente) eram pessoas de classe média que ocupavam posições privilegiadas na sociedade brasileira da época.

João Silvério Trevisan assinaria outra matéria com mais um conjunto de casos de assassinatos contra homossexuais; desta vez tratava-se de crimes cometidos em uma única região, como no formato de um esquadrão, o qual ele intitulou “No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas” – fatos acontecidos por volta de junho de 1976, em Guaratinguetá, Lorena, Pindamonhangaba e outras cidades do Vale do Paraíba (todas no estado de São Paulo). Essas cidades foram abaladas pelo noticiário de alguns crimes que se misturaram a boatos, protestos, sensacionalismo e cartas anônimas circulando indiscriminadamente, dando origem a uma verdadeira caça das bruxas-bichas³⁸⁹.

Tudo teria começado com o suicídio de um jovem arquiteto de 26 anos em Guaratinguetá. O rapaz atirou contra o próprio peito na casa dos pais. Preparou-se de tal modo que ninguém tocasse nele depois de morto: tomou banho, enrolou gaze com algodão no peito, vestiu um terno novo e deu o tiro. Tivera, inclusive, o cuidado de aplicar-se uma injeção de coagulante, para evitar que seu sangue manchasse a roupa. Escreveu cartas. Para os pais, deixou um papel em branco³⁹⁰.

Mas não parou por aí. Menos de duas semanas após o suicídio, aparecia nas águas do rio Paraíba um cadáver já em putrefação de um jovem por volta de 25 anos, não identificado. Havia nele um detalhe curioso: os pelos púbicos tinham sido raspados. Não foram constatados sinais de violência, tratava-se de morte por afogamento, segundo o laudo médico. Alguns dias depois, outro cadáver aparecia boiando, desta vez nas águas de um córrego afluente do Paraíba. Também nu, o corpo foi, entretanto,

³⁸⁸ Idem, *ibidem*.

³⁸⁹ TREVISAN, João Silvério. No vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 7.

³⁹⁰ Idem, *ibidem*.

facilmente identificado: “tratava-se de Wanderley, uma jovem bicha de 18 anos, conhecida no folclore da cidade como Vandeca, sem ser travesti. Trazia ambos os sapatos fortemente amarrados nos braços”.³⁹¹ Apesar de se tratar de um exímio nadador, ainda outra vez se constatava morte por afogamento.

Os três casos foram imediatamente associados e viraram assunto da cidade e da região. Aos poucos correram boatos de que mais de 13 cadáveres de homossexuais teriam aparecido em circunstâncias também misteriosas. Daí foi um pulo para a explicação encontrada, a de que haveria na região um esquadrão especializado em matar homossexuais. A imprensa marrom³⁹² se aproveitou disso com uma manchete do jornalista José Aparecido dos Santos “MATANÇA DOS HOMOSSEXUAIS”. Outros jornais mandaram repórteres para a região, começando a lançar hipóteses ou conclusões inferidas a partir de boatos. Apesar da opinião contrária da polícia de Guaratinguetá, um jornal noticiou que os três casos estariam realmente relacionados: o próprio Antônio (o jovem arquiteto) cometera suicídio porque fora ameaçado pelo mesmo grupo que estava fazendo outras vítimas.

O esquadrão, segundo diziam, era composto por dois homens que apareciam mascarados nos lugares frequentados por homossexuais e dali os levavam para a morte. Segundo algumas pessoas, eram certas que o cadáver não identificado seria de um homossexual, “porque trazia ‘as partes íntimas depiladas a exemplo do que fazem os homossexuais passivos’”³⁹³. Outra conclusão: as mortes resultariam de uma guerra entre grupos de homossexuais rivais de Guaratinguetá e Lorena. Assim, ali estavam presentes “os combatentes das anomalias”, algo comum na história, uma vez que o discurso dominante, constituinte de poder e por isso formador das regras e das normas do “certo”

³⁹¹ Idem, *ibidem*.

³⁹² * Imprensa marrom é uma expressão pejorativa utilizada para se referir a veículos de comunicação (principalmente jornais, mas também revistas e emissoras de rádio e TV) considerados sensacionalistas, ou seja, que buscam elevadas audiências e vendagem através da divulgação exagerada de fatos e acontecimentos, sem compromisso com a autenticidade. Surgiu inspirada na expressão americana *yellow press*, que apareceu no final do século XIX quando dois jornais novaiorquinos disputavam a primazia de publicar, com exclusividade, a tira de histórias em quadrinhos *As aventuras de Yellow Kid*, o herói amarelo. Houve uma busca exarcebada em publicar esses quadrinhos, que o amarelo do nome do cobiçado personagem virou sinônimo de imprensa sem escrúpulos. Em 1959, o jornalista Alberto Dines, ao produzir matéria sobre o suicídio de um cineasta que vinha sendo chantageado por uma revista com o sugestivo nome de *Escândalo* - useira e vezeira em extorquir dinheiro de pessoas fotografadas em situações comprometedoras - deu-lhe o título de “Imprensa Amarela Leva Cineasta ao Suicídio”. Imediatamente o chefe de reportagem do veículo, Calazans Fernandes, fez o ácido comentário: “O amarelo é uma cor bonita, está até na bandeira nacional. Não merece ser usado numa notícia como essa. Vamos mudar para o marrom, que é escuro e lembra sujeira”. Cf. COTRIM, Márcio. In: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/76/artigo250934-1.asp>>.

³⁹³ TREVISAN, João Silvério. No vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas. Op. cit.

e do “errado”, construiu a ideia de anormal. O padrão social faz com que aqueles estejam fora dos limites desse padrão sejam considerados “anormais”³⁹⁴.

O *Lampião da Esquina* publicou o caso de violência contra homossexuais ocorrido não só no Brasil, mas também em outras regiões do mundo, dando especial atenção à América Latina. No número sete, de dezembro de 1978, apresentou uma série de reportagens sobre a situação de homossexuais em alguns países, como Argentina, Chile, e também no México³⁹⁵ em relação à violência tanto dos que eram assassinados quanto daqueles proibidos de ir e vir nas ruas desses países. Um texto escrito por Ricardo e Hector (integrantes da Frente de Libertação Homossexual da Argentina) e traduzido por Aguinaldo Silva, abre a série das matérias. Dizia ele que, da “sofrida e contraditória realidade de *nuestro* continente, esta é uma das faces que – sob o cúmplice silêncio da maioria – permanecem nas sombras”.³⁹⁶ A imagem construída sobre o sujeito que orienta seu desejo às pessoas do mesmo sexo é produzida pela cultura, que exterior a ele, o transforma em todos os males da sociedade, assim se constrói “através da força da exclusão e da abjeção”³⁹⁷.

Ou seja, “as representações de gênero são construídas por meio de um processo de exclusão violento, que admite as mais variadas formas de agressões, sejam elas, físicas, simbólicas ou psicológicas”.³⁹⁸ E não só. O sexo acaba por ser alvo da norma, ou melhor, se constitui como norma. Judith Butler chamaria essas normas de “normas regulatórias do ‘sexo’” que “trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”.³⁹⁹ Encontramo-nos, assim:

³⁹⁴ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, v. I, p. 201.

³⁹⁵ *Lampião* publicou outras matérias sobre a Argentina, assim como Espanha e Cuba. Cf. BITTENCOURT, Francisco. The Buenos Aires Affair. Roteiro guei de uma cidade em pânico. *Lampião da Esquina*, n. 22, março de 1980, p. 14; RIBONDI, Alexandre. Espanha quente. *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 7; CUBA: dez anos de caça às bichas. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 10; TREVISAN, João Silvério. Histórias que Mãe-Revolução não contava. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 11; Em 1971, um congresso decide o que é pecado. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 13.

³⁹⁶ RICARDO e HECTOR. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio (Trad. Aguinaldo Silva). *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 6.

³⁹⁷ Cf. BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 155.

³⁹⁸ VASCONCELOS, Talita Rafaela Araújo. “Da mulher para a mulher”: Op. cit., p. 70.

³⁹⁹ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: Op. cit., p. 154.

Desde o nascimento, desde antes do nascimento, em um sistema de significações, de representações, de uma linguagem que impregna de valores e determina comportamentos em divisões binárias, identitárias, classificatórias, exclusivas e excludentes. Mas uma representação também é histórica e, para manter-se, precisa ser recitada, repetida, ensinada, inculcada.⁴⁰⁰

Essa reiteração, ensinamento e repetição da lógica binária de gênero e de classificações sobre diferentes formas de direcionar o desejo, é feita constantemente por diversos discursos, seja na mídia, no trabalho, na família, na igreja, nos hospitais, etc. O que se pretende é frisar a diferença o máximo possível, e não só, que ela seja motivo de tratamento de desigualdade, para que a norma se mantenha como tal.

Ainda na Argentina, em meados de 1969 um grupo de homossexuais de Buenos Aires se reunia com a intenção de formar um movimento em defesa dos seus direitos: era a Frente de Libertação Homossexual. Vários deles tinham experiência no campo sindical e político. A constante repressão policial, que se materializava em periódicas batidas em cumprimento aos éditos que condenam toda pessoa homossexual – ou que o pareça – com a pena de 21 a 28 dias de cárcere é um dos motivos que mobilizou este grupo: a Seção de Moralidade da Polícia Federal detinha semanalmente em ruas, bares e saunas, dezenas de homossexuais, baseando-se unicamente em seu critério: todo homossexual é um escândalo público, ou um possível corruptor. Policiais das delegacias distritais – dos bairros – colaboravam também nesta tarefa “moralizadora”. Outro fator que fez o grupo se reunir foi a marginalização e o desprezo social, foi a condição que pesava sobre a homossexualidade na cultura argentina e nas suas instituições.⁴⁰¹

Segundo Guilherme Passamani a ditadura militar do final dos anos 1970 na Argentina foi implacável na perseguição aos homossexuais. Fosse por meio de intermédio das batidas policiais, das prisões, das torturas e desaparecimento de muitos homossexuais, “bem como de seu exílio forçado ou da perseguição e proibição de sociabilidade em vias públicas, a ditadura argentina instaurou o medo como forma mais eficaz de incorporação ao regime ou, pelo menos, de castração de oposição”.⁴⁰²

⁴⁰⁰ SWAIN, Tania Navarro. O Grande Silêncio: a violência da diferença sexual. In: STEVENS, Cristina; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de & ZANELLO, Valeska (Org.). *Gênero e Feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010, p. 35-48, p. 38.

⁴⁰¹ RICARDO e HECTOR. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio. Op. cit. * A lei em questão não foi encontrada.

⁴⁰² PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Homossexualidades e ditaduras militares: os casos de Brasil e Argentina. In: *Anais do 9º Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Florianópolis, 2010. Disponível em:

O que acontecia é que se uma casa em particular, por exemplo, realizava uma festa da qual participassem homossexuais e, embora todos fossem adultos, e um vizinho denunciasse isto, a polícia provavelmente detinha seus participantes e os acusava de escândalo público. A maioria dos juízes produziam os preconceitos. Na cidade de Córdoba, no ano de 1972, um rapaz matou seu amante e declarou ante o juiz que havia matado para terminar uma relação que considerava indigna. Uma revista⁴⁰³ publicou – segundo a matéria – a história sob o seguinte título: “Matou para ser homem”. O assassino ficou na prisão alguns meses apenas⁴⁰⁴.

Essa mesma revista apresentou ainda mais duas matérias sobre a Argentina: uma em relação aos turistas argentinos que frequentavam as cidades brasileiras dizendo não se tratar de turistas, mas sim de fugitivos da repressão argentina⁴⁰⁵; a outra tratava a repressão policial nas ruas de Buenos Aires contra os homossexuais, apresentando o centro da cidade tomado por policiais. “Os pontos de paquera estavam vazios. Buenos Aires vivia mergulhada numa paranoia. Isso ocorre não só com os homossexuais, evidentemente. Tudo lá é perigoso. Paquerar é delito. Delito por comércio carnal”⁴⁰⁶.

O período mais repressivo, segundo a matéria, foi o governo de Isabelita Perón e seu tenebroso Ministro do Bem-Estar Social, Lopez Rega. Ele organizou o grupo paramilitar chamado *Triple A* com fins políticos e moralizadores. Em 1975, *El Caudillo*, jornal oficial desse Ministério e porta voz da direita peronista, publicou violenta matéria

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275391766_ARQUIVO_Passamani.Completo.FG9.pdf>. Acesso: 15/12/2014. Cf. RAPISARDI, Flavio; MODARELLI, Alejandro. *Fiestas, baños y exílios: los gays porteños en la última dictadura*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000; BAZÁN, Osvaldo. *Historia de la homosexualidad en la Argentina*. De la Conquista de América al siglo XXI. Buenos Aires: Marea, 2006; COGGIOLA, Osvaldo. *Governos Militares na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2001; GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 15-41. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>. Acesso: 02/07/2014.

⁴⁰³ Não aparece nem o nome da revista, e nem notícias sobre os assassinatos que tiveram seus casos relatados no jornal.

⁴⁰⁴ RICARDO e HECTOR. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio. Op. cit.

⁴⁰⁵ BITTENCOURT, Francisco. “Não somos turistas, somos fugitivos”. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 7. Em fevereiro daquele ano, um jornal de ampla circulação pediu uma reportagem sobre a invasão do Brasil por argentinos nos meses de verão.

⁴⁰⁶ BUENOS AIRES: dois Policiais por quarteirão. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 8. “Exibir-se em via pública ou lugares públicos vestido ou disfarçado com roupas do outro sexo” (Portaria de 1949 “incitar ou oferecer-se publicamente ao ato carnal, seja qual for o sexo” (mesma portaria). Condenação prevista em decreto de 1946: depois de advertir o “pederasta” (sic) por duas vezes, pune-se com prisão que pode chegar a 30 dias– sem possibilidade de substituição por multa.* Houve uma busca detalhada sobre o órgão público da portaria de 1949 e sobre o número do decreto, porém não foi encontrado em primeira instância.

contra os homossexuais argentinos, sem esquecer de mencionar particularmente a Frente de Liberação.

Temos que acabar de vez com os homossexuais. Precisamos formar Esquadrões de Vigilância que façam uma limpeza nas ruas e agarrem esses indivíduos vestidos de mulher. Devemos cortar-lhes os cabelos e deixá-los amarrados em árvores, com cartazes dependurados, explicando os motivos. Não queremos mais homossexuais. Que eles partam para as nações amigas”. A ameaça não se restringe, evidentemente, aos homens: “As mulheres que vão contra a corrente (...) são metade machonas e metade marxistas. Trata-se dessas que andam por aí em motocicletas, pensando que são iguais aos homens. (...) Toma hormônios masculinos, têm voz grossa e mais de uma vez participaram em atentados contra a vida de policiais e soldados. É preciso acabar com os homossexuais. Devemos trancafiá-los ou matá-los⁴⁰⁷.

Importante observar aqui como o governo Argentino associava os “malefícios” que os homossexuais poderiam ocasionar à sociedade, também aos leitores de Karl Marx. Ou seja, tudo que estivesse fora da vontade da sociedade que constituía o poder, deveria ser excluído. Havia a “ameaça” dos homossexuais, a masculinidade heterossexual dos argentinos, e a “ameaça” marxista ao regime militar com o perigo de um golpe comunista.

Nota-se nesse caso como o governo argentino utilizava-se da imprensa para reiterar as suas formas de exclusão sobre os homossexuais e sobre tudo aquilo que poderia ameaçar o seu poder ou as vivências baseadas na moral e nos bons costumes. A imprensa passa a se constituir como um discurso de poder que junto com a religião e a medicina, vai manter a noção de homossexualidade atrelada à perversão e anomalia, e por isso o dever dos cidadãos em excluir essas pessoas para que elas não abalassem as estruturas normalizadoras vigentes na sociedade.

Nada muito diferente do que era no Chile e no México⁴⁰⁸ no mesmo período. No Chile, por exemplo, os soldados demonstravam interesses pelos homossexuais apenas para prendê-los ou estorqui-los. “Eles estão a fim de botar a bicharada toda em campo de concentração. Me disseram que outro dia três bichas pegaram uns soldados e foram todos para um bar conversar. Os soldados deixaram endereços e depois foram embora; o de sempre, claro”. Quando saíram do bar, “toparam com um pelotão lá fora. Os três

⁴⁰⁷ Idem, *ibidem*.

⁴⁰⁸ TREVISAN, João Silvério. México: que via el macho. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 8. O “conservadorismo” no México e a “dificuldade” em ser Homossexual por lá.

soldados apontaram para as bichas que foram agarradas e levadas embora. Até hoje não se tem notícia deles”.⁴⁰⁹

Os jornais que apoiavam o governo de Augusto Pinochet puseram-se a acusar os marxistas, homossexuais e delinquentes de elementos perniciosos à sociedade. Depois disso começaram as batidas policiais nos lugares frequentados por homossexuais. Todos esses pontos foram fechados e seus funcionários, na melhor das hipóteses, acabaram indo para os centros de detenção e tortura no país⁴¹⁰. Havia muitos casos de gente presa que a família não conseguia localizar. Como única e derradeira resposta, os familiares recebiam das autoridades um pacote com as roupas da pessoa desaparecida. Se os parentes protestavam que a pessoa não era marxista nem homossexual, as autoridades davam sempre a mesma desculpa: “Somos todos humanos. Também cometemos erros”⁴¹¹. Na época a Junta Militar afirmava que os únicos adversários das Forças Armadas Chilenas estavam tentando organizar guerrilhas para lutar contra o regime. Naturalmente, diziam eles, os guerrilheiros eram todos marxistas homossexuais. Algo muito parecido com o que vimos no primeiro capítulo e veremos adiante no caso brasileiro.

O *Lampião* expõe assim que a violência e a repressão sofrida pelos homossexuais não são um caso específico brasileiro, e que talvez os motivos sejam muitos parecidos: uma sociedade ocidental-judaico-cristã sexista, conservadora e fálica que rejeita tudo aquilo que se afasta da *masculinidade hegemônica*⁴¹² tida como norma,

⁴⁰⁹ MANUEL, Carlos. Chile: denúncias da matança (Trad. João Silvério Trevisan). *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 7. Foi feita uma busca nos jornais *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, sobre os casos de violência no Chile no final do ano de 1978, e não aparecem questões ligadas a esses acontecimentos.

⁴¹⁰ Durante a ditadura foi habilitada uma extensa rede de centros clandestinos de detenção e tortura ao longo de todo o país, sendo identificados 1132 desses centros de acordo com a Comissão Valech. Em muitos casos foram empregues as próprias instalações do Exército, a Força Aérea, a Armada e Carabineiros do Chile, conhecida como Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura é uma comissão criada em 2003 por Ricardo Lagos. O nome foi criado em homenagem ao arcebispo Sergio Valech, que a presidiu até 2010. Disponível em: < http://www.amnistia-internacional.pt/files/Pinochet_Factos_e_Numeros.pdf >.

⁴¹¹ MANUEL, Carlos. Chile: denúncias da matança. Op. cit.

⁴¹² “Um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si* – uma interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 2000, p. 17.

como regra a ser seguida. Talvez a “capacidade humana de praticar crueldades contra os outros tem sido muito maior do que a capacidade de imaginar os outros”⁴¹³.

A presença de um caso conhecido mundialmente, e que acabou virando filme⁴¹⁴ posteriormente, também foi publicado nas páginas do *Lampião da Esquina*, mostrando mais uma vez que a violência contra aqueles que se consideravam ou pareciam homossexuais não era um acontecimento apenas brasileiro. O sexismo estava impregnado em toda sociedade ocidental cristã. A matéria tratava do assassinato do vereador Harvey Milk, de San Francisco, Califórnia. O vereador Dan White, também de San Francisco, renunciou à sua cadeira na Câmara em protesto contra os baixos salários. Algumas semanas depois resolveu voltar atrás e retomar seu cargo. Mas tanto a Justiça quanto os eleitores se opuseram a isso, desaprovando o gesto irresponsável do ex-vereador. Irritado com a confirmação de que já haveria um substituto para sua cadeira, Dan White dirigiu-se ao prédio da Prefeitura e matou primeiro o prefeito, George Moscone e em seguida o colega vereador, Harvey Milk, com vários tiros de revólveres⁴¹⁵.

As razões do crime pareceram muito mais corriqueiras (ou sutis) do que se imaginava. O prefeito Moscone, ultraliberal, deixava-se fotografar na passeata anual dos homossexuais, sendo um político sensível à situação dos grupos discriminados. O vereador Milk, por sua vez, tinha sido eleito pela comunidade gay da cidade como seu representante: era confessadamente homossexual e proclamava com orgulho que se

⁴¹³ SCARRY, Elaine. The difficulty of imagining other people. In: NUSSBAUM, Martha; COHEN, Joshua (ed.). *For love of country?* Boston: Beacon Press, 2002. p. 98-110 *apud* HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. Op. cit., p. 37.

⁴¹⁴ MILK – A VOZ DA IGUALDADE. Direção de Gus Van Sant e Roteiro de Dustin Lance Black, 2008.

⁴¹⁵ TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião da Esquina*, n. 8, janeiro de 1979, p. 2. Seis meses depois *Lampião* divulgaria uma reportagem sobre a absolvição do assassino do prefeito Moscone e do vereador Milk. Diante da prefeitura, a multidão já soma 3.000 pessoas; o número aumentou rapidamente para 5.000 manifestantes, (Nesse mesmo local, milhares de homossexuais tinham realizado uma vigília de velas acesas, em silêncio, na noite do assassinato de Harvey Milk. As pessoas começam a fazer fogueiras no parapeito das enormes janelas térreas do prédio da prefeitura. Dentro, os vereadores estão em sessão ordinária com a prefeita Diane Feinstein; suspendem a reunião mas não conseguem sair. Lá fora começa o tumulto: manifestantes arrebentam portas e janelas, ao mesmo tempo que três carros da polícia são incendiados; até o final da noite, todas as vidraças do imenso prédio estarão quebradas. Os bombeiros ficam a postos dentro do prédio, mas a multidão é grande demais e muito numerosos os focos de incêndio para que eles consigam agir com eficácia. No final da manifestação, a praça está tomada por 10.000 manifestantes, 12 a 15 carros da polícia são queimados, além de motocicletas policiais e carros dos frequentadores da Ópera, próxima dali. TOMABENE, Fran. Nas ruas, no calor da hora. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 3.

tornara o primeiro político americano a sustentar publicamente suas preferências sexuais não convencionais.⁴¹⁶

A apresentação da violência contra homossexuais foi exposta também pelos leitores do jornal. O jornal *Lampião da Esquina* abriu espaço e publicava a carta de um leitor que perdeu seu companheiro após um suicídio em janeiro de 1979. Seu parceiro, um bancário, jogou-se do 10º andar de um edifício em Porto Alegre/RS, morrendo uma hora depois por lesão craniana, segundo laudo médico do IML (Instituto Médico Legal). “Ele tinha 23 anos, nível cultural razoável, assumido e sem problemas maiores como o da sobrevivência no dia-a-dia, já que trabalhava: tinha tudo para correr bem – tudo devia correr bem, mas não correu”⁴¹⁷. A fala que se destaca é quando seu companheiro diz que o parceiro não era um cara desmunhecado, mas tradicional, tolerado até em novelas. Para ele, isso pode ter sido a cerne da questão. Era um cara, ainda segundo seu parceiro, que se comportava como sua natureza mandava, mas não partilhava do *modus vivendi* estabelecido. A situação é esta: ou se faz o papel de “bicha louca inofensiva e posta no seu lugar, ou tenta-se lutar pela vida de igual para igual, mesmo não negando a condição de homossexual. No primeiro caso, até é bom usar uma máscara de palhaço de vez em quando e contar mil e uma piadas”⁴¹⁸.

Como disse Norbert Elias, em seu *Processo civilizador*, a norma é tão forte, é construída de uma maneira tão contundente, a ponto de parecer não existir outra saída, sendo capaz de criar um autocontrole no sujeito: “O código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma que se torna elemento constituinte do indivíduo”⁴¹⁹, a ponto de levá-lo ao suicídio, por exemplo. Quem matou esse homossexual não foi ele ao pular de um prédio, foi a sociedade que o constituiu como *anormal, delinquente, perverso*, foram os discursos institucionais apoiados na conservação do sexismo, da violência, da exclusão da antinorma.

A edição de maio de 1979 trouxe uma abordagem um pouco diferente no que diz respeito à violência contra os homossexuais. *Lampião da Esquina* apresentou uma série de reportagens sobre a violência sofrida pelas mulheres e ainda a questão das homossexualidades femininas. Antes, apresentou mais uma vítima da não aceitação da homossexualidade na sociedade brasileira: tratava-se de Jorge Mala-Fria, personagem

⁴¹⁶ Na noite do crime 30 mil pessoas caminharam em procissão por San Francisco, carregando velas acesas, enquanto tambores batiam sons fúnebres e Joan Baez se apresentava, cantando suas velhas canções de protesto. Idem, ibidem.

⁴¹⁷ SILVA, Carlos A. P. Um alerta – um aviso. *Lampião da Esquina*, n.11, abril de 1979, p. 2.

⁴¹⁸ Idem, ibidem.

⁴¹⁹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: Op. cit., p. 189.

da seção bixórdia, que foi morto no domingo de 29 de abril de 1979 em plena Cinelândia, no Rio. O criminoso? Ninguém sabe, ninguém viu. O corpo de Jorge ficou estendido de bruços na rua, rodeado por quatro velas que alguém acendeu, a merecer comentários frios dos passantes. “Ele era um desses seres infelizes que acabam inventando toda uma cerimônia secreta para esconder a própria homossexualidade – ele não era homossexual, apenas transava para roubar. De qualquer modo, tudo muito triste”⁴²⁰.

Pela primeira vez na história deste país um grupo de mulheres se reunia para falar e escrever acerca de sua homossexualidade. Aquelas mulheres eram sempre esquecidas, negadas e renegadas, exatamente por não se submeterem às funções que a sociedade sexista impunha como naturais. “É a primeira vez, sim senhora. Pode procurar em toda a sua memória, pode consultar o que e a quem você quiser. Os jornais e movimentos feministas no Brasil nunca tocaram no assunto”⁴²¹. A formulação mais avançada das feministas, que está na Carta dos Direitos de Mulher, diz que a sexualidade feminina não deveria ser vista apenas a serviço da reprodução.

Criticavam uma matéria do jornal *Repórter* que reforçava toda a ideologia sexista (que algumas mulheres, evidentemente, também assumem) ao apresentar a divisão das funções sexuais. O que era visível na matéria, segundo elas, era a relação de dominação e subordinação, mostrando o pouco conhecimento do jornal em relação ao assunto⁴²². Uma questão extremamente importante que não é tocada nem de leve é a que se refere a toda uma capacidade inventiva, criativa dessas relações. “Nada indica – a não ser a ideologia dominante, que transforma as relações afetivas/amorosas/sexuais em relações de poder, que as mulheres tenham de reproduzir relações de dominação e subordinação em suas vivências”⁴²³. Observa-se que não se trata de uma violência que exclui fisicamente como os assassinatos, mas que exclui a mulher de viver em sua plenitude. *Lampião da Esquina* não deixou em momento algum de mostrar essa violência e a luta das mulheres, lésbicas ou não, em suas páginas.

Na mesma página desse editorial assinado por mulheres, escreveriam: “Não Somos Anormais”, tratando da dificuldade em ser lésbica em uma sociedade que prega diariamente as funções femininas e quais os seus caminhos, considerando em geral as mulheres homossexuais unicamente em função de sua vida sexual. E a primeira

⁴²⁰ IN MEMORIAM. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 5.

⁴²¹ NÓS também estamos aí. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

⁴²² Não foi encontrada essa matéria no jornal *Reporter*, devido o fato de não haver ela disponibilizada.

⁴²³ NÓS também estamos aí. Op. cit.

pergunta que surge é sempre: “Mas o que duas mulheres podem fazer na cama”? A mesma coisa que dizer: “Como elas podem fazer alguma coisa, se lhes falta um elemento essencial”? O sexo entre mulheres é invariavelmente conduzido “para o único elemento que não tem nada a ver – um apêndice masculino, o Pênis. Não é por outra razão que muitos homens, com um gesto vulgar, segurando seus órgãos sexuais como um pacote, manifestam, frequentemente: ‘Elas estão precisando é disso’”⁴²⁴.

Percebemos aqui como os estudos de gênero possibilitam romper com essa construção histórica e cultural, fadada em preconceito e tentativa de poder e controle sobre o corpo do outro.

O gênero não é um atributo ao qual estamos predestinados, mas, antes, que ele está sendo feito e refeito de maneira constante. O gênero, sob este viés, não “é”, mas, em todo caso, se produzem em e através dos corpos, mediante a repetição ritualizada das normas que estabelecem o modo como iremos nos comportar enquanto sujeitos generizados. A partir disso, se o gênero é o efeito de uma repetição de normas, tais normas constitutivas do gênero poderão ser repetidas ou citadas de tal modo que passem a reproduzir a normativa genérica, ou ainda, de tal maneira que possam questionar ou até mesmo subverter a normativa em questão. Neste contexto, o gênero, entendido como conjunto de normas que se efetiva somente em função de sua atualização, encontrar-se aberto a um processo de ressignificação. Logo, a ressignificação das normas de gênero consistirá, via de regra, em um modelo que possibilite a sua transformação.⁴²⁵

O depoimento de duas mulheres lésbicas a respeito da repressão sofrida por elas desde a infância pela família também é exposta, tratando a violência que não só elimina o ser no sentido físico, mas que elimina as suas vivências. Ou seja, “o poder de negação do outro não se manifesta apenas pelas ameaças de violência física, mas por uma violência de natureza simbólica – o desprezo aos valores próprios de outras culturas”⁴²⁶, e no caso, de outras formas de se viver a sexualidade. As escritoras justificavam a escolha dos depoimentos no sentido de ilustrar como a repressão pode atuar na vida das mulheres homossexuais:

⁴²⁴ NÃO somos anormais. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

⁴²⁵ Entrevista de Judith Butler. In: SABSAY, Letícia. Dossiê: Judith Butler. Feminismo como provocação. *Revista Cult*, n. 185, p. 20-43, 2014, p. 39.

⁴²⁶ ANSART-DOULEN, Michèle. A noção de alteridade: do sujeito segundo a razão iluminista à crise de identidade no mundo contemporâneo. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 23-35.

“É mais fácil ser lésbica do que ser bicha”, diz muita gente, porque mulheres podem se dar as mãos na rua, até andar de braço dado, – porque as famílias permitem que as meninas durmam com as amiguinhas, enquanto isso é proibido aos meninos. A expressão da homossexualidade, entretanto, é sempre difícil. Mas parece evidente que os homossexuais já conquistaram mais amplos espaços do que as mulheres homossexuais. Pelo menos espaço público. Está aí o *Lampião*, que não nos deixa mentir, só depois de um ano de batalha, à exceção de algumas cartas, as mulheres homossexuais começam a aparecer. Repressão é repressão, tem várias formas de se manifestar e é sentida diferentemente pelas pessoas. Nós não queremos dizer que sofremos mais do que os homens por causa da nossa condição de mulheres e de nossa preferência sexual (temos nossas contrapartidas, é preciso não esquecer). Escolhemos dois depoimentos para ilustrar como a repressão pode atuar na vida das mulheres homossexuais. São duas histórias de vida⁴²⁷.

Nota-se que a preocupação do jornal não estava voltada apenas aos homossexuais masculinos, mas às homossexualidades em si; a crítica era dirigida à manutenção de um comportamento de exclusão e repressão que abrangia todos que não fossem heterossexuais ou não se comportavam como tal. As culturas modernas inventaram e se serviram de uma lógica binária, a partir da qual denominou de diferentes modos o componente negativo da relação cultural:

Marginal, indigente, louco, deficiente, drogadinho, homossexual, estrangeiro etc. Essa oposição binárias sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro mas dentro dele, como imagem velada, como sua inversão negativa⁴²⁸.

No início do mês de maio de 1979, *Lampião da Esquina* publicaria a notícia do assassinato do maquiador e diretor de produção Alphonsus Manuel Barros, que tinha menos de 40 anos, era uruguaio radicado no Brasil, e um dos mais competentes profissionais da área de publicidade. Alphonsus foi encontrado degolado, pés e mãos amarradas, nu, jogado na banheira – seu rosto irreconhecível por supostas porradas que mancharam de sangue as paredes de sua casa. “‘Aqui estamos nós, a violência’ – era o que estas manchas pareciam querer dizer. Seu apartamento foi saqueado, e seu carro roubado, foi encontrado dias depois, na Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana”⁴²⁹.

⁴²⁷ ENTÃO, porque tanta repressão? *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

⁴²⁸ DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

⁴²⁹ LACERDA, Luiz Carlos. Um crime para não esquecer. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 4.

A maneira como os crimes aconteciam eram muito parecidas. Os assassinos davam a desculpa de que se tratava apenas de um roubo, e que mataram por matar, mas percebe-se quase sempre que havia uma relação com a vítima. A maneira fria e o ódio que se encontram nas cenas dos crimes constituem as formas de violência que os homossexuais sofriam, fossem eles ligados a um grupo que possuísse um poder aquisitivo maior ou não.

Perguntava-se Aguinaldo Silva em janeiro de 1980: “Um esquadrão mata-bicha?”, a respeito dos frequentes casos de linchamentos ocorridos nos últimos meses do ano de 1979 em várias cidades brasileiras: Bastava ler o noticiário a respeito para perceber que na raiz de cada um deles estava sempre a questão da diferença: “alguma coisa nos linchados os tornava à parte aos olhos da multidão, e era esta exceção detectada no comportamento de cada um o que dava razão a violência”⁴³⁰.

A diferença sempre foi o que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela que dá razão, por exemplo, de naquele período alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio de Janeiro, se organizassem em bandos, invadindo com frequência cada vez maior os locais frequentados por homossexuais para “castigá-los”; ou, ainda, como no fato ocorrido na Gueifieira Palace, também no Rio: um bando de soldados da polícia militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro de homens e surraram indiscriminadamente todos que lá estavam, retirando-se depois, sem ser molestados ⁴³¹.

Dizia Aguinaldo Silva:

Lembro-me de quantas vezes, em nossa história o “sentimento cristão” foi manipulado para justificar o genocídio dos índios, a escravidão, a tortura e a matança dos negros. O próprio D. Eugênio⁴³² reconheceu, há alguns meses, que a Igreja tinha uma dívida para com os negros brasileiros (e na medida em que eles finalmente se organizam, é preciso saldar urgentemente essa dívida: não é à toa que a Igreja está tentando se aproximar do movimento negro); quantos homossexuais ainda terão que ser pisoteados, presos, humilhados, internados em clínicas psiquiátricas e até linchados, antes que a Igreja mude sua

⁴³⁰ SILVA, Aguinaldo. Um esquadrão mata-bicha? *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 3.

⁴³¹ Idem, *ibidem*.

⁴³² “Levando em conta tudo isso, eu li, tomado de indignação, o texto de “A Voz do Pastor” do dia 7, uma espécie de ordem do dia que D. Eugênio Sales, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, transmite aos seus fiéis, na qual me passou um subtexto que me pareceu uma exortação à violência: ele elogia “um grupo de jovens católicos” que promoveu “um ato público” na orla marítima, precisamente no Leblon, “incluindo explicitamente uma repulsa a imoralidade” (na verdade, um protesto contra meia dúzia de mocinhas que, neste final de 1979, passaram a tirar soutien num trecho da praia, repetindo um gesto que, em algumas praias europeias, já se tornou um hábito, sem que disso resultasse maiores traumas”. Idem, *ibidem*.

posição quanto ao assunto, reconhecendo que eles não merecem esse “tratamento especial”⁴³³

Cria-se com isso um grande sentimento de intolerância baseado numa desaprovação não só das crenças, mas também das convicções do *outro*, com o poder de impedir que esse *outro* leve sua vida como bem entenda⁴³⁴. Em suas formas mais evidentes, a intolerância é sempre “a expressão de uma vontade de assegurar a coesão daquilo que é considerado como que saído de *Si*, idêntico a *Si*, que destrói tudo o que se opõe a essa proeminência absoluta”⁴³⁵. Ela não é jamais um mero acidente de percurso. Existe uma lógica de intolerância, e ela serve aos interesses que se julgam ameaçados.

A noção de homossexualidade atrelada à passividade foi justificativa (e ainda é) para crimes cometidos contra os homossexuais, servindo de desculpa e tornando muita das vezes a vítima em criminoso, como foi o caso de “Luisa Felpuda”, que fornecia *michês* e alugava os quartos aos homossexuais de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para que fossem realizados os programas. Para os mais afortunados, mediante uma grana mais alta, havia quarto com geladeira, música, refrigeração e lençóis coloridos. E bebida à vontade, por conta da casa, enquanto se esperava vaga.

Luisa Felpuda, ou Luís, foi assassinado por Jairo, *michê* de profissão que frequentava sua casa para transar com clientes homossexuais, dos quais cobrava alto. Quando, na noite de 29 para 30 de abril de 1980, chegou para trabalhar, teria levado uma cantada de Luís. Aceitando, fez seu preço e transaram. Mais tarde, aproveitando uma ida de Luís ao banheiro, Jairo teria começado o saque: anel, relógio, dinheiro. Foi flagrado. Abateu Luís e seu irmão com golpes de enxada, castrou o quase cliente, fez a casa pegar fogo e fugiu⁴³⁶. Luís tinha um irmão com deficiência mental e que vivia uma vida semivegetativa, e os jornais da região não pouparam preconceito e sensacionalismo ao colocarem em suas manchetes “o assassinato dos irmãos homossexuais”.

Jairo enfatizou em todas as suas declarações, que era homem e macho. Que o ambiente de trabalho na “Mansão da Tia Velha” era bom. Que sempre sentia nojo quando transava com homossexuais. Que nunca deu e sempre comeu. Por outras palavras, estava muito preocupado em provar que não era homossexual. “Um papo

⁴³³ Idem, *ibidem*.

⁴³⁴ Cf. RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 20-23.

⁴³⁵ HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância*. Op. cit., p. 24-27.

⁴³⁶ CARNEIRO, João. A morte de “Luisa Felpuda”. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 4.

furado que até poderá enganar os que não conhecem o mundo dos putos. Daí a acusar os outros homossexuais, de serem responsáveis por todo de mau que lhe aconteceu na vida, todos sabemos por experiência, vai um passo bem pequeno”⁴³⁷. Seu advogado justificava o crime do *michê* como um favor à sociedade:

Jairo foi uma das muitas vítimas de Luisa Felpuda, pelos danos morais causados pelo sadomasoquista à sociedade atual. Quis o destino que a purificação da sociedade se fizesse através de um menos, religioso e exacerbadamente responsável, pois sua conduta se justifica quando “Luisa Felpuda”, após o uso de tóxicos, tentou inverter o relacionamento sexual. Se Jairo aceitasse, mediante pagamento, seria mais um prostituto pelo desespero que esta sociedade injusta oferece a uma geração. Se formos buscar as causas remotas da morte de “Luisa Felpuda”, há de se reconhecer que seus gestos estão justificados⁴³⁸.

A grande imprensa, o rádio e a TV gaúchos, além de darem honras de herói ao *michê*, tiveram um comportamento sensacionalista, difamatório e profundamente lamentável. Os homossexuais foram apontados como criminosos potenciais, de altíssima periculosidade social, merecendo prisão e/ou tratamento psiquiátrico.

Neste mesmo número o *Lampião da Esquina* apresentaria mais dois assassinatos. É interessante pensar que o jornal buscava expor essas mortes em diversas cidades do país também. As dificuldades em ter essas informações na época são as mesmas dos dias de hoje, uma vez que só é possível fazer o levantamento ou análise desses crimes por meio de notícias, já que pouco se vê denúncias ou boletins de ocorrência sobre esses casos, sempre tratados apenas como homicídios e quase nunca como um crime contra o homossexual⁴³⁹.

João Carneiro apresentaria a morte do pianista de 40 anos Evar Lemoine Silva, o “Bamba”, músico que atuava no Grande Hotel e no Miramar, em Recife. O crime aconteceu na manhã do dia 6 de maio de 1980, terça-feira, em seu apartamento no Edifício Holliday, no bairro da Boa Viagem. Além de uma pancada forte na cabeça, o corpo estava cravado de facas, garfos e chaves de fenda. O principal suspeito começou sendo João Batista da Silva Neto, filho de um policial, logo preso, seguido de um desconhecido de 1m e 80 cm de altura, que habitualmente usava roupa branca e uma

⁴³⁷ Idem, *ibidem*.

⁴³⁸ Idem, *ibidem*.

⁴³⁹ Ver, por exemplo, SILVA JÚNIOR, Enézio de Deus. 2011. 217 f. *Assassinatos de homossexuais e travestis: estado, sociedade e famílias em face da violência homo(trans)fóbica*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea), Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação-Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2011.

touca preta. Segundo os vizinhos, “Bamba” e João teriam um caso há vários anos, embora não morassem juntos. Cerca de um mês antes a vítima teria se relacionado com o segundo suspeito, estando disposto a se separar de João. Até o fim da edição o terceiro homem ainda não tinha sido preso nem sequer identificado.⁴⁴⁰

Apesar de imediatamente se pensar em crime sexual com finalidade sexual, estamos diante de um crime de tortura, dominação, apropriação, conquista bélica de um corpo, agressão generalizada a esse corpo e às pessoas que estão associadas a esse corpo. A orientação é a seguinte: ser capaz de separar entre o meio do crime, que é sexual, e a sua finalidade. Na realidade, são três aspectos: o meio, que é sexual; a finalidade, que é dominação; e o resultado real do crime, que é a tortura, a crueldade, o tratamento inumano, os maus-tratos⁴⁴¹.

Assim, os sujeitos a partir do momento que se tornam objeto do direcionamento dos “malefícios” impostos pela cultura, no qual se constroem neles regras e normas sobre o exercício de sua sexualidade, o mesmo, ao se distanciar de tais modos, acaba por ser alvo de exclusão. O corpo que é seu, agora passa a pertencer aos “combatentes das aberrações da sociedade”, ou seja, aqueles que em nome de determinadas realidades construídas histórica e culturalmente, se sentem no direito de eliminar a vida do outro simplesmente por viverem seus desejos à margem da norma.

Na edição de 26 de maio de 1980, nº. 979 da revista *Fatos e Fotos/Gente*, a repórter Iracema Rodrigues escrevia que havia algum tempo que os homossexuais estavam sendo vítimas de uma bruxa, no mínimo, preconceituosa, no Recife. Ela se referia ao caso do bailarino Tony Vieira que foi assassinado por seu ex-amante, o médico Clóvis Marques Filho no dia 9 de março de 1980, domingo, no número 352 da Rua Amélia, Edifício Sta. Margarida, no bairro dos Aflitos, em Recife. Entretanto, apesar de se saber o nome do assassino, as investigações continuavam paradas e nada de concreto foi descoberto⁴⁴². Antônio Carlos Cunha Vieira, o Tony, estava com duas balas no peito e uma na cabeça. Para o detetive José Edson Barbosa colocavam-se três hipóteses principais: tentativa de homicídio, seguida de suicídio; homicídio, seguido de tentativa ou simulação de suicídio; tentativa de homicídio contra Clovis, seguida de

⁴⁴⁰ CARNEIRO, João. A morte de “Bamba” assassinado. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 5.

⁴⁴¹ SEGATO, Rita Laura. Crimes de gênero em tempos de “paz” e de guerra. In: STEVENS, Cristina; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. ; ZANELLO, Valeska (Org.). *Gênero e Feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília: ExLibris, 2010, p. 49-62.

⁴⁴² O MÉDICO e o bailarino: mistério. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 6.

suicídio, de Tony, com uma ação homicida sucessiva⁴⁴³. O mais importante e o mais grave, é que ninguém foi preso como suspeito. E é desse impasse que precisamos sair. Ou será que alguém consegue se suicidar com três tiros?

Recife foi palco de mais uma reportagem. É interessante pensar que o nordeste hoje é a região que mais mata homossexuais no Brasil⁴⁴⁴, algo não muito distante dos tempos do *Lampião*. Em um artigo assinado por João Carneiro, no qual lembrava que continuavam soltos e “desconhecidos” os assassinos de Tony e de Bamba, apesar de todos gritarem que sabiam quem acabou com a vida de quem, só a polícia continuava não sabendo de nada. Mais um crime de morte no Edifício Holiday no bairro de Boa Viagem, e onde estava(m) o(s) assassino(s)? - perguntava João Carneiro.

Marcos José de Moura, o Marquinhos, conhecido e respeitado médico ginecologista, de 40 anos, foi assassinado na manhã de 4 de agosto de 1980, uma segunda-feira, cerca do meio-dia, com uma cacetada que provocou a morte por fratura de crânio. Só foi encontrado na madrugada do dia 7, quinta-feira, quando seu vizinho sentiu o cheiro do cadáver em putrefação. O porteiro Ramiro Salviano chamou a delegacia de plantão, arrombaram a porta que estava trancada e com cadeado de reforço, e depararam com o morto jogado sobre os almofadões da sala. Para alguns moradores do prédio, havia dois suspeitos principais: os amigos de Marquinhos, Chiquinho e Fernando⁴⁴⁵. Fernando confessou ter assassinado Marquinhos que o andava paquerando, e confirmava ser caso do padre César. O jovem afirma ter conhecido Marquinhos no fim de 1979. E diz que, depois do crime (várias pancadas, com um porrete, na cabeça da vítima), lavou as mãos, roubou dinheiro, documentos e talões de cheques, fugiu com o carro do médico, e começou seu passeio por Pernambuco, Parelha e Rio Grande do Norte⁴⁴⁶.

A diversidade e a forma das matérias que vão abarcar não só as nuances da violência na sociedade brasileira, mas também os sujeitos que a vivenciam, é clara nas páginas do jornal. O espaço dado às mulheres, negros, índios, lésbicas, deficientes físicos/mentais, presidiários, ecologistas e todos aqueles que se constituem como

⁴⁴³ Idem, ibidem.

⁴⁴⁴ No ano de 2010, por exemplo, o total de homossexuais mortos chega a 260 no Brasil, no qual 140 deles são contra os homossexuais masculinos. A região nordeste se apresenta como a mais violenta com 112 mortes, 62 delas de homossexuais, mantendo-se assim, a mais violenta desde 2005. Cf. GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012.

⁴⁴⁵ CARNEIRO, João. Recife: mais uma bicha executada. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 3.

⁴⁴⁶ Idem, ibidem.

“diferentes”, constrói a imagem e a ideia do jornal que se manteve durante seus dias de vida.

A carta de Christopher Lemmond, um prisioneiro da Penitenciária do Estado do Novo México (Estados Unidos), que pediu à imprensa gay e alternativa em geral que a publicasse e que foi exposta no *Lampião da Esquina*, relata muito bem essa diversidade e preocupação com o que se mantinha na sociedade ocidental-cristã, no caso a violência contra o *outro*⁴⁴⁷.

Christopher foi condenado por roubo à mão armada no final de julho de 1976; no quinto dia na prisão foi violado e esfaqueado por cinco presos. Decidiu que seria melhor permanecer fechado numa solitária durante o tempo de condenação, de 10 a 50 anos, do que se deixar ser usado pelos demais prisioneiros como objeto de masturbação. Foi colocado em isolamento numa cela de 1 metro e 80 por 2 metros e 70, rodeado por homens hostis e furiosos, sempre procurando alguém sobre o qual dar vazão às suas emoções. Nos três meses seguintes tentaram queimá-lo vivo. Jogaram nele fezes e urina e foi submetido a um verdadeiro tormento verbal. Teve de lutar contra isso das seis da manhã à meia noite, todos os dias da semana.

Na verdade, eu tive mais sorte do que muitos jovens gueis ou heteros na prisão. Eu vi como é que fica uma pessoa depois de ter sido subjugada e vendida por um maço de cigarros tantas vezes até ninguém mais querer comprá-la. Depois disso o preso se transforma em “propriedade da casa”. A escravidão sexual é comum aqui. Os homossexuais são muitas vezes apostados em lugar de dinheiro nas partidas de pôquer. Eles já não sabem mais quem são seus proprietários ou o que é que vai ser feito com eles a seguir. São emprestados aos amigos de seus proprietários, surrados e explorados. Sei de um caso em que um homem foi enforcado porque “não era mais apertado”. As autoridades chamam a isso “O Problema Homossexual”, embora muito raramente, talvez nunca, os estupradores sejam gueis. As autoridades carcerárias dizem que a culpa é nossa e evidentemente acham que estamos tendo o castigo merecido. Na realidade, são elas as culpadas. Na raiz do problema estão as condições de superlotação, o tratamento desumano de todos os presos, a falta de educação dos prisioneiros heteros quanto aos seus colegas gueis, a recusa em permitir que os homossexuais se unam e a ausência de um processo que permita a todos os encarcerados veicular seus inevitáveis sentimentos sobre a maneira como são tratados e as condições de vida. Promovendo o ódio e a violência entre os presos as autoridades podem continuar distribuindo seu tratamento desumano para todos nós.⁴⁴⁸

⁴⁴⁷ LEMMOND, Christopher. Na jaula (a história de um presidiário guei). *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 4.

⁴⁴⁸ Idem, ibidem.

Entendemos assim, por meio das matérias publicadas pelo *Lampião da Esquina*, que os crimes contra os homossexuais e as formas como foram constituídos estavam ligados ao ódio, e a repulsa contra os homossexuais fruto de uma construção histórico-cultural que afirma e reafirma o lugar do *outro*, do diferente, e que ensina a excluir tudo aquilo que se distancia da chamada norma vigente. *Lampião da Esquina* ao apresentar esses assassinatos, bem como a diversidade das vítimas, possibilita a visibilidade não só dessa violência, mas também das pessoas que foram excluídas por conta do papel social dado a elas. Essas matérias colaboram para percebermos a violência produzida contra os homossexuais naquele período em diversas instâncias da sociedade sempre apoiadas por vários discursos que a legitimam. Ou como disse Françoise Héretier: “Nenhuma sociedade dá inteira permissão para matar os outros, assim como nenhuma sociedade o impede inteiramente”⁴⁴⁹.

3.2 A VIOLÊNCIA INVISÍVEL: REPRESSÃO E EXCLUSÃO DOS HOMOSSEXUAIS

Conforme disse Jean-Jacques Courtine, o problema que iria se encontrar ao longo de todo o século XIX era o modelo poderoso do *monstro*, a forma desenvolvida pelos jogos da natureza de todas as irregularidades possíveis, o grande modelo de todos os pequenos desvios⁴⁵⁰. Parece que, passado um século, o *monstro* continuava a existir no Brasil do *Lampião da Esquina*, e não só sua existência prevalecia, mas também a manutenção da ideia de exclusão nos mais diversos espaços, das mais diversas maneiras.

Pretendemos aqui expor e analisar por meio das páginas do periódico *Lampião da Esquina*, como os homossexuais sofria uma violência que parecia ser *invisível*, pois se dava de uma maneira bem “discreta e quase imperceptível”, dissimulada no discurso social, mas não no *Lampião*, como veremos. O olhar para esse tipo de violência serve para compreendermos como ela também era produzida naquele período em relação às homossexualidades e a todas as “minorias desviantes”, como se não houvesse apenas a rejeição do diferente, mas também a obsessão pela diferença, sendo entendida como aquilo que contamina a pretensa pureza, a suposta ordem, a presumida perfeição do

⁴⁴⁹ HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância*: Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.

⁴⁵⁰ COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História do corpo*: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 257.

mundo.⁴⁵¹ Michel Foucault destaca as marcações e reiterações criadas historicamente sobre os sexos, ao tratar o que ele convencionou chamar de perversão explosiva e fragmentada na sociedade burguesa do século XIX e XX, e o poder que ela exerce sobre o sexo, por meio dos discursos e das instituições. Essa sociedade, não por querer:

Erguer uma barreira demasiado rigorosa ou geral contra a sexualidade tivesse, a contragosto, possibilitado toda uma germinação perversa e uma séria patologia do instinto sexual. Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas. Não a exclui, mas inclui no corpo à guiza de modo de especificação dos indivíduos. [...] Não opõe uma barreira, organiza lugares de máxima saturação. Produz e fixa o despropósito sexual. A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente.⁴⁵²

Após a edição de número zero, o *Lampião da Esquina* traria dois casos de repressão e exclusão em suas páginas; as duas matérias pareceriam extremas se não fosse o tratamento de desigualdade estar abarcado pela mesma noção de imoralidade. O primeiro tratava de um padre que assumira sua homossexualidade e o segundo sobre um deputado que usava roupas “inadequadas”⁴⁵³.

Em fins do ano de 1977 um livro lançado nas livrarias espanholas transformou-se em poucos dias, num grande sucesso editorial. Com o título *Todos los parques no son um paraíso*, seu autor Antônio Roig Roselló, o Padre Antônio, da Ordem dos Carmelitas Descalços, confessava publicamente a sua homossexualidade, e reivindicava o direito de – inclusive enquanto padre – viver de acordo com sua própria sexualidade. Mas os problemas logo começaram a surgir em consequência da publicação do livro. Várias sanções foram feitas contra ele, até que, em janeiro de 1978, o Padre Antônio foi suspenso pelo Arcebispo de Valência. No convento onde morava ele passou a ser evitado pelos outros padres e impedido de rezar missas, pregar ou ouvir confissões; e

⁴⁵¹ VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

⁴⁵² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. Op.cit., p. 54-55.

⁴⁵³ Moral: *conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar quer para grupo ou pessoa determinada*. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed. rev. e aum., 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ainda sob ameaça de expulsão, foi também proibido de falar sobre sua homossexualidade⁴⁵⁴.

Não muito diferente aconteceu em 1976 quando um pequeno escândalo de costumes conseguiu abalar as fortes estruturas do Congresso Nacional em Brasília. Na primeira quinzena de março daquele ano, o Deputado do MDB gaúcho, Aluizio Paraguassu, conseguiu que as lentes das câmaras fotográficas e as páginas dos jornais lhe fossem dedicadas: reclamou do calor nacional e apresentou-se de peito nu nas dependências da Câmara dos Deputados. A reação da Câmara foi ríspida: a moral das instituições havia sido ferida, houve uma reunião extraordinária que apreciou o assunto e o Deputado Aluizio Paraguassu foi punido com censura escrita. “Assim, trocou as camisas leves por um conjunto safari e sapatos mais sociais. Mas continua pisando firme, não se importa com as meras aparências e sua essência está bem à mostra”⁴⁵⁵.

Compreendemos que nos dois casos a exclusão é apoiada em princípios que entendem os modos que se dizem fora da norma como atitudes a serem combatidas. No caso do padre, um discurso religioso que permeia mais de mil anos na sociedade hebraico-cristã e reiterada com a criação da noção de homossexualidade no fim do século XIX, firma por meio da igreja e por passagens bíblicas o ser “perverso” e “pecaminoso”.⁴⁵⁶

Bem como no caso de Paraguassu, a forma como estava vestido representava um comportamento fora das regras da casa. Esse *outro* diferente acaba por funcionar como o depositário de todos os males, como o portador das *falhas sociais*. “Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizagem, do aluno; a deficiência, do deficiente; e a exclusão, do *excluído*”⁴⁵⁷.

Na edição seguinte do *Lampião*, a repressão e o preconceito partiriam de uma Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, que teria negado a renovação da matrícula de trinta alunos dos 2.250 sob a justificativa de “homossexualismo”. A

⁴⁵⁴ CONFISSÕES de um Carmelita Descalço. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 7.

⁴⁵⁵ RIBONDI, Alexandre. Dá-lhe, Paraguassu. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 8.

⁴⁵⁶ O conflito diante da sexualidade e do corpo remonta à cultura hebraica, forjada pela religião judaica. Sistematizada no Velho Testamento bíblico, sua estruturação se organiza em torno das noções de pureza e impureza; a prática do impuro implica abominação. É impureza, por exemplo, comer sangue; tocar ou copular com a mulher quando menstruada; copular com a mulher do próximo, homem com homem ou qualquer dos dois sexos com animais; a mulher que deu à luz, até o 60º dia, conforme o sexo do filho, será impura (40 dias se menino; 66 se menina) comer camelo, arganaz, lebre, porco (porque não possuem unhas fendidas e, ao mesmo tempo, ruminam); cobra, crocodilo, (porque andam sobre o ventre); siri, camarão, caranguejo (todos os demais animais que vivem nas águas, mas não possuem barbatanas ne escamas) – tudo é impureza e abominação (Levítico, 7:26-27 e 30; 11:4-47; 12:2-5; 19:19-23). Cf. RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Homofilia e homossexualidades*: Op. cit., p. 367.

⁴⁵⁷ DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Op. cit., p. 124.

história foi desmentida pelo seu diretor, professor Arnaldo Arsênio de Azevedo, em Natal, um dia depois de ser divulgada pelos jornais: “Não existe nada disso, e o homossexualismo não é motivo para ninguém sair da escola”⁴⁵⁸, disse ele. Arsênio contava para desmentir de modo tão enfático uma coisa que, ao que tudo indica, aconteceu com o possível silêncio dos prejudicados, para os quais a fama de homossexuais numa cidade como Natal seria nefasta. Mas havia sérios indícios de que a escola andou colecionando denúncias sobre alunos seus, forçando-os a pedir transferência por praticarem a homossexualidade ou apenas porque *seriam* homossexuais. Tudo teria começado em junho de 1977, quando a direção da escola, em colaboração com a Polícia Federal, fez uma pesquisa para descobrir os alunos envolvidos com drogas.

Diziam os jornais de Natal que no decorrer dos fatos descobriram-se estudantes envolvidos com *homossexualismo*, e alguns foram chamados à direção da escola e do DPF (Departamento da Polícia Federal) para prestar depoimento sobre a situação. De aproximadamente sessenta alunos chamados a falar sobre os dois assuntos, cerca de trinta foram transferidos no final do ano anterior, e a escola não os aceitou como alunos no período letivo vigente. A fala do diretor só contribuiu para se imaginar que isso realmente tenha acontecido, bem como atrelar indisciplina à homossexualidade. Dizia Arsênio que se houve algum caso de homossexual transferido de lá, “não foi pelo fato de ele ser, mas porque o mesmo era indisciplinado e estava contribuindo para a desordem geral. E com essa gente é preciso tomar medidas sérias”⁴⁵⁹. Que gente? A indisciplinada ou o homossexual? E ainda: “Deve haver homossexuais na escola, pois onde há muita gente sempre aparecem esses casos, mas aqui nós não temos a preocupação em apontar. E quando localizamos alguém nesta situação é porque ele próprio se apresenta através da indisciplina”⁴⁶⁰.

A Modernidade construiu várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito *ausente*, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções *oficiais*; sua permanente e perversa localização do lado externo e do lado interno dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando

⁴⁵⁸ MÁS notícias do Nordeste. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 3.

⁴⁵⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁶⁰ Idem, *ibidem*.

permanentemente as fronteiras – isto é, a *ética* perversa da relação inclusão / exclusão-; sua oposição a totalidades de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas homogêneas, estáveis etc.⁴⁶¹

O *Lampião da Esquina* acabava por assumir essa postura de rompimento com a lógica binária do gênero, mesmo que tratasse os sujeitos como masculinos e femininos, ao mesmo tempo expunha que os sujeitos poderiam ser quem eles pretendessem, não necessariamente homem ou mulher, mas o que sentissem vontade, e não o que a sociedade apregoava. Porém deve-se tomar cuidado, pois segundo Scott e Butler, o “gênero, em si mesmo, não contesta a lógica binária, porque ele pode ser utilizado tanto para colocar em questão ideias sobre identidades sexuais quanto para reforçar uma abordagem normativa e binária”.⁴⁶²

Outras formas de violência não ligadas à eliminação do físico, mas ligadas a discursos que permeiam há séculos a história, como por exemplo, o sexismo, também podem ser vistas nas páginas do jornal *Lampião da Esquina*, o que não fugia da proposta editorial do jornal. Em um artigo assinado por Zsu Zsu Vieira, na terceira edição do periódico, intitulado “A doença infantil do machismo”, a autora expõe como o machismo dá poder ao homem – e a tudo aquilo que foi construído historicamente como masculino – para eliminar e ferir tudo aquilo que se entende por feminino. Ela desmistifica a figura do machão, considerando-o frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte. A autora ainda destaca como o machismo fere não só os homossexuais, mas também as mulheres. “Apenas dois por cento de nossas mulheres chegam a conhecer a plenitude do orgasmo, por culpa, em grande parte, do seu parceiro masculino, que as oprime de maneira intolerável e covarde”⁴⁶³. E concluía:

Acabar – homens e mulheres – com certos e graves tabus, e lutar contra o medo e contra a deturpação que nos foi sempre imposta. Eu pergunto onde está a liberdade? No nosso próprio corpo fonte de

⁴⁶¹ DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.119-138.

⁴⁶² CYRINO, Rafaela. A categorização do masculino e do feminino e a ideia de determinismo cultural: uma crítica epistemológica aos usos normativos do gênero. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, n. 10, 2013, Florianópolis. *Anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais dos Feminismos*. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386352836_ARQUIVO_RafaelaCyrino.pdf>. Acesso: 11/09/2014.

⁴⁶³ VIEIRA, ZsuZsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 2.

prazeres e de dores, o corpo é, na verdade, a única coisa que nos pertence verdadeiramente. Por isso devemos e podemos usá-lo para nossa própria satisfação, da maneira que bem quisermos e entendermos. Esta é a liberdade a que realmente temos direito, a única, talvez. O corpo é a nossa casa, nosso abrigo, é nosso direito legítimo. Podemos usá-lo e dispor dele, sem a obrigatoriedade de limitações, prestações de contas, submissões e pressões⁴⁶⁴.

Usam-se dos corpos dos sujeitos para se apregoar valores culturais neles. O corpo passa a ser uma espécie de reservatório de regras e normas para a sociedade, por mais que não haja nada mais pertencente a nós mesmo, do que o nosso próprio corpo.

As travestis que acabam por construir uma ambiguidade sobre seus corpos, rompendo com as maneiras formais dos papéis de gênero (homem/mulher) também foram figuras representativas no jornal, não faltando reportagens que tratassem de momentos de exclusão e repressão por parte da sociedade brasileira. Era o caso, por exemplo, da travesti Veruskha que morava no Edifício Canindé, na Rua Washington Luís, no bairro carioca de Fátima, um daqueles prédios típicos da área que abrigam em doce convivência as pessoas mais diversas. A eleição de um novo síndico, no entanto, “veio a alterar o precário equilíbrio no qual seus moradores conviviam, semeando a discórdia nos corredores do prédio”⁴⁶⁵.

O síndico Gérson Correia, sargento da Marinha, solteiro e adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem, tinha que falar muito alto e fazer gestos largos, tomou posse no cargo e imediatamente baixou uma série de proibições, algumas arbitrárias e ilegais, como o que constava de um papel afixado na portaria que: qualquer morador que quisesse dar uma festa em sua residência teria que pedir autorização ao Senhor Síndico com 36 horas de antecedência. E não ficou só nisso o furor legislativo do Senhor Síndico: a alguns moradores dedicou interditos especiais, que nem sequer foram redigidos, mas sim pronunciados por ele em tom enfático, como aquele que destinou a Vicente de Fluri, a travesti Verushka, moradora do prédio há quatro anos: a partir de sua posse como síndico ela só poderia continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas “estritamente masculinas”⁴⁶⁶.

As travestis respondem à coerção social, e aos constrangimentos culturais e de oportunidades, “valendo-se de muitos elementos da cultura hegemônica para legitimar

⁴⁶⁴ Idem, *ibidem*.

⁴⁶⁵ SILVA, Aguinaldo. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3.

⁴⁶⁶ Idem, *ibidem*.

sua própria existência. Neste sentido, não seriam tão diferentes de todos nós: ainda ‘prisioneiros do (sistema de) gênero’”⁴⁶⁷.

El proceso de formación de la diferenciación masculina/activa como lo “Otro” via alteridad – que implica La apropiación de los bienes económicos y simbólicos de los “otros” –, presupone a sua vez La constitución de una serie, indefinida y mutable de los otros no masculino/pasivos: las mujeresen tanto diferenciación anatómica (macho/hembra), las mujeresen tanto diferenciación de roles (masculino/feminino), los otros machos en tanto femininos (sodomitas, homossexuales, travestis), los otros machos en tanto siervos (mediados también por campo de la diferencia racial, en tanto hombre Blanco propietario de la fueza de trabajo del macho/hembra negro/a esclavo/a) los otros machos no discernidores: niños y enfermos mentales. Es así como la abyección se constituye históricamente de acuerdo a las condiciones de produccion del outro subalterno y genera y sitúa posicionalmente El cuerpo travesti entre las sexualidades periférica y subalternizadas.⁴⁶⁸

A imagem dos homossexuais atrelada ao deboche também é uma forma de violência construída em nossa sociedade e também foi expressa e criticada pelo jornal *Lampião da Esquina*. Sempre apoiando e dando visibilidade positiva para aqueles que sofriam com esse tipo de tratamento, como o caso do poeta e artista plástico Franklin Jorge que se tornou personagem de um folheto anônimo, distribuído aos milhares por todo o Rio Grande do Norte, intitulado “A História do Viado que quer entrar para a Academia”. Na verdade, Franklin só foi “presenteado” por algum inimigo anônimo porque era candidato a uma vaga na Academia Norte-rio-grandense de Letras, o que ele justifica dizendo não ser portador de nenhum preconceito: “Escrevo porque estou vivo e quando um homem está vivo a omissão torna-se um ato vergonhoso”⁴⁶⁹.

⁴⁶⁷ ADELMAN, Miriam; AJAIME, Emmanuelle *et al.* Travestis e Transexuais e os Outros: identidades e experiência de vida. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 65-100, 2. sem. 2003, p. 93. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-105353adelmanetal.pdf>>. Acesso em: 14/04/2013.

⁴⁶⁸ Tradução: O processo de formação da distinção masculino/ativo como “Outros” via alteridade – que envolve apropriação de bens econômicos e simbólicos dos “outros” – pressupõe uma vez a constituição de uma série indefinida e mutável dos outros não homem/passivo: as mulheres, tanto a diferenciação anatômica (masculino / feminino), as mulheres como diferenciação de papéis (masculino / feminino), enquanto os outros homens mulheres (sodomitas, homossexuais, travestis), enquanto os outros machos (também mediada por campo de diferença racial, o homem branco como dono da força de trabalho do masculino / feminino preto / escravo / homem) outros machos não discernidores: crianças e doentes mentais. Assim abjeção é historicamente de acordo com as condições do “Outro” subalterno e gera e situa posicionalmente o corpo travesti entre as sexualidades periféricas e subalternizadas. In: FIGARI, Carlos Eduardo. Violencia, Repugnancia y Indignación: las travestis como lo outro abyecto. *Revista Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, p. 355-368, 1. sem. 2008. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/189/127>>. Acesso em: 27/04/2013.

⁴⁶⁹ CHRYSÓSTOMO, Antônio. Panfletos acadêmicos. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 2.

Na mesma edição *Lampião da Esquina* publica o caso de outro artista, agora um poeta russo que cumpria pena de quatro anos num campo de trabalho forçado da União Soviética, na região norte dos Montes Urais. Gennady Trifonov foi condenado num julgamento não aberto ao público, em novembro de 1976. Nessa época, nem sua mãe nem seus amigos conseguiram descobrir com exatidão as acusações que pesavam sobre ele. Afinal, qual teria sido seu crime? Trifonov tinha divulgado, em lugares privados, uma série de poemas magistrais cantando seu amor por outro homem⁴⁷⁰.

Observa-se que até mesmo aqueles que possuem um poder aquisitivo maior, e não só no Brasil apenas, sofrem mesmo que indiretamente e de uma forma pouco perceptível, determinados tipos de exclusão e repressão. Essas formas de violação são um aspecto de “nosso imaginário plenamente compartilhado e compreendido por todas as sociedades. Tanto nas sociedades em que os casos são raros, em que uma geração inteira não vê este tipo de crime, ou nas sociedades em que têm uma frequência praticamente diária”.⁴⁷¹

Lampião da Esquina publicou também uma série de reportagens sobre os discursos religiosos em relação às homossexualidades e às consequências que uma fala pautada em preconceito e desigualdade pode ter sobre as diversas repressões à figura criada como pecaminosa, no caso os homossexuais. Essas ideias perpassam em várias vertentes religiosas baseadas na cultura hebraico-cristã, como pode se perceber, por exemplo, na matéria da edição de maio de 1979, no qual *Lampião da Esquina* trazia a entrevista do rabino Alan Ebert, um filho de rabino hassídico (a seita judaica mais ortodoxa), criado com extrema severidade para sucedê-lo.⁴⁷²

Ebert usava o nome de rabino Josef Bem Ami, um pseudônimo que significa “do povo”. Era homossexual e filho de rabino e acreditava com insistência na mudança dos padrões judaicos em relação à homossexualidade. Disse que quando se declarou homossexual à sua mãe, faltava um ano para conseguir o seu PhD no *Hebrew Union College*. Teve de desistir porque ela ficou tão escandalizada com o fato que insistiu que ele imediatamente lhe pagasse os 15 mil dólares que emprestara para sua educação. Quando solicitou readmissão um ano depois, tendo já fundado a sinagoga Gay e trabalhando como rabino há três meses, teve negado o seu pedido. Uma comissão de

⁴⁷⁰ TREVISAN, João Silvério. Trifonov, um poeta na Sibéria. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 4.

⁴⁷¹ SEGATO, Rita Laura. Crimes de gênero em tempos de “paz” e de guerra. In: STEVENS, Cristina; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; ZANELLO, Valeska (Org.). *Gênero e Feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília: ExLibris, 2010, p. 49-62.

⁴⁷² AS confissões de um rabino guei. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 14.

rabinos o “examinou” e o enviou a um psiquiatra freudiano. Quando procurou o reitor, ele disse que Ebert precisava de dois anos de terapia psiquiátrica, e que depois, se fosse declarado curado, seria readmitido. O que ele não disse é do que Ebert seria “curado”, embora tivesse sido perguntado⁴⁷³.

Aquela intensa produção discursiva sobre a sexualidade que a ciência do século XIX construiu com a tarefa positivista de classificar os “tipos” e comportamentos sexuais, e que contribuiu para produzir as homossexualidades, em grande parte significou produzi-la como condição patológica. Perceber que a sexualidade se dá no âmbito da cultura, não havendo, portanto uma “sexualidade natural” nem uma forma de praticar a sexualidade mais natural do que outra, o que há são “construções sociais e históricas da sexualidade, que implicam sempre determinados tipos de encontro com o poder”.⁴⁷⁴

Em duas edições⁴⁷⁵ seguidas o *Lampião da Esquina* continuaria sua crítica ao discurso religioso, agora se voltando à Igreja católica, à Bíblia, à figura do Papa e do Vaticano. Observa-se que a igreja católica continuava a condenar as homossexualidades e tudo aquilo que fugisse das “regras divinas”. Na edição de julho de 1980 publicaria um dossiê traduzido por Francisco Bittencourt da revista *Le Berdache* (n. 4, outubro de 1979) sobre os vinte séculos de repressão da igreja em relação à homossexualidade⁴⁷⁶. A religião não foi sempre um dos principais fatores de opressão de que são vítimas há séculos os homossexuais no Ocidente judaico-cristão? - perguntava o autor do artigo. E dizia que essa Igreja que antes mandava os homossexuais para o fogo do inferno (passando pelo da fogueira...), ter-se-ia “civilizado” um pouco: ontem, ela abandonava os homossexuais “irrecuperáveis ao braço secular dos torturadores e carrascos. Hoje, ela

⁴⁷³ Idem, *ibidem*.

⁴⁷⁴ ADELMAN, Míriam. Paradoxos da Identidade: A Política de Orientação Sexual no Século XX. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 14, p. 162-171, jun. 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a09n14.pdf>>. Acesso: 22/05/2013.

⁴⁷⁵ Ver também: RIBONDI, Alexandre. Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woitjila. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p.3. A matéria falava sobre a tentativa de entregar uma carta ao Papa João Paulo II em sua visita ao Brasil, a carta era escrita por integrantes do grupo *Beijo Livre* “que falava principalmente das declarações do Papa em Chicago, quando ele acusou o homossexualismo de ser ‘moralmente errado’ – coisa, aliás, que sempre me levou a pensar na curiosa coincidência entre a moral de Cristo e a da classe dominante”. Na carta teria algo aparentemente escrito como: “Reconhecemos a ampla influência da Igreja no Mundo Cristão. Dessa forma, acreditamos que as declarações de S.S. justificam a repressão, a violência e o preconceito de que são vítimas os homossexuais”.

⁴⁷⁶ MÉNARD, Guy. A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão. Trad. Francisco Bittencourt. *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 3.

se contenta em colocá-los nas mãos de psiquiatras, desde que eles não eduquem nossos filhos, não se reúnam em nossas salas e não se pretendam normais”⁴⁷⁷.

Para milhões de homens e mulheres homossexuais, e ainda, mesmo entre aqueles que abandonaram qualquer referência religiosa, a cultura judaico-cristã continua sendo uma herança de que ninguém se desembaraça com uma simples mudança de atitude. Ainda presente tanto na cultura como no inconsciente coletivo da nossa sociedade, tal realidade interessa, conseqüentemente, ao mundo homossexual e ao movimento guei, como dizia um malicioso: É preciso conhecê-la muito bem, no mínimo para impedir que cause danos. Mas há outra coisa. Para as lésbicas e os homossexuais que creem – e são milhares – essa questão é ainda mais imediatamente vital. Muitos entre eles permanecem de fato mais divididos, no mais profundo deles mesmos, entre seu desejo homossexual e aquilo que acreditam serem as exigências de sua fé. Torna-se particularmente importante, para esses homens e mulheres, uma tomada de consciência quanto que um número cada vez maior de cristãos gueis, hoje, recusa-se se deixar prender nesse gênero de dilema, acreditando que a única maneira para serem autenticamente cristãos é a de aceitar e viver o mais humanamente possível seu desejo homossexual⁴⁷⁸.

Aqueles que condenam as homossexualidades em nome da “moral cristã”, muitas vezes tomam a Bíblia como ponto de referência. Como poderia aprovar tal comportamento que o próprio Deus puniu tão severamente destruindo Sodoma e Gomorra, onde florescia esse “vício contra a natureza”? Algumas pessoas não recuam mesmo diante de argumentos simples: “se Deus fosse a favor da homossexualidade, seria Adão e Ivo que ele teria criado”. Tais declarações podem enfurecer ou fazer rir, mas elas lançam muito pouca luz sobre a maneira real pela qual a Bíblia se situa em relação à homossexualidade.⁴⁷⁹

As representações criadas no decorrer da história sobre a figura do “anormal” são tão fortes que permeiam até mesmo os próprios sujeitos que sofrem repressões por “representarem” esses grupos minoritários. O excluído acaba tratando com desigualdade o outro que também é “excluído”. Podemos perceber isso, por exemplo, na edição de junho de 1979 do *Lampião da Esquina*, em uma carta enviada por quatro leitores ao periódico.

⁴⁷⁷ Idem, ibidem.

⁴⁷⁸ Em fins de 1975, o Vaticano publicou uma “Declaração sobre algumas questões de ética sexual” na qual reafirmava claramente uma posição muito severa em relação à homossexualidade. Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos desprovidos de sua regra essencial e indispensável. Subscrevendo uma certa interpretação da Bíblia, o texto prossegue: “as relações homossexuais são condenadas pela Santa Escritura como depravações graves”. Assim, “os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados e (...) não podem em nenhum caso receber aprovação”. Idem, ibidem.

⁴⁷⁹ A BÍBLIA e o homossexualismo. *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 5.

Tratava-se de uma denúncia de racismo na boate 266-West de São Paulo, assinada pelas quatro pessoas vítimas da discriminação: Wilson Ferreira Menezes, Benê J. dos Santos, Marco A. Ferraz e Orlando S. Paiva. Eles contavam na carta, emblematicamente datada de 13 de maio, como foram vítimas de racismo por serem negros e também homossexuais: “Aproveitamos a ocasião para acrescentar que o homossexual brasileiro nunca deve se queixar dos preconceitos existentes na nossa sociedade enquanto ele mesmo mantiver determinadas restrições para com o seu próximo de cor”⁴⁸⁰. Como que se ao detectar alguma diferença, se estabelecesse um estranhamento, “seguido de uma oposição por dicotomia: o *mesmo* não se identifica como o *outro*, que agora é um estranho”⁴⁸¹.

Percebemos que não só pessoas desconhecidas da mídia passavam por essas formas de repressão e exclusão. O caso da cantora Lecy Brandão – figura presente nas páginas do jornal por discutir e representar um discurso de mulher negra e lésbica em uma sociedade pautada no machismo e no racismo – também foi publicada. A cantora dizia que não desfilaria pela sua escola de samba Estação Primeira de Mangueira, pois a escola estaria preparando um Ato que visava a sua expulsão após o carnaval. Lecy fez parte da escola de samba por sete anos. Ficar observando um sistema “em que um homem todo poderoso convence as pessoas através de facilidades, ofertas de emprego, caixas de uísque, etc., é demais pra minha cabeça. Mangueira é arte, é cultura, é pureza, é autenticidade, é samba. Todas essas coisas são realmente nossas”⁴⁸².

Outro exemplo de violência contra a mulher – e aqui no caso uma lésbica – é aquela vinda do discurso jurídico que assim como a medicina, a religião e a imprensa também apontavam as homossexualidades como um problema. Vejamos o exemplo de Ninuccia Bianchi, uma secretária de 29 anos que teria sido acusada de matar sua companheira Vânia da Silva Batista. Na última semana de maio de 1979, no IV Tribunal do Júri no Rio, em dois dias, foi concluído o sumário de culpa do chamado “processo de Nino, o italianinho”. Nino é Ninuccia Bianchi, que acompanhou com atenção as duas sessões no tribunal e pode perceber claramente que todo um clima estava sendo montado para que, ao final do processo, ela fosse condenada. Se não por homicídio – já que, no processo, não existia a menor evidência de que ela tivesse

⁴⁸⁰ A PALAVRA dos ofendidos. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 2.

⁴⁸¹ GRUPO SOMOS. Eram os homossexuais astronautas? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 14.

⁴⁸² BRANDÃO, Lecy. Mangueira discrimina Lecy. *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 2.

empurrado sua companheira do prédio em que moravam – pelo menos por sua condição de lésbica.⁴⁸³

Era preciso, segundo Aguinaldo Silva, que, de alguma maneira, se deixasse bem claro, ao juiz e ao Grande Júri, que não se podia considerar uma pessoa suspeita de homicídio só por causa de sua preferência sexual. Ninuccia poderia até ser culpada – embora, dissesse com tranquilidade seu advogado, Georgiano Muller, que não existia nada que a incriminasse. O que não se podia era condená-la a partir da única prova que a Justiça tem contra ela: o fato de que ela era lésbica⁴⁸⁴.

O preconceito e a tentativa de relacionar a sua homossexualidade ao crime foram tamanhos que não tinha como o caso ir para frente e Ninuccia foi absolvida, pois nenhuma prova havia nos autos que justificasse a sua indicição, a não ser o fato da sua orientação sexual constatada com a descoberta de cartas amorosas entre as duas. Baseando-se apenas nisso a acusação tentou incriminá-la por homicídio. Em 26 de junho de 1980, por cinco votos contra dois, ela foi inocentada. “Mais motivo para a imprensa demonstrar sua má-fé; ‘absolvido o amor entre mulheres’; – foi a manchete de um jornal carioca. Mas, embora possa haver apelação, Ninuccia está segura do veredicto final”⁴⁸⁵ (*Lampião* não referiu o nome do periódico que lançou tal matéria).

O gay e a lésbica causam contraste na paisagem já programada: o comportamento feminino deve coincidir com a mulher e o comportamento masculino com o homem. No entanto, confirmando isto de uma forma que mexe necessariamente com a construção de uma identidade grupal, estranha-se, também, quando um homem deseja outro homem e não é afeminado, ou quando uma mulher deseja outra mulher e não é emasculada, ou seja, não dão na vista ou, como mais vulgarmente se diz, o que reflete apelos discriminativos de Gs, Ls, Ss, e não-Ss, “é recolhido(a)”, “não é assumido(a)”. Quando se trata de casais homossexuais, algumas pessoas chegam mesmo a se perguntar em tom de fofoca: quem é o homem ou a mulher da relação? Em todo caso, estranha-se porque não se traz as marcas do visível de uma determinada programação sociocultural, o que reflete os receios da ordem social em controlar o assim considerado “desvio” que, uma vez que seja inevitável, deve ter, então, os seus próprios lugares, os seus próprios sinais identificadores – carregar o “cesto” ou o “arco” –, para que uma falsa tolerância continue a se perpetuar e, assim, todos continuem a se ignorar em aparente paz.⁴⁸⁶

⁴⁸³ SILVA, Aguinaldo. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 8.

⁴⁸⁴ Idem, ibidem.

⁴⁸⁵ MICCOLIS, Leila. Ninuccia Biachi, depois da absolvição. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 6.

⁴⁸⁶ VIANNA, Alexander Martins. Sexo, Cultura & Política. *Revista Gênero*, v.2, n. 1. Niterói: 2001, p. 99-102.

O estabelecimento de critérios de reconhecimento, que a lógica da diferença não deveria acarretar, automaticamente, nem a hierarquia, nem a desconfiança, nem o ódio, nem a exploração, nem a violência⁴⁸⁷ é mantido também por aqueles órgãos que representam ou deveriam representar o contrário de qualquer exclusão. A diversidade de violência é tanta e de direções tão variadas que a ideia de tolerar, assim como a de aceitar o fato de que os homens não são definidos apenas como livres e iguais em direitos, mas que todos os humanos sem exceção são definidos como homens⁴⁸⁸, perpassam quase que imperceptível; e quando se vê está acompanhada de permanências que excluem e ferem.

Vejamos a carta de um leitor do *Lampião* enviada ao jornal contando uma experiência perigosa que passou nas ruas do Rio de Janeiro. Jota (o leitor) teria participado em outubro de 1980 de uma solenidade de formatura no centro do Rio de Janeiro, e após seu término, ele e sete amigos foram convidados a participar de um jantar na casa de um dos formados. Por volta de uma hora da madrugada decidiram ir à *Boate Queva* para terminar a noite. Ao descerem a Rua Miguel Lemos, foram abordados por um grupo de rapazes entre 17 e 20 anos, que rapidamente puxaram o pullover de Jota e iniciaram agressões aos seus amigos. Como eram em grande número puseram-se a correr em disparada, enquanto os jovens os seguiam com ameaças. Pararam em frente à boate, e enquanto refaziam-se do susto, porteiros e frequentadores informaram que era comum tal acontecimento, e que inclusive na semana anterior já haviam atacado um rapaz, que ficara hospitalizado⁴⁸⁹.

Além dessa exclusão, outras formas de perseguições podem ser vistas por meio das matérias publicadas no jornal *Lampião da Esquina*, o que contribui para analisarmos as práticas dessa violência em um período marcado por um regime militar e uma sociedade machista e hostil. Novamente a noção da homossexualidade ligada à patologia, e por isso como desvio que impede o sujeito de realizar determinadas funções, é apresentada em uma matéria no qual um aluno do Instituto Rio Branco – do Itamarati –, Victor Hugo Irigaray, teve sua matrícula cancelada.

⁴⁸⁷ HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.

⁴⁸⁸ Idem, ibidem, p. 27.

⁴⁸⁹ PAUS em Copa. *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 2.

O diretor do Instituto, embaixador Sérgio Bath, (a apenas quarenta dias da formatura) decidiu cancelar sua matrícula e, sem maiores explicações, expulsá-lo da instituição. O documento que acompanhava a decisão, e que poucos jornais tiveram o cuidado de publicar, não explicava quase nada: falava de uma estranha “falta de perfil diplomático” e mencionava os artigos 19 e 20 do regulamento da casa, que exigem de cada aluno uma atitude irrepreensível dentro e fora do Instituto, dando direito ao Itamarati de dispensar qualquer pessoa sem características pessoais adequadas. Tudo isto para esconder o motivo verdadeiro: Victor Hugo estava sendo expulso porque haviam descoberto, aparentemente dois anos depois de ter sido admitido como aluno, que ele era homossexual⁴⁹⁰.

Seis meses depois o Tribunal Federal de Recursos, por onze votos a nove, aceitou o mandado de segurança impetrado por Victor Hugo e obrigou o Itamarati a recebê-lo de volta, agora já como terceiro secretário. Mas para chegar até a esta espécie de final feliz, o ex-estudante-atual-diplomata teve que seguir um caminho bastante tortuoso. Uma das primeiras declarações do embaixador Sérgio Bath chegou a provocar risos. Ele dizia, com todo o cuidado, que ouviu “comentários desabonadores a respeito do aluno”. E seguiu em frente dizendo que, mesmo não encontrando “nada de objetivo que o incriminasse”, uma discreta averiguação feita por ele mesmo, “parecia indicar que o aluno era tido como homossexual pelos seus próprios colegas”⁴⁹¹.

Quatro psicólogos do Instituto de Psicologia, Seleção e Orientação (IPSO) assinaram uma reavaliação de Victor Hugo, classificando-o como uma “pessoa de estrutura frágil, marcada pela redução do senso de realidade e pela imaturidade afetiva”. Percebe-se aqui a semelhança do tratamento dado ao homossexual bem como à mulher, no que tange à construção histórica da “passividade” como atributo feminino, delicado, sensível, etc. Os psicólogos avisavam ainda que também faltava em Victor autopercepção e autocontrole, o que poderia levá-lo facilmente a atitudes ridículas. Enfim, o documento acusava-o, com palavras cheias, de psicopata, homossexual, com dificuldades no relacionamento heterossexual e terminava por dizer que o “prognóstico era bastante desfavorável”, o que, a esta altura, já não surpreendia mais ninguém e dava,

⁴⁹⁰ RIBONDI, Alexandre. Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 11.

⁴⁹¹ Idem, *ibidem*.

inclusive, um pequeno exemplo de possíveis reações de Victor Hugo: “Adotará atitudes estranhas, paradoxais e, se questionado, indagará surpreso: o que fiz de errado?”⁴⁹²

Verifique-se como, reiteradamente, a homossexualidade resulta associada a aspectos patológicos, sejam eles falhas químicas (porque faltou uma substância) ou a comportamentais (como a depressão, a agressividade e o estresse). O desperdício de tanta energia em experimentos que levam a conclusões tão irrelevantes só pode ser explicado pelos parâmetros de um preconceito secularmente arraigado nos cientistas. Tais ideias (sic) remetem assustadoramente às teses de cunho positivista/fascista da psiquiatria do começo do século XX sobre a determinação genética dos delinquentes, a partir da qual seria possível “reconhecer” criminosos até por seus traços faciais⁴⁹³.

Lampião da Esquina acabou por construir os vários caminhos que percorrem as noções de homossexualidades e dos sujeitos homossexuais como aberração. Não se trata como já vimos no primeiro capítulo, de esquecer que mudanças e surgimentos de novas vozes começavam a ecoar no Brasil e a conquistar seu espaço mesmo que de forma discreta e lenta, mas pensar a noção de homossexualidade atrelada a esses três discursos e suas responsabilidades na construção pejorativa do termo é algo que deve ser lembrado, e *Lampião* o faz. Perguntava-se o jornal em uma matéria que trataria dessa relação homossexualidade e doença: “Homossexualismo? Diabetes? Assassinato Cultural?”⁴⁹⁴.

A matéria se referia à morte do sociólogo Roberto da Rocha Leal, que morreu pouco mais de 12 horas depois de ser internado contra a sua vontade, na Casa de Saúde Dr. Eiras, na cidade do Rio de Janeiro. *Lampião da Esquina* cobrava que o Instituto Afrânio Peixoto, antigo Instituto Médico Legal, tinha a obrigação de fornecer o laudo e as razões porque Roberto Rocha Leal apareceu morto às 6h20m do dia 28 de setembro de 1979, no quarto que ocupava na Casa de Saúde Dr. Eiras. E a sua irmã, Ana Lúcia Rocha Leal, uma advogada de 34 anos, tinha o dever de explicar porque resolveu pedir o auxílio de médicos e enfermeiros da clínica para se livrar do irmão homossexual, como supunham os amigos de Roberto⁴⁹⁵.

Ele deve ter sido simplesmente abandonado à própria sorte em um dos inúmeros quartos da Casa de Saúde. Tanto que só de manhã – precisamente às 6h20m, segundo o Boletim de Ocorrência da 10ª DP – é que foi encontrado morto. Uma enfermeira iria

⁴⁹² Idem, ibidem.

⁴⁹³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p. 31.

⁴⁹⁴ HOMOSSEXUALISMO? Diabetes? Assassinato Cultural? Morte suspeita na Casa de Loucos. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 12.

⁴⁹⁵ Idem, ibidem.

recolher o seu sangue para o Exame de Glicemia, requisitado na tarde anterior. O único sangue que encontrou estava no lençol: uma golfada, ao lado do corpo. Ana Lúcia Rocha Leal parece ter se convencido disso, pois não se mostrava nem um pouco interessada em averiguar porque o irmão morreu. E isso é o que o *Lampião* queria saber⁴⁹⁶.

Dizia a matéria que traria a entrevista com o médico dono da Clínica Eiras: “Para o Dr. Eiras, fugiu à média, é doente mental”. Doente Mental? - perguntava *Lampião da Esquina*. E o médico respondia: “Sim quanto a isso não há dúvida”; e ainda jogava a culpa da morte para o sociólogo: “tanto que ele até já se achava médico e, por isso, suspendeu a insulina. Qualquer pessoa, mesmo analfabeta, sabe que um diabético não pode suspender a insulina”⁴⁹⁷. De que doença mental ele sofria? “Disso eu não posso falar, por questão de ética médica. Mas posso lhe assegurar que Roberto Leal era mesmo um doente mental. Infelizmente, essa é a verdade”⁴⁹⁸. Se a homossexualidade não foi a causa da internação, então ela não é uma doença mental? “É sim. É um desvio que deve ser tratado por psiquiatras. Eu mesmo trato alguns casos. Mas para haver cura é preciso consentimento do doente”, dizia o médico⁴⁹⁹.

Não é preciso nem perguntar como pode um médico pensar assim, pois já vimos como a medicina, criadora dessa “patologia”, é sua principal mantenedora. No período do *Lampião da Esquina*, por exemplo, nos cursos de Psicologia espalhados pelo Brasil, a disciplina Psicopatologia clínica tinha como um dos seus objetos de estudo “esta doença chamada homossexualidade”⁵⁰⁰. Desde 1973, a Associação Norte-Americana de Psiquiatria tinha retirado tal “doença” das suas páginas. Contudo, no Brasil, até algum tempo ninguém estava disposto a fazer uma revisão tão justa. Porém, o trabalho do *Lampião* e de grupos organizados como o *SOMOS* começaram a mudar este quadro.⁵⁰¹

⁴⁹⁶ Idem, *ibidem*.

⁴⁹⁷ PARA o Dr. Eiras fugiu a média, é doente mental. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 12.

⁴⁹⁸ Idem, *ibidem*.

⁴⁹⁹ Idem, *ibidem*.

⁵⁰⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit. “No final da década de 1970, um manual de medicina natural – moda consagrada em setores brasileiros “avançados” – apontava o homossexualismo masculino (o feminino nem se quer era mencionado) como “patologia psíquica ou somática”, passível de ser curada através dos mais diversos tipos de tratamento, apresentados pela macrobiótica, acupuntura, do-in, homeopatia, fitoterapia, shiatsu e hata-yoga, não se esquecendo de recomendar, na seção “conselhos especiais”, que se evitassem alimentos doces e artificiais (refrigerantes, sorvetes, chocolates, chicletes, balas etc.) – para não “pegar” homossexualidade, naturalmente”. Cf. *Livro de bolso de medicina natural*, de Márcio Bontempo, Ed. Ground Informações Ltda, Rio de Janeiro, 1979, p.121.

⁵⁰¹ GRUPO SOMOS. Eram os homossexuais astronautas? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 2.

É bastante evidente que essa preocupação em trazer a discussão da “homossexualidade” (como conjunto de “sintomas” medicamente explicáveis) para o campo da medicina e, especialmente, para uma medicina com fortes marcas da psiquiatria, insere-se numa tradição que, na Europa da segunda metade do século XIX, já se explicita com clareza. Percebe-se, por exemplo, todo um movimento no sentido de articular a “identidade sexual” não apenas com a estrutura anatômica, mas com gostos, impulsos, aptidões e assim por diante. Cada vez mais, o *psiquiatrismo* aparece como instância dotada de legitimidade explicativa.⁵⁰²

Os lugares mais frequentados pelos homossexuais nas cidades brasileiras também foram palcos de repressões. É o caso do Cine Madureira que começava a proibir a entrada de homossexuais que ficavam no hall do banheiro fumando e conversando. Em 28 de abril de 1980, dois dos mais conhecidos – Luís e Paulo – foram convidados a comparecer à gerência e lá mantiveram um papo muito surrealista – eles de um lado, a repressão do outro – mais ou menos assim: “O que vocês fazem no hall do banheiro?” perguntava o gerente. “Conversamos e fumamos”. “Vocês são homossexuais?”, continua o gerente. “Somos e assumimos”. “Pois saibam que aqui é lugar de homens e não de homossexuais”, finalizava o gerente expulsando-os e barrando qualquer um na bilheteria: O mais engraçado é que eram os homossexuais que mantinham o cinema funcionando. Mas isto não vem ao caso. “Queremos é saber como fica a igualdade de todos os cidadãos perante a Lei. Será que a Constituição foi revogada?”⁵⁰³.

Em vários momentos históricos e em diferentes sociedades a lógica binária construiu culturalmente um componente negativo e outro positivo, impedindo a pluralidade de identidades, de pensamentos, de crenças. Assim, várias categorias foram sendo criadas e identificadas como o outro diferente. No sentido religioso, político, na saúde (doente), na etnia (o de cor) ou mesmo o outro que optou ou nasceu biologicamente com um sexo considerado *inferior*; todos eles foram registrados e normatizados como loucos, deficientes, negros, índios, mulheres, homossexuais, indigentes, estrangeiros, entre tantos outros. [...] torna-se “O” inimigo que deve ser combatido, eliminado ⁵⁰⁴.

Para finalizarmos a análise desse tipo de violência contra aqueles que não se encaixam nas normas vigentes construídas e reiteradas pela sociedade heterossexual e

⁵⁰² Idem, *ibidem*.

⁵⁰³ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar. Op. cit., p. 94.

⁵⁰⁴ PUGA, Vera Lucia. Útero e Loucura: medicina e moralidade. Anos 1942-1959. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco e MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia, EDUFU, 2005, p. 262.

apoiada em discursos que prevalecem há anos na sociedade ocidental, traremos um caso um tanto incomum por se tratar da violência contra a imagem de um ser considerado “perverso” e “marginal”; o jornal *Lampião da Esquina* teve muito cuidado ao trazer essa discussão; trata-se da imagem do transexual, assunto até então pouco discutido no Brasil e ainda conhecido como transexualismo na época. A transexualidade é considerada um fenômeno complexo. “Em linhas gerais, caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao *sexo* anatômico”.⁵⁰⁵

Perguntava *Lampião da Esquina*: “Homem/mulher: pra virar tudo basta operar?”⁵⁰⁶, sobre o projeto de lei aprovado pela Câmara dos Deputados, mas que ainda teria de ser examinado pelo Senado Federal, e depois, se ali também aprovado, receberia a sanção presidencial, que passava a ser legal a ablação de órgãos genitais masculinos em indivíduos com casos provadamente transexuais. O projeto, de autoria do deputado José de Castro Coimbra do Partido Democrático Social - (PDS-SP)⁵⁰⁷, e aprovado sem discussão, acrescentava ao art. 129 do Código Penal o seguinte parágrafo: “Não constitui fato punível a ablação de órgãos e partes do corpo humano, quando considerada necessária em parecer unânime de junta médica e precedida de consentimento expresso de paciente maior e capaz”⁵⁰⁸.

Para justificar o projeto de lei, José de Castro Coimbra invocava opiniões de professores de medicina, entre os quais Armando Canger Rodrigues, diretor do Instituto Oscar Freire, de São Paulo, e Antônio Chaves, segundo os quais o *transexualismo* era uma “entidade clínica autônoma, separada do homossexualismo, e o transexual, de maneira diversa do homossexual, repudia o sexo para o qual se apresenta instrumentalmente dotado”⁵⁰⁹.

Extraindo a associação de “querer ser mulher ou repudiar o sexo ligado à homossexualidade/feminilidade”, o projeto de lei poderia parecer um avanço se o deputado José de Castro Coimbra não fosse médico dono de clínica, fazendo com que

⁵⁰⁵ CASTEL, P. La métamorphose impensable. Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle. Paris: Galimard, 2003, p.77, *apud* ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* Vol.9, n. 1, p. 49-63, 2006.

⁵⁰⁶ HOMEM/MULHER: pra virar tudo basta operar? *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p.5.

⁵⁰⁷ * Médico e advogado, oficial da reserva da Aeronáutica, foi vereador em São José dos Campos (1964/1968 e 1969/1972), ocupando a presidência da Câmara Municipal. Foi deputado federal em 1979/1983, 1983/1987 e em 2000, e deputado estadual pelo PFL em 1987/1991 e 1991/1995.

⁵⁰⁸ HOMEM/MULHER: pra virar tudo basta operar? Op. cit.

⁵⁰⁹ O deputado apresentou a proposição inspirado no caso que envolveu o cirurgião Roberto Farias, docente da Escola Paulista de Medicina; no XV Congresso Brasileiro de Urologia, realizado em 1975 aquele cirurgião exibiu filme mostrando uma cirurgia de reversão sexual que realizaram em 1971, e por isso acabou denunciado pelo Ministério Público e condenado a dois anos de reclusão. Idem.

Adão Acosta no mesmo número perguntasse: “Quem lucra com esta operação?”⁵¹⁰. “Quanto a mim, tenho minhas dúvidas sobre os resultados desta mudança”, dizia ele. O mais imediato, “segundo informações que colhi de fontes fidedignas (quer dizer, bichas já operadas) é que, a partir da castração (ou ablação, como prefere o deputado Dr. Coimbra), o gozo se torna impossível, fico chocado com uma notícia destas”⁵¹¹.

A figura do transexual⁵¹² foi indagada por Adão Acosta que acreditava e acabava por dar uma visibilidade à discussão de que se mudava a aparência, mas o que continuava a existir ainda era um homossexual castrado ou não, segundo ele. E perguntaria se: “Não seria a figura do transexualismo apenas outro artifício da chamada máfia de branco, os médicos sequiosos de lucro?”⁵¹³. Para ele, os transexuais não eram levados a sério no projeto do deputado médico-pedessista. Os homossexuais ganhariam um “arremedo de xoxota, mas continuam com identidade masculina, ou seja, ainda são os senhores fulano de tal, [...]. Um projeto que só vem beneficiar os médicos sequiosos para ganhar dinheiro na tal operação”. Ele se tornaria ainda mais suspeito quando soubessem que foi aprovado, na Câmara dos Deputados, sem qualquer discussão. “O quê? Mas não era um assunto polêmico?”⁵¹⁴.

⁵¹⁰ COSTA, Adão. Quem lucra com esta operação? *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

⁵¹¹ Idem, ibidem.

⁵¹² As primeiras cirurgias de transgenitalização foram realizadas por volta de 1920 na Alemanha e na Dinamarca. Tais procedimentos eram considerados como práticas de “adequação sexual”, e associados ao tratamento de “pseudo-hermafroditas” e “hermafroditas verdadeiros”. A primeira operação de que se tem notícia foi realizada em 1921 por Feliz Abraham, em “Rudolf”, considerado o primeiro transexual redefinido. Logo em seguida, o pintor Einar Wegener, em 1923, aos 40 anos, retirou os testículos e o pênis e se tornou Lili Elbe. Cf: *La métamorphose impensable. Essais sur le transsexualisme et l'identité personnelle*. Paris: Galimard, 2003, p. 85; Na Dinamarca também foram realizadas outras cirurgias bem sucedidas tal como a de Robert Cowuall, aviador da Segunda Guerra Mundial, que se tornou Roberta Cowuall, ainda que sem notoriedade e divulgação. Cf. SAADEH, A. *Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*. Tese (Doutorado em Ciências). Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, 2004, p.200; Somente com a intervenção praticada por Christian Hamburger, em 1952, num jovem de 28 anos chamado George Jorgensen, ex-soldado do exército americano, este procedimento veio a público. A notoriedade do caso marcou uma nova forma de interpretação do fenômeno, provocando um enorme interesse por parte da sexologia, da endocrinologia, da urologia e da psiquiatria na pesquisa e no tratamento do transexualismo. Posteriormente, Harry Benjamin cria o conceito de transexualismo, com o qual se passa a teorizar e descrever o fenômeno transexual. Contudo, foi Magnus Hirschfeld, sexólogo alemão, quem utilizou pela primeira vez a palavra “transexualismo” para se referir ao “transexualismo psíquico” ou “transexualismo da alma”, em 1932. Cf. CHILAND, C. *Le Transsexualisme. Que sais-je?* Paris: PUF, 2003, p. 53; Hoje, é recorrente nos trabalhos sobre transexualismo a referência à psicanálise lacaniana, em especial, Henry Frignet (2002), M. Czermak (1986), Catherine Millot (1992), Joël Dor (1987). In: ARÁN, Mária. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Op. cit.

⁵¹³ COSTA, Adão. Quem lucra com esta operação? Op. cit.; Ver também: BONSUCESSO, Flavia Teixeira. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia sobre o construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PPGCS-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

⁵¹⁴ COSTA, Adão. Quem lucra com esta operação? Op. cit.

Diante dos dispositivos da sexualidade tão bem definidos na modernidade por meio da naturalização de sistemas normativos de *sexo-gênero*, como também da naturalização do sujeito do desejo, a transexualidade será sempre excluída das possibilidades subjetivas consideradas normais e legítimas. É necessário, portanto, certo estremecimento destas fronteiras excessivamente rígidas e fixas – tais como as do simbólico e das estruturas de poder – para que a transexualidade possa habitar o mundo viável da sexuação e sair do espectro da abjeção, seja como transtorno de identidade de gênero, seja como psicose. Desse modo, estaremos mais livres para compreender as diversas formas de identificação e de subjetivação possíveis na transexualidade. Não podemos estabelecer *a priori* que transexuais padecem de uma patologia ou são necessariamente, por uma questão de estrutura, psicóticos. A clínica psicanalítica nos ensina que, antes de tudo, devemos escutar e basicamente tentar acolher as diversas manifestações das subjetividades. Sabemos que estamos num território movediço, bastante complexo e que não devemos ceder de imediato ao apelo do imperativo tecnológico e científico que pretende capturar e modelar os *corpos*. Porém, mais do que nunca, não podemos – em nome de uma antiga forma de organização social, que alguns preferem chamar de *Lei* – impor de forma violenta um diagnóstico psiquiátrico ou realizar uma interpretação psicanalítica, apenas para manter o nosso horizonte simbólico intocável⁵¹⁵.

A existência da violência contra os homossexuais é nítida pelas páginas do *Lampião da Esquina*, que tinha a preocupação de visibilizar não só a figura dos homossexuais, mas também as várias faces da violência sofrida por esses sujeitos fossem por meio de assassinatos, ou por discursos e locais que os reprimiam. Assim, para além da construção da visibilidade não pejorativa dos homossexuais, *Lampião da Esquina* acaba por denunciar uma violência presente na sociedade brasileira no período marcado pelo regime militar. Não se pode esquecer que mesmo a imprensa sendo constituída por desejos e vontades dos que a fazem, parece que a pretensão do periódico em questão estava próxima dos atos que ali ocorriam, os seus editores não necessariamente tiveram que passar por situações como as publicadas para expor a construção do lugar e as formas dessa violência contra os homossexuais no Brasil..

3.3 POLÍCIA E LIMPEZA SEXUAL

Por fim, analisaremos as formas de violência que partem das ações policiais e que tinham o intuito de *limpar os antros* onde se encontravam *os pervertidos, os vagabundos, os perigosos*. Era com esse discurso que a polícia agia constantemente em locais onde se encontravam não só homossexuais, mas todos aqueles que *ameaçavam a*

⁵¹⁵ ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Op. cit., p. 59.

norma vigente, em várias cidades do Brasil. As matérias publicadas pelo jornal *Lampião da Esquina* como forma de denúncia, nos ajuda a perceber como a sociedade, representada aqui pela polícia, que parecia não estar preocupada com tal questão, agia constantemente de forma violenta com os homossexuais e todos os *outros*.

No Brasil, o discurso psiquiátrico, mesmo que constante contra os homossexuais, nunca chegou a criar instituições especializadas. Porém, no início do século XX foi responsável por uma produção acadêmica que criou sugestões de crescente psiquiatrização da prática homossexual. Numa tese de 1928, defendida na Faculdade de Medicina de São Paulo, o médico-legista Viriato Fernandes Nunes alertava: “Toda perversão sexual atenta violentamente contra as normas sociais. Esses criminosos (os pederastas) têm perturbadas as suas funções psíquicas e a sociedade não pode permitir-lhes “uma liberdade que eles aproveitariam para prática de novos crimes”⁵¹⁶.

A interpretação proposta pela medicina – e, em sua esteira, pela psicanálise – a respeito da homossexualidade será, por si só, uma forma de homofobia, já que a diferença nunca é procurada com o objetivo de integrá-la em uma teoria pluralista da sexualidade normal, mas, exatamente o contrário, vai situá-la nas categorias da doença, neurose, perversão ou excentricidade.⁵¹⁷

As autoridades médico-policiais do país passaram a se preocupar com a defesa da “sociedade sadia”, como dizia João Silvério Trevisan. Para esses profissionais, combater e controlar a homossexualidade era resolver um problema social, sendo “inevitável o intercâmbio da justiça e das ciências com o aparelho policial. De modo que, no Brasil, juntam-se contra a prática homossexual vários sistemas de controle e repressão, tornando tênue a fronteira entre a intervenção jurídico-psiquiátrica”⁵¹⁸ e a ação da polícia.

O início do século XX no Brasil foi marcado pela tentativa da medicina em “servir” a sociedade, contribuindo para mantê-la longe das “anomalias” existentes, muito das vezes criadas pela própria medicina. Um aspecto central a ser destacado sobre a homossexualidade – tratada como uma “inversão sexual” – ao longo dos anos 1920-

⁵¹⁶ Cf. *As perversões sexuais em medicina legal*, de Viriato Fernandes Nunes, Instituto de Medicina Legal “Oscar Freire”, Faculdade de Medicina de São Paulo, These Inaugural, 1928, p. 26-32. “Considerações gerais sobre o homossexualismo”, de Aldo Sinisgalli. In: *Arquivos da Polícia e Identificação*, Vol. II, nº 1, São Paulo, 1938/1939, p. 292-300.

⁵¹⁷ BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 66-67.

⁵¹⁸ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: Op. cit., p. 192.

1930 é “aquele da ‘mistura’ – vista como negativa sob diferentes aspectos – de características ‘masculinas’ e ‘femininas’ e, conseqüentemente, da necessidade de ‘ordenar’ pedagogicamente este campo do comportamento”.⁵¹⁹ Houve um grupo de médicos nesse período que contribuiu para a construção de uma vasta produção sobre a sexualidade. Podemos destacar aqui: Leonídio Ribeiro⁵²⁰, José Ricardo Pires de Almeida⁵²¹, Francisco Ferraz Macedo⁵²², Francisco José Viveiros de Castro⁵²³, entre outros.

Segundo Carlos Alberto M. Pereira, este grupo de pensadores vinha apontar para outro universo de problemas, contrariando uma visão que apontava para o crime e para a necessidade de punição. “Temas como saúde-doença, normalidade-anormalidade, configuração anatomobiológica-configuração psíquica e assim por diante ganhavam então a dianteira”.⁵²⁴ Esses médicos transferiram ainda, segundo Pereira, a discussão da homossexualidade – não apenas do direito (ou mesmo da religião e da moral) para a medicina, “mas fundamentalmente, para o interior de um debate específico que ocorre na medicina. Medicina esta que, neste momento, está em boa medida marcada pela psiquiatria”.⁵²⁵

Vale ainda salientar o modo específico como esses médicos avaliam tanto seu papel quanto o da medicina e, especialmente, o modo como a definem. Percebe-se claramente, uma enorme valorização, seja do saber médico seja do próprio médico, como dotados de uma

⁵¹⁹ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder Pereira. (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*, p. 88-129, p. 89.

⁵²⁰ Médico, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1916) e da Faculdade de Medicina de Paris (1918/1919). Além disso lecionou medicina legal na Faculdade de Medicina de Niterói e criminologia na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Criou e dirigiu o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, onde reuniu material para suas pesquisas e publicações, sendo uma delas o livro *Homossexualismo e endocrinologia* (1938). Cf. RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938. Este trabalho, segundo o próprio autor, é o resultado da análise de “195 indivíduos (que) se entregava à prática habitual de pederastia passiva e foram detidos e fichados como tais pela Polícia Civil do Rio de Janeiro”. Idem, *ibidem*.

⁵²¹ Cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, após três anos de direito em São Paulo. Foi médico na Campanha do Paraguai, colaborou no *Jornal do Commercio* e é autor de várias peças de teatro (*Mártires da liberdade, O mulato, Tempestades do Coração, O tráfico, A liberdade, A educação*, entre outras). Publicou em 1906 *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*: estudos sobre as perversões do instinto genital. Cf. PIRES DE ALMEIDA, João Ricardo. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*: estudos sobre as perversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

⁵²² Cf. MACEDO, Francisco Ferraz. *Da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro*: prophylaxia da syphilis. Rio de Janeiro: Typographia Academica, 1872.

⁵²³ Um dos primeiros a tratar a sexualidade como uma perversão. Cf. VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. *Attentados ao pudor* (estudo sobre as aberrações do instinto sexual). Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães Ed., 1895.

⁵²⁴ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar. Op. cit., p. 92.

⁵²⁵ Idem, *ibidem*, p. 93.

capacidade semidivina de objetividade e de acesso à verdade, o que termina por compelir essa “vanguarda autoritário-progressista” ao exercício do “ministério sagrado da medicina”.⁵²⁶

Por isso a importância da *desnaturalização* das categorias sobre os sujeitos “(independente do alto grau de sofisticação e abstração que esta naturalidade possa assumir, às vezes), bem como a elucidação da história de sua construção. Este, me parece, é o ponto-chave em que se encontra o pensamento contemporâneo”.⁵²⁷

Já em sua primeira edição experimental, onde apresentava suas ideias e sua linha editorial, *Lampião da Esquina* traria uma reportagem sobre a frequente repressão policial sofrida pelos frequentadores do Cinema Iris, no Rio de Janeiro, que já estavam “acostumados” com a operação chamada de “Sessão Coruja” pelos policiais. Todos os “desocupados” que não tivessem carteira assinada eram levados para o 3º DP: “Seus documentos” - exigiam os agentes da lei, sem sequer exibir suas próprias identificações (os frequentadores do Cinema Iris sabiam reconhecer de longe um policial). E vinham as explicações. Um PM ou bombeiro ouviria: “deixa pra lá, companheiro”. Um comerciante de uma loja próxima ouviria uma frase ríspida, após ter sua carteira profissional (assinada) submetida a longo exame: “Vai para casa, rapaz. Isso não é hora de estar na rua”⁵²⁸.

A operação se processava em uma lentidão sem fim segundo a reportagem. Quando o décimo *desocupado* era trancafiado na chamada viatura, parecia impossível que ali coubesse mais alguém. Mesmo assim, os policiais continuavam. Um rapaz, cujos gestos funcionavam como uma espécie de bandeira, pois se tratava de um homossexual, informava que era advogado. Exibia a carteirinha da Ordem dos Advogados, que os policiais examinariam mais longamente. “Como é possível, um advogado”, dizia um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz.⁵²⁹

E o direito de ir e vir? Perguntava João Silvério Trevisan no número seguinte, relacionando a dificuldade em ser homossexual em um país como o Brasil, citando agora um caso em São Paulo, a da travesti Kioko, que passou uma semana na cadeia, sem que ao menos pudesse ser acusada de vadiagem (era costureira por profissão). Após procurar um advogado e entrar com um pedido de *habeas-corpus*, e depois de muito vai e vem o Tribunal de Justiça lhe reconheceu, por unanimidade, o direito de livre-trânsito,

⁵²⁶ Idem, ibidem, p. 96.

⁵²⁷ Idem, ibidem, p. 98.

⁵²⁸ CINEMA Iris: na última sessão, um filme de terror. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 9.

⁵²⁹ Idem, ibidem.

considerando que o andar, seja masculino ou feminino, não merecia punição desde que não perturbasse a moral ou a ordem pública. Kioko teve que carregar com ela um salvo-conduto fornecido pela Justiça, garantindo-lhe o direito de passear à vontade: “Exibir um salvo-conduto nada mais é do que o amargo atestado de que nos falta até mesmo o direito de andar”⁵³⁰. Percebemos a necessidade que se tem por parte dos dispositivos de controle em classificar os sujeitos para localizá-los e apontá-los sempre como se estivessem sendo rebaixados, lembrados de sua “mediocridade”, de seus “defeitos” e que por isso será visto sempre como o *outro*.

Quando percebemos algo como um ato de violência, sua definição enquanto tal é orientada por um critério que pressupõe o que seria a situação não violenta “normal” – ao passo que a forma mais alta de violência é justamente a imposição desse critério por referência ao qual certas situações passam a ser percebidas como “violentas”. É por isso que a própria linguagem, o meio por excelência da não violência e do reconhecimento mútuo, implica uma violência incondicional. Em outras palavras, é a própria linguagem que impede o nosso desejo para além dos limites convenientes, transformando-o num “desejo que comporta o infinito”, elevando-o a um impulso absoluto que nunca poderá ser satisfeito.⁵³¹

Na sua terceira edição, *Lampião da Esquina* apresentaria uma carta-denúncia de um leitor do Recife, cidade que muito apareceu nas páginas do jornal, o que contribuiu para percebermos que a violência (e as reportagens) não estava apenas no eixo Rio-São Paulo, onde o jornal era produzido. A carta tratava de um caso no qual a polícia de Recife teria levado três camburões cheios de frequentadores do Bar Atlântico (em Olinda) sem aceitar quaisquer argumentações ou mesmo a apresentação de documentos. O referido bar tinha dois ambientes, sendo um ao ar livre. As pessoas que foram levadas eram justamente todas aquelas que se encontravam na parte fechada. Houve também quatro prisões no Cantinho da Sé (também em Olinda); o motivo alegado, como sempre, era de suspeita de uso de tóxicos. E ainda, nas boates onde os rapazes “alegres se encontram houve uma batida policial, deixando assim um clima de inquietação no mundo (ou submundo guei da cidade). É bom frisar que muitos souberam que iria haver a referida batida por um dos frequentadores, filho de um policial”⁵³².

Até mesmo o Conselho Internacional da Anistia Internacional durante seu 12º encontro, em 1979, realizado em Louvain, Bélgica, com a presença de 44 países,

⁵³⁰ TREVISAN, João Silvério. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 9.

⁵³¹ ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 62.

⁵³² MÁS notícias do Nordeste. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 3.

também decidiu adotar uma posição quanto à repressão aos homossexuais. O *Amnesty International Newsletter*, órgão oficial daquela entidade, dizia sobre a questão da atitude que a organização deveria tomar em relação a pessoas presas por serem homossexuais, e decidiu que qualquer um feito prisioneiro por advogar a causa homossexual deveria ser considerado como um prisioneiro de consciência. Nos casos em que a homossexualidade vinha a ser tomada como um pretexto para prender pessoas por suas crenças, a Anistia Internacional poderia adotá-las como prisioneiros de consciência⁵³³.

O Conselho definiu o *prisioneiro de consciência* como qualquer um, “aprimado, detido ou restringido fisicamente de qualquer modo por razão de suas crenças políticas, religiosas ou outras, ou por razão de sua origem étnica, sexo, cor ou língua, desde que não tenha usado ou advogado a violência”⁵³⁴. Para os homossexuais brasileiros, isto significava basicamente o seguinte: cada vez que os camburões da polícia carioca, por exemplo, estacionassem diante do cinema Iris e prendesse indiscriminadamente todos os homossexuais que saíam de lá, o que acontecia com frequência, aos olhos da Anistia Internacional seria uma prisão política. Essa decisão da anistia vinha em boa hora.

Para que se tenha uma ideia: enquanto os vários movimentos brasileiros pela anistia se articulavam numa campanha destinada a arrancar das prisões um grupo de membros de classe média, dezenas de pessoas marginalizadas continuavam a ser executadas, todas as semanas, pelos vários grupos de extermínio da Baixada Fluminense, cuja função era matar pessoas pobres e negras, sem que isso provocasse qualquer tipo de reação nos participantes daqueles movimentos. A questão era, perguntava *Lampião da Esquina*: que atitude costumava adotar os vários movimentos brasileiros pela anistia diante das prisões indiscriminadas de homossexuais? “Parece-nos que nenhuma – a tendência é passar diante do cinema Iris e achar muito natural que lá estejam os ‘camburões’ à espera de suas presas”⁵³⁵.

Mesmo *Lampião* trazendo essa decisão da Anistia Internacional e apontando-a como um avanço, o mesmo iria contrapor-se a essa “conquista” publicando a carta de Herbert-Daniel de Carvalho⁵³⁶, um dos exilados que restaram de fora da malha não

⁵³³ SILVA, Aguinaldo. Anistia apoia homossexuais. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 5.

⁵³⁴ Idem, ibidem.

⁵³⁵ Idem, ibidem.

⁵³⁶*Herbert Eustáquio de Carvalho, conhecido como Herbert Daniel, foi um escritor, sociólogo, jornalista e guerrilheiro brasileiro, integrante da luta armada contra a ditadura militar brasileira. Um dos poucos integrantes da luta armada a escapar da prisão e das torturas, ele exilou-se em 1974, passando a residir com seu parceiro em Portugal, onde voltou a estudar medicina, e

muito fina da anistia, e que permanecia condenado a ficar longe do seu país. O documento escrito por Herbert deveria ter sido lido em Salvador, durante o Congresso pela Anistia realizado em fins do ano de 1979, mas acabou boicotado. O representante do CBA (Comitê Brasileiro de Anistia) do Ceará recusou-se a lê-lo porque, segundo ele, o signatário era “apenas uma bicha”⁵³⁷. *Lampião* denunciava o fato de que ele não apenas deixou de ser anistiado pelo governo, como também ficou de fora da anistia apregoada pelos seus supostos companheiros.

As manifestações contra essas ações repressivas do Estado e da polícia também podem ser observadas nas páginas do *Lampião da Esquina*. Em 16 de outubro de 1980, no Rio de Janeiro, por exemplo, grupos feministas e homossexuais se reuniram na Cinelândia para uma passeata, que acabou não ocorrendo por diversos motivos: primeiro, circulou um boato de que as autoridades teriam proibido a passeata; segundo, muitas pessoas foram informadas de que a passeata sairia da Praça Mauá em direção à Cinelândia; e terceiro, outras pessoas souberam que a passeata sairia, sim, mas da Praça Quinze. Essas informações parecem ter causado certa desmobilização dentro do movimento. Mesmo assim, pouco mais de 50 pessoas demonstravam interesse em saber o que iria acontecer nas escadarias da Câmara Municipal. Os cartazes, faixas e painéis chamavam a atenção; alguns diziam: “Contra a matança de mulheres e homossexuais”, ou “Abaixo o artigo do Código Civil que diz: o homem é a cabeça do casal e o chefe da família!”⁵³⁸.

A cidade “centro do poder” também foi palco de diversas repressões de policiais contra aqueles *desocupados perversos*. Em setembro de 1980, por volta da meia noite, a Rodoviária e o Setor de Diversões Sul foram invadidos e tomados pela polícia, em Brasília, que conseguiu, em pouco mais de uma hora, dar uma inesquecível demonstração de força. Era justamente nesta parte da cidade que se reuniam travestis, prostitutas e seus fregueses. Além disto, nos fins de semana, todos, obrigatoriamente, passavam por ali: os que apenas iam aos cinemas, os que desfilavam por horas sem fim

na França, onde exerceu o jornalismo. Herbert Daniel foi o último exilado do regime militar instaurado em 1964 a ser anistiado. Ele voltou ao Brasil em 1981. Militou no Partido dos Trabalhadores (PT), e participou da fundação do Partido Verde com outros dissidentes do PT. Daniel foi também um ativista pela ecologia e direitos dos homossexuais, tendo ele mesmo um relacionamento de vinte anos com o artista gráfico Cláudio Mesquita. Daniel escreveu os livros *Passagem para o Próximo Sonho*, *Meu Corpo Daria um Romance* e *Vida antes da Morte*, entre outros. Ele morreu em 1992, no Rio de Janeiro, vítima de complicações causadas pela AIDS.

⁵³⁷ SILVA, Aguinaldo. O que é isso, companheiros? *Lampião da Esquina*, n. 22, março de 1980, p. 10.

⁵³⁸ RODRIGUES, Dolores. Mulheres e bichas contra a violência. *Lampião da Esquina*, n. 30, novembro de 1980, p. 2.

nas passarelas que ligavam a Asa Sul à Asa Norte, os soldados dos quartéis, os operários da construção civil e classe média com dinheiro para gastar. Todos eles frequentavam as mesmas boates.

Assim, quando a polícia começava a chegar muita gente não estranhava, afinal, bastava como sempre, apresentar os documentos e continuar buscando diversão. Desta vez, porém, a coisa mudou de figura e uma batida generalizada que teve o patrocínio do Departamento de Polícia Federal e do Juizado de Menores, fechou todos os bares e uma das boates (Aquarius). Uma das pessoas que ainda conseguiu escapar a tempo descreveu a cena: “havia de tudo, polícia de uniforme, polícia sem uniforme, cassinetes, espingardas e metralhadoras. E aquelas armas todas apontadas para a gente. Se fosse para contar, eu diria que havia mais de 400 policiais cercando o local”⁵³⁹.

Durante todo o período em que os militares estiveram no governo, procuraram construir discursos que legitimassem as suas ações. A caça arbitrária aos “opositores”, aos “vagabundos”, estava ancorada na manutenção da ordem e do bem-estar público. Os possíveis traidores, homens ou mulheres, eram todos os transgressores, seja das ordens, seja dos costumes, que se localizam à margem das normas, da disciplina e da hierarquia militar. As ações militares tentavam conter, censurar e punir os movimentos de contestação política vigente, bem como os “delinquentes”, as “prostitutas” e os “menores abandonados”, cujo crescimento se intensificaria na década de 1970. Na transgressão da norma, surgiria o “criminoso”, o “bandido”, o “estuprador”, equiparando-se a um “subversivo”, um sujeito ligado ao caos, à anarquia e à desordem.⁵⁴⁰

Uma das medidas tomadas pelo governo para essas ações de combate foi a tentativa de adotar a chamada prisão cautelar, que estabelecia que qualquer pessoa, mediante uma simples suspeita, poderia ser detida por qualquer autoridade policial que tinha o direito de mantê-la presa por até dez dias. *Lampião da Esquina* se posicionou em relação ao assunto publicando três matérias que apresentaremos em seguida. A primeira é publicada no início dos anos 1980, onde Aguinaldo Silva perguntaria: “Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar?” - e apresentaria os interesses de tal lei. Embora o governo negasse sua implantação até a última hora, ficava bem claro, segundo Aguinaldo Silva, que pelas intervenções do Ministro da Justiça, Petrônio

⁵³⁹ RIBONDI, Alexandre. Pega pra capar em Brasília. *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro de 1980, p. 5.

⁵⁴⁰ GAVRON, Eva Lucia. Crimes que circulam, práticas que se multiplicam: Violência Sexual em Florianópolis no período da ditadura militar – Décadas de 1960 e 1970. *Revista Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, p. 257-281, 1. sem. 2007, p. 260. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/184/122>>. Acesso: 23/03/2013.

Portela, a prisão cautelar adotada da (ainda) ameaçadora Lei de Segurança Nacional, iria se abater sobre os presos comuns, ou, mais especificamente, sobre os cidadãos comuns, os que não têm acesso às salvaguardas que o sistema oferece aos privilegiados⁵⁴¹.

A medida seria legalizada por um juiz, ao qual a autoridade coatora se veria na obrigação de comunicar a prisão desde o primeiro instante. O objetivo do comunicado era facultar ao juiz a possibilidade de anular a prisão – se considerasse injusta, podia soltar o preso. Mas basta dar uma olhada nos meios de que dispõe a nossa Justiça para saber que a autoridade policial, com sua suspeita, estará sempre dez dias à frente do juiz, com sua sede de justiça. É claro que esse tipo de prisão não era novidade, ela já era adotada há muito tempo no Brasil; a novidade era a sua legalização.⁵⁴²

E o que tinha a ver a prisão cautelar com a homossexualidade? A prisão cautelar era um projeto em estudo pelo governo que, a pretexto de combater a criminalidade, permitiria (se aprovado) à polícia prender, para averiguações qualquer suspeito pelo prazo de 10 dias, desde que o fato fosse comunicado a um juiz. Mas isso já não existia? Sim, mas era ilegal. A prisão por “suspeito” atingiria diretamente os homossexuais e outras “minorias”, como o negro. Por meio de uma avaliação subjetiva, poderia ser preso não apenas qualquer homossexual, mas qualquer negro, qualquer pobre ou qualquer indivíduo que não conseguisse comprovar vínculo empregatício⁵⁴³.

O governo negava que a prisão cautelar pudesse vir a existir, porém o *Lampião da Esquina* tinha suas desconfianças, dizendo que, mesmo o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel⁵⁴⁴ tivesse afastado qualquer possibilidade de o governo adotá-la como instrumento de combate à violência nos grandes centros urbanos, podia-se desconfiar de que não passava de uma artimanha do governo negá-la. Citava o exemplo de uma entrevista do criminalista Virgílio Donnici que tinha dito que durante o governo Faria Lima, quando era Secretário de Segurança do General Brum Negreiros, as estatísticas da Secretaria de Segurança foram manipuladas para dar a impressão de que os índices de criminalidade vinham baixando sensivelmente na Grande Rio. A imprensa, ao simplesmente reproduzir os índices que a SSP (Secretaria de Estado da Segurança Pública) lhe apresentava, sem se preocupar em checá-los, “teve grande

⁵⁴¹ SILVA, Aguinaldo. Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar? *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 13.

⁵⁴² Idem, ibidem.

⁵⁴³ RODRIGUES, João Carlos. Uma luta de todas as minorias (da maioria). *Lampião da Esquina*, n. 21, fevereiro de 1980, p. 8.

⁵⁴⁴ Ibrahim Abi Ackel foi Ministro da Justiça entre 1980 e 1985 durante o governo de João Figueiredo. Antes disso foi vereador e deputado federal em Minas Gerais pelo ARENA em dois mandatos: 1975-1979/1979-1980.

responsabilidade nesta farsa”. A mesma responsabilidade de que ela tinha naquele momento “ao alardear o crescimento dos índices de criminalidade sem se preocupar com as estatísticas”⁵⁴⁵.

O periódico *Lampião da Esquina* explorou de forma expressiva a questão da violência e das arbitrariedades policiais. Além da campanha sistemática contra a proposta de oficialização da prisão cautelar e do apontamento de uma hipocrisia classista da campanha pela anistia ao preso político (geralmente de classe média), que não dava atenção à situação do preso comum (geralmente classe baixa), sujeito aos mesmos maus tratos e injustiças, o jornal construiu o perfil de dois delegados considerados especialmente agressivos: José Wilson Richetti em São Paulo, e Geraldo Padilha no Rio.

Daremos atenção a esses dois delegados, devido às suas operações representarem uma característica da polícia daquele período em relação ao tratamento dado ao *vagabundo que transita pelas grandes cidades*. Trevisan ficaria responsável por escrever sobre o delegado de São Paulo. Críticas ferrenhas ao seu modo de agir não faltaram por parte do editor do jornal. José Wilson Richetti tinha sido transferido para a Terceira Seccional (Centro) de São Paulo em maio de 1980, com a fama de se vangloriar por ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos.

Inicialmente, havia apenas reclamações isoladas de anônimas travestis e prostitutas vitimadas pela violência policial que, desde o fim de maio daquele ano, tinha tomado conta de São Paulo, sob pretexto de limpar a cidade de vagabundos, anormais (também conhecidos por homossexuais), decaídas ou mundanas, marginais e desocupados em geral. Como é que se limpa uma cidade de 10 milhões de habitantes, “refúgio dos miseráveis de todo o Brasil, com taxa de desemprego atingindo 8% da população ativa? Fácil: dando serviço para a polícia que, nestes tempos de semi-anistia, é menos solicitada, mas precisa mostrar serviço”.⁵⁴⁶

⁵⁴⁵ SILVA, Aguinaldo. O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar. *Lampião da Esquina*, n. 21, Fevereiro de 1980, p. 8. *Hoje existe a Lei nº 12.403/2011 que altera a Lei n. 6.416/77. A prisão cautelar sempre teve uma natureza processual, nos termos da Constituição Federal, da doutrina e consoante Tratados Internacionais dos quais o País faz parte. Ocorre que, tendo em vista situações em que, na prática, ocorria um desvirtuamento do instituto, surgiu a Lei nº 12.403/2011, reafirmando o caráter instrumental do instituto e trazendo ao Juiz mecanismos alternativos às medidas cautelares, bem como a valorização do instituto da fiança. A Lei nº 12.403/2011 trouxe algumas inovações no tocante às prisões cautelares, principalmente quanto à possibilidade de medidas alternativas.

⁵⁴⁶ TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. *Lampião da Esquina*, n. 26 julho de 1980, p. 18.

Richetti cria as Operações Limpeza e Rondão. Com uma bem montada equipe policial saía pela cidade disposto a limpar não apenas as zonas residenciais mas, sobretudo, o centro da cidade, atacando regiões como: Bocas do Lixo, Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, áreas frequentadas por prostitutas, travestis, *michês*, lésbicas e homossexuais em geral. Portava-se como um herói, convidando um fotógrafo para documentar as operações e alegava apoio total de seus superiores, o secretário de segurança, o desembargador Otávio Gonzaga Jr. e o chefe do Departamento de Polícia da Grande São Paulo, delegado Rubens Liberatori (acusado de deflagrar a famosa Operação Camanducaia que, em outubro de 1974, retirou menores infratores de São Paulo para soltá-los nus no interior de Minas)⁵⁴⁷. Um policial tinha dito a um repórter que as operações de limpeza estariam se realizando também a mando do general Milton Tavares, comandante do Segundo Exército⁵⁴⁸.

Cerca de 1500 pessoas foram presas em uma semana, apenas 0,8% foram indiciadas. Richetti dizia que as rondas estavam dando ótimos resultados, alegando que no centro o número de assaltos tinha diminuído de 30 para 5 por dia. E afirmava que só iria acabar com aquilo quando os comerciantes e as famílias fossem pedir a ele. A imagem da forma repressiva das operações comandadas por Richetti se alastraria quando um sociólogo do prestigioso CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) teria sido preso, ficando três dias desaparecido, por não possuir carteira

⁵⁴⁷ **Operação Camanducaia** foi o nome pelo qual ficou o conhecido episódio ocorrido em 19 de outubro de 1974, quando 97 menores de idade supostamente infratores foram transportados por policiais da sede do Departamento Estadual de Investigações Criminais de São Paulo (DEIC) para as margens da Rodovia Fernão Dias, nas proximidades de Camanducaia (MG), onde acabaram jogados de uma ribanceira após uma sessão de espancamento. O caso foi denunciado pela imprensa e chocou a opinião pública brasileira, tornando-se um dos maiores escândalos de violação de direitos humanos do país. Após a repercussão do caso na mídia, ocorreram três pedidos de apuração do caso solicitados pelo juiz de menores Artur de Oliveira Costa, pelo corregedor geral dos presídios Ricardo Laércio Talli, e pelo secretário de segurança pública Erasmo Dias. Por ordem do secretário de segurança pública, o DEIC abriu uma sindicância do caso, sendo coordenada pelo delegado Rubens Liberatori. Paralelamente as investigações oficiais, a imprensa continuou apurando o caso. Em 13 de dezembro de 1974, o promotor de justiça João Marques da Silva ofereceu denúncia contra quatorze delegados (incluindo Libertatori) e sete policiais, acusados de abuso de autoridade, maus tratos e abandono de menores. O caso nunca foi a julgamento, por conta da suposta interferência das autoridades respaldadas pela ditadura militar. No dia 7 de outubro de 1975, foi concedido por unanimidade, pelas Câmaras Conjuntas Criminais do Tribunal de Justiça de São Paulo, um *habeas corpus* ao delegado Liberatori além de ter sido determinado o arquivamento do caso. Essa decisão inocentou todos os quatorze policiais envolvidos na Operação. Cf. FERREIRA, Carlos Rogé; *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003; FONTANA, Isabel Cristina Ribeiro da Cunha. *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*; São Paulo: Loyola, 1999; MOLICA, Fernando. *50 anos de crimes*; São Paulo, Record, 2007; JUSTO, Carmen Sílvia Sanches. *Meninos Fotógrafos e os Educadores: Viver na Rua e no Projeto Casa*; São Paulo, Editora Unesp, 2003. LOUZEIRO, José; *Pixote - Infância dos Mortos*. São Paulo, Ediouro-Tecnoprint; 1977; MARQUES, João Benedito de Azevedo Marques, et al; *Execuções Sumárias de Menores em São Paulo*; Ordem dos Advogados do Brasil, Departamento Editorial / Comissão de Direitos Humanos, São Paulo, 1993.

⁵⁴⁸ TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. Op. cit.

de trabalho assinada. Até o Comitê Brasileiro de Anistia se manifestou e o jurista Hélio Bicudo entraria com representação judicial contra Richetti e o secretário de segurança, que foram convocados a depor diante da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Estadual, onde deputados apresentariam denúncias públicas depois de ouvir depoimento de algumas prostitutas.

Um Ato Público de protesto foi organizado por grupos homossexuais, negros e feministas que se mobilizaram em conjunto para denunciar a violência das operações. Na noite de 13 de junho de 1980, uma sexta feira, dia de Santo Antônio, quase mil pessoas teriam se reunido diante do Teatro Municipal, no começo da noite para protestar contra o delegado. Algumas faixas pediam a exoneração de Richetti, assim como protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de prostitutas e travestis. Foram lidas várias cartas assinadas pelos diversos grupos organizadores do Ato.

De todo modo, a abertura finalmente encontrou seus bodes-expiatórios. Cada beijo proibido irá custar uma briga. Não porque a repressão aumentou: trata-se da mesma repressão que se tornou mais explícita. Mas também é certo que, ao invés de conter a violência, a máquina que sustenta o Dr. Richeiti estará apenas retardando e eleito da bomba. Trata-se de um problema de sobrevivência e não de moralidade. Basta ouvir a prostituta Kátia: “Quando posso, dou cobertura para os trombadinhas. Passa um por mim correndo e eu digo: Vai meu filho, que Deus te ajude”.⁵⁴⁹

Um ponto aqui merece ser destacado: existem escritos que apresentam como a relação entre pessoas do mesmo sexo é algo há muito tempo realizado nas sociedades. Desde que foi dado nome e classificações a essas relações, por exemplo, o homossexual perverso e doentio constituído pela medicina, ou o pederasta pecaminoso do discurso religioso, entre outras tantas formas negativas de transformar as homossexualidades em um mal a ser combatido, esses sujeitos foram vistos como constituintes de uma não norma. Na contemporaneidade isso foi reiterado e mantido desde que a medicina resolveu tentar “dar conta” de salvar a humanidade dos seres “anormais”. Quando João Silvério Trevisan diz que “Não porque a repressão aumentou: trata-se da mesma repressão que se tornou mais explícita”, o que podemos pensar é que as formas de “medir” essa violência se tornaram mais vastas, houve visibilidade sobre ela. Se a

⁵⁴⁹ Idem, *ibidem*.

repressão aumentou ou não, talvez não seja a questão, mas que é perceptível olhar para ela de outras tantas formas e locais isso é inegável.

É importante percebermos como os discursos dentro do jornal são múltiplos e contraditórios no sentido da diversidade de opiniões. Na dissertação de mestrado de Cláudio Roberto da Silva⁵⁵⁰, na qual faz uma série de entrevistas com colaboradores e editores do jornal *Lampião da Esquina* durante a segunda metade dos anos 1990, Silva constrói por meio das falas dessas pessoas o papel que *Lampião da Esquina* representou enquanto existiu. Ao perguntar sobre o período da ditadura militar e a relação com a repressão contra os homossexuais, duas falas são importantes, tratam do pensamento de colaboradores que escreviam sobre essa violência e acabam por se contradizerem ao olhar para o período após alguns anos.

Dolores Rodriguez (única lésbica a ter um cargo de escritora “fixa” no jornal) iria dizer a Silva que não achava que os homossexuais foram perseguidos. Acreditava que, se houve perseguição, era porque “desde que o mundo é mundo é assim”. E completava dizendo não crer que tenha sido uma posição política assumida, e que aquela perseguição era natural da cabeça das pessoas. “Naquele tempo, a ditadura não estava preocupada com os homossexuais. Ela estava preocupada em reprimir a questão política. O preconceito contra o homossexualismo vem neste bojo, pois é inerente às pessoas”. Será? Não é o que percebemos ao analisar as páginas do jornal na qual Dolores escrevia. A repressão existia vinda tanto pela sociedade quanto pelo governo. Quer posição política maior do que pensar em eliminar sujeitos por não aderirem a uma norma criada por outros sujeitos?!⁵⁵¹

Alexandre Ribondi (colaborador que mandava as notícias de Brasília) complementa Silva afirmando que não havia uma maior perseguição dentro da ditadura brasileira pelo fato do sujeito ser homossexual. E que nessa época, justamente, havia muito culto à androginia. “Não entre a polícia, mas entre os moderninhos! Ser homossexual era algo revolucionário. Havia uma postura de contestação social, como de resto tudo era contestação social naquela época”⁵⁵². A fala de Ribondi, mesmo que em outro contexto e com outras intenções de pesquisa, não condiz com as suas matérias e muito menos com o que foi analisado agora no que tange à violência contra os homossexuais no Brasil do fim dos 1970 e início dos 1980.

⁵⁵⁰ SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: Op. cit., p. 79.

⁵⁵¹ Idem, *ibidem*.

⁵⁵² Idem, *ibidem*.

Voltando ao delegado Antônio Carlos Moreira, que seria o responsável por escrever sobre o delegado do Rio de Janeiro, Deraldo Padilha, ou como ele denominou o *Delegado Exibicionista*. Moreira, ao construir as características de Padilha, o assemelhava às atitudes exibicionistas de Richetti e seus propósitos moralistas, dizendo que isso não se configurava em algo novo e sem precedentes nos anais da repressão policial. Citava a polícia do Rio de Janeiro que, segundo ele, se orgulhava também de ter em seu quadro um elemento com as mesmas características e muito estimado pelo Secretário de Segurança e pela cúpula governamental. “Tratava-se do não menos conhecido e lendário Delegado Deraldo Padilha de Oliveira, vulgo Padilha”⁵⁵³.

As atividades de Deraldo Padilha tiveram início na década de 50, quando foi aprovado num concurso público da Secretaria de Segurança da Guanabara/RJ. Um de seus primeiros trabalhos de grande repercussão foi acabar com a *malandragem* carioca, prendendo quem andasse de calças com bocas apertadas. Para ele bastava andar com uma roupa desse tipo que era logo preso para averiguações. Na delegacia, Padilha fazia o teste da laranja: jogava uma laranja pela perna da calça do detido. Caso o fruto engasgasse na boca, não tinha nem conversa e nem explicação, ia direto pra cela.

Outra de suas atuações, ainda na década de 50, ocorreu no período em que chefiava a Divisão de Meretrício da Delegacia de Costumes e Diversões, onde promoveu várias *blitz* nos bares, hotéis e boates da antiga Lapa. Os policiais invadiam os locais e começavam a bater em todo mundo. As prostitutas e os homossexuais saíam correndo e quem não conseguisse escapar era espancado e levado para a delegacia onde ficava incomunicável e sujeito aos maus tratos do delegado. Toda noite, cerca de 20 a 40 pessoas eram jogadas nos camburões e encaminhadas à cela⁵⁵⁴.

Padilha, segundo Antônio Carlos Moreira, sempre nutriu um profundo ódio pelos homossexuais, e ao final de cada ronda, não deixava de pregar seus sermões e conselhos, dizendo para eles que tomassem vergonha na cara, pois aquilo não era vida digna de um homem, etc. Corriam boatos de que, na realidade, o que ele sentia era uma profunda mágoa, pois tinha um filho que era homossexual. Mas isso nunca foi confirmado.

Para tornar seu trabalho “mais divertido”, resolve raspar a cabeça de todos os detidos, instaurando assim a “operação rapa coco”. Padilha intensificava sua

⁵⁵³ MOREIRA, Antônio Carlos. Deraldo Padilha: Perfil de um Delegado Exibicionista. *Lampião da Esquina*, n. 26 julho de 1980, p. 19.

⁵⁵⁴ Idem, *ibidem*.

perseguição aos homossexuais, principalmente na Galeria Alaska. Fazia sucessivas rondas por Copacabana e prendia centenas de pessoas⁵⁵⁵. No mesmo trabalho de Cláudio Roberto Silva, Antônio Carlos Moreira iria dizer que, no período ditatorial houve sim uma permanente rejeição da homossexualidade “acomodada na ausência de mecanismos oficiais de repressão, mas presentes em atitudes de variada violência”. E que, a contrapartida, vinha institucionalizada “na forma das perseguições policiais contra aqueles que não seguiram o caminho ‘normal’ (casamento, geração de filhos, constituição da família), referendando o elo quebrado na corrente formadora da sociedade”⁵⁵⁶.

Essa repressão policial não se dava apenas no Brasil. É interessante mais uma vez observar que *Lampião* não deixava de expor também notícias de outros países para que pudesse ser percebido que o problema não estava e não se tratava apenas de Brasil, mas que se dava de várias formas. Em outubro de 1980 publicaria o caso de policiais que ficavam atrás de um espelho masculino na Alemanha. Dizia a matéria que as autoridades locais vigiavam, mais ou menos sistematicamente, os homossexuais através dos espelhos de fundo que permitiam aos “encarregados da moral pública” observar, de uma peça ao lado, tudo o que acontece num mictório público.

Tudo teria sido descoberto quando Cony Littman, um representante do movimento ecologista de Hamburgo e homossexual declarado, armado de uma marreta, destruiu o espelho instalado no fundo de um banheiro público no centro daquela cidade da Alemanha. Como se esperava, ele encontrou, atrás do espelho, um corredor que levava a um pequeno quarto. Deste quarto viu uma pessoa desaparecer correndo. Assim, os homossexuais hamburgueses encontravam, finalmente, a prova que a polícia local sempre negou⁵⁵⁷.

No Brasil, Richetti voltava às ruas, só que dessa vez não eram os homossexuais masculinos os alvos procurados, mas sim, as lésbicas. Os policiais invadiram os bares Cachação, Ferro's e Bexiguinha, e as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira profissional assinada, foram todas detidas, sob o seguinte argumento: “É tudo sapatão”⁵⁵⁸. Isso se dava no dia 15 de novembro de 1980 nas ruas de São Paulo. Segundo panfleto distribuído posteriormente pelos grupos *Terra Maria, Ação Lésbica*

⁵⁵⁵ Idem, ibidem.

⁵⁵⁶ Cf. SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: Op. cit., p. 77.

⁵⁵⁷ LEICHT, Anton. Por trás do mictório, um policial. *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro de 1980, p. 4.

⁵⁵⁸ TREVISAN, João Silvério. Richetti volta às ruas. *Lampião da Esquina*, n. 31 dezembro de 1980, p. 16.

Feminista e Eros, na 4ª delegacia, para onde as detidas foram levadas, foi constatado que os policiais recebiam dinheiro para libertarem as pessoas, sendo que aquelas que não possuíam, lá permaneciam. Em seu panfleto, aqueles três grupos paulistas denunciavam: “Estamos novamente às voltas com a ação violenta da polícia, ação essa que outra vez ficará impune no que diz respeito às autoridades”⁵⁵⁹.

Nessa onda moralista, não existia uma perseguição explícita, mas a mesma permitia que as forças policiais perseguissem os homossexuais, anonimamente, nos lugares de pegação! Os homossexuais eram presos, apanhavam e eram torturados. Ninguém tinha coragem de ir para um lugar de pegação, era perigoso! A polícia, a qualquer momento, podia prender o indivíduo, leva-lo para uma delegacia e arrebatá-lo de porrada pelo fato de ser homossexual. O homossexual sempre foi visto de forma pejorativa, como se fosse um prostituto⁵⁶⁰.

As travestis foram também sujeitos que sofreram com essa forma de violência, que tinha o intuito de *limpar* os lugares onde essas pessoas pudessem vir a frequentar, e *Lampião da Esquina* foi o órgão responsável por dar visibilidade a esses sujeitos e as formas de violência e de suas vivências. As travestis foram perseguidas pela máquina policial, que se expandiu a partir de maio de 1980, quando foi desfechada a chamada Operação Rondão em São Paulo, chegando a abandonar o centro da cidade, seguindo para os bairros ou avenidas da Zona Sul.

Não bastassem as perseguições policiais, as travestis sofriam, por exemplo, com pessoas como Carlos Pinezzi Filho, que em novembro de 1980 começou a portar uma espingarda carregada de chumbo e sal grosso, com a qual alvejava as travestis da Zona Sul da cidade de São Paulo. Apelidado pelo jornal *Notícias Populares* com o epíteto de “Jack, o Atirador”, Carlos Pinezzi Filho, 28 anos, ex-vendedor de automóveis (trabalho que abandonou, junto com sua casa e a noiva), durante três semanas disseminou o medo e o ódio entre as travestis. Aproximava-se fingindo interesse, dava um rápido sinal de luz com seu carro e, quando a travesti ia se oferecer, disparava a espingarda, geralmente apontada para as nádegas ou as pernas da vítima, e soltava gostosas gargalhadas enquanto fugia. Ele foi atacado por duas travestis no dia 7 de novembro, e agredido a gilete e cacos de vidro sendo hospitalizado com um corte profundo na testa⁵⁶¹.

⁵⁵⁹ Idem, *ibidem*.

⁵⁶⁰ Cf. Luiz Carlos Lacerda. In: SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: Op. cit., p. 77.

⁵⁶¹ AUGUSTO, Paulo & FUKUSHIMA, Francisco. Na paulicéia, com olhos de lince e pernas e de avestruz. *Lampião da Esquina*, n. 32 janeiro de 1981, p. 5.

O que mais incomoda é pensar que esses tipos de ações serviam como favores aos órgãos policiais. Reconhecido pelas travestis no Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC), dia 27 de novembro, durante toda a sessão, segundo depuseram os primeiros à imprensa, Pinezzi permaneceu sempre ao lado dos policiais, rindo muito e conversando. Orientado pelo advogado, diria depois que jamais sentira ódio de homossexuais, mas indagado se sairia com um travesti, respondeu: “– Sim. Para acertar um tiro de espingarda na cara dele”⁵⁶². Uma das travestis dizia que “o silêncio e a discrição dos militares são elementos-chave para a compreensão da atitude em relação a sexualidade. Os homossexuais poderiam fazer o que quisessem desde que não invadissem a esfera pública”⁵⁶³.

Mais duas matérias relacionadas à repressão policial contras as travestis foram expostas, sendo uma delas uma entrevista com duas travestis e uma advogada que trabalhava em prol dos homossexuais. Perguntadas sobre as ações e prisões da polícia, as travestis Alice e Flávia, afirmaram que foram presas e que, às vezes, saíam de casa em pleno dia com uma sacola para disfarçar que estavam fazendo compras, senão eles as levavam. “Eles não querem nem saber, pegam a gente e mandam pro camburão. Jogam dentro do carro. São todos mal educados. [...] Eu tenho documento, de ator: mesmo assim eles levam. Mesmo tendo carteira de trabalho”⁵⁶⁴.

Teve um caso que aconteceu há uma semana, é muito importante; eu ia descendo, e vinham dois caras, um deles passou a mão em mim; eu quis ratear com ele, mas os dois mandaram a gente ficar quieta. Pareciam dois malandros mesmo, não tinham senso de nada. Eu fiz o que eles mandaram, mas aí me entrosei com minhas amigas, e uma delas falou: “É, vamos dar um pau nesses caras, que eles tão muito folgados”. A gente partiu pra cima deles, mas aí um deles puxou um revólver e deu um tiro na gente. Todo o mundo correu, menos eu que fiquei lá, incrementando com eles, chamando eles de malandros, e tal. Dali a pouco veio a Garra; uma amiga minha foi lá e falou pra eles, “olha, esses dois caras estão com um revólver, atiraram na gente”. Pois os dois voaram em cima dela e bateram tanto que a pobre até hoje está no hospital; eram da polícia, também!

Quando não eram presas, essas travestis eram assassinadas como se fossem corpos vagantes pelas ruas, sem memória ou história. No mesmo dia em que os homossexuais organizados do Rio de Janeiro desencadeavam a concretização de uma

⁵⁶² Idem, *ibidem*.

⁵⁶³ Cf. Luiz Carlos Lacerda. In: SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho*: Op. cit., p. 77.

⁵⁶⁴ DOIS travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampião da Esquina*, n. 19 dezembro de 1979, p. 5.

proposta de trabalho com o Coletivo de Mulheres/RJ e com o Movimento Anti-Nuclear, mais uma travesti era assassinado na cidade chamada de maravilhosa⁵⁶⁵: o quarto, no mês de abril (e ainda era dia 16!). Desta vez, tudo teria começado com um rapto na Galeria Alaska, terminando com um corpo abandonado na Barra. A quadrilha – apelidada de Mão Branca pela imprensa marrom – teria deixado um aviso: “começou a limpeza da galeria”.⁵⁶⁶

O Estado tinha acabado de criar grupos na sociedade brasileira que faziam o papel da polícia. A imprensa marrom contribuía para lucrar com manchetes sensacionalistas. E as famílias tradicionais e proprietárias que “escutam as apocalíticas palestras de Dom Eugênio Salles, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro citam o Papa para nos condenar, e dormem mais tranquilas: o Mão Branca, zela pela paz, pela ordem e pelo progresso”⁵⁶⁷.

Ao criticarem os poderes judiciais e policiais, a equipe redatora do jornal se mostrava muito bem informada. Não só contava com a coordenação editorial de Aguinaldo Silva, então conceituadíssimo repórter policial, mas também com a experiência própria dos membros do Conselho Editorial. Esses foram submetidos a inúmeros vexames durante o inquérito sofrido pelo jornal promovido pelo Departamento de Polícia Federal do Rio de Janeiro que pensava em enquadrá-los por ofensas à moral e ao pudor público. O *Lampião* desempenharia também papel importante na campanha dos grupos homossexuais, feministas e negros de São Paulo contra a Operação Rondão do Delegado Richetti, que pretendia retirar os homossexuais de seus pontos de encontro nas calçadas de certas ruas do centro da cidade⁵⁶⁸.

A tentativa de fechar lugares frequentados por homossexuais, como os cinemas, também foi uma atitude característica das ações policiais e judiciais. No início dos anos de 1981, por exemplo, dezenas de incansáveis *habitués* dos Cinemas São José e

⁵⁶⁵ Atualmente segundo o Grupo Gay da Bahia, morrem de duas as quatro travestis no Rio de Janeiro. O grupo levando em consideração a população de travestis no Brasil, segundo as associações de transexuais e travestis representam cerca de 20-30 mil indivíduos, calcula que a travesti é mais vulnerável a morrer, geralmente vítima de arma de fogo na rua, cerca de 259 vezes mais risco em relação a gays e lésbicas (estima-se uma população em torno de 20 milhões de brasileiros). Os dados são reveladores quando a vulnerabilidade de travestis, o GGB mostra que 73% das travestis assassinadas em 2007, por exemplo, eram profissionais do sexo. Segundo o grupo tal predominância se explica devido à prática da prostituição nas ruas e estradas, zonas muito frequentadas por marginais, as travestis foram em sua maioria assassinadas a tiro (40%) em espaços públicos, enquanto os gays são executados dentro de casa, a facadas (31%). Disponível em:

<<http://www.observatoriodeseguranca.org/dados/debate/viol%C3%Aancia/homofobia>>.

⁵⁶⁶ CARNEIRO, João. Olha o Mão Branca! *Lampião da Esquina*, n. 24 maio de 1980, p. 10.

⁵⁶⁷ Idem, ibidem.

⁵⁶⁸ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Op. cit., p. 76.

Marrecos, na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, tiveram seus mais recônditos desejos frustrados. Certos de encontrarem os habituais companheiros “de banheiros, os apetitosos rapazes do corredor ou ainda os excitadíssimos senhores da plateia, ficaram decepcionados e sem saber o que fazer ao ver as portas arriadas e um nefasto auto de interdição afixado na entrada dos frequentadíssimos cinemas”⁵⁶⁹. A interdição foi feita pela Divisão de Controle de Diversões Públicas (DCDP) com a participação do perito Josemar Gonçalves Pinto, proibindo o funcionamento dos cinemas até que fossem cumpridas todas as exigências com relação à segurança, higiene e restauração dos mesmos. O Detetive Humberto de Matos foi taxativo: “Se voltarmos aqui e estiverem exibindo algum filme, todo mundo vai pra delegacia”⁵⁷⁰.

O *Lampião da Esquina* apresentaria assim, por meio de seus editores, nas suas 38 edições (mais três extras, que repetiam as reportagens já publicadas), aproximadamente setenta reportagens ligadas à violência contra homossexuais masculinos, lésbicas, travestis e a mulheres. Expondo também a violência na América Latina (Argentina, Chile, México, Cuba), com cerca de treze reportagens. Poucas foram as edições que não trouxeram o assunto violência em suas páginas, destacando-se as edições de número 26, com sete reportagens, e a de número 7, com 5 reportagens. Tanto a violência que elimina o sujeito fisicamente quanto aquela de cunho moral e psicológico estiveram presentes nas matérias do jornal, criticando tanto os discursos quanto os atos repressivos à cultura.

João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva seriam os editores que mais se destacariam nos números de reportagens sobre violência contra os homossexuais, com cerca de onze reportagens cada, acompanhados de João Carneiro e Francisco Bittencourt. Alexandre Ribondi, Antônio Carlos Moreira, Darcy Penteado, Clóvis Marques, Antônio Chrysóstomo, Glauco Mattoso e João Carlos Rodrigues são figuras presentes também no que diz respeito a esse assunto. Essas matérias se destacariam nas seções de *Reportagem*, *Esquina* (equivalente ao editorial) e a seção criada, *Violência*.

Desta forma, o jornal *Lampião da Esquina*, ao se apresentar como uma ferramenta da mídia impressa vai ser responsável não só pela visibilidade dada à violência sofrida por pessoas que não se adequavam às normas vigentes da sexualidade, mas também uma ferramenta de denúncia que talvez não estivesse presente em outro

⁵⁶⁹ MOREIRA, Antônio Carlos. Tiradentes, sublime tentação. *Lampião da Esquina*, n. 36 maio de 1981, p. 12.

⁵⁷⁰ Idem, *ibidem*.

órgão da imprensa naquele período. O papel social que o jornal acabou por constituir está além da simples notícia. As matérias, a exposição do assunto e dos acontecimentos no jornal, constrói a ideia de como a repressão vinda de diversas direções estava presente na sociedade brasileira e no Estado que a constituía. Dizer que o governo não se preocupava com as homossexualidades, tendo exemplos de diversas ações que parecessem mais liberais como a visibilidade dos guetos, as próprias manifestações artísticas, etc., é apagar o que se vê nas páginas do *Lampião da Esquina*. As formas da sociedade brasileira, representadas em tantas maneiras repressivas para com aqueles que não seguiam as normas, chamados de marginais, era algo que permanecia, bastava-se ler o *Lampião da Esquina*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após buscarmos compreender a violência contra os homossexuais no Brasil nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), concomitantemente, as representações sobre as homossexualidades por parte da imprensa e da sociedade da época, podemos apontar algumas considerações no que tange as permanências e as rupturas sobre esses tipos de violência.

O momento em que o periódico *Lampião da Esquina* circulou no país foi marcado – como já apresentado – por um regime no qual os militares estavam no comando do governo brasileiro, o que não impediu o aparecimento de movimentos ditos “minoritários”. O intuito do governo por meio dos presidentes Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo em instalar a abertura política, e o fato de já terem matado e maltratado todos que pretendiam no momento anterior – enquanto o AI-5 ainda estava em vigor –, a ditadura militar iria perdendo a sua força e os próprios militares começariam entrar em desacordo. O início dessa abertura política possibilitou com que os sujeitos, de alguma forma, pudessem dar visibilidade a suas causas, porém, sem deixar de sofrer direta ou indiretamente com a repressão da sociedade.

O *Lampião da Esquina* naquele momento acabou sendo uma ferramenta não só de visibilidade dessas vozes que surgiam ali, mas também, como instrumento de denúncia das diversas formas de violência que os sujeitos – não só homossexuais – sofriam naquela época, e ainda, contribuiu para a formação do movimento de afirmação homossexual no Brasil, e mostrou que era possível expor e discutir questões ligadas às sexualidades naquele período.

Em relação à violência contra os homossexuais, percebemos que (sejam os assassinatos, as violências “invisíveis” ou as ações policiais que excluía os sujeitos das ruas), suas justificativas eram baseadas em discursos construídos historicamente por meio da medicina (com o sujeito doentio), pela religião (o sujeito pecaminoso), o que constituiu a construção do sujeito perverso por meio da sociedade. Todas as justificativas – mesmo porque não há justificativa para matar homossexuais – eram pautadas em valores morais construídos historicamente pela sociedade hebraico-cristã-ocidental.

A medicina, por exemplo, do fim do século XIX ao início do XX, ao tentar fazer-se útil a sociedade, buscando afastá-la das anomalias (muitas das quais criadas pela própria), construiu o ser doentio que deveria ser cuidado e vigiado pela sociedade,

ou se não, banido. Foi capaz por de trás de um discurso científico, pautado em uma verdade absoluta, reiterar e construiu um poder que dava a ela dizer o que era normal e anormal em uma sociedade. O que deve ser destacado em relação ao discurso médico, é que ele se sentiu no direito de cumprir um papel social para além da cura ou do tratamento de enfermos, construindo as perversidades que a sociedade deveria se afastar.

Já as religiões cristãs desde os escritos bíblicos trataram e tratam as homossexualidades como uma aberração. A construção do pecado contra a natureza, no qual Deus teria criado apenas o amor entre homens e mulheres, assim como os capítulos bíblicos (Gênesis 19:1-29; Levítico 20:8-27; I Coríntios 6:9-10 e I Timóteo 1:9-10) permanecem como justificativas que levam muitos religiosos a terem asco às homossexualidades e aos homossexuais. Alguns religiosos que se baseiam nesses escritos “ignoram, de modo providencial todos os trechos da Bíblia em que há defesa e promoção da escravidão, do linchamento, da tortura e de assassinatos cruéis, mas não deixam de evocar o livro sagrado para justificar suas injúrias contra os homossexuais”.⁵⁷¹

Por fim, a imprensa do período do *Lampião* é reprodutora e mantenedora desses discursos que acabam por excluir sujeitos da nossa sociedade simplesmente por seguirem os seus desejos, e por não serem os mesmos da norma heterossexual. Tanto a grande imprensa, quanto a alternativa, construiu a imagem do homossexual unívoco, atrelado à figura feminina, quando não, como portadores de anomalias, e por isso deveria se tomar cuidado com eles, quando não, baní-los. Quando essa mídia não articulava os homossexuais à perversidade, atrelava-o a um desvio, talvez até aceito, mas sem deixar de frisar a diferença, e que ela não era a norma.

Atualmente, alguns pontos podem ser destacados em relação à violência contra os homossexuais. Passados 34 anos do fim do *Lampião da Esquina*, podemos perceber que a violência contra os homossexuais no Brasil ainda é um problema. Se usarmos os dados do Grupo Gay da Bahia, por exemplo, observaremos que além da violência ter ficado mais visível, ela aumenta. De 2007 até a primeira semana de dezembro de 2012,

⁵⁷¹ WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim*: identidades, políticas e afetos. São Paulo: Paralela, 2014, p. 170.

o Grupo calcula um total de 1.341 homicídios contra a população LGBTTTT, ou seja, uma média de 1,3 homossexuais mortos por dia, e 268,2 por ano.⁵⁷²

Dentre esses dados, o Nordeste é a região mais perigosa do país: um homossexual nessa região corre 84% mais riscos de ser assassinado do que no Sul e Sudeste. As vítimas em sua maioria têm entre 20-40 anos. Em termos relativos, os estados mais ameaçadores são Rio Grande do Norte e Alagoas. *Para finalizar, o ano mais violento é 2012.* Nunca antes na história desse país foram assassinados e cometidos tantos crimes homofóbicos, um total de 338, no qual os gays completam 56% dessas mortes com 188 mortos, ou seja, um assassinato a cada 26 horas, e um crescimento de 177% nos últimos sete anos. Em 2012 também foi assassinado brutalmente um jovem heterossexual na Bahia, confundido com gay, por estar abraçado com seu irmão gêmeo. O Brasil ocupa primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos, concentrando 44% do total de execuções de todo o planeta.⁵⁷³

No estado de São Paulo em 2012, devido ao grande número de habitantes, morreram mais homossexuais (45 no total), porém, Alagoas permanece como o estado mais perigoso para os homossexuais (18 no total), com um índice de 5,6 assassinatos por cada milhão de habitantes, sendo que, para toda a população brasileira, o índice é 1,7 vítimas por milhão de brasileiros⁵⁷⁴. Nesse ano de 2012, 8 homossexuais foram queimados no Brasil.

Norbet Elias ao analisar a formação de um processo civilizador, do período correspondente da Idade Média à Moderna (entre os séculos XV e XVIII) em sociedades, tanto europeias quanto norte-americanas, observou dentro dos padrões sociais criados nessas sociedades, a figura do “anormal”, elemento importante para observarmos como ela ainda prevalece em relação aos homossexuais atualmente, dessa forma as contribuições de Elias nos ajudam a pensar a formação do “outro” no decorrer da história, assim, ao falar das sociedades passadas, parece falar dos nossos tempos:

⁵⁷² Cf. GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012. Disponível em: <<http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/ultimo-relatorio/>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/relatorio-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-ano-de-2011>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>.

⁵⁷³ Idem, ibidem.

⁵⁷⁴ Destacamos que no estado do Acre, aparentemente, nenhuma morte com característica homofóbica, foi constatada nos últimos dois anos; e que o estado de Minas Gerais, nos últimos dois anos, foram registradas 13 ocorrências, representando assim 0,6 mortes para cada milhão de habitantes.

Os divertimentos criados pela sociedade para seu prazer materializaram um padrão social de emoções dentro do qual todos os padrões individuais de controle das mesmas, por mais variados que possam ser, estão contidos. Todos os que caírem fora dos limites desse padrão social são considerados “anormais”.⁵⁷⁵

Podemos perceber, a título de exemplo, alguns crimes bárbaros contra os homossexuais, que se assemelham com crimes cometidos no Brasil dos anos 1970 e expostos no *Lampião da Esquina*. Um dos crimes mais impactantes, dentre os vários que poderíamos destacar, são: o caso do gay Wilys Vitoriano, negro de 26 anos, que em fevereiro de 2012 foi encontrado morto dentro da casa em que morava, na cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo. Havia manchas de sangue em várias partes da residência. A vítima estava apenas de sunga e apresentava 68 perfurações no corpo, causadas por diferentes objetos cortantes e na parede da casa de um dos vizinhos, apareceu uma pichação com a palavra: VIADOS. Em Alagoas, no município sertanejo de Olivença, com uma população de 10 mil habitantes, uma travesti de 39 anos (Soraia), foi amordaçada, teve pedaços de madeira introduzidos no ânus e o pênis queimado com álcool. “Sobreviveu alguns dias, com muitas dores, exalando odor de podridão, até que foi operada, sendo retirado do intestino grosso um pedaço de madeira de 15 cm, morrendo logo a seguir com infecção generalizada”⁵⁷⁶.

Também em 2012, outro crime bárbaro chocou a cidade de Bequimão, no Maranhão. Um adolescente de 14 anos foi assassinado pelo padrasto de 25 anos, porque não aceitava que o enteado fosse gay: “A vítima foi encontrada enterrada em um terreno nas proximidades de onde morava e segundo a polícia, havia indícios que o garoto teria sido enterrado vivo pelo padrasto, que conseguiu fugir”.⁵⁷⁷

O tratamento dado pela polícia é o mesmo dos tempos de *Lampião*, destaquemos o caso de Lucas Fortuna de 28 anos, jornalista de Goiânia, ativista gay, morto em 19 de novembro de 2012 por dois assaltantes numa praia na região metropolitana de Recife. Seu corpo com o rosto desfigurado foi encontrado com profundas marcas de espancamento. O Departamento de Homicídios de Pernambuco declarou tratar-se de

⁵⁷⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 201.

⁵⁷⁶ Cf. GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012. Disponível em: <<http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/ultimo-relatorio/>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/relatorio-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-ano-de-2011>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>.

⁵⁷⁷ Idem, ibidem.

latrocínio, descartando ódio homofóbico. Presos, os dois assassinos confessaram ter na mesma noite assaltado quatro indivíduos, limitando-se a roubar-lhes o celular. No caso de Lucas, espancaram-no, saltaram em cima de seu corpo e jogaram-no ao mar de um penhasco de dez metros. Porque mataram com tanto ódio apenas o gay? Estes são apenas alguns casos, entre tantos outros, que diariamente ocorrem em nosso país.⁵⁷⁸

Porém, não é só de permanências que vive o país. Podemos perceber uma vontade por parte de alguns movimentos e parlamentares em buscar formas de banir essa violência justificada por um ódio contra o outro. Podemos citar o Programa *Brasil Sem Homofobia*, criado em 2004 no mandato do Presidente Luís Inácio Lula da Silva⁵⁷⁹, bem como a tentativa de aprovação do Projeto de Lei Complementar 122/2006 (PLC 122)⁵⁸⁰, que criminalizaria a homofobia. A PLC 122 pretendia alterar a chamada Lei do Racismo, que define e pune os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, para que também sejam tipificados como crime os atos de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito por orientação sexual, identidade de gênero, condição de pessoa idosa ou com deficiência⁵⁸¹. A aprovação dessa lei esbarrou na bancada evangélica da câmara dos deputados em Brasília, que em nome da família nuclear-patriarcal, pretende defender seus valores.⁵⁸²

É possível perceber ainda como o discurso religioso tratou a não aprovação da PLC 122, e não só, como os religiosos acabam adotando e proliferando o pensamento de que a lei tratava-se de dar privilégios aos homossexuais. Observa-se a fala do Pastor Silas Malafaia:

⁵⁷⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁷⁹ Cf. GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012. Disponível em: <<http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/ultimo-relatorio/>>; BRASIL. Ministério da saúde. *Brasil Sem Homofobia*: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da saúde, 2004a. Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/area-de-atuacao/dsexuaisreprod/Brasil%20sem%20Homofobia.pdf>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/relatorio-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-ano-de-2011>>; RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>.

⁵⁸⁰ Entenda o PLC 122/06 no site oficial: <<http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz3NsSenPhT>>.

⁵⁸¹ WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim*. Op. cit., p. 142.

⁵⁸² No dia 17 de dezembro de 2014 o requerimento de apensamento do PLC, proposto pelo senador Eduardo Lopes (PRB-RJ), foi aceito por 29 votos a favor e 12 contra. Na prática, isto significa o fim do projeto, pois, agora, ele passa a tramitar juntamente com a reforma do Código Penal. Cf. HAILER, Marcelo. Senado enterra PLC 122; movimento LGBT diz que não há recuo. In: *Revista Forum*, 18 de dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/12/bancada-fundamentalista-enterra-plc-122-movimento-lgbt-diz-que-nao-ha-recuo/>>. Consultado: 18/12/2014.

Depois de 7 anos de uma luta árdua contra um projeto de lei que era um verdadeiro lixo moral para beneficiar os gays em detrimento do restante da coletividade da sociedade, finalmente o senado deu um basta. Mesmo o PT usando todo o seu poder político para aprovar esta aberração, e tenho eu aqui que ressaltar a atitude corajosa do senador Lindbergh Farias que contrariando a decisão partidária, votou pelo fim do PLC 122/06, ao contrário do senador Valter Pinheiro do PT da Bahia, que é membro da Igreja batista em Salvador, e que muitas vezes eu o apoiei, de maneira covarde se ausentou do plenário na hora da votação. [...] Concluindo, a retirada do PLC 122/06 é a vitória da liberdade que o estado democrático de direito dá aos seus cidadãos sem privilegiar nenhum segmento social.⁵⁸³

O pastor ainda publicou o nome dos senadores que votaram a favor e contra o PLC 122. O que gerou comentários como: “Nossa função é pregar o evangelho, se os gays não aceitam nem se convertem, o problema é deles. Mas se tentar alisar o gay, achando que pregar o evangelho é [...] é que o diabo já te laçou nesse engano para frear a pregação da verdade”.⁵⁸⁴ ou “Quem é evangélico ou católico de Sergipe, gravem esse nome: Antônio Carlos Valadares (SE/PSB) votou a favor da legalização da PLC 122, vamos dar a resposta nas urnas.”⁵⁸⁵

O preconceito e o não entendimento dessa busca em criminalizar aquele que mata simplesmente por ter pavor à homossexualidade podem ser vistas nas falas mais conservadoras do país, e não só, na mídia atual. É caso do artigo de Guilherme Fiuza assinado e publicado na revista *Época* de junho de 2013. Fiuza aponta sua indignação com já aprovada união civil entre homossexuais no Brasil, chamando a busca pelos mesmos direitos de heterossexuais de “A ditadura gay”. Observemos um trecho de seu artigo:

A causa gay, como todo mundo sabe, virou um grande mercado – comercial e eleitoral. Hoje, qualquer político, empresário ou vendedor de qualquer coisa tem orgulho gay desde criancinha. Se você quer parecer legal perante o seu grupo ou o seu público, defenda o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Você ganhará imediatamente a aura do libertário, do justiceiro moderno. Você é do bem. Em nome dessa bondade de resultados, o Brasil acaba de assistir a um dos atos mais autoritários dos últimos tempos. Se é que o Brasil notou o fato, em meio aos confetes e serpentinas do proselitismo pansexual. [...] O Conselho Nacional de Justiça decidiu obrigar os cartórios brasileiros a celebrar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Tudo ótimo, viva a liberdade de escolha, que cada um

⁵⁸³ In: Senado enterra PLC 122/06. Pr. Silas Malafaia comenta. In: *Verdade Gospel*. Disponível em: <<http://www.verdadegospel.com/senado-enterra-plc-12206-pr-silas-malafaia-comenta/>>. Consultado: 18/12/2014.

⁵⁸⁴ Idem, ibidem.

⁵⁸⁵ Idem, ibidem.

case com quem quiser e se separe de quem não quiser mais. O problema é que a bondade do CNJ é ilegal. Trata-se de um órgão administrativo, sem poder de legislar – e o casamento, como qualquer direito civil, é uma instituição fundada em lei. O CNJ não tem direito de criar leis. **A resolução do CNJ sobre o casamento entre homossexuais é uma aberração, um atropelo às instituições pelo arrastão politicamente correto. A defesa da causa gay está ultrapassando a importante conquista de direitos civis para virar circo, explorado pelos espertos.**⁵⁸⁶ (Grifos nossos)

Talvez o que o senhor Guilherme Fiuza não se atente é que, o fato de pessoas do mesmo sexo se casarem não as excluem como sujeitos portadores de direitos. O mais lamentável é ver que esse tipo de pensamento abarca a maioria da sociedade brasileira, que tem repulsa ou medo que a homossexualidade – como que uma doença – ameace a sua sexualidade, a sua família, o seu cotidiano. Enquanto houver um discurso que legitima tais comportamentos e renega outros, os sujeitos continuarão a morrer no Brasil e no mundo, e não se trata de uma busca maior ou menor, mas de uma busca pela vida.

O que conforta, de alguma forma, mesmo que a violência aumente e permaneça, é pensar que não só no Brasil ocorrem certas mudanças. Na Argentina, por exemplo, foi aprovada a Lei do Casamento Civil Igualitário e a Lei de Identidade de Gênero, no qual reconhece a travestis e transexuais todos os direitos civis que lhes eram negados.⁵⁸⁷ Podemos destacar também o Relatório do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e o do Projeto Monitoramento dos Direitos Humanos no Brasil sobre a violência na América Latina.

O direito à igualdade e o direito a não sofrer discriminação são reconhecidos também na Declaração Americana dos Direitos Civis e Políticos, na Convenção Americana sobre direitos humanos e no Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.⁵⁸⁸ O Conselho de Direitos Humanos da ONU também se posicionou sobre essa violência contra os homossexuais e aprovou, em 2011, uma resolução sobre orientação sexual e identidade de gênero, na qual recorda que a Declaração Universal

⁵⁸⁶FIUZA, Guilherme. A ditadura gay. *Época*, n.783, 06 de junho de 2013. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/guilhermefiuza/2013/06/06/a-ditadura-gay/>>. Acesso: 03/10/2014.

⁵⁸⁷ * nova carteira de identidade e nova certidão de nascimento – sem vestígio da identidade legal anterior -, direito às cirurgias de transgenitalização etc. Isso tudo sem que as mudanças no corpo sejam condição para as mudanças de sexo e prenome nos documentos, sem que a identidade de gênero seja considerada uma patologia, sem precisar de autorização judicial e com um regime especial que garante o acesso de menores de dezoito anos a esses direitos. Antes do casamento civil igualitário, dificilmente alguém imaginaria que isso fosse acontecer naquele país. Cf. WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim*. Op. cit., p. 149.

⁵⁸⁸ Idem, ibidem, p. 132.

dos Direitos Humanos afirma que todas as pessoas são iguais em dignidade e direitos, sem distinção de qualquer natureza, como raça, cor, sexo, língua, religião, política, nascimento ou outros status.⁵⁸⁹

Os sinais mais evidentes de violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais. Mas devemos aprender a dar um passo para trás, a desembaraçar-nos do engodo fascinante desta violência “subjativa” diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável. Precisamos ser capazes de perceber os contornos dos cenários que engedram essas explosões. O passo para trás nos permite identificar uma violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam combater a violência e promover a tolerância.⁵⁹⁰

É dessa forma que, por exemplo, foi instalada em 2012 no Brasil a Comissão Nacional da Verdade (CNV) para apurar e esclarecer as circunstâncias e as autorias das graves violações de direitos humanos praticadas entre 1946 e 1988 com o objetivo de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional. O relatório final da Comissão Nacional da Verdade foi entregue em 10 de dezembro de 2014, em uma cerimônia oficial no Palácio do Planalto à presidenta Dilma Rousseff na semana em que esse trabalho estava sendo concluído. Dividido em três volumes, o relatório é o resultado de dois anos e sete meses de trabalho da Comissão Nacional da Verdade, criada pela lei 12528/2011.

Dentre as violações de direitos humanos cometidos por agentes do Estado, a seu serviço ou com a conivência/aquiescência estatal contra cidadãos brasileiros ou estrangeiros, estavam às violências sexuais, além de prisões sem base legal, a tortura e as mortes dela decorrentes, e as execuções e as ocultações de cadáveres e desaparecimentos forçados. Praticadas de forma massiva e sistemática contra a população, essas violações tornam-se crime contra a humanidade.

Ao longo de sua existência, os membros da CNV colheram 1121 depoimentos, 132 deles de agentes públicos, realizou 80 audiências e sessões públicas pelo país, percorrendo o Brasil de norte a sul, visitando 20 unidades da federação (somadas audiências, diligências e depoimentos). Para tornar mais acurados os relatos de graves violações de direitos humanos, a CNV percorreu, entre novembro de 2013 e outubro de 2014, acompanhada de peritos e vítimas da repressão, sete unidades militares e locais

⁵⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 166.

⁵⁹⁰ ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.

utilizados pelas Forças Armadas no passado para a prática de torturas e outras graves violações de direitos humanos.⁵⁹¹

Dividido em três volumes⁵⁹² a Comissão Nacional da Verdade, assim como essa pesquisa, contribuiu para a construção e reconstrução da memória dos sujeitos excluídos no Brasil por não se comportarem conforme as normas produzidas pela sociedade. Desta forma, é possível historicizar a violência contra homossexuais no Brasil, bem como as justificativas e instituições que as mantém.

As discussões tanto no âmbito acadêmico, quanto no cotidiano dos sujeitos, sobre as (homo)sexualidades no Brasil é algo ainda considerado novo. Porém, as relações entre pessoas do mesmo sexo e a violência contra elas, não. Mesmo assim, podemos observar uma diversidade de produções sobre as homossexualidades, entretanto, poucas desenvolvidas no campo da história.⁵⁹³

⁵⁹¹ Esses sete locais visitados estão listados no primeiro de oito relatórios preliminares de pesquisa publicados pela CNV entre fevereiro e agosto de 2014. A CNV visitou ainda a Casa Azul, um centro clandestino de tortura que o Exército manteve dentro de uma unidade do DNER (atualmente a área é do DNIT), em Marabá.

⁵⁹² **VOLUME I** – As atividades da CNV, as graves violações de direitos humanos, conclusões e recomendações. O primeiro volume do relatório enumera as atividades realizadas pela CNV na busca pela verdade, descreve os fatos examinados e apresenta as conclusões e recomendações dos membros da CNV para que os fatos ali descritos não voltem a se repetir. O volume é assinado coletivamente pelos seis membros do colegiado: José Carlos Dias, José Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro, Pedro Dallari e Rosa Cardoso. O volume I se divide em cinco partes e 18 capítulos. A primeira parte contém dois capítulos que tratam da criação da comissão e das atividades da CNV.; **VOLUME II** – Textos Temáticos: O segundo volume do relatório final da Comissão Nacional da Verdade reúne um conjunto de nove textos produzidos sob a responsabilidade de alguns membros da CNV. Parte desses textos têm origem nas atividades desenvolvidas em grupos de trabalho constituídos no âmbito da Comissão, integrando vítimas, familiares, pesquisadores e interessados nos temas investigados pelos GTs. Neste bloco, o relatório trata, portanto, de graves violações de direitos humanos em segmentos, grupos ou movimentos sociais. Sete textos mostram como militares, trabalhadores organizados, camponeses, igrejas cristãs, indígenas, homossexuais e a universidade foram afetados pela ditadura e a repressão e qual papel esses grupos tiveram na resistência. É no volume II do relatório que é abordada também a relação da sociedade civil com a ditadura. Um capítulo analisa o apoio civil à ditadura, notadamente de empresários. Outro, a resistência de outros setores da sociedade às graves violações de direitos humanos. **VOLUME III** – Mortos e Desaparecidos Políticos. O terceiro volume é integralmente dedicado às vítimas. Nele, 434 mortos e desaparecidos políticos têm reveladas sua vida e as circunstâncias de sua morte, "tragédia humana que não pode ser justificada por motivação de nenhuma ordem", como afirma a apresentação do relatório final da CNV. Cf. RELATÓRIOS da Comissão Nacional da Verdade. <http://www.cnv.gov.br/images/relatorio_final/MortoseDesaparecidos_Introducao.pdf>.

⁵⁹³ COELHO, Vinicius Bernardes Gonçalves. *Jornal Lâmpião da Esquina: Porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014. ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18/19, Campinas SP, 2003.; JUNIOR, Atilio Buturi. O discurso homoerótico na imprensa alternativa da década de setenta: uma análise do "Lâmpião da Esquina". In: *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 2, abr./jun, p. 95-106. 2012,. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2012v9n2p95>>; GARCIA, Gabriela Mesquita & SCHULTZ, Leonardo. O Lâmpião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. In: *Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, Londrina – PR, 2011. Disponível em:<<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Gabriela%20Mesquita,%20Leonardo%20Schultz.pdf>>. SOLTO MAIOR, Paulo R. A vontade de fala(r): fragmentos da colaboração do Lâmpião da Esquina no movimento homossexual brasileiro. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de*

Após o fim do *Lampião da Esquina*, algumas de suas vozes ainda permanecem atuantes. João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva e Jean-Claude Bernadet, continuam vivos e atuam com questões ligadas à sexualidade. Destaquemos brevemente esses sujeitos *pós Lampião*.

João Silvério Trevisan, escritor, jornalista, dramaturgo, cineasta e tradutor. Escreveu e dirigiu em 1971 o longa-metragem *Orgia ou o Homem que Deus Cria*. Além do livro de conto publicado em 1976 (*Testamento de Jônatas Deixado a Davi*), e o livro *Devassos no Paraíso*, lançado em 1986 simultaneamente na Inglaterra e no Brasil, escreve seus dois primeiros romances após isso: *Em Nome do Desejo* (1983) e *Vagas Notícias de Melinha Marchiotti* (1984). Entre 1998 e 2005 realiza uma série de oficinas literárias para o Serviço Social do Comércio de São Paulo - SESC/SP. Escreve desde

História, 2013. Natal-RN. *Anais...* Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364380691_ARQUIVO_EnviarAnpuh2.pdf>. Acesso em: 11 de março de 2014.; ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1. 2003. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-110347almeidaneto.pdf>>; FLEURY, A.R.D.; TORRES, A.R.R. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 4, p. 475-486. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a07.pdf>>; PAIVA, V.; ARANHA, F.; PEREIRA, Henrique. & LEAL, Isabel Pereira. Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, n. 3, v. 23, p. 323-328. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v23n3/v23n3a10.pdf>>; MELO, Iran Ferreira de. *A concepção da homossexualidade em textos jornalísticos: uma análise crítica da transitividade verbal*. Dissertação (Mestrado em Letras) PGL, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.pglettras.com.br/2007/dissertacoes/diss-iran.pdf>>. Acesso: 25/06/2014.; MAYA, Acyr Corrêa Leite. *Homossexualidade: saber e homofobia*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp083949.pdf>. Acesso: 25/06/2014. NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. *Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, 2007. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048021P6/2007/nascimento_man_me_assis.pdf>. Acesso: 25/06/2014.; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *A homossexualidade e a AIDS no Imaginário das Revistas Semanais (1985-1990)*. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós Graduação em Letras – UFF, Niterói, 2006. Disponível em: <http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=835>. TRINDADE, Ronaldo. Significados sociais da homossexualidade masculina na era AIDS. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 221-255. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>; KRONKA, Graziela Zanin. Corpo, desejo e poder: identidade e subjetividade no discurso (homo)erótico. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 153-181. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>; MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: CADERNOS AEL, *homossexualidade: sociedade, movimentos e lutas*. Campinas, unicamp/instituto de filosofia e ciências humanas/arquivo edgard leuenroth, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 131-147. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/60/71>.

junho de 2000 até hoje a Coluna *Olho no olho* na Revista *G Magazine* na qual assina mensalmente.⁵⁹⁴

Já Aguinaldo Silva (dramaturgo, escritor, roteirista, jornalista, cineasta e tele-romancista brasileiro), atualmente, escreve a novela das nove, *Império*. Recentemente em parceria com Brunno Pires e Megg Santos, escreveu um seriado intitulado *Doctor Pri*, com Glória Pires, cotada para interpretar a personagem-título, que estava previsto para estreiar em setembro de 2014. Porém, devido à antecipação da trama de Aguinaldo, a *Rede Globo* decidiu adiar indefinidamente a exibição do seriado, para o autor se dedicar apenas à novela. Em 2014, recebeu da Presidente Dilma Rousseff, o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural.⁵⁹⁵

⁵⁹⁴ Cf. DEZERTO, Felipe Barbosa. *Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. * João Silvério escreveu ainda: *As Incríveis Aventuras de El Cóndor* (1980); *O Livro do Averso* (1992); *Ana em Veneza* (1994); *Troços & Destroços* (1997); *Seis Balas num Buraco Só: A Crise do Masculino* (1998); *Pedaço de Mim* (2002); *Rei do Cheiro* (2009). Além de roteiros (adaptações) e peças de teatro. *A *G Magazine* em forma impressa (além de existir em forma de portal eletrônico - *G online*) é publicada pela *Fractal Edições Ltda*, sediada na cidade de São Paulo, sendo lançada em 1996 sua primeira edição, e publicada até hoje. “Tornou-se um dos mais conhecidos empreendimentos no ramo de mídia impressa para o público específico deste país, concentrada no mercado de publicações voltadas ao homossexual masculino [...] tendo sempre como manchete uma chamada de capa cujo foco está centrado em um ensaio fotográfico que exhibe o nu masculino de geralmente um protagonista”. Cf. CARVALHO, Ana Maria. *Inscrição discursiva da subjetividade homoafetiva na G Magazine*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), CCHLA-UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.; RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. *Corpos em Evidência [manuscrito] : Uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de 'G Magazine'*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), ECA, USP, 2007.

⁵⁹⁵ *Escreveu ainda na adolescência o romance *Redenção para Job*. Em 1962, quando a rede de jornais *Última Hora*, de Samuel Wainer, implantou no Recife o *Última Hora Nordeste*, Aguinaldo foi requisitado pelo jornalista Múcio Borges da Fonseca para trabalhar como repórter. Ele trabalhou alguns meses cobrindo a área do aeroporto, mas preferiu atuar internamente, na redação, passando a exercer as funções de copidesque (*copy desk* ou passagem de texto é o trabalho editorial que um redator ou revisor de textos faz ao formatar mudanças e aperfeiçoamentos num texto.). Com o fechamento do jornal pelo movimento militar de 1964, Aguinaldo Silva foi morar no Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como repórter policial no jornal *O Globo*. Após o *Lampião*, participou como um dos autores do seriado *Plantão de Polícia*, da *Rede Globo*. Silva escreveu também episódios do *Malu Mulher*. Posteriormente lançou o formato minissérie na TV brasileira, escrevendo com Doc Comparato, *Lampião e Maria Bonita*. Por este trabalho recebeu o Troféu APCA de Revelação Masculina de 1982, junto com Comparato, na categoria Televisão. Junto com o mesmo parceiro desenvolveu ainda mais duas minisséries - *Bandidos da Falange* (1983) e *Padre Cícero* (1984) - e mais uma solo - a adaptação de *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado (1985). No mesmo ano em que foi ao ar *Padre Cícero*, escreveu a primeira novela de sua carreira em parceria com a também estreante Glória Perez: *Partido Alto*. atração do horário nobre que mostrava simultaneamente os 'universos' da Zona Sul carioca e dos subúrbios da mesma cidade, estes dominados pelo jogo do bicho. Foi convidado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, executivo da *TV Globo*, a escrever a novela *Roque Santeiro*. Foi também o co-autor com Gilberto Braga e Leonor Bassères da novela *Vale Tudo*, em 1988. Em 1989, escreveu *Tieta*, protagonizada por Betty Faria. Contava a história de *Tieta do Agreste*, baseado no livro de Jorge Amado. A novelaregistrou 65 pontos de média, chegando a marcar mais de 80 pontos no último capítulo (que teve média de 78). Teve como parceiros Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares. Em 1992, ao lado de Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, escreve a novela *Pedra sobre Pedra*, Em 1993, mais uma vez, ao lado dos mesmos autores, escreve *Fera Ferida*. Em 1997, escreve *A Indomada*. Em 1999 *Suave Veneno*. Em 2001, escreveu *Porto dos Milagres*, novamente em parceria com Ricardo Linhares. *Senhora do Destino*, em 2004, novela de maior audiência

De todos os autores da *Globo*, Aguinaldo Silva é aquele que seguramente representou mais homossexuais em suas novelas, talvez por ter sido, quando jovem, ativista do então incipiente movimento homossexual no Brasil. Silva jamais cedeu aos esteriótipos pura e simplesmente. [...] Silva não quer saber quão madura está a comunidade LGBT para lidar com suas próprias contradições: ele simplesmente as desnuda por meio de personagens que despertam sentimentos ambíguos na audiência que ainda não se livrou do preconceito anti-homossexual.⁵⁹⁶

Por fim Jean-Claude Bernadet (teórico de cinema, crítico cinematográfico, cineasta e escritor brasileiro) Diplomado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e doutor em Artes pela ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP. Foi um dos criadores do curso de cinema da UnB, em Brasília, e deu aulas de História do Cinema Brasileiro na ECA, até se aposentar em 2004. Produtor de diversos filmes e livros, Jean-Claude é uma das figuras que resistem e que fizeram parte dessa geração pós-Lampiônica.⁵⁹⁷

Caminhando para o fim, esse trabalho partiu do anseio em apontar “o dedo na ferida” daqueles que acabam limpando seus rostos com as mãos cheias de sangue. Incomodamo-nos, voltamos, e pensamos que a construção das homossexualidades serviu para firmar a norma e manter a diferença como sinônimo de desigualdade. Enquanto pensarmos homossexualidade como uma característica “permanente” dos sujeitos, como que se guiassem o seu caráter, continuaremos a matá-los para que os mesmos não ameacem a nossa paz, nossa sexualidade, nossa hipocrisia. Essa pesquisa

da década de 2000, com média geral de 50 pontos, índice não superado por nenhuma outra novela até o momento. Entre Outubro de 2007 e Maio de 2008, foi exibida *Duas Caras*. Foi autor da minissérie *Cinquentinha*. Começou o ano de 2010, supervisionando a novela *Tempos Modernos*, de Bosco Brasil autor que já adaptou a trama *Bicho do Mato*, primeira trama exibida no horário das 18h na *Rede Globo*. Em Portugal, supervisionou a novela *Laços de Sangue*, primeira novela co-produzida da parceria *Rede Globo* e *SIC*. Em 2011, escreveu a minissérie *Lara com Z*. No mesmo ano, escreveu *Fina Estampa* para o horário nobre da *Rede Globo*. Em 2013, supervisionou o remake de *Fina Estampa*, produzida pela *Rede Globo* e *Telemundo*. Também no mesmo ano finalizou o roteiro de *Super Crô - O Filme*, lançado em 2013. Entre suas novelas, as que mais renderam foram *Roque Santeiro*, *Tieta*, *Pedra sobre Pedra*, *Fera Ferida*, *A Indomada*, *Senhora do Destino*, *Fina Estampa*.

⁵⁹⁶ WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim*. Op. cit., p. 44.

⁵⁹⁷ Interessou-se por cinema a partir do cineclubismo, e começou a escrever críticas no jornal *O Estado de São Paulo* a convite de Paulo Emílio Salles Gomes. Tornou-se grande interlocutor do grupo de cineastas do Cinema novo, e especialmente de Glauber Rocha, que rompeu com ele a partir da publicação de *Brasil em Tempo de Cinema* (1967). Além de sua importância como teórico, é também ficcionista, com quatro volumes publicados. Participou de vários filmes, como roteirista e assistente de direção, eventualmente como ator em pequenos papéis. Nos anos 1990 dirigiu dois ensaios poéticos de média-metragem: *São Paulo, Sinfonia e Cacofonia* (1994) e *Sobre Anos 60* (1999). Seus últimos livros foram: *Cineastas e Imagens do Povo* (2003), *Caminhos de Kiarostami* (2004), *O Caso dos Irmãos Naves* (2004) e *Jean-Claude Bernadet, uma homenagem* (2007). Suas últimas atuações em filmes foram: *Hoje* onde atuou como roteirista (2011) e *Periscópio*, atuando como ator (2013). Cf. RAMOS, Fernão (org.): *Enciclopédia do cinema brasileiro*: São Paulo: Editora Senac, 1997.

não se pretende pronta, mas apenas com um ponto final, pois a violência contra sujeitos que se comportam fora da norma heterossexual está aí, e cabe a nós, não só como pesquisadores, mas como sujeitos, indagar porque tamanho ódio, e buscar formas de construir uma sociedade menos repressora e hostil. Não se trata de “dar voz” aos oprimidos, mas compreender as falas dos grupos sociais na polifonia própria das disputas sociais e de construção/manutenção da memória dos sujeitos no Brasil recente.

FONTES

A fonte foi dividida: por matérias analisadas e seções presentes no jornal *Lampião da Esquina* (*Opinião, Esquina, Reportagem, Ensaio, Literatura, Tendência, Cartas na mesa, Violência, Ativismo, Bixórdia, Entrevista, Badalo e Denúncia*), bem como por ordem cronológica.

Opinião:

SENHORES DO CONSELHO. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 2.

SAINDO DO GUETO. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 2.

CONSELHO EDITORIAL. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 2.

VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 2.

BAPTISTA, Marta. A barra das jornalistas. *Lampião da Esquina*, n. 20, Janeiro de 1980, p. 2.

BRANDÃO, Lecy. Mangueira discrimina Lecy. *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 2.

PENTEADO, Darcy. Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matam e comam os travestis. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 2.

SILVA, Aguinaldo. Nós ainda estamos aqui. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 2.

RODRIGUES, João Carlos. Dando nome aos bois. *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro, de 1980, p. 2.

Esquina:

MARQUES, Clovis. Com o tímido apoio da Anistia. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 5.

BITTENCOURT, Francisco. Lembrando o Triângulo Rosa. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 5.

DANTAS, Frederico Jorge. Qual é da nossa imprensa? *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 5.

RIBONDI, Alexandre. Dá-lhe, Paraguassu. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p.8.

TREVISAN, João Silvério. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 9.

- MÁS notícias do Nordeste. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 3.
- MOURA, Roberto. Dica. O “Pasquim nuslê”. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 4.
- OS Múltiplos talentos de Ivan Lessa. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 4.
- PINHEIRO, Alceste. Noticiários esportivo. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 5.
- SILVA, Aguinaldo. As palavras: para que temê-las? *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 5.
- FRY, Peter. História da imprensa baiana. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 4.
- CHRYSÓSTOMO, Antônio. De Sergipe para o mundo. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 4.
- MATTOSO, Glauco. Não me espreme que eu sangro. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p.5.
- A PRAÇA é dos negros. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 6.
- TREVISAN, João Silvério. Minorias e política. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 6.
- CHRYSÓSTOMO, Antônio. O rei que se cuide. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 6.
- SILVA, Aguinaldo. Um candidato fala mais alto. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 4.
- MARQUES, Clovis. Uma vitória na Califórnia. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 4.
- TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião da Esquina*, n. 8, janeiro de 1979, p. 2.
- HECTOR & RICARDO. Louca e Muito da baratinada. *Lampião da Esquina*, n. 8, janeiro de 1979, p. 4.
- MINORIAS exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita. [CAPA] *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979.
- MICCOLIS, Leila. Lésbicas vendem mais jornal? *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 2.

FERNANDO Moraes apoia o Lampião. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 2.

SILVA, Aguinaldo. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3.

BITTENCOURT, Francisco. Um bonde chamado prazer. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 4.

SILVA, Carlos A. P. Um alerta – um aviso. *Lampião da Esquina*, n.11, abril de 1979, p. 2.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Panfletos acadêmicos. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 2.

TREVISAN, João Silvério. Trifonov, um poeta na Sibéria. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 4.

GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião d Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 2.

SILVA, Aguinaldo. Todo mundo pro banheiro! *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 4.

RAMOS, Nando. Enfim, um jornal-maravilha. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 4.

SILVA, Aguinaldo. Estamos aqui, plantados, sempre à espera da chamada “abertura”. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 2.

A PALAVRA dos ofendidos. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 2.

GRUPO SOMOS. Eram os homossexuais astronautas? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 2.

TOMABENE, Fran. Nas ruas, no calor da hora. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 3.

LACERDA, Luiz Carlos. Um crime para não esquecer. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 4.

BESSE, Susan. Nova mensagem para a mulher: “conforma-se”. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 5.

BITTENCOURT, Francisco. Ao Pasquim, com carinho. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 5.

RODRIGUES, Aristóteles. Em busca de uma nova moral. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 2.

CHRYSTÓSTOMO, Antônio. O céu está caindo? *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 4.

TREVISAN, João Silvério. Pintou a solidariedade. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

SILVA, Aguinaldo. Pra que tanto medo? De bicha, negro e louco, todos nos temos um pouco *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

NOSSA pobreza é nosso maior charme. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 5.

PENTEADO, Darcy. Canhotos: uma minoria liberada. *Lampião da Esquina*, n. 16, setembro de 1979, p. 5.

COLETIVO DE MULHERES DO RIO DE JANEIRO. Anistia para as mulheres. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 2.

SILVA, Aguinaldo. Somos todos inocentes. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 2.

TREVISAN, João Silvério. Os negros vão ao paraíso? *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 2.

OS QUE estão conosco. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 2.

CARNEIRO, João. Esquerda, direita, um dois. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 2.

BITTENCOURT, Francisco. Deus nos livre do “boom gay”. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 4.

CARNEIRO, João. Olha o Mão Branca! *Lampião da Esquina*, n. 24 maio de 1980, p. 10.

MOREIRA, Antônio Carlos. Que trapalhada. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 11.

LUIZINHO. Madureira surreal. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p.15.

RIBONDI, Alexandre. Espanha quente. *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p.7.

SILVA, Aguinaldo. Quem salvará nossas crianças? *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro de 1980, p. 3.

LEICHT, Anton. Por trás do mictório, um policial. *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro de 1980, p. 4.

RIBONDI, Alexandre. Pega pra capar em Brasília. *Lampião da Esquina*, n. 29, outubro de 1980, p. 5.

TREVISAN, João Silvério. Richetti volta às ruas. *Lampião da Esquina*, n. 31 dezembro de 1980, p. 16.

RIBONDI, Alexandre. Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 11.

CELESTINO. Querem capar as lampiônicas. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 8.

ESQUINA. *Lampião da Esquina*, n. 36, maio de 1981, p. 3.

Reportagem:

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cury? *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 6.

CINEMA Iris: na última sessão, um filme de terror. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 9.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Cinelândia-Alaska-São João. Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 4.

NORMA Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): “Eu não quero morrer muda”. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 8-9.

CLODOVIL Hernandez faz a si mesmo esta pergunta. Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho? *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 10-11.

CASSANDRA Rios ainda resiste. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p.8-10.

SILVA, Aguinaldo. “Anormal assassinado em Copacabana” (Cada um tem a morte que fez por merecer?). *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 5.

CURI, Celso. Um homem beija Celso Curi e diz: “Você vai morrer”. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 6.

TREVISAN, João Silvério. No vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 7.

MATTOSO, Glauco. Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 7.

A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 10-11.

RICARDO & HECTOR. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio (Trad. Aguinaldo Silva). *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 6.

BITTENCOURT, Francisco. “Não somos turistas, somos fugitivos”. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 7.

MANUEL, Carlos. Chile: denúncias da matança (Trad. João Silvério Trevisan). *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 7.

TREVISAN, João Silvério. México: que via el macho. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p. 8.

BUENOS AIRES: dois policiais por quarteirão. *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978, p.8.

“O GLOBO”: uma opinião insuspeita. *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 5.

SILVA, Aguinaldo. Para o Brasil do ano 2.000, os “bons costumes” do século XIX. *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 5.

PENTEADO, Darcy. “Ma che cosa é questa?” *Lampião da Esquina*, n. 9, fevereiro de 1979, p. 6.

BITTENCOURT, Francisco. Quem é esse povo que está nas ruas? *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 7.

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 9.

TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 10.

NEY Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 5-7.

TREVISAN, João Silvério. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 11.

IN MEMORIAM. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 5.

NÓS também estamos aí. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

ENTÃO, porque tanta repressão? *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

NÃO somos anormais. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 7.

PELA liberdade de expressão. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 11.

AS confissões de um rabino guei. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 14.

CAIAFA, Janice. A ironia de um certo humor. *Lampiã da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 7.

CAMBARA, Isa. Um protesto contra a rotina da bolinação. *Lampiã da Esquina*, n.13, junho de 1979, p. 7.

SILVA, Aguinaldo. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampiã da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 8.

ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampiã da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 9.

TREVISAN, João Silvério. A fábrica de heterossexuais. *Lampiã da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 9.

O PESSOAL do Somos (um debate). *Lampiã da Esquina*, n. 16, setembro de 1979, p. 7-9.

LEMMOND, Christopher. Na jaula (a história de um presidiário guei). *Lampiã da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 4.

SILVA, Aguinaldo. Anistia apóia homossexuais. *Lampiã da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 5.

DOIS travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampiã da Esquina*, n. 19 dezembro de 1979, p. 5.

BITTENCOURT, Francisco. Fim de década, gosto de festa na boca. Viva o real maravilhoso! *Lampiã da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 13.

SILVA, Aguinaldo. O que é isso, companheiros? *Lampiã da Esquina*, n. 22, março de 1980, p. 10.

BITTENCOURT, Francisco. The Buenos Aires Affair. Roteiro guei de uma cidade em pânico. *Lampiã da Esquina*, n. 22, março de 1980, p. 14.

TREVISAN, João Silvério. Congresso das Genis: esquerda joga bosta nas feministas. *Lampiã da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 6-7.

MÉNARD, Guy. (trad. Francisco Bittencourt). A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão. *Lampiã da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 3.

A BÍBLIA e o homossexualismo. *Lampiã da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 5.

CARNEIRO, João. Recife: mais uma bicha executada. *Lampiã da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 3.

RODRIGUES, Dolores. Mulheres e bichas contra a violência. *Lampiã da Esquina*, n. 30, novembro de 1980, p. 2.

AUGUSTO, Paulo & FUKUSHIMA, Francisco. Na paulicéia, com olhos de lince e pernas e de avestruz. *Lampião da Esquina*, n. 32 janeiro de 1981, p. 5.

PARA o Dr. Eiras, fugiu à média, é doente mental. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 12.

HOMOSSEXUALISMO? Diabetes? Assassinato Cultural? Morte suspeita na Casa de Loucos. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 12.

CUBA: dez anos de caça às bichas. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 10.

TREVISAN, João Silvério. Histórias que Mãe-Revolução não contava. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 11.

EM 1971, um congresso decide o que é pecado. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 13.

COSTA, Adão. Quem lucra com esta operação? *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

HOMEM/MULHER: pra virar tudo basta operar? *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

MOREIRA, Antônio Carlos. Como num conto de fada. *Lampião da Esquina*, n. 35, abril de 1981, p. 5.

MOREIRA, Antônio Carlos. Tiradentes, sublime tentação. *Lampião da Esquina*, n. 36 maio de 1981, p. 12.

Ensaio:

LONTRAS, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: você também têm direitos (A ONU decidiu). *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 11.

CONFISSÕES de um Carmelita Descalço. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 7.

MASCARENHAS, João Antônio. Opinião pública na tv. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 9.

TREVISAN, João Silvério. Estão querendo convergir. Para onde? *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 9.

PRANDI, Reginaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. *Lampião da Esquina*, n. 11, abril de 1979, p. 17.

CUÑA, Newton Martinez. Moral e bons costumes: uma questão de economia. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 16.

DE SODOMA a Auchwitz, a matança dos homossexuais. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 17.

PENTEADO, Darcy. Cultura Homossexual: já existe? *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 9.

PENTEADO, Darcy. Começam a nos entender. Mas é isso o que nos interessa? *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 12.

BITTENCOURT, Francisco. Mais tesão, menos politicagem. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 8.

Cartas na Mesa:

GUIMARÃES, Agildo. Um abraço do “Gente Gay”. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 14.

FERREIRA, José Alcides. Pauladas na “bichórdia”. *Lampião da Esquina*, n. 2, junho de 1978, p. 14.

LAMPIÃO é desnudado. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 14.

GUIMARÃES, Gide. Qual é a tua, oh Lampião. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 17.

CARLOS S. S. Sobre jornais caça-niqueis. *Lampião da Esquina*, n. 4, agosto de 1978, p. 19.

O. JOSIAS. Em defesa de Emilinha. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 14.

PRAZERES, O. Papa and Papas. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 19.

PAUS em Copa. *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 2.

FERREIRINHA de Aracajú. De assunto só. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 2.

OSÓRIO, Jane. Parabéns pra você! *Lampião da Esquina*, n. 36, maio de 1981, p. 2.

Literatura:

GENET, Jean. Marcha Fúnebre. *Lampião da Esquina*, n. 3, julho de 1978, p. 10.

SINAL DE ALERTA. *Lampião da Esquina*, n. 5, outubro de 1978, p. 16.

TAVARES, Ulisses. Distância. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p.8.

Tendências:

CHRYÓSSTOMO, Antônio. As meninas frenéticas. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 11.

RODRIGUES, João Carlos. Um jornal: o Sinba. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 17.

ACOSTA, Adão. “O crime do castiçal”. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 16.

MOREIRA, Antônio Carlos. Bichices na tève (plim, plim!). *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 11.

SCHWARTZ, Jorge. Glauco Mattoso: marginal à margem. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 17.

Violência:

SILVA, Aguinaldo. Um esquadrão mata-bicha? *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 3.

SILVA, Aguinaldo. O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar. *Lampião da Esquina*, n. 21, Fevereiro de 1980, p. 8.

RODRIGUES, João Carlos. Uma luta de todas as minorias (da maioria). *Lampião da Esquina*, n. 21, fevereiro de 1980, p. 8.

CARNEIRO, João. A morte de “Luisa Felpuda”. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 4.

CARNEIRO, João. A morte de “Bamba” assassinado. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 5.

O MÉDICO e o bailarino: mistério. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 6.

TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. *Lampião da Esquina*, n. 26 julho de 1980, p. 18.

MOREIRA, Antônio Carlos. Deraldo Padilha: Perfil de um Delegado Exibicionista. *Lampião da Esquina*, n. 26 julho de 1980, p. 19.

Ativismo:

BITTENCOURT, Francisco. No Rio, o encontro nacional do povo guei. *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 7.

SILVA, Aguinaldo. Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 8-9.

BITTENCOURT, Francisco. Homossexuais, a nova força. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 4.

TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980, p. 5-6.

TREVISAN, João Silvério. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 9-10.

SILVA, Aguinaldo. Compromissos, queridinhas? Nem morta! *Lampião da Esquina*, n. 26, julho de 1980, p. 10.

RIBONDI, Alexandre. Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woitjila. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 3.

MICCOLIS, Leila. 28 de junho, um dia de Luta. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 4.

BITTENCOURT, Francisco. O que é bom pras bichas gringas é bom pras bichas do Brasil? *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 13.

SILVA, Aguinaldo. Lampiônicos: ativistas, astronautas? *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 12.

PENTEADO, Darcy. Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti. *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 14.

RIBONDI, Alexandre. Notas sobre um coquetel de ódio. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 15.

NUNES, Aristides. Na reunião dos grupos, os reflexos da crise. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 15.

TREVISAN, João Silvério. O ativismo e o abismo dos nossos desejos. *Lampião da Esquina*, n. 32, janeiro de 1981, p. 16.

NUNES, Aristides. Jogaram bosta no II EGHO. *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 18.

SILVA, Aguinaldo. Bahia: os ativistas vão à luta. *Lampião da Esquina*, n. 34, março de 1981, p. 3.

MATTOSO, Glauco. Acuda, Janete! *Lampião da Esquina*, n. 34, março de 1981, p. 4.

Bixórdia:

RECADOS para Lampião. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 14.

BOM mesmo é carne de homem. *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979, p. 17.

MEU nome é Gal. *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979, p. 16.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Bichas de QI alto querem doar sêmen. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 10.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Nossos comerciais, por favor. *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980, p. 10.

FELIZES para sempre. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 17.

Entrevista:

SILVA, Aguinaldo. Anistia, confetes e serpentinas. *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 7.

NESSA Democracia quem governa é a minoria branca. *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979, p. 10-12.

FERNANDO Gabeira, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, n. 18, novembro de 1979, p. 5-8.

SILVA, Aguinaldo. Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar? *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980, p. 13.

MICCOLIS, Leila. Ninuccia Biachi, depois da absolvição. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 6.

MICCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... Os bons tempo da imprensa guei. *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980, p. 6.

Badalo:

MICCOLIS, Leila. Da Colômbia para o mundo. *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, p. 12.

Denúncia:

SILVA, Aguinaldo; PINHEIRO, Alceste; BITTENCOURT, Francisco & MOREIRA, Antônio Carlos. ... Mas a violência do sistema pode? *Lampião da Esquina*, n. 33, fevereiro de 1981, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

ADELMAN, Míriam. Paradoxos da Identidade: A Política de Orientação Sexual no Século XX. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 14, p. 162-171, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a09n14.pdf>>. Acesso: 22/05/2013.

ADELMAN, Miriam; AJAIME, Emmanuelle *et al.* Travestis e Transexuais e os Outros: identidades e experiência de vida. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 65-100, 2. sem. 2003. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-105353adelmanetal.pdf>>. Acesso em: 14/04/2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si - uma interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.

ANSART-DOULEN, Michèle. A noção de alteridade: do sujeito segundo a razão iluminista à crise de identidade no mundo contemporâneo. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 23-35.

ARÁN, Márcia & CORRÊA, Marilena V. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento do Social e Jurídico do Casal Homossexual. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-341, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n2/v14n2a08.pdf>>. Acesso: 03/03/2013>. Acesso: 04/03/2013.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a04v9n1.pdf>>. Acesso: 17/04/2013.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BÍBLIA sagrada. N.T. Levítico. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONTEMPO, Márcio. *Livro de bolso de medicina natural*. Rio de Janeiro: Ground Informações Ltda, 1979.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: PORTO, Sérgio Dayrell & MOUILLAUD, Maurice (Org.). *O jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da saúde. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da saúde, 2004a. Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/area-de-atuacao/dsexuaisreprod/Brasil%20sem%20Homofobia.pdf>>. Acesso: 12/05/2013.

BURKART, Mara. La Caricatura Política em O Pasquim bajo la Dictadura Militar (1978-1980). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 6, n. 12, p. 115-131, maio. 2013.

BUSETTO, Áureo. *A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes*. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). Campinas: Pontes Editores, 2008.

BUSS, ARNOLD H. A agressão Compensa. In: SINGER, Jerome Leonard. *O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos*. São Paulo: USP, 1975.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988.

_____. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista 1920-1945*. São Paulo. Brasiliense, 1989.

CAPELATO & PRADO, Lígia Maria. *O Bravo Matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

CARDEAL ARNS, D. Paulo Evaristo. *Brasil nunca mais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986.

CASTEL, P. *La métamorphose impensable. Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle*. Paris: Galimard, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHILAND, C. *Le Transsexualisme. Que sais-je?* Paris: PUF, 2003.

CORREIA, Mariza. Antropologia & Medicina Legal: variações em torno de um mito. In: VOGT, Carlos et., al. (Orgs.). *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia, ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 53-68.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *A Inocência e o Vício*. Estudos sobre o homoerotismo I. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.(a)

_____. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (b)

_____. *A face e o Verso*. Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e

Documentação de História Contemporânea do Brasil –, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os onze sexos*. São Paulo: Gente, 1994.

COSTA, Valmir. Sexo lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-82). *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 241-252, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2220/1321>>. Acesso: 08/10/2013.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>>. Acesso: 04/04/2013.

CYRINO, Rafaela. A categorização do masculino e do feminino e a ideia de determinismo cultural: uma crítica epistemológica aos usos normativos do gênero. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, n. 10, 2013, Florianópolis. *Anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais dos Feminismos*. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386352836_ARQUIVO_RafaelaCyrino.pdf>. Acesso: 11/09/2014.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassaneze (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século. In: MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

DEL PRIORE, Mary & VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DOS ANJOS, Gabriele. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 274-305, jul/dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11.pdf>>. Acesso: 02/04/2013.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Vol. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENDSJØ, Dag Øistein. *Sexo e Religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

FALCÃO, Armando. *Tudo a declarar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERRARI, Anderson & SEFFNER, Fernando. “A Morte e a Morte”... dos homossexuais. *Revista Gênero*, Niterói, v. 10, n. 1, p. 189-217, 2. sem. 2009. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/48/31>>. Acesso: 17/04/2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. e aum., 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIGARI, Carlos Eduardo. Violencia, Repugnancia y Indignación: las travestis como lo outro abyecto. *Revista Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, p. 355-368, 1. sem. 2008. Disponível em: < <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/189/127>>. Acesso em: 27/04/2013.

FIUZA, Guilherme. A ditadura gay. *Época*, n. 783, 06 de junho de 2013. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/guilhermefiuza/2013/06/06/a-ditadura-gay/>>. Acesso: 03/10/2014.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231- 249.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GAVRON, Eva Lucia. Crimes que circulam, práticas que se multiplicam: Violência Sexual em Florianópolis no período da ditadura militar – Décadas de 1960 e 1970. *Revista Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, p. 257-281, 1. sem. 2007. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/184/122>>. Acesso: 23/03/2013.

GEMAQUE, Silvio César Arouck. *Prisão Cautelar ficou mais bem disciplinada*. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2011-mai-23/prisao-cautelar-ficou-bem-disciplinada-regime>>. Acesso: 25/05/2014.

GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012. Disponível em:

<<http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/ultimo-relatorio/>>
12/06/2013.

Acesso:

HALBERSTAN, Judith Jack. Repensando o sexo e o gênero. In: MISKOLCI, Richard. & PELÚCIO, Larissa (Orgs.). *Discursos fora de ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012.

HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 37-62.

HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.

KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 529-554.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo. EdUSP, 2003.

LAMOUNIER, Bolivar. O “Brasil autoritário” revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 83-134.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses*. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LEAL, Bruno Souza e CARVALHO, Carlos Alberto. *Jornalismo e Homofobia no Brasil: Mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, n. 2, 2011, Jataí. *Anais II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia*, Jataí Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2058.pdf>>. Acesso em: 27/03/2014

_____. *Da invisibilidade ao Mercado: movimento LGBTTTT e consumo no Brasil Contemporâneo*. 2013. 60 f. Monografia (Curso de Turismo). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauna, 2013.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 197-207. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/22.pdf>>. Acesso: 30/03/2013.

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. 2000. 196 f. *Masculinidade em Revista [manuscrito]*: um estudo da Vip Exame, Sui Generis, Homens. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 14, p. 13-44. 2000. Disponível em <[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//Pagu/2000\(14\)/Moore.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//Pagu/2000(14)/Moore.pdf)>. Acesso: 05/06/2012.

MOTT, Luiz. & CERQUEIRA, Marcelo. *Causa Mortis: homofobia. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 2000*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2001.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013, p. 299-334.

NACIONES UNIDAS A/HRC/19/41. Assembleia General. Consejo de Derechos Humanos – 19º período de sesiones. 17 de novembro de 2011, p.8, parágrafo 8. Disponível em: <<http://acnudh.org/wp-content/uploads/2012/03/Leyes-y-pr%C3%A1cticas-discriminatorias-y-actos-de-violencia1.pdf>>. Acesso: 25/01/14.

NUNAN, Adriana, *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNES, Viriato Fernandes. *As perversões sexuais em medicina legal*. Instituto de Medicina Legal “Oscar Freire”. Faculdade de Medicina de São Paulo, These Inaugural, 1928.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Homossexualidades e ditaduras militares: os casos de Brasil e Argentina. In: *Anais do 9º Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275391766_ARQUIVO_Passamani.Completo.FG9.pdf>. Acesso: 15/12/2014.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 25, p. 217-248. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26528.pdf>>. Acesso em: 15/04/2013.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder Pereira. (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*, p. 88-129.

PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan/abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Acesso: 19/04/2013.

PUGA, Vera Lucia. Útero e Loucura: medicina e moralidade. Anos 1942-1959. In: CARDOSO, Heloisa Pacheco & MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Orgs.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia, EDUFU, 2005.

RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/relatorio-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-ano-de-2011>>. Acesso: 12 mai. 2013.

RELATÓRIO sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso: 12 mai. 2013. Além do programa Brasil Sem Homofobia criado em 2004.

RIBEIRO, Cláudia Regina & SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 217-241, jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdfrefv15n1a13v15n1.pdf>>. Acesso em 04/07/13.

RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 20-23.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. *De Daniele e Crhysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. 2012. 386 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

_____. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanência. *Revista História*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 365-391. Jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v31n1/a17v31n1.pdf>>. Acesso: 05/04/2013.

ROSE, Danielle; BARCELOS, Helena. Et al. Homofobia Letal: A Violência Velada Contra a Liberdade de Orientação Sexual no Brasil. In: COSTA, Horácio... [et al] (org.). *Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2010.

SAADEH, A. *Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*. 2004. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências). Departamento de Psiquiatria-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SABSAY, Letícia. Dossiê: Judith Butler. Feminismo como provocação. *Revista Cult*, n. 185, 2014, p. 20-43

SCARRY, Elaine. The difficulty of imagining other people. In: NUSSBAUM, Martha; COHEN, Joshua (ed.). *For love of country?* Boston: Beacon Press, 2002.

SCOTT, Joan. *Gender and the politics of History*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila - New York: Columbia University Press, 1988.

SEGATO, Rita Laura. Crimes de gênero em tempos de “paz” e de guerra. In: STEVENS, Cristina; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de.; ZANELLO, Valeska (Org.). *Gênero e Feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília: ExLibris, 2010, p. 49-62.

SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o Sonho: Historia Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. 1998. 199 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA JÚNIOR, Enézio de Deus. 2011. 217 f. *Assassinatos de homossexuais e travestis: estado, sociedade e famílias em face da violência homo(trans)fóbica*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea), Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação-Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2011.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. A representação social dos papéis sexuais ativo e passivo nas relações homoeróticas. *Revista Sanitas*, n. 14, 2002. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/ativo-e-ou-passivo-eis-aquestao.html>>, sob o título “Ativo e/ou Passivo, eis a Questão?”. Acesso: 22/02/ 2013.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. ‘...E havia um lampião na esquina’ – Memórias, identidades e discurso homossexual no Brasil do fim da ditadura. (1978-1980). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SINGER, Jerome Leonard. *O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos*. São Paulo: USP, 1975.

SINISGALLI, Aldo. Considerações gerais sobre o homossexualismo. *Arquivos da Polícia e Identificação*, São Paulo, v. II, n. 1, 1938/1939.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOIHET, Rachel. Forma de violência, relações de gênero e feminismo. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 7-26. 2002. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/452/327>>. Acesso: 27/05/2013.

_____. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Revista ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, 2007. Disponível em: <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/rachel%20soihet.pdf>>. Acesso: 28/05/2013.

SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988(a), p. 25-81.

_____. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988(b).

SOUZA, Cecília de Mello e & ADESSE, Leila. *Violência Sexual no Brasil: perspectivas e desafios*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, 2005.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do desejo: a ruptura do interdito lida em três contos de João Silvério Trevisan*, de 1976. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

_____. Religião, Ciência e Exclusão: notas sobre a homofobia no Brasil. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

_____. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. 2011. 187f. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SWAIN, Tania Navarro. Para além do Binário: Os Queers e o Heterogênero. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001. Disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-024925swain.pdf>>. Acesso em: 02/08/2012.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* – Rio de Janeiro: Record, 2000.

VASCONCELOS, Talita Rafaela Araújo. “*Da mulher para a mulher*”: representações do feminino, a reiteração da norma e a denúncia dos “desvios” na revista *O Cruzeiro* (1940-1963). 2014. 209 f. Monografia (Curso de História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118, p. 107.

VIANNA, Alexander Martins. Sexo, Cultura & Política. *Revista Gênero*, v. 2, n. 1, Niterói, v. 2, n. 1, p. 99-102, 2. sem. 2000. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-025336vianna.pdf>>. Acesso: 10/07/2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos*. São Paulo: Paralela, 2014.